





JAN 17 1962







# BIBLIOTHECA DAS TRADIÇÕES PORTUGUEZAS

(EDIÇÃO INTEGRAL E DEFINITIVA EM 10 VOLUMES)

- I — *Historia da Poesia popular portugueza* (3.<sup>a</sup> edição) 2 vol.  
1.<sup>o</sup> As Origens. . . . De XVI-480 p. 1902. 800 réis.  
2.<sup>o</sup> Cyclos épicos. De VII-570 p. 1905. 800 réis.
- Tiragem especial.* — De esta 3.<sup>a</sup> edição se tiraram 10 exemplares em papel de linho.—Cada vol. 3\$000 réis.
- II — *Cancioneiro popular portuguez* (2.<sup>a</sup> edição) . . . . . 2 »  
1.<sup>o</sup> Cancioneiro de Amor: Cantigas de Viola e Terreiro — Despiques de Conversados — Colloquios — ABC de Amores — Retratos — Canções — Orações parodiadas — Fados. Lisboa, 1911. 1 vol. De VIII-450 p., 800 réis.  
2.<sup>o</sup> Cancioneiro sagrado: Fastos do Anno — Orações — Ensalmos — Cancioneiro infantii — Cancioneiro político — Anotações. Lisboa, 1913. in-8.<sup>o</sup> De IV-528 p., 800 réis.
- III — *Romanceiro geral portuguez* (2.<sup>a</sup> edição) . . . . . 3 »  
1.<sup>o</sup> — Romances heroicos, Novellescicos e de Aventuras. De VIII-540 p., 1906, 1\$000 réis.  
2.<sup>o</sup> Romances de Aventuras, Historicos, Lendarios e Sacros. 1907. De 558 p., 800 réis.  
3.<sup>o</sup> Romances com fórma literaria, da seculo XV a XVIII. Notas e Paradigmas comparativos. 1909. De 634 p., 1\$000 réis.
- Obra completa, 3 vol., 2\$500 réis.
- IV — *Theatro popular portuguez*: Reisadas — Lapinhas — Mouriscadas — Jogos figurados . . . . . 1 »
- V — *Adagiario portuguez* . . . . . 1 »
- VI — *Contos tradicionaes do Povo portuguez*, (2.<sup>a</sup> edição) (No prélo) . . . . . 2 »

THEOPHILO BRAGA

CANCIONEIRO  
POPULAR  
PORTUGUEZ

Cançãoeiro sagrado: Fastos do Anno — Orações — Ensalmos.

Cançãoeiro infantil. Cançãoeiro político.

Anotações

—  
*SEGUNDA EDIÇÃO AMPLIADA*



LISBOA

J A. RODRIGUES & C.ª — EDITORES

186 — RUA AUREA — 186

1913



PG  
9160  
3672  
—  
2

1240711

## CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUEZ

---

### II

#### CANCIONEIRO SAGRADO

---

##### A) *Fastos do Anno*

---

*Janeiro*, gear,  
*Fevereiro* chover,  
*Março* encanar,  
*Abril* espigar;

*Mai*o engrandecer,  
*Junho* azeifar,  
*Julho* debulhar,  
*Agosto* recolher;

*Setembro* vindimar,  
*Outubro* revolver,  
*Novembro* semear,  
*Dezembro* nascer  
Deus para nos salvar.

(*Villa do Cano* — ALEMTEJO.)

**Mezes do Anno**

(*Versão da Ilha de S. Jorge* — ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES)

Eu sou o *Janeirò*,  
Que espalho o meu grão,  
E peço a Deus  
Bôa conjunção.

Eu sou o *Fevereiro*,  
Mez dos temporaes,  
Descubro as casas,  
'Sborralho os portaes.

Eu sou o *Março*,  
Que sempre marcejo,  
Farto as terras  
De agua a desejo.

Eu sou *Abril*,  
Sou o mez das flôres,  
Cantam as aves,  
Desperto os amôres.

Eu sou o *Maiò*  
Da pouca ventura,  
Que não guarda grão  
Para amassadura.

Eu sou o *Junho*  
Que não dou nada ;  
Mato a fome  
Com a minha cevada.

Eu sou o *Julho*  
Que encho o paúl,  
Que farto cidades,  
Aldeias e tudo.

Eu sou *Agosto*,  
Que toco guitarra,  
E vendo o vinho  
A meia canada.

Eu sou o *Setembro*  
Que tudo recolho,  
Trigos e milhos.  
Palhas de restólho.

Eu sou o *Outubro*,  
O mez dos outonos,  
Engrosso as terras,  
Proveito dos donos.

Eu sou o *Novembro*,  
O mez dos santinhos,  
Em que os lavradores  
Provam seus vinhos.

Eu sou o *Dezembro*,  
Engordo o meu pôrco,  
E como torrêsmos,  
Regalo o meu corpo.

—●—  
**Anno Bom**

(*Ilha do Fayal — Açôres*)

Venho a dar os Bons annos,  
Deus vól-os dê melhorados;  
Christo Deus, nosso Senhor,  
Perdoae nossos peccados.

Perdoae nossos peccados  
Hoje n'este santo dia;  
Nado é o Rei da Gloria  
Filho da Virgem Maria.

Este dia de janeiro  
 Tem grandes merecimentos,  
 Por ser o dia primeiro  
 Em que Deus passou tormentos;

Lhe cortaram suas carnes,  
 O seu sangue derramaram!  
 Tudo isto passou Christo  
 Para bem de nos salvar.

Não quiz nascer em palacio  
 Nem em cama de bolinas.  
 Foi nascer para Belem,  
 Lá n'umas pobres palhinhas;  
 Arrodeado de brutos,  
 Chorando mil lagriminhas.

E a sua mãe cantando:  
 —Filho meu, morres com frio.—  
 Ajoelhou Sam João  
 A baptizal-o no rio.

O rio era sagrado,  
 Trazia o nome consigo;  
 O nome que lhe puzeram  
 Foi Jesus. Verbo divino,

*(Depois de um intervallo, o grupo recomeça):*

Mandae-nos abrir as portas,  
 Meus nobres senhores honrados,  
 Que me acho alagado  
 De agua dos vossos telhados.

Mandae-nos abrir as portas,  
 Mandae-as, quero entrar,  
 Que vejo estar uma nuvem  
 A apanhar agua no mar.



Mãdae-nos abrir as portas,  
Que nos dêem nada, quer não;  
Meus nobres senhores honrados,  
Honrados de geração.

*(No caso de não abrirem a porta e darem a refeição,  
cantam):*

Vinha-vos dar os bom annos,  
Vós fazeis que não ouvides;  
Viera um anjo do céu,  
Que dissera se dormides.

---

### Anno Bom

*(Versão da Ilha de S. Jorge — Açôres)*

Bons annos e annos bons  
Dae-nos outros melhorados;  
Christo Deus Nosso Senhor,  
Perdoáe nossos peccados.

Perdoáe nossos peccados  
Hoje n'este alegre dia;  
Nado é o bom Jesus,  
Filho da Virgem Maria.

Filho da Virgem Maria,  
Faz que dorme 'stá acordado,  
Sempre c'os braços abertos  
Para o mais desamparado.

As senhoras d'esta casa  
Cobrem o rosto c'um véo,  
Mandaram-me abrir a porta,  
Dens lh'as abra assim no céu.

Botei um arco de flôres  
 Por cima do limoeiro;  
 Deus lhe dê annos de vida  
 Mais ás meninas solteiras.

Estas meninas solteiras  
 São flôres que estão vendendo,  
 Deus lhes dê uma bôa sorte  
 Como ellas a estão merecendo.

E os meninos solteiros  
 Que não percam o cuidado,  
 Os que não têm pae nem mãe,  
 Deus lhes dê um bom estado.

Estas santas orações  
 Que eu aqui tenho resado,  
 Eu as offereço e entrego  
 Por quem me tem escutado.

---

### A Circumcisão

*(Versão da Ilha de S. Jorge — Açôres)*

Porta aberta. mesa posta,  
 Cantemos nós de alegria:  
 Vamos cantar os Bons Annos  
 A' Virgem Santa Maria.

Este dia de Janeiro  
 E' de grandes mer'cimentos,  
 Por ser o dia primeiro  
 Em que Deus passou tormentos.

Suas earnes lhe cortaram,  
 O seu sanguc a derramar;  
 Tudo isto passou Christo  
 Para bem de nos salvar.

Não quiz nascer em palacios,  
 Nem em camas de Belem,  
 Em umas tristes palhinhas,  
 Foi nascer a Jerusalem.

Arrodeado de luto,  
 Chorando mil lagriminhas;  
 Sua mãe lhe está cantando:  
 — Meu filho, morres com frio.

Sam João ajoelhou,  
 Que o batizassem no rio,  
 O rio era sagrado,  
 Levava amôres comsigo.

Para bem de nos salvar,  
 Cobri o rosto com véo;  
 Quem nos abriu a porta  
 Deus que lh'as abra no céo.

Deus nos dê da sua graça,  
 Mais tambem do seu amôr,  
 Quem se apanhara no céo  
 A par com Nosso Senhor.

A par com Nosso Senhor,  
 Da figueira nascem figos;  
 Deus lhê dê muitos bons annos,  
 Para amparo de seus filhos.

---

### As Janeiras

(*Versão do Concelho de Sinfaes — MINHO*)

As janeiras não se cantam  
 Nem aos reis nem aos fidalgos;  
 Cantam-se a estes senhores  
 Por ser annos melhorados.

Melhorados na saude,  
 Descontados nos peccados ;  
 Vós, que estaes na vossa cama  
 Entre dois lenços lavados,  
 Mandae-nos dal-as Janeiras  
 Em louvor de Sam Gonçalo.

Elle vos ha-de pedir,  
 Que as deis com devoção,  
 Que elle vos tem promettido  
 De vos dar a salvação.

Quel-as deis, quer lh'as não deis,  
 Sempre com os anjos fiqueis.  
 Quem diremos nós que vira  
 No copinho de agua ardente?  
 Vira o patrão d'esta casa,  
 E mais toda a sua gente.

Quem diremos nós que vira  
 Na casquinha da cebola?  
 Vira o patrão d'esta casa  
 E mais a sua senhora.



## Janeiras

(Versão de Loulé — ALGARVE)

Esta noite é de anno bom,  
 Noite de merecimento,  
 Por ser a primeira noite  
 Que Jesus soffreu tormento.

Foram elles tantos, tantos,  
 Que até a carne lhe cortaram ;  
 O menigo ficou f'rido,  
 Pingas de sangue tiraram.

Foram tres pingas de sangue,  
Não as deixem apanhar,  
Que uma é para o pãosinho,  
Outro é para o jantar,  
E é para o Jesus-Menino  
D'essas trez a que sobrar.

As Janeiras não se cantam,  
Mas nós vimol-as cantar,  
Pedindo annos melhorados,  
E longa vida gosar.

---

### As Janeiras

(Versão de Penafiel — DOUBRO)

As Janeiras não se cantam  
Nem aos reis, nem aos coroados;  
Mas nós vimol-as cantar  
Por ser annos melhorados.

Gosae sim, senhores, sempre  
Mil prazeres venturosos,  
Que os Bons-Annos principiem  
A fazer-vos mais ditosos.

Os Bons-Annos não se cantam  
A quem contra o tempo rude,  
Como vós, numera os passos  
Pelos passos da virtude.

Bons Annos, felizes annos  
Aqui vos vimos cantar;  
Se o cèo cumprir nossos votos,  
Muitos haveis de contar.

## Chacotas de Anno-Bom

(Versão de Loulé — ALGARVE)

Eu não venho p'las queijadas,  
Que este anno não houve leite,  
Venho só pelas cousinhas  
Que se fritam com azeite.

Esta casa é bem branquinha  
E talhadinha ao picão;  
A' gente que n'ella mora  
Deus lhe dê a salvação.

Esta casa é bella casa,  
E' casa de um lavrador;  
A mulher é mui formosa,  
E a filha é uma flôr.

Senhora, que estaes lá dentro,  
Resando nas contas brancas,  
Mandae-nos dar a esmola  
Em louvor das almas santas.

Senhores, que estaes deitados,  
N'esse leito de páo fino,  
Mandae já dar a esmola,  
Em louvor do Deus Menino.

Senhora, que estaes deitada,  
Deixe-se estar, que está bem;  
Mande dar-nos a esmola,  
Pela criada que ahi tem.

Inda lhe jogo mais esta,  
Por cima do seu telhado:  
Deus lhe dê muito bom tempo  
P'r'o que tiver semeado.

Esta casa não é casa,  
E' casa d'algum escrivão;  
Tem a mulher bexigosa,  
A filha como um tição.

O toucinho é muito duro,  
Uma faca não o corta;  
Mande dar a esmolinha,  
Se não faço asneira á porta.

---

### Cantigas dos Reis

(*Versão de Celorico de Basto — MINHO*)

Oh da casa, nobre gente,  
Escutae e ouvireis  
Uma cantiga mui nobre  
Que se canta pelos Reis.

São chegados orientes  
Tres Reis que vêm adorar,  
Se vêm p'ra vêr o Menino,  
Mysterio é mais singular.

O Menino está no bérço,  
Com elle está San José;  
Os Anjos lhe estão cantando:  
*Gloria tibi dominé.*

Levante-se d'ahi, senhora,  
D'esse seu estrado dourado;  
Venha nos dar os Reis Santos,  
Em louvor de Santiago.

Levante-se d'ahi, senhora,  
D'esse seu estrado de sêda;  
Venha-nos dar os Reis Santos  
Em louvor de Santa Thereza.

Oh da casa, dê-n'os Reis  
 Que não sômos se não seis;  
 Bote-nos aqui n'um prato,  
 Que não sômos se não quatro.

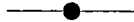
Se nol-os poderem dar,  
 Bem se podem aviar;  
 Nós temos que andar muito,  
 E pouco para arrecadar.

Quer os deis, quer os não deis,  
 Sempre c'os anjos sejeis.

*(Não sendo attendida a petição, fazem o descanto):*

Estes Reis que aqui cantamos,  
 Tornemol-os a descantar;  
 Estes barbas de farello  
 Não tem nada que nos dar.

N'esta casa cheira a unto,  
 Móra n'ella algum defunto?  
 Esta casa cheira a breu,  
 Móra n'ella algum judeu!  
 Esta casa cheira a barro,  
 Móra n'ella algum diabo.



### **Peditorio dos Reis**

*(Versão de Celorico de Basto — MINHO)*

Uma noite como esta  
 Cantam-se os Reis aos fidalgos;  
 Vamo-lh'os cantar, senhores,  
 Que nos dêm Reis melhorados.



Melhorados sejam elles,  
Pela Senhora da Guia;  
N'uma noite como esta,  
D'onde a Virgem pariria ?

Foi parir a Belem  
N'uma pobre mangedoura,  
D'onde o boi bento cobria  
Com a sua cornadura ;  
E a mula descobria  
Com a sua ferradura !

— Eu te amaldição, mula,  
Que não parirás cousa alguma ;  
Se alguma cousa parires,  
Que não veja sol nem lua.

Vinde, vinde. meus meninos,  
Vinde, não vos detenhaes ;  
Meu coração desfalece.  
Já não pode esperar mais.

Vinde, vinde, meus meninos,  
Saí fóra vinde vêr,  
A pobreza do logar  
Que temos para mantêr.—

Oh da casa, nobre gente,  
Bem sabeis p'ra quem pedimos,  
Para a mãe, Nossa Senhora,  
Virgem Santa dos meninos.

Os meninos como o ouro  
Nas palhinhas deitadinhos !  
Tanta foi a minha magua  
De os vêr tão pobrezinhos.  
Encheram-me os olhos d'agua,  
Cahiram fio a fio.

O carvalho é folhado,  
 Já lhe caíu a bolota ;  
 Se nos hão de dar os Reis,  
 Mandem-nos abrir a porta.

●

### Cantigas dos Reis

*(Versão de Penafiel — Douro)*

Santos Reis, santos coroados,  
 Vinde vêr quem vos corôou ;  
 Foi o Menino Jesús,  
 Para vossa salvação.

Os Santos Reis adoraram  
 A Jesus recém-nascido ;  
 Em memoria d'este dia,  
 Todo o festejo é devido.

Entrae, entrae, pastorsinhos,  
 Por esses portaes sagrados,  
 Vende vêr o Deus-Menino,  
 N'umas palhinhas deitado,

As palinhas deitam lirios,  
 Menino, sois meus alivios !  
 As palinhas deitam cravos,  
 Menino, sois meus cuidados.

Eu bem vi Nossa Senhora  
 Nos alpendres de Belem,  
 Com o seu Menino no colo,  
 Como lhe parece bem !

San José e mais Maria  
 Foram ambos a Belem ;  
 Se elles vão cantar os Reis,  
 Cantemol-os nós tambem ;

Viva a senhora . . . . ,  
Vestidinha de cambraia ;  
Quando se põe á janella,  
Allumia toda a praia.

Viva a senhora . . . . .  
Raminho de salsa crúa ;  
Quando se põe á janella  
Allumia toda a rua.

Viva a senhora . . . . .  
Raminho de salsa branca,  
O seu corpinho é neve,  
A sua alminha é santa.

Viva a senhora . . . . .  
Raminho de perfeição ;  
Se hade pôr os pés na rua,  
Ponha-os no meu coração.

Viva a senhora . . . . .  
Os annos que ella deseja ;  
Depois de elles acabados  
Na gloria do céu se veja.

Viva a senhora . . . . .  
Quando põe o seu chapéo ;  
No meio da sua sala  
Parece um anjo do céu.

Viva a senhora . . . . .  
Quando veste seu colete ;  
No meio da sua sala  
Parece um ramalhete.

Viva o senhor . . . . .  
Os annos que elle deseja ;  
Viva tambem uma rosa,  
Que elle levou á egreja,

Viva o senhor . . . . .  
Os annos que elle quizer ;  
Viva tambem uma rosa  
Que Deus lhe deu por mulher.

Viva o senhor . . . . .  
A sua cara é um sol,  
Cercada de diamantes  
Com aljófres ao redôr.

Tambem viva, p'ra que viva,  
Viva a Senhora da Hora,  
Vivam as môças e creados  
P'ra não ficarem de fóra.

Tambem viva p'ra que viva,  
Viva a folha do codêço ;  
Vivam os outros senhores,  
Que por nome não conheço.

Vimos dar as Bôas Festas  
E tambem cantar os Reis ;  
Vimos vêr os vossos brios,  
Que alguma cousa nos deis.

Vimos dar as Bôas festas  
A estes nobres senhores :  
Que já nasceu o Menino  
Em Belem, entre os pastores.

Ora venha, se hade vir,  
Não nos 'steja a dilatar,  
Que sômos de muito longe,  
Temos muito para andar.

Esta casa é bem alta,  
Forrada de papelão ;  
Os senhores que n'ella móram,  
Mandem-nos dar um capão.

Esta casa é bem alta,  
 Forrada de páo de pinho,  
 Os senhores que u'ella móram  
 Mandem-nos dar um quartinho.

Ora venha se hade vir,  
 Venha com desembaraço;  
 Aqui está á sua porta  
 O nosso môço do sacco.

Esta casa cheira a breo,  
 Aqui móra algum judeu!  
 Esta casa cheira a unto,  
 Aqui móra algum defunto.

### Os Reis Magos

(*Versão da Ilha de S. Jorge* — ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES)

Santos Reis, santos coroados,  
 Vinde vêr quem vos coròou,  
 Mais quem o santo caminho  
 Vosso vos ordenou.

Por uma estrella guiados  
 Até chegar a Belem;  
 Em cima de uma cabana  
 A estrella se detem.

A cabana era pequena,  
 Não cabiam todos tres;  
 Adoraram o Menino,  
 Cada qual por sua vez.

Escutae, oh nobres gentes,  
 Escutae e ouvireis:

Lá das partes do Oriente  
São chegados os tres Reis.

—●—  
•  
**Os tres Reis**

*(Versão da Ilha do Fayal—AÇÓRES)*

San José e mais a Virgem  
Ambos vão para Belem;  
Diz, que vão cantar os Reis,  
Cantemol-os nós também.

Diz, que ouviram dizer  
Que ha Presepio em Belem,  
Onde está um Deus nascido,  
Remedio do nosso bem.

Partiram os tres Reis Magos  
Para as portas do Oriente,  
Vão a visitar Jesus,  
Nosso Deus Omnipotente.

Guiados por uma estrella  
Que a todo o mundo dá luz,  
Vão buscar outra mais bella,  
Era o Menino Jesus.

Chegaram a cas' de Herodes,  
Lhe disseram adonde iam;  
E Herodes, bem malvado,  
Como um perverso daninho,  
Ensinou aos tres Reis  
A's avéssas o caminho.

O caminho de um anno  
Andaram em treze dias,

A favor de Deus-Infante,  
Rei-Infante, Rei-Messias.

Chegaram ao caes da pedra,  
Avistaram uma luz;  
Disseram uns para os outros:  
Aqui está o bom Jesus.

Oh, meu Menino Jesus,  
Que está deitado no feno;  
Oh, que cama tão aguda  
Para um corpinho tão tenro.

Aqui vos trazemos hoje,  
Oh, meu Infante real,  
Incenso como divino,  
E myrrha como mortal.

Mandae-nos abrir a porta,  
Quero entrar para dentro;  
Que eu sou soldado do rei  
Commigo trago o sargento.

---

●

### Janeiras

(*Villa-Real* — TRAZ-OS-MONTES)

As Janeiras não se cantam,  
Não se cantam aos fidalgos;  
Cantam-se aos lavradores,  
Que são homens mais honrados.

Quem diremos nós que viva,  
Entre cravos e mais rosas?  
Viva o senhor d'esta casa,  
Que tem acções generosas.

Quem diremos nós que viva  
Debaixo de um cobertor?  
Viva o senhor d'esta casa,  
E mais o seu lindo amor.

Quem diremos nós que viva  
Entre cravos e confeitos?  
Viva o senhor d'esta casa  
Que tem honras e respeitos.

Quem diremos nos que viva  
Entre cravos e jasmim?  
Viva a senhora da casa  
Mas o seu lindo Joaquim.

Quem diremos nós que viva  
Entre cravos e medronho?  
Viva a senhora da casa  
Mas a seu lindo Antonho.

Quem diremos nós que viva  
Debaixo de uma sé?  
Viva a senhora da casa,  
Mas o seu lindo José.

Esta casa é tão alta,  
Forrada de papelão;  
Viva o senhor d'esta casa,  
Que nos dê um salpicão.

Esta casa é tão alta,  
E' forrada de cortiça;  
Viva o senhor d'esta casa  
Que nos dê uma linguixa.



**Os Reis** (moda antiga)*(Versão de Villa-Real—TRAZ-OS-MONTES)*

Venho dar as boas-festas,  
E' a nova que vos trago :  
E' nascido o Deus-Menino,  
Está o mundo resgatado.

Venho dar as boas-festas  
E tambem pedir os Reis,  
Por noite muito escura,  
Favor'cei-nos se podeis.

Os tres Reis de Oriente  
Tiveram um sonho profundo ;  
Sonharam que era nascido  
O alto Deus, rei do mundo.

Insenso, ouro e myrrha  
Offereceram ao Senhor ;  
Não lhe offereceram mais nada,  
Porque era o Redemptor.

---

**Lôas dos Reis***(Versão do Norte — BRASIL)*

Oh da casa, gente nobre,  
Escutae e ouvireis,  
Lá das bandas de Oriente ;  
São chegados os Tres Reis ;

Gaspar, Melchior, Balthazar  
Vieram lá de Oriente  
Adorar a Deus Menino,  
A Jesus Omnipotente.

O primeiro trouxe oiro,  
 Para o seu throno doirar;  
 O segundo trouxe incenso  
 Para o Menino incensar;  
 O terceiro trouxe myrrha,  
 Por saber que era mortal.

Abrí a porta,  
 Se quereis abrir;  
 Que sômos de longe,  
 Queremo-nos ir.

\*

Acordae, se estaes dormindo,  
 D'este somno em que estaes ;  
 Pois em noite tão ditosa  
 E' bem que vós não durmaes.

Esta casa é mui bem feita  
 Por dentro, por fóra não ;  
 Por dentro crávos e rosas,  
 Por fóra mangericão.

Oh senhor dono da casa,  
 Ramo de alecrim maior,  
 A sua sombra nos cobre,  
 Quer chova quer faça sol.

Oh senhor dono da casa,  
 Foi homem que Deus pintou ;  
 Meta as mãos nas algibeiras,  
 Pague já quem o louvou.

Ora dêem, dêem,  
 Se têm o que dar ;  
 Que sômos de longe,  
 Queremos andar.

Bendito, louvado seja  
O Menino-Deus nascido ;  
Que no ventre de Maria  
'Steve por nós escondido.

Ha tres dias que eu ando  
Procurando-o sem achar;  
Mas fui dar com elle em Roma,  
Vestidinho no altar.

Do lethargo em que cahistes  
Despertaes, nobres senhores;  
Vindo ouvir noticias bellas  
Que vos trazem os pastores.

Senhora dona da casa,  
Bote azeite na candeia,  
Que eu não tenho confiança  
De mandar na casa alheia.

Abram a porta  
Se tem de a abrir ;  
Viemos de longe,  
Queremo-nos ir.

Vinde abrir a vossa porta,  
Se quereis ouvir cantar,  
Acordae, se estaes dormindo,  
Vos viemos festejar.

Sabei que é nascido um Deus,  
Soberano Omnipotente,  
Adorado das nações  
E da mais bravia gente.

Os Tres Reis, de longas terras,  
Vieram vêr o Messias,

Desejado ha tanto tempo  
De todas as prophcias.

Tenho sêde,  
Não quero pedi':  
Pois tenho vergonha  
Da gente d'aqui.

Os Tres Reis, com grande gosto,  
Seguidos de muita gente,  
Se humilharam abatidos  
A um Deus Omnipotente;

Lhe trazem suas offertas  
Com um amor filial,  
Applaudem todos contentes  
O seu tão lindo natal.

Incenso. myrrha e ouro  
E' o que vêm ofertar;  
Despem sceptros e corôas,  
Com prazer mui singular.

Mortaes, não fieis na sorte,  
Vinde ao Menino applaudir;  
O seu virtuoso exemplo  
Deveis contentes seguir.

Se hade vir,  
Que venha já,  
Garrafas de vinho  
Doce da araçá.

A grandeza, a opulencia  
Detestae-as sem receio;  
Vêde como o Deus-Menino  
A dar-nos exemplo veio.

Oh senhor dono da casa,  
Com ampla satisfação,  
Abra já a sua porta,  
Pois tem grande coração.

Hoje é dia de festejo  
E de um prazer sem segundo,  
Pois é nacido o Messias  
Salvador de todo o mundo.

Oh senhor dono da casa,  
Deve já aqui estar,  
Pois sabemos quanto gosta  
Com prazer tambem brincar.

Ha tanto tempo  
Que nós já chegámos ;  
Que é das gallinhas  
Que nós já ganhamos ?

---

### Os Reis Magos

*(Versão de Pernambuco—BRASIL)*

Ditosos os Reis  
Que vêm de Oriente,  
A vêr outro Rei  
Mais omnipotente.

Os Tres Magos do Oriente  
Tambem o vêm visitar,  
Tres magestades na terra  
Gaspar, Belchior. Balthazar.

Convidados pelos anjos  
Se puzeram a caminho,

Para vêrem e adorarem  
A Jesus feito menino.

Os tres Reis do Oriente  
A Belem já vão chegando,  
Caminharam treze dias  
Em caminho de um anno.

Já lá vêm os tres Reis Magos  
Todos tres em companhia,  
Trazem por seu capitão  
Alta estrella, noite e dia.

No meio vem Belchior,  
Traz á direita Gaspar ;  
E na esquerda o negrinho  
Santo Rei dom Balthazar.

Illuminae, Jerusalem,  
Os teus palacios pomposos,  
Que o Senhor recebe hoje  
Os tres Reis mysteriosos.

Os tres Reis do Oriente  
Presurosos vêm trazer  
O ouro fino, myrrha e incenso  
Para ao Infante offerecer.

Ouro lhe dão, como rei,  
E como habito real ;  
O incenso como Deus,  
E a myrrha como mortal.

Do Oriente estão os Reis  
Prostrados a adorar  
Do supremo Omnipotente  
O mysterio singular.

## FALLA UM REI :

Ouro offertam a Jesus  
Como a Rei celestial :  
Incenso como a divino  
E myrrha como a mortal.

## OFFERTA DO REI BRANCO :

Supremo Rei dos judeus,  
Eu vos offerto este incenso,  
Porque eu além de um Rei,  
Vêr um Deus em vós penso.

Guiados por uma estrella  
Nos puzemos a caminho,  
Só a fim de encontrar  
A Jesus feito menino.

## OFFERTA DO REI NEGRO :

Senhor, ouro, fino metal  
N'este cofre vos offereço,  
Por esse dom reconheço  
Em vós pessôa real.

Sou rei, de rei como tal  
Vos trago esta oblação,  
Junta com o meu coração  
Lá da plaga oriental.

Senhoras, mui bôas festas,  
Felizes annos tambem,  
Que viemos festejar  
O Menino de Belem.

—Deus vos conceda as mesmas  
Com ventura e alegria,  
Poís viestes festejar  
Hoje o filho de Maria.



### Descantes dos Reis

(Versão de Serpa — ALEMTEJO)

—Quaes são os tres cavalleiros  
Que fazem sombra no mar?  
«São os tres Reis do Oriente  
Que a Jesus vêm buscar.

Não perguntam por poisada  
Nem aonde repousar;  
Procuram a Deus Menino,  
Aonde o irão achar?

Foram-n'ó achar em Roma  
Revestido no altar,  
Com tres mil almas em roda,  
Todas para commungar.

Missa nova quer dizer.  
Missa nova quer cantar;  
San João ajuda a missa,  
San Pedro muda o missal.

(Desgarrada, pedindo a esmola):

Senhora, que estaes deitada,  
Tendel-a Virgem ao pé,  
Tambem tem do outro lado  
O esposo San José.



San Miguel, bem'venturado  
E o Apostolo San Thomè.

Ora escutae-me este recado,  
Que elle tem ponto de fé:  
Vinde-nos dar a esmola  
Por Deus, que nascido é.

*(Na expectativa da esmola):*

D'aqui d'onde estou bem vêjo  
Um canivete balhar,  
Para cortar o chouriço  
Que a senhora me hade dar.

No adro de Santa Cath'rina  
Eu quero ser enterrado,  
Dentro de um coiro de vinho,  
Seis pães alvos a cada lado;  
A' cabeceira o toucinho,  
Aos pés um bom lombo assado,  
E para conducto o queijinho,  
Está o alforge aviado.

*(Se a esmola tarda):*

O chouriço é grôsso  
Ou a faca não quer eortar;  
Dê-lhe um sarruço-marruço  
Na borda do alguidar.

*(Depois da esmola recebida):*

Viva da casa o patrão  
Que é da casa o principal;  
Deus lhe dê saúde e pão  
P'ra sua casa augmentar.

Deus o faça bem casado  
 Como a Eva com Adão ;  
 Deus a gloria n'este mundo  
 Dê-lhe, e no outro a salvação.

---

### San Gonçalo

*(Versão de Penafiel)*

San Gonçalo de Amarante,  
 Casamenteiro das velhas,  
 Porque não casaes as novas?  
 Que mal voç fizeram ellas ?

Romeira de San Gonçalo,  
 Vae cantando galhofeira,  
 Prometteu o Santo bendito  
 Que não ficava solteira.

Tantos pedidos ao Santo  
 O fizeram rabujento,  
 Queria ficassem p'ra tias  
 Ou entrassem n'um convento.

— San Gonçalo tal não vês,  
 Já não esperamos mais:  
 Queremos tambem fazer  
 O que fazem nossos paes. —

Arremetem contra o Santo  
 Romeiras arrenegadas ;  
 Pucham a benta corréa  
 Como endemoninhadas.

Abana as santas orelhas  
 Quarentona endiabrada ;

Põe o habito em estilhas,  
O Santo fica sem nada.

Accode a amaranteira:  
—Comprae, meninas, regalo;  
Elles são muito fresquinhos  
Bolinhos de San Gonçalo.

(*Versão de Pernambuco—BRASIL*)

Que bandeira é esta  
Que vamos levar?  
E' de San Gonçalo,  
Para o festejar.

Viva e reviva  
San Gonçalinho!  
Dae-me, meu santo,  
Um hom maridinho.

Bonitinho seja  
E queira-me bem;  
Aquillo que é nosso  
Não dê a ninguem.

Quando o Santo  
Gonçalo nasceu.  
Trouve a bandeira  
Do Menino-Deus.

San Gonçalo foi á missa  
N'um cavallo sem espóra;  
A cavallo deu um tope,  
San Gonçalo pulou fóra.

Parta-se a côca,  
Venha em pedaço;  
Espremam o leite,  
Que eu quero o bagaço.

Ponche de cajú  
Não me dá abalo,  
Porque esta bandeira  
E' de San Gonçalo.

San Gonçalinho,  
San Gonçalão.  
Beba-se o vinho  
E haja função.

Al - lí, ai - lé.  
Oh meu santinho  
Viva e reviva  
San Gonçalinho.

●

### Fim do Entrudo

(*Versão de Serpa*—ALEM TEJO)

Já lá se vae o Entrudo  
Com gallinhas e capões;  
Agora vem a Quaresma,  
Estudam-se as orações.

Já lá se vae o Entrudo,  
Com gallinhas e *caroços*;  
Agora vem n'a Quaresma  
Resam-se os padre-nossos.

Já lá se vae o Entrudo  
Pelo barranco da nóra,  
Gritando em altas vozes:  
A Quaresma põe-me fóra.

Oh môças, não se admirem  
De eu cantar e ser viuvo,  
Que eu canto com alegria  
De vêr fugir o Entrudo.

—●—

### Lôas da Quaresma

(Versão de Serpa — ALEMTEJO)

—Além vem Jesus.  
«Que lhe quereis vós?  
— Quero ir com elle,  
Porque leva a cruz.

Seus braços abertos,  
Seus pés encravados,  
Derramando sangue  
Por nossos peccados!

A terra tremia  
Com o pezo da cruz;  
Digamos trez vezes:  
Salvae-nos, Jesus!

Salvador do mundo,  
Que a todos salvaes,  
Salvae nossas almas,  
Bendito sejaes.

\*

Olhae para o céo,  
Vereis uma cruz;  
Capella de rosas,  
Menino Jesus.

Olhae para o céo,  
 Vereis um craveiro,  
 Capella de rosas,  
 Menino-cordeiro.

Olhae para o céo,  
 Vereis ũa Maria;  
 Capella de rosas  
 Cheia de alegria.

Perguntae aos anjos  
 Que vêm de Belem;  
 Os anjos que digam:  
 Para sempre-amen.

\*

### O Bendito

Virgem-Mãe do Carmo,  
 Mandae-me um recado,  
 Cantarei e resarei  
 O Bendito louvado.

O Bendito louvado  
 Não me hade esquecer,  
 Que a Virgem do Carmo  
 Nos hade valer;

Nos hade valer  
 Todo o seu valor,  
 Rainha dos Anjos,  
 Do céo resplendor.

Do céo resplendor,  
 De anjos maravilha,  
 Oh, como é divina  
 A Virgem Maria.

Da Virgem Maria  
Nasceu o bom Jesus,  
Morreu por salvar-nos  
Nos braços da cruz.

Nos braços da cruz  
Para nos salvar,  
E nós, peccadores,  
Nós sempre a peccar.

Sempre a peccar,  
Sem emenda ter,  
Consid'rar devemos  
Que hemos de morrer.

Que hemos de morrer  
E contas ir dar  
A'quelle Senhor,  
Que hade-nos salvar.

\*

Virgem-Mãe santissima,  
Estrella do Norte,  
Pedi ao Senhor  
Nos dê bôa morte.

Que eu sou peccador,  
Não lhe sei pedir ;  
Não sou mer'cedor  
Do Senhor me ouvir.

Do Senhor me ouvir  
Não sou merecedor ;  
Virgem-Mãe santissima,  
Mãe do Redemptor.

Mãe de Redemptor,  
Mãe nossa também,  
Levae-nos á gloria,  
Para sempre-amen.

---

### As sete Semanas da Quaresma

(Versão de Pernambuco—BRASIL)

Tenho cinco filhas:  
*Anna, Magana,*  
*Rabeca, Suzana,*  
*Lazaro e Ramos;*  
Das filhas que tive  
Só uma foi *Santa*.

---

### As Tres Marias

(Versão de Villa Real—TRAZ-OS-MONTES)

D'onde vão as Tres Marias  
De noite pelo luar?  
Em procura de Jesus  
Não no poder' encontrar.

Foram dar com elle em Roma,  
Revestido no altar;  
C'um calix de ouro na mão,  
Missa nova quer cantar.

---

### Maio-môço

(Versão de Villa-Real—TRAZ-OS-MONTES)

Este Maio-môço  
E' um trinca-burras,  
Vendeu umas meias,  
Trouxe-me umas luvas.



Eil-o lá vae,  
Eil-o lá vem  
Pelas hortas  
De Santarem.  
Vivó! vivó! vivó!  
Passe muito bem.

Este Maio-môço  
Chama-se João,  
Anda na campanha,  
Lindo capitão.

Este Maio-môço  
Chama-se Francisco,  
Anda na campanha  
A varrer o cisco.

Este Maio é de lirios  
E o vosso de assobios;  
Este Maio é de rosas  
E o vosso é de cordas.

---

### Santissimo Sacramento

(*Versão de Villa Real*—TRAZ-OS-MONTES)

Santissimo Sacramento  
Do Sacratio pequenino,  
Se a morte me der de noite,  
Valei-me, oh Jesus divino.

Santissimo Sacramento,  
Vinde ao meio da egreja,  
Que eu vos quero adorar  
Onde todo o mundo vêja.

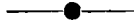
Debaixo do palio verde  
Grande thezouro se eneerra,

Quando dizem : Santos! Santos!  
Desce Deus do céo a terra.

Já e sacrario está aberto,  
Já o Senhor está lá dentro;  
Quem devemos adorar  
E' o divino Sacramento.

Oh divino Sacramento,  
Que estás n'essas alturas,  
Alumiae a minha alma,  
Não me deixeis ás escuras.

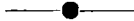
Não me deixeis ás escuras  
Em tão grande desamparo,  
Ficamos cobertos de nubes,  
Falta-nos o Sol mais claro.



### Serração da Velha

(*Versão de Vianna*)

Pobre velha, vae morrer,  
Teus dias são acabados  
Pede a Jesus te perdõe  
A somma de teus peccados.



### Horas completas (Quaresma)

(*Versão de Serpa* — ALEMTEJO)

Horas de completas são,  
Horas de completas eram,  
Quando a Jesus prenderam;  
Em tenebras o meteram  
E a Pilatos o levaram.

Pilatos deu a sentença :  
 Que o Senhor fosse açoitado,  
 Seus hombros desconjuntados.  
 Quarta foi quando passou  
 Pela rua da Amargura ;  
 Quinta feira de Endoenças  
 Corresse toda a cidade,  
 As pedras se quebrantaram,  
 O sol se escurecia,  
 O filho de Deus morria,  
 Porque nos salvar queria.  
 Adoro-te véra Cruz,  
 Estandarte precioso,  
 Onde se crucificou Christo,  
 Senhor todo poderoso.

—●—

### Vespera de Paixão

(*Versão de Elvas*—ALEMTEJO)

- A minha hora é chegada,  
 Chegou-me a minha partida,  
 De fazer minha jornada,  
 As prophecias da vida.  
 «Filho meu, e meu amor,  
 Que jornada será essa,  
 Como poderei eu passar,  
 Senhor, sem vós esta festa?  
 Ides vós e eu ficar!  
 Depois dos filhos ausentes,  
 As Paschoas são festejadas  
 Entre paes. mães e parentes.
- Isto certo hade ser,  
 Mas não posso dispensar ;  
 A um pilar me prenderão,  
 Prenderão-me a um pilar.

Nas minhas faces darão  
 Bofetadas sem temor,  
 Meus cabellos arrancarão  
 Com raiva e com rigor.  
 Os meus amados amigos  
 Nenhum aparecerá ;  
 Os tormentos tão esquivos  
 O meu corpo passará.  
 Nada te dará João,  
 Que é tempo de caminhar ;  
 Deitae-me a vossa benção,  
 Filho de pae singular.

Aqui se aparta Jesus,  
 A Jerusalem passou,  
 Para salvação da gente  
 A' morte se entregou.

### Quinta feira de Endoenças

(Versão de Beja — ALENTEJO)

Quinta feira de Endoenças  
 Sua santa humanidade,  
 Co' grande pezo da Cruz  
 Christo correu a cidade,  
 — Oh Simão, ajuda aqui  
 A esta cruz tão pezada.  
 « Sim, senhor, ajudarei  
 Com as cordas da minha alma.  
 — A tua alma está tão limpa  
 Como a estrella da alvorada.  
 Com o grande pezo da Cruz.  
 No caminho falta a luz,  
 E o sol se escurecia :  
 O Filho de Deus morria,  
 Morria por nos salvar.  
 Pois se vós não o crêdes,

Ide além áquelle outeiro,  
 Vereis as ruas regadas  
 Co' seu sangue verdadeiro.  
 A Senhora que isto ouvia  
 No chão caiu desmaiada;  
 Por San João, seu sobrinho,  
 Logo a foi alevantada,  
 —Erga-se, oh tia, oh tia,  
 Erga-se, tia d'esta alma,  
 Que no Calvario montenho  
 Tocam trombêtas e caixas;  
 Que nos matam vosso filho  
 Aquella gente malvada.

Foi-se d'ali a Senhora  
 Mui triste, desconsolada,  
 Direita ao Calvario montenho  
 Onde o seu filho estava.  
 A Madalena, em cabelo,  
 Pelas ruas dava ais.  
 —Se vós sois a amada sua  
 Adiante não vades mais,  
 Que esse homem que buscaes,  
 Elle se chama Jesus,  
 E lá está n'uma cruz  
 Com tres cravos encravados,  
 Um nos pés e dois nos braços.  
 Magda'ena do outro lado:  
 «Oh meu mestre, oh meu Senhor,  
 Eu que fui a Magdalena,  
 Sempre vos offendia.  
 —Cala-te, Magdalena,  
 Não vivas desconsolada,  
 Que no reino de meu Pae  
 Tenho uma prenda guardada  
 Para te dar, Magdalena,  
 Santa bem aventurada.

## Pranto da Senhora

(*Bretanha: Ilha de S. Miguel—AÇÓRES*)

Quinta, véspera de sexta,  
 Estando a santa Virgem,  
 De seu rôxo manto posto,  
 Chegou San João Batista.  
 Novas que elle trazia  
 Eram de grande tristura;  
 Botou-se a Virgem-Mãe  
 Pelas ruas da Amargura:

«Quem viu por aqui meu filho,  
 Mais formoso do que a lua,  
 Do que o sol, do que as estrellas,  
 Mais formoso do que tudo?

—Procuraes, dizei, Senhora,  
 Procuraes vêr, por ventura,  
 Um homem que eu vi levar  
 Pelas ruas da Amargura?  
 Tanto sangue lhe corria  
 Que tingia a vestidura;  
 Tanta punhada lhe davam  
 Que ora ajoelhava cahido.  
 Senhora, vos esforçae,  
 Tanta paixão não tomeis;  
 Por mais que vos aviares,  
 Já vivo o não achareis.  
 Está pregado na cruz  
 O meu Senhor Jesus Christo;  
 Por uma banda corre agua,  
 Por outro o sangue vivo!

«Meu filho! quem vos fez isso?  
 Aquelles falsos traidores?

—«Não; eu é que quiz padecer  
 Por salvar os peccadores;

«Tambem vos peço, meu filho,  
 Que salveis os peccadores.  
 — «Tambem vos eu peço, mãe,  
 Que a vós deis por condão,  
 Quem este Pranto disser  
 Trez vezes, por devoção,  
 Ao meio dia, e a qualquer hora,  
 Livrarei da maldição  
 Na hora de sua morte  
 O pae, a mãe e irmão;  
 As portas do céo,  
 Abertas achará,  
 E as do inferno  
 Nunca as verá.

Um Padre Nosso  
 E uma Ave-Maria,  
 A' honra de Deus  
 E á Virgem Maria.

---

### Os Pastorinhos

(Versão de Bretanha: Ilha de S. Miguel—AÇÔRES)

Assubi aquelle outeiro,  
 Aquelle outeiro sagrado,  
 Encontrei tres pastorinhos  
 Cada um co' seu cajado.  
 Perguntei ao mais moçinho,  
 Por ser mais adoutrinado,  
 Se por aqui passaria  
 O Jêsus crucificado?  
 — Sim, senhor: vi-o passar,  
 Antes do gallo cantar;  
 Uma cruz levava ás costas,  
 Que o fazia ajoelhar,

Com um baração ao pescôço,  
 Para mais pena lhe dar.  
 D'onde vindes, vós, senhora,  
 Que vindes tão orvalhada?  
 «Venho do correr os Passos  
 D'aquella tarde sagrada.  
 Sete Passos são de Deus,  
 Que se corrê em devoção,  
 O primeiro é de luto,  
 O segundo de Paixão, . . .  
 Vamos fazer a esmola  
 A' Virgem da Conceição.

—  
*(Variante da Ilha de S. Jorge)*

Indo mais para diante,  
 N'aquelle outeiro sagrado,  
 Vi estar os pastorinhos,  
 Cada qual com o seu cajado.  
 Respondou-me o mais môço  
 Por ser mui bem doutrinado:  
 —D'onde vens, Santa Maria,  
 Que vindes tão orvalhada?  
 «Venho de seguir os Passos  
 D'esta terra mui sagrada.  
 Sete Passos são corridos,  
 Outros sete por correr;  
 Aqui hade vir Jesus  
 Acabar de padecer.  
 —Dae-me do pago que déstes,  
 Meu Senhor santo Sudario,  
 A'quella santa mulher  
 Que assistiu no Calvario.  
 Estas quinze petições  
 A offereço ao Senhor,  
 Que me abra as portas do céu  
 Quando d'este mundo fôr.



## A Quarentena

(Versão de Ourilhe — MINHO)

— Oh meu Senhor Jesus Christo,  
 Para onde caminhaes ?  
 « Caminho p'ra Jerusalem  
 Não sei que me querem lá.  
 Não sei que me quererão,  
 Uma corôa da espinhos  
 Na cabeça me porão,  
 Outra de juncos marinhos,  
 Banhado em sangue os cabellos  
 Por elles me arrastarão . . .

Sua santa humanidade  
 Co' grande pezo da Cruz  
 Que correu toda a cidade  
 E aos caminhos dava luz.

— Oh meu Deus, oh meu Jesus,  
 Que as costas levaeis abertas  
 Do madeiro tão pezado,  
 Que não o levaram sete !  
 « Simão, ajudae-me aqui,  
 Ajudae-me aqui Simão !  
 — Eu ajudarei, Senhor,  
 De todo o meu coração.  
 « De todo o teu coração ;  
 Ma havereis de levar,  
 Quinta feira de Endoenças  
 Para o mundo se salvar.

Co' grande pezo da cruz  
 As pedras a quebrantar :  
 O Filho de Deus morria,  
 Morria por nos salvar ;  
 Se o não podeis crêr,  
 Assobí aquel oiteiro

Vereis as ruas regadas  
 De seu sangue verdadeiro.  
 Subindo a Cruz ao alto,  
 Que todo o mundo alumia!  
 De golpe o deixam cahir,  
 Posto em braços de Maria.  
 Já lá vae a Magdalena,  
 Já lá vae a enterrar:  
 «Enterrae-me a mim com elle,  
 Que ambas morremos de um mal,

Vae no cordeiro sagrado  
 A lanceta que o feria,  
 E de seu santo costado  
 Sangue que d'elle sahia.  
 Oh mysterio tão profundo!  
 No seu santo Calix ia.  
 Quem este sangue beber  
 Venturoso se acharia.  
 A Santa Maria disse:  
 Do sangue que derramasse  
 Fizesse-se pão e vinho  
 Para mantèr a christandade.

---

### Oração da Amargura

(*Versão de Porto*)

Estando Nossa Senhora  
 Em a sua cella,  
 Fazendo oração,  
 Chegou Magdanella  
 E mais San João:

—Senhora, Senhora,  
 Que fazeis aqui?

Vosso filho vae prezo,  
 Vae prezo por mim!  
 De porta em porta,  
 De rua em rua,  
 Meu Deus da minha alma,  
 Sem culpa nenhuma!

Chegou á janella,  
 Já o não viu.

- Vossa santa virgindade.  
 Correrá toda a cidade.  
 Com o grande pezo da cruz,  
 No caminho caiu Jesus.  
 «Esse homem que vós boscaes  
 Elle se chama Jesus;  
 E Jesus está pregado  
 Com trez cravos na cruz.
- O Sol a escurecer,  
 As pedras a quebrantar!  
 O filho de Deus morrendo,  
 Morrer para nos salvar!  
 Chora, olhinhos, chora,  
 Se vos disserem por quem?  
 Foi por Christo, nosso bem,  
 Que morreu crucificado  
 Entre Jerusalem.

Quinta feira de Endoenças,  
 Sexta da Morte e Paixão,  
 Sabbado da Alleluia,  
 Domingo da Resurreição.  
 Quem esta oração disser  
 Quatro vezes na Quaresma,  
 Outras quatro no carnal,  
 Das penas do Purgatorio  
 Quatro almas tirará:  
 A primeira será a sua,

A segunda a de seu pae,  
 A terceira de sua mãe,  
 A quarta de um parente  
 Mais chegadoinho. Amen.

---

### A Semana Santa

*(Versão de Juromenha — ALEMTEJO)*

Hoje e segunda feira,  
 E' principio da semana ;  
 Prenderam a Jesus Christo,  
 Aquella luz soberana.

No outro dia é terça feira,  
 Está meu Deus prezo á columna,  
 Por causa dos meus peccados,  
 Meu Deus, sem culpa nenhuma.

No outro dia é quarta,  
 De espinhos o cordaram ;  
 Aquella c'rôa de espinhos  
 Meus peccados a causaram.

No outro dia é quinta feira,  
 Na toalha o retrataram ;  
 Da varanda de Pilatos,  
 Meu divino pae mostraram.

No outro dia é sexta feira,  
 Vae meu Deus para o Calvario,  
 Com cinco chagas abertas,  
 A peor é a do lado.

No outro dia é sabbado,  
 Sabbado da Alleluia ;

Vamos vêr a Jesus Christo,  
Que veiu da morte p'r'a vida.

No outro dia é domingo,  
Domingo da Resurreição ;  
Vamos vêr a Jesus Christo  
Que veiu da morte e paixão.

Oh meu divino Senhor,  
A vós cantei a paixão ;  
Tambem espero alcançar  
Das minhas culpas perdão.

— ● —

### Santa Cruz

(*Versão da Ilha de S. Jorge—AÇÔRES*)

Deus vos salve, Cruz sagrada,  
Porta do remedio humano !  
P'ra do céo termos entrada,  
Fazei o caminho plano.  
Deito me aos vossos pés  
Humildemente rendido :  
O consolo que acho em Deus  
E' levar a cruz da vida ;  
Quem a leva mais pezada,  
N'ella tem maior partido.

Acaba. alma, de entender  
O que o mundo não explica :  
Na outra vida é gloria.  
Nos trabalhos é a dita.  
Peccador, olha que tens  
Muitas culpas contra ti ;  
Olha que tens só uma alma,  
Se a perdes ai de ti '  
Olha que a morte é só uma,  
Só uma vez has de morrer ;

E não tornas a vêr Deus,  
 Eternamente has de arder,  
 Não tornas a vêr a Deus,  
 Nem acabas de penar!  
 Chega-te aos sacramentos,  
 Faze a oração mental.  
 Resa o rosario á Virgem,  
 Que as almas vae visitar.  
 A musica de um anjo  
 Enche o mundo de alegria;  
 Que farão os anjos todos  
 De meu Deus em companhia?  
 Oh alma, despresa o mundo,  
 Que é uma grande immundice;  
 Faze por ganhar a gloria.  
 Que é uma grande delicia.

### ABC do Senhor amoroso

(Versão da ilha de S. Jorge—AÇORES)

Ai, meu Senhor amoroso,  
 Meu Jesus crucificado;  
 Quem fôra tão venturoso  
 Que mcrreira confessado!

Bem conheço, meu Jesus,  
 As culpas que tenho graves;  
 Que vos puzestes na cruz  
 Para nol-as perdoares.

Com grande consternação  
 Vos peço, Senhor, perdão;  
 Por vossas divinas chagas,  
 Por vossa morte e paixão.

Dae-me, Senhor, liberdade  
 Com a grande consternação,

De minha propria vontade  
Procuro eu a confissão.

Em as vossas mãos sagradas  
Encomendo a alma, Senhor,  
Por vossas divinas chagas,  
Por vosso grande amôr.

Fostes, Senhor, a nascer  
A' cidade de Belem;  
Tambem fostes padecer  
Dentro a Jerusalem.

Grandes mysterios se encerram,  
Maravilha tão notória!  
Descestes do ceo á terra,  
Então fostes para a gloria.

Hera de mil e seis centos  
Sessenta e quatro fazia,  
Que tomastes alimento  
Nas entranhas de Maria.

Já veiu o Senhor da luz,  
Nos alcançou a victoria,  
Vós sois o Menino Jesus  
Que nos haveis de dar gloria.

Louvada seja a hora  
Em que vós, Senhor nascestes,  
Immaculada Senhora,  
Que em teu ventre o concebeste.

Meu Deus de misericordia,  
Vos com vosso Padre Eterno,  
Nos haveis de dar a gloria  
E livrar-nos do inferno.

Nunca pude comprehender,  
Senhor, os vossos mysterios,  
Que infundistes em meu poder,  
Sendo vós um Deus eterno.

Oh immensa luz da gloria,  
Thesouro de graça cheio,  
Alta soberana victoria  
Que por nós á terra veiu.

Ora que quereis vós, meu Deus,  
Mostrar os vossos rigores,  
Sendo vós um Rei dos reis,  
Sendo um Senhor dos senhores?

Quando vós, um Deus soberano,  
Descestes do céo á terra,  
Para todos sois humano,  
Dae-me paz, não nos deis guerra.

Resuscitantes a Lazaro,  
Salvastes a Cananèa.  
Grandes mysterios se encerram  
Jonas no ventre da haleia.

Sendo Menino chamado,  
Fostes um manso cordeiro,  
Tambem vos fizeram filho  
De José, o carpinteiro.

Tambem diziam senhores  
Que eras fino feiticeiro,  
Vossos discipulos traidores  
Vos venderam por dinheiro.

Vae-se o Senhor, acabando  
Não se acabem os louvores



D'este A B C dos Amores  
 Todo cercado de flôres.

Xpo é Christo que morreu,  
 Padeceu p'los peccadores,  
 N'uma cruz crucificado,  
 Cheio de angustias e dores.

Zombante tomei a pena  
 Para escrever estas regras,  
 Livre-nos nosso Senhor  
 Das penas que são eternas.

### A Visitação do Espirito Santo

(Versão do Forte da Cruz — ARCHIPELAGO DA MADEIRA.)

#### I — No peditório pelas portas

*Vem o Imperador trazendo o sceptro e a corôa em uma salva de prata; um Mordomo, com a bandeira do Espirito-Santo; outro, com um pequeno pendão vermelho; raparigas de dez a doze annos, vestidas de branco, capinha vermelha, e ornadas com quantas peças ou joias de ouro podem; e tocadores de rebecas, machetes e violas. As raparigas n'estas folias são designadas pela denominação de saloias. Ellas cantam, acompanhadas dos referidos instrumentos.*

*Pelos caminhos:*

Lo Divino Esp'rito Santo  
 Vem de ladeira em ladeira;  
 Anjos do céo, deitae-lhe  
 Rica flor de lorangeira,

Divino pombinho branco  
 Na bandeira tão bonito,  
 Tendel-os olhos pregados  
 Nas chagas de Jesus Christo.

*A's portas dos devotos :*

A esta porta parou  
 Quem não devia parar;  
 Parou lo Esp'rito Santo  
 Esmola cá vem buscar.

Esp'rito Santo divino  
 Pelas portas como frade!  
 Fazei-lhe esmola, fazei-a  
 A' Santissima Trindade.

Acudi, gente de casa,  
 Abri a vossa portinha;  
 Aqui tendes lo Divino,  
 Na figura de pombinha.

*Quando os devotos dão :*

Abençoada esmola,  
 Se a daes com alegria;  
 Esp'rito Sancto Divino  
 Seja em vossa companhia.

## II—No domingo da festa

*Ao entrar para a egreja:*

Entrae homens, entrae homens,  
 Entrae vóz, Imperador;  
 E' hoje a nossa festa,  
 Visitae Nosso Senhor.

Entrae vós, entrae mulheres,  
 Da egreja para dentro;  
 A nossa festa é hoje;  
 Visitae lo Sacramento.

*Na egreja, depois de coroado o Imperador:*

Foi coroado, coroado  
O nosso Imperador;  
Veiu-lhe a corôa e sceptro  
Das mãos de Nosso Senhor.

*No fim da festa:*

Divino Esp'rito Santo,  
Divino consolador,  
Consolae-me esta minh'alma  
Quando d'este mundo fôr.

### III — A' distribuição do pão bento

*Vão o Imperador, os dois Mordomos, as saloias e os tocadores, como fôram para o peditório; acompanham-os homens com taboleiros em que, sobre toalhas ornadas de rendas, são levados pequenos pães, que foram benzidos na occasião da missa da festa; o Imperador entrega um d'esses pães em cada casa onde tinha sido dada esmola; e as saloias cantam, acompanhadas dos tocadores.*

*Pelos caminhos:*

Lo divino Esp'rito-Santo,  
Vem de ladeira em ladeira;  
Anjos do céo, deitae-lhe  
Rica flôr de laranjeira.

Divino pombinho branco,  
Na bandeira tão bonito,  
Tendes los olhos pregados  
Nas chagas de Jesus Christo.

*A' porta dos devotos:*

Acudi, gente da casa,  
Abri cá a vossa portinha;  
Aqui tendes lo Divino  
Na figura da pombinha.

*A' entrega do pão benço :*

Aqui tendes pão benzido,  
Deus é quem lo manda dar ;  
Acceitae esta arreliquia ,  
Ide-la já bem guardar.

*A' despedida :*

Ficæ-vos na paz de Deus,  
Da santa fé na alegria ;  
Esp'rito-Santo divino  
Seja em vossa companhia.

### Folias do Imperio do Espirito Santo

(*Versão das Ilhas das Flôres e Corvo*—ARCHIPELAGO  
DOS AÇÓRES)

#### ALVORADAS

Para serem cantadas pelas ruas nas mudanças  
do Espirito Santo, em peditorios da Irmandade, etc.

#### A

Passou pela minha porta,  
A's minhas terras foi caçar,  
Matou-me as minhas pombinhas,  
Que eu tinha no meu pomar;  
Matou-m'as de uma em uma,  
Juntou-m'as de par em par,  
Matou-me as mais bonitas,  
Para mais penas me dar.  
Fui eu ter com El-Rei,  
Que m'as mandasse pagar;  
El-Rei, por eu ser mulher,  
Não me quiz escutar.

El-Rei, que não faz justiça  
Não devia governar,  
Nem comer pão do Alemtejo,  
Nem com a Rainha fallar;  
D'esta sorte se castiga  
A quem não sabe reinar.

## B

Fui lavar ao rio verde  
N'uma pedra cristalina;  
Rio verde, não me leves,  
Que sou fidalga e menina.

Fui lavar ao rio verde  
N'uma pedra esmaltada;  
Rio verde, não me leves,  
Que sou menina recatada.

Fui lavar ao rio verde  
N'uma pedra preciosa;  
Rio verde, não me leves,  
Que sou menina e formosa.

Fui lavar ao rio verde,  
Lá me furtaram meu pano:  
Quasi não vim para casa  
Com temor de meu mano.

## C

Oh! Virgem Maria,  
Mãe da piedade,  
Pedi a Jesus  
Pela christandade.

Eu sou peccador,  
Eu não sei pedir,

Nem sou merecedor  
De Jesus me ouvir.

E' chegada a hora,  
Bom Jesus não vem!  
Bom Jesus da minh'alma,  
Por que se detem?

Bom Jesus já veio,  
Já chegou á hora.  
Eu vou com Jesus  
Para o reino da Gloria.

## D

San João tem um vestido  
Côr de ouro vermelhinho,  
Que lhe deu Nosso Senhor  
Quando foi seu padrinho.

San João tem um vestido  
Côr de ouro encarnado,  
Que de Jesus recebeu  
Quando foi seu afilhado.

San João tem um vestido  
Côr de ouro, de velludo,  
Que lhe deu Nosso Senhor,  
São João merece tudo.

San João tem um vestido  
Côr de ouro, não desfalece,  
Que lhe deu Nosso Senhor,  
São João tudo merece.

## E

—De onde vindes, San João,  
Com vossa corôa de ouro?

«Venho de baptizar a Christo;  
Aqui trago um gran thesouro.

—De onde vindes, San João?  
Como estaes orvalhado!

«Venho de baptizar a Christo  
N'aquelle rio tão sagrado.

—De onde vindes, São João?  
Como estaes orvalhadinho!

«Venho de baptizar a Christo  
N'aquelle rio tão divino.

### F

—Levanta-te, garça,  
Do teu doce estar;  
Pois El Rei vae a la caça,  
Já o sol quer arraiar.

Levanta-te, garça  
Do teu doce dormir;  
Pois El-Rei vae a la caça,  
Já o sol quer despedir.

As aves todas já dizem,  
As que andam na ribeira,  
Que de todas as plantas  
A melhor é a parreira.

«Se a parreira é a melhor  
Para que me prende El-Rei?  
Se eu não matei nem ferí,  
Para que me esconderei?

### G

Senhora Sant'Anna,  
Bemaventurada,

Que tem uma filha,  
Maria chamada.

Pois viva Maria  
E quem la criou;  
Nós sômos peccadores,  
E a todos salvou.

Encontrei a Senhora  
A' borda da agua,  
Lavando paninhos  
Com mui grande magua.

A Senhora lavava,  
São José estendia,  
O Menino chorava,  
Com frio tremia.

Calae-vos, menino,  
Calae-vos amôr,  
Que a faca que corta  
Dá golpe sem dôr.

## H

Eu fui-me deitar,  
Puz-me a considerar  
Que geito daria  
Para me salvar.

O Anjo da Guarda,  
Que é minha guia;  
Que eu fosse devota  
Da Virgem Maria.

A Virgem Maria  
Mandou-me um recado,  
Que eu fosse cantando  
O Bendito Louvado.



Oh! nome tão querido,  
Oh! nome tão amado,  
Nascestes de uma rosa  
Do Verbo encarnado.

## I

Oh! meu Espirito Santo,  
Vós não permitaes  
Que eu viva nem morra  
Em peccados mortaes.

Em peccados mortaes  
Não hei de eu morrer,  
Que o Espirito Santo  
Me ha de valer.

Me ha de valer  
Na hora da morte;  
Quem tivera a dita  
De tal feliz sorte.

De tal feliz sorte,  
Que ahi vem Jesus,  
Com os braços abertos,  
Pregados na cruz.

Pregados na cruz,  
Para nos salvar:  
E nós tão ingratos  
Sempre a peccar.

Sempre a peccar,  
Sem emenda ter;  
Ninguem considera  
Que ha de morrer!

Que ha de morrer,  
Que conta ha de dar,

A'quelle Senhor  
Que nos tem de julgar.

Que nos tem de julgar  
Do mal e do bem,  
Lá na eterna gloria  
Para sempre, Amen.

\*

Quando a Folla vae na manhã dos domingos á casa  
para onde irá á noite o Espirito Santo

J

Esta casa é santa!  
Oh, casa tão bella,  
Vem o Fspirito Santo  
Para dentro d'ella.

Esta casa é santa!  
Oh, casa tão linda,  
Anda o Espirito Santo  
Voando por cima.

Esta casa é santa!  
Com tal pensamento  
Anda o Espirito Santo  
Voando por dentro.

Esta casa é santa!  
Hoje n'esta hora  
Anda o Espirito Santo  
Voando por fóra.

Esta casa é santa,  
Cercada de flôr,  
Para ella virá  
Deus Nosso Senhor.

Esta casa é santa,  
Cercada de cheiro,  
Para ella virá  
O Pae verdadeiro.

Esta casa é santa,  
De canto a canto,  
Para ella virá  
O Senhor Espirito Santo.

Acabando esta alvorada, canta a Folia, mas sem o acompanhamento dos seus instrumentos, um *offercimento*, que é geralmente um Benedito.

\*

**Na casa do Imperador, no dia em que ali recebe  
o Espirito Santo**

**K**

Deus vos salve, casa santa  
E por Deus acompanhada;  
Pela vossa porta dentro  
Entra a Virgem consagrada.

Bom Jesus dos altos céus,  
Filho da eterna verdade,  
Que a todos nos remistes  
Como Pae da Piedade.

Oh, meu Deus, oh, meu Senhor,  
Por vossa morte e paixão,  
Dae dons da vossa graça  
A todo fiel christão.

Oh, Virgem, minha Senhora,  
Pela corôa que sois coroada,  
Botae-nos a vossa benção,  
Sêde nossa advogada.

Sêde nossa advogada,  
 Oh, Mãe de Deus, Virgem pura,  
 Botae a vossa benção  
 Sobre toda a criatura.

Seguem-se sete *Ave-Marias* cantadas tambem pela Folia, a *Gloria*,  
 e o seguinte offerecimento:

Estas sete Ave-Marias,  
 Senhor, que aqui vos canto,  
 Sirvam em digno louvor  
 Dos sete dons do Espirito Santo.

Oh, Senhor Espirito Santo,  
 Divino consolador,  
 Consolae a nossa alma  
 Quando d'este mundo fôr.

Oh, meu Divino Senhor,  
 Aqui vos venho pedir  
 Salvação para nossas almas,  
 Graça para vos servir.

Eu vos torno a pedir,  
 Pela vossa santa cruz,  
 Que a todos deis a Gloria  
 Para sempre. Amen, Jesus.

Ajoelham em reverencia á Corôa do Espirito Santo, e sáem.

\*

Para serem cantadas nas terças, quintas feiras  
 e sabbados de cada uma das semanas do Espirito Santo,  
 na casa onde elle está

L

Para as terças feiras

Ascendeu o Espirito Santo,  
 Sua santa monarchia  
 Desceu do céo á terra  
 Com prazer e alegria.

No ár, como pomba branca,  
 Coroada a Virgem Maria,  
 Com treze chammas de fogo  
 Todas ardentes, surdia,  
 Com seus doze Apostolos,  
 Para a sua companhia,  
 Entraram a prégar  
 Por aquella heresia;  
 Pela vontade de Deus  
 Tudo se lhe convertia.

(Todas estas Alvoradas terminam por sete Ave-Marias e *offerucimen-  
to*, como já foi descrito.)

### M

#### Para as quintas feiras

A's portas das almas santas  
 Bate Jesus toda a hora;  
 Responderam as almas santas:

— Bom Jesus, que quereis agora?  
 «Quero que venhas commigo  
 Cantar para o reino da Gloria.  
 — Muito me pesa, meu Deus,  
 Muito me deve pesar,  
 Minha alma não estar promta  
 Para com Jesus caminhar.

Oh thesouro tão divino,  
 Sacrario tão estimado,  
 Onde esteve o bom Jesus  
 Nove mezes encerrado.

Bom Jesus está cá dentro,  
 Vamos agora adorar,  
 Elle é nosso Rei da Gloria,  
 Elle nos ha de salvar.

Caminham as tres Marias,  
 Todas tres pelo ár,  
 Em cata do bom Jesus  
 Sem o poderem achar;  
 Foram achal-o em Roma,  
 Revestido no altar.  
 Bom Jesus, tão pequenino,  
 Missa nova vae cantar;  
 Eu aqui a quero ouvir  
 Para minha alma salvar.

\*

(Para os sabbados ha duas Alvoradas, que se podem cantar a es-  
 colha do *Cabeça da Folia*.)

## N

Oh meu padre Santo Antonio,  
 Que das almas fostes rei,  
 Nascestes da flôr da palma  
 Para remedio da nossa lei.

Oh meu padre Santo Antonio,  
 Ide longe d'essa gente,  
 Ide livrar vosso Pae,  
 Que vae prezo innocente.

Está prezo e estará,  
 A' presença do Rei irá.

Sua morte sentenciada,  
 Por El-Rei foi approvada;  
 Tem elle mulher e filhos,  
 Seus orfãos serão perdidos.

Santo Antonio ajoellhou,  
 Uma Ave-Maria pediu,  
 Emquanto ella se rezou  
 Onze mil leguas andou.  
 Chegou a longe cidade.  
 Com a Justiça se topou:

—Justiça tão rigorosa,  
Esse homem em que pecou?  
«Este homem vae aqui prezo  
Por um outro que matou,  
No seu quintal enterrado,  
Como ali já se achou.

—Escutae e fallae pouco,  
Se elle ali está enterrado,  
Ha de dizer á Justiça  
Por quem foi esfaqueado.  
Levanta-te, oh homem morto!  
Pelo Deus que te criou,  
Vem dizer a esta gente  
Se este homem te matou.

O homem se levantou,  
No coval se assentou,  
Bem vestido e calçado  
Como n'este mundo andou.

—«Esse homem é innocente;  
Não foi elle que me matou;  
Antes sim me protegeu,  
Como o pae que me criou.  
O homem que me matou,  
Na companhia o levas;  
Por mim seja perseguido,  
Para que não mate mais.

Justiça que tal ouviu  
Pela terra se deitou,  
Como sendo criminoso,  
A seus pés se abraçou.

—«Oh meu padre Santo Antonio,  
Em que cidade moraes?  
Que eu quero ir visitar-vos  
Uma vez e muitas mais.

—Bem me admira, meu pae,  
 Não conheceres a Fernando;  
 Mudei o nome para Antonio  
 Para me livrar do demonio.  
 —«Mil benções te boto, filho,  
 De Deus sejas abençoado,  
 Sejas um bom confessor  
 Das almas dos céos sagrado.  
 —Oh meu pae, oh minha mãe,  
 Vossa benção me deitae,  
 Que eu d'aqui vou para Pádua  
 Acabar o meu sermão;  
 Se eu o não fôr acabar  
 Ai de mim, o que dirão!

## O

Bendito e louvado seja  
 O divino Sacramento,  
 Dos anjos manjar sagrado,  
 Das almas feliz sustento.

Este divino manjar,  
 Quem o der de bôamente,  
 Tem por certo o viver  
 Lá nos céos eternamente.

Esta suave comida,  
 Senhor, dae-nos n'este pão,  
 Que n'elle se representam  
 Os mysterios da Paixão.

Tambem seja louvada  
 A Virgem da Conceição,  
 Por ser santa reservada  
 Da falta, culpa de Adão.



Foi ella a desterrada  
De Belem para Nazareth,  
Nas montanhas do Egypto,  
Com Jesus e San José.

Senhor Deus, dae-nos auxilio,  
Mas tambem paz e concordia;  
Para o que todos dizemos:  
Senhor Deus, misericordia!

Misericordia, oh meu Deus,  
Misericordia, Senhor,  
Pelas vossas cinco chagas,  
Pelo vosso santo amôr.

Oh Mãe da Graça, Maria,  
Vós sois a divina luz;  
O vosso bendito Filho  
Por nós morreu n'uma cruz.  
Elle pois nos leve á Gloria  
Para sempre. Amen, Jesus.

\*

*Alvorada* cantada em cada domingo, antes do Espirito Santo vir  
para a Egreja.

## P

Ide Vós, meu Divino,  
Que estaes no altar;  
Graças sejam dadas  
Ao vosso lugar.

Ide Vós, meu Divino,  
Coberto com um véo,  
Como estaes no mundo  
Assim estaes no Céu.

Ide Vós, meu Divino,  
Vossa santa Coròã ;  
Graças sejam dadas  
A' vossa pessôa.

Ide Vós, meu Divino,  
Vossa santa Cruz,  
Graças sejam dadas  
Ao Bom Jesus.

Cantam em seguida um Bendito, mas sem Ave-Marias.

\*

*Acorada da casa do Imperador para a Igreja.*

Q

Vamos, oh meu Divino,  
N'esta procissão,  
Vamos para a igreja  
Da Virgem da Conceição.

Vamos, oh meu Divino.  
Hoje n'este dia,  
Vamos para a igreja,  
Da Virgem Maria.

Vamos, oh meu Divino,  
Hoje n'esta hora,  
Vamos para a igreja,  
De Nossa Senhora.

\*

R

Jesus Christo do Calvario,  
Vossa Cruz é de oliveira,

Fostes o mais lindo cravo  
Que nasceu n'uma roseira.

O vosso sagrado *nome*  
E' Jesus de Nazareth;  
Dae-nos licença, Senhor,  
De entrar em vossa fé.

Os vossos sagrados *olhos*  
Inclinados para o chão,  
Por via de nós, Senhor,  
Soffrestes morte e paixão.

A vossa sagrada *bôca*,  
Cheia de fel amargoso,  
O foi, por nossos peccados,  
E vós sempre Pae amoroso!

O vosso sagrado *ludo*  
Foi aberto com uma lança;  
Minha alma passe por elle,  
Senhor, dae-lhe confiança.

De vossos sagrados *pés*,  
Mais alvos que a neve pura,  
Vão correndo rios de sangue  
Pela rua da Amargura;

A'quella mulher Veronica,  
Que encontrastes no caminho,  
A ella nós devemos  
Vosso *retrato* divino. (1)

(1) Na versão da Ilha de S. Jorge, fórma as *Quinze Petições*:

Vossa sagrada *cabeça*  
Cercada com mil espinhos!  
Por amor dos meus peccados  
Passastes tantos martyrios.

Vosso sagrado *cabello*  
Mais puro que o fino ouro,  
A minha alma entrou p'ra elle.  
Entrou p'ra o vosso thesouro.

Vosso sagrado *rosto*  
Cheio de esgarros nojentos!  
Por amor dos meus peccados  
Passastes tantos tormentos!

Vossos sagrados *hombros*  
Denegridos de um madeiro,  
Por amor dos meus peccados,  
Meu bom Jesus verdadeiro!

Vossos sagrados *braços*  
Estendidos n'uma cruz,  
Por amor dos meus peccados,  
Oh meu divino Jesus!

Vossas sagradas *mãos*  
São pregadas com dois cravos,  
Senhor Deus de Misericordia,  
Por amor dos meus peccados.

Vossa sagrada *cintura*  
Amarraram com mil cordas,  
Por amor dos meus peccados.  
Senhor Deus de Misericordia!

Vossos sagrados *joelhos*  
Arrastados pela terra!  
A minha alma já é vossa,  
Dae-me a salvação a ella.

A'quella mulher Veronica  
Que encontrastes no caminho,  
A ella devemos nós  
Vosso *retrato* divino.

As quadras referentes aos *olhos, boca, lado e pés*, têm pequenas variantes.

*Atvorada* dos domingos á porta da Egreja, quando para ella entra  
o Espirito Santo.

## S

Abre-te, Mosteiro  
De Nossa Senhora;  
Entraremos dentro  
Juntos n'esta hora.

Abre-te, Mosteiro  
Da Senhora San'Anna;  
Entraremos dentro  
Juntos em companhia.

Abre-te, Mosteiro  
Da Virgem Maria;  
Entraremos dentro  
No sagrado dia.

\*

*Atvorada* dos domingos da Egreja para casa do Imperador.

## T

O Senhor Espirito Santo,  
No seu resplendor,  
Saiu da egreja  
De Nosso Senhor.

O Senhor Espirito Santo,  
N'esta procissão,  
Saiu da egreja  
Da Virgem da Conceição.

—Quem é este que aqui vem,  
Debaixo d'esta morada?  
«E' o Senhor Espirito Santo,  
Amor da Virgem Sagrada.

Cantigas da Folia durante o jantar dos domingos em casa dos Imperadores.

## U

*Ao Espirito Santo:*

Vamos nós aqui andando  
Hoje n'este dia,  
O Senhor Espirito Santo  
Está na nossa companhia.

*Ao Rei da Corôa:*

O Senhor Espirito Santo,  
Foi feito em Lisboa ;  
Digamos todós que viva  
O nobre *Rei da Corôa*.

*Ao Alferes da bandeira:*

Senhor nobre Rei da Corôa,  
Diga-lhe d'esta maneira,  
Tambem dizemos que viva  
O Senhor *Alferes da bandeira*.

*Ultima ao Espirito Santo:*

Vamos nós aqui andando,  
Aqui hoje pelo campo,  
Digamos todos que viva  
O Senhor Espirito Santo.

*Allusivas ao jantar:*

Ora toma, do manjar toma,  
O manjar foi de vitella;  
Ella estava bem adubada,  
Tinha gosto de canela.

Ora toma, do manjar toma,  
O manjar foi de rosquilha;  
Ella estava bem temperada,  
Era mesmo uma maravilha.

Ora toma, do manjar toma,  
O manjar foi boa sôpa;  
Ella estava bem adubada,  
Ficou o gosto na boca.

Ora toma, do manjar toma,  
O manjar foi de pão leve.  
O Senhor Espirito Santo  
Paga bem a quem o serve,

Ora toma, do manjar toma,  
O manjar foi de arroz doce.  
O Espirito Santo é meu  
Assim eu do Divino fosse.

★

*Alvorada* de despedida quando o Espirito Santo sáe de casa do Imperador.

V

Espedida, espedida,  
Espedida quero dar,  
O Senhor Espirito Santo  
Já d'aqui vae caminhar.

Quero dar a espedida,  
Aqui hoje n'esta hora;  
O Senhor Espirito Santo,  
Já d'aqui se vae embora.

Quero dar a espedida  
Aqui hoje n'este dia.

O Senhor Espirito Santo  
Vae na nossa companhia.

O mui nobre *Imperador*,  
Fica atado n'uma fita.  
Do Senhor Espirito Santo,  
Por tão divina visita.

Quero dar a espedida,  
Espedida quero dar.  
De tão boa companhia  
Quem se pode apartar?!

\*

*Alvorada* que se canta na ida do gado da casa do Espirito Santo para o matadouro.

X

Vamos nós aqui andando,  
Aqui com este thesouro;  
Vamos levar este gado  
Ao logar do matadouro.

Vamos nós aqui andando,  
Aqui por esta cidade;  
Vamos levar este gado  
Da nossa rica *Irmandade*.

\*

*Alvorada* do sabbado de festa á noite, na casa do Espirito Santo.

Y

Muito lindo é o céu,  
Todo cheio de alegria!  
Lá não ha noite nem sombras,  
Tudo ali é claro dia.



Muito lindo é o céu,  
Onde habita a Virgem pura!  
Sem primeiro padecermos  
Não verêmos tal formosura.

Muito lindo é o céu,  
Onde os aujos vão cantar!  
Sem primeiro padecermos  
Ninguem o pode gosar.

Muito lindo é o céu,  
Ao par da Virgem Maria,  
Onde estão os anjos todos  
Com Jesus em companhia.

Muito lindo é o céu  
Para onde Deus nos criou!  
Sem primeiro padecermos  
Nunca ninguem o gosou.

Em seguida cantam as costumadas sete Ave-Marias, e o *offerimento*.

\*

*Atvorada* da distribuição do pão na casa do Espírito Santo.

## Z

Ora dae o vosso bôdo,  
Dae-o de bom coração,  
O Senhor Espírito Santo  
Vos dará bom galardão.

Ora dae o vosso bôdo  
Aqui por esta cidade,  
Bom Jesus resuscitado,  
Amor da Santa Trindade!

Ora dae o vosso bôdo  
 Aqui hoje n'este dia;  
 O Senhor Espirito Santo  
 Está em vossa companhia.

Ora dae o vosso bôdo,  
 Dae-o sempre de contino,  
 O Senhor Espirito Santo  
 Vos dará um bom destino.

### Folias do Espirito Santo

(Versão da Ilha de S. Jorge — ARCHIPELAGO DOS AÇÓRES,

#### I

#### Velas

*Ao ir buscar a Corôa a casa do Imperador:*

Ajunte-se a gente toda  
 A quem nós queremos tanto;  
 Vamos buscar a Corôa  
 Do Senhor Espirito Santo.

*Ao sair da casa do Imperador:*

Botae as ovelhas fóra,  
 Que vem o sol arraiando;  
 Botae uma, botae duas,  
 Botae-as todas em bando.

Lá vem o Espirito Santo,  
 Mais alvo que o cristal;  
 Dera-lhe o vento nas azas,  
 Começara de voar.

Caminha o San José,  
Bom Jesus leva por guia;  
Ambos vão p'ra Nazareth  
Mais a Virgem da Alegria.

Olhae para aquelle altar,  
N'elle vereis uma cruz;  
Serve de cama e leito  
Ao corpo do bom Jesus.

Olhae para aquelle altar,  
N'elle vereis nove rosas,  
Trez brancas e tres vermelhas,  
Qualquer d'ellas mais formosas.

*Ao entrar o adro da egreja:*

Nossa Senhora das Neves,  
Eu em vosso adro estou;  
Botae-me a vossa benção.  
Que sem ella me não vou.

Abri as portas, San Pedro,  
A esta tão nobre gente,  
Que vem vêr o bom Jesus  
Lá das partes do Oriente.

Abri-vos, portas do céo,  
Com muita grande alegria!  
O divino Espirito Santo  
Está em nossa companhia.

*Ao entrar na egreja:*

Deus vos salve, casa santa,  
Do Jesus acompanhada,  
Onde está o calix bento  
Mais a hostia consagrada.

Bendito e louvado seja  
 O Santissimo Sacramento,  
 Pois elle é o pão dos anjos  
 E dos homens mantimento,

Oh divino Sacramento,  
 Aonde é que estaes agora?  
 Aonde cantam os anjos  
 E mais a Nossa Senhora.

*Depois da coroação:*

Vejo um resplendor de gloria:  
 Todo bem alumiado;  
 Todo cercado dos anjos,  
 Todo dos anjos cercado.

Oh meu nobre Imperador,  
 Olhae para vós, vereis,  
 Vereis toda a bizzarria  
 Ao redor de vossos pés.

Oh meu nobre Imperador,  
 Folha de cravo rosado;  
 Sois a mais brilhante flôr  
 Que habita n'este povoado.

Dizeis que direi agora  
 Entre tanta fidalguia?  
 Hei-de matar-me a cantar,  
 Chorarei com alegria.

*A' meza:*

Quero agora aqui cantar  
 Hoje com grande amor;  
 Ellas vêm offerecer  
 Ao nosso nobre Imperador.

Quero agora cantar.  
 Ellas são muitas e gôrdas ;  
 Segundo me a mim parece  
 O manjar são bôas sôpas.

Divino Espirito Santo,  
 Eu á vossa casa hei-de ir;  
 Ao pé de vosso altar  
 Um somno hei-de dormir.

Divino Espirito Santo,  
 Senhor de sceptro e corôa ;  
 Vós na terra sois pombinha,  
 No céo divina pessôa.

Senhor Espirito Santo,  
 Como está tanto alegre !  
 Está dando as suas graças  
 Aos devotos que o servem.

Lá vem o Espirito Santo,  
 Eil-o, lá vem ao ilhéu !  
 Com a corôa na cabeça,  
 Que vem coroado do céo.

## II

### Calheta

Alvorada ao mordomo

(Folia)

Oh senhor imperador,  
 A vossa festa é chegada:  
 Em louvor do Espirito Santo  
 Aceitae nossa alvorada.

O gallo bateu as azas  
 Quando o Salvador nasceu,  
 Os anjos todos cantavam:  
 A gloria no céu se deu.

*Ao saírem com a Corôa:*

Saí vós, Espirito Santo,  
 Saí vós mais quem vos leva;  
 Quando vós saís a campo  
 Todo o mundo se alegra,

Oh Divino Espirito Santo,  
 Vós sois lo Rei d'alegria;  
 Dáes a todos de jantar  
 Em pinos do meio dia.

Vamos vêr a barca nova  
 Que do céu se deita ao mar;  
 Nossa Senhor vae n'ella  
 E os anjinhos a remar.

Leva vinte e quatro rêmos,  
 E outros tantos remadores,  
 Jesus tambem vae n'ella,  
 E Nossa Senhora das Dores.

Lá vem Santo Antonio  
 Pela barra fora,  
 C'uma mão no lême,  
 Outra na viola.

C'uma mão no lême  
 Para navegar,  
 Outra na viola,  
 Não lhe caia ao mar.

Divino Espirito Santo,  
 Esp'rito consolador,

Consolae vós a minha alma  
Quando d'este mundo fôr.

Divino Espirito Santo,  
Esp'rito Santo Divino,  
Do cêo caia sobre nós  
Excelso amor mais fino.

Ouvi um doce cantar,  
Cantar de tanta harmonia:  
Eram os anjos do cêo  
Com Jesus em companhia.

Que alegria tem a rosa  
Quando quer abotoar;  
Assim é Nossa Senhora  
Quando a vão visitar,

Que alegria tem a rosa  
Quando quer florescer;  
Assim é Nossa Senhora  
Quando os anjos a vão vêr.

*Ao aproximarem-se da egreja:*

Descobre-te, lua,  
Dá-me claridade,  
Que ainda hoje espero  
Entrar na cidade.

Esp'rito Santo do monte  
E' igual ao da cidade;  
O da cidade é divino,  
O do monte santidade.

Senhora Santa Cath'rina,  
Mandae enramar o adro,  
Que ahí vem o senhor bispo,  
Flor de cravo rosado.

Recolhei-vos, pomba branca,  
 Anda caçador em terra,  
 Atira com balas de ouro,  
 Onde faz ponto não erra.

*Na igreja:*

Oh Virgem Nossa Senhora  
 Na capella pequenina;  
 Oh que tão baixa capella,  
 Para tão alta rainha.

Oh Virgem Nossa Senhora,  
 Eu na vossa casa estou;  
 Deitae-me a vossa benção,  
 Que sem ella me não vou.

Oh Virgem Nossa Senhora,  
 Oh Fonte de graça cheia;  
 Soccorrei vós a nossa alma,  
 Morremos na terra alheia.

Oh Virgem Nossa Senhora,  
 Vós onde estaes bem nos vèdes  
 Cortae os mastros aos mouros  
 Que roubam os portuguezes.

Victoria, victoria!  
 Dae graças ao céu,  
 Que a Virgem sagrada  
 A soberba venceu.

*Ao sairem da igreja:*

Vamo-nos embora  
 Com o Espirito Santo,  
 Estão á espera  
 Por todo esse campo.



Deus me dera ser dos anjos  
 Para com os anjos cantar :  
 Que do céo vira sahir  
 Um estandarte real.

Deixae vós vir a bandeira  
 Pela rua das formosas ;  
 Que ella vem resplandecente  
 E vem cheirando a rosas.

Oh Divino Espirito Santo,  
 Que daes a quem vos vae vêr ?  
 Aos solteiros bôa sorte,  
 Aos casados bom viver.

O Divino Espirito Santo,  
 Elle aqui vae a correr ;  
 Vae ajudar as mordomas,  
 Que têm muito que fazer.

O Divino Espirito Santo,  
 Elle aqui vae á *Relvinha*,  
 Vae ajudar as mordomas  
 A peneirar a farinha.

*Ao entrarem em casa do mordomo :*

Entrae conselheiros, meninos fidalgos,  
 Entrae cavalheiros p'ra o vosso logar ;  
 Entrae cavalheiros, meninos fidalgos,  
 P'ra vêr os anjinhos que estão no altar.

Entrae cavalheiros, meninos fidalgos,  
 Entrae cavalheiros, meninos e môços :  
 Entrae cavalheiros, meninos fidalgos,  
 Entrae cavalheiros para os vossos postos.

*Da igreja para o Imperio com Nossa Senhora coroada :*

A Virgem Nossa Senhora,  
Quando vae a navegar,  
Tira o manto da cabeça,  
Deita-o por velas ao mar.

Que mulher será aquella  
Que vem por este campo?  
E' a Virgem Nossa Senhora  
E o Espirito Santo.

Dizeis que é maravilha  
No mar tocar viola :  
Tambem os cativos d'Argelia  
Chamam por Nossa Senhora.

A Virgem Senhora  
Subiu ao monte,  
E onde descansou  
Nasceu uma fonte.

Nasceu uma fonte  
Ao pé da macella ;  
Cantavam os anjos,  
Oh agua tão bella.

Tres estrellas vão no céu,  
Quatro que vão com a lua ;  
Nossa Senhora no meio  
Mais formosa que nenhuma !

*Serviço da Coróa no Imperio :*

Além de muitas quadras do cancionero geral, cantam :

Se fôres á serra,  
A' serra,  
Vêde o meu gado,  
Meu gado ;

Se fores á serra,  
A' serra  
Vêde o meu gado  
Ganado.

Esclavina verde  
Qu'está lá n'aquella serra,  
Na serra de cima :  
Que traz cravo e canela.  
Traz pimenta fina ;

Esclavina verde  
Qu'está lá n'aquella serra,  
Na serra debaixo :  
Que traz cravo e canela,  
Pimenta eu acho.

Pus-me a ceifar erva,  
Ceifei serradella ;  
Meu pae não tem gado  
Que coma tal erva.

Eu fui ceifar erva,  
Ceifei alecrim ;  
Meu pae não tem gado  
Que coma erva assim.

Eu fui ceifar erva,  
Ceifei mangerona ;  
Meu pae não tem gado  
Que tal erva coma.

As vossas vacas, alcaide  
São formosas e louçainhas ;  
Pois não bebem senão agua  
Lá nas mais altas montanhas.

Ajuntae-vos, cavalleiros,  
 Ao toque do meu tambor ;  
 Vamos nós servir a Corôa,  
 Manda o nosso Imperador.

O Divino Espirito Santo,  
 A quem vamos offerecer,  
 Acceite nossas offertas,  
 E nos queira bem merecer.

O Divino Espirito Santo  
 A quem vamos offertar,  
 Acceite as nossas offertas,  
 E nos queira perdoar.

*A' distribuição das esmolas :*

Lá está o céu aberto,  
 As portas de par em par,  
 Para receber as esmolas  
 Que vós tendes para dar.

Dae vós as vossas esmolas,  
 Dae-as de bom coração :  
 Pois lá na mesa da gloria  
 Achareis bom galardão.

Dae vós as vossas esmolas,  
 Que ali estão os pobres juntos :  
 No céu são apresentadas  
 Por alma de vossos defuntos.

*Despedindo-se do Imperador :*

Nobre imperador,  
 Vos peço perdão,  
 Se vos não servirmos  
 De bom galardão,

Em duas palavras  
Vos quero dizer,  
Toda a fidalguia  
Manda agradecer.

Manda agradecer,  
Folhinha de cravo,  
Ao nobre imperador  
Ficamos obrigado.

Meu nobre senhor,  
A carta está lida;  
Os nossos foliões  
Dão a despedida.

Vamos nós embora  
C'um abajadoiro;  
Vae acompanhar-nos  
Cabeça de peloiro.

Toda a fidalguia  
Que esteve a jantar  
Façam no favor  
De nos acompanhar.

Vamo-nos embora  
Com o Espirito Santo,  
Estão á espera  
Por todo esse campo.

A nobre mordoma  
Tem a roupa armada,  
Esperando uma prenda  
Que é tão desejada.

A nobre familia  
Brinca no terreiro,  
Esp'rando uma prenda,  
Que é Deus verdadeiro.

*Ao chegarem a casa da mordoma :*

Senhora nobre mordoma,  
Já pode estar descansada,  
Que já tem na sua posse  
A prenda bem desejada.

**Hymno da Igreja (tradução)**

Canta-se nos terços do Espirito Santo

Vinde, Santo Espirito,  
Dos céos ajudae-nos ;  
E da vossa luz  
Um raio mandae-nos.

Vinde, pae dos pobres,  
Que os dons repartis,  
Luz dos corações,  
Que aos cegos luzis.

Vinde, Santo Espirito, etc.

Sois consolador,  
Benigno, excellente ;  
Sois de nossas almas  
Hospede decente.

Vinde, Santo Espirito, etc.

Doce refrigerio,  
Que abrandaes a calma;  
Com que o appetite  
Nos abraza a alma.

Vinde, Santo Espirito, etc.

Oh luz gloriosa,  
Que encher vos digneis

Os intimos peitos  
De vossos fieis.

Vinde, Santo Espirito, etc.

No trabalho sois  
Descanso seguro,  
Allivio no pranto  
Ao coração puro.

Vinde, Santo Espirito, etc.

Lavae o que está  
Sordido e manchado;  
Lavae o que tem  
A culpa secado.

Vinde, Santo Espirito, etc.

Dobrae o que é rijo,  
Que o frio aquentaes;  
P'ra o nosso desvio  
Vós bem nos guiaes.

Vinde, Santo Espirito, etc.

Sem vosso poder  
Nada e innocente;  
Nada tem o homem,  
Que é pobre e doente.

Vinde, Santo Espirito, etc.

Os vossos fieis  
Em Vós se esperancem;  
Dae-lhes os sete dons  
Que os céos lhes alcancem.

Vinde, Santo Espirito, etc.

Dae-lhes da virtude  
 O merecimento,  
 Dae-lhes de vos vêrem  
 O contentamento.

Vinde, Santo Espirito, etc.

### III

#### S. Lazaro (Norte Pequeno)

##### Folia

*Percorrendo a freguesia—Alvorada em domingo de Paschoa :*

Alvorada! alvorada!  
 Senhora da Conceição,  
 O vosso bendito Filho  
 Por nós soffreu morte e paixão.

Alvorada ' alvorada!  
 Senhora da Annunciada,  
 O vosso bendito Filho  
 Está na hostia consagrada.

A Virgem Nossa Senhora  
 Bem contente hade estar:  
 O seu Filho, que era morto,  
 Houve hoje o resuscitar.

*Na igreja depois da coroação :*

Está coroado e bem coroado  
 O nobre imperador,  
 Da mão do padre vigario,  
 E da de Nosso Senhor.

Olhae, vêde aquelle altar  
 Todo cercado de luz,  
 Onde está Nossa Senhora  
 E tambem o bom Jesus.



Meu rico senhor San Lazaro,  
Na vossa capella estou ;  
Deitae-me a vossa benção,  
Que sem ella me não vou.

Oh Virgem Nossa Senhora.  
A vossa capella cheira ;  
Cheira a cravos e a rosas,  
E a flôr de laranjeira.

*Em casa do mordomo :*

Está-se-nos pondo a mesa  
Que vós, Jesus, nos doastes ;  
E' este o manjar divino  
Que na terra abençoastes.

*A' sopa.* O manjar é de sopas.

Quem sôpas ha de comer  
Não nas deixe arrefecer.  
O manjar é de sôpas,  
Que a todos hão de valer.

(O mesmo para todos os guisados : O manjar é de carne, etc.)

*Vindo o tradicional cabrito.*

O manjar é de cabrito,  
E' de cabrito assado,  
D'assado parece frito,  
E de frito recheado.

No mais servem-se do cancioneiro profano.

## IV

**Cantilena no Bôdo aos convidados***Freguesia de Santa Catarina (CALHETA)*

A espiga é segredo,  
 Pois traz o pão escondido ;  
 Favorecei-me, senhores,  
 Que venho desfavorecido.

**Sôpa**

Que rica *sôpa* de vaca  
 Manda o nosso Imperador :  
 Assentae-vos, comei d'ella,  
 No prato tem bella côr.

**Carne**

—Gavião, gavilo,  
 Real gavilão,  
 Que trazes p'r'o jantar ?  
 «Trago carne e trago pão.

**Gallinha**

Minha gallinha pintada  
 Põe-me tres ovos ao dia ;  
 Se ella me puzera quatro  
 Melhor conta me faria.

**Vinho**

Eu indo e vindo  
 Por esse caminho,  
 Aguavam as meninas  
 Com agua e vinho.

Este vinho é bom vinho,  
 Que se dá na cêpa torta ;

A uns faz perder o tino,  
A outros errar a porta.

#### Agua

Maravilhosas vão as nuvens,  
Maravilhosas vão ;  
Claras aguas vão buscar,  
Maravilhosas vão ;  
Que as vão tomar ao mar,  
Maravilhosas vão.

#### Aguardente

Ora toma lo manjar, toma-lo,  
Ora toma lo manjar ;  
O manjar é da aguardente,  
Ora toma lo manjar :  
Quem a bebe fica contente,  
Ora toma lo manjar.

#### Fruta

Ahi vem a fruta nova,  
Fruta nova de Lisboa ;  
Para o serviço da Corôa  
Não ha coisinha mais boa.

#### Banana

Quem quizer comer banana  
Encoste-se á bananeira ;  
Vae comendo, vae gostando,  
Vae mettendo na algibeira.

*No fim, cantam :*

Deus vôl-o pague, senhores,  
A mercè, mai'l-o favor.  
O Senhor Espirito Santo  
Hade se'lo pagador,

A quem nos a nós fez isto,  
 A quem nos a nós fez tanto,  
 Pague-lo Deus, Deus lo pague,  
 Pague-lo o Espirito Santo.

## V

**Santo Antonio (Norte Grande)**

*Alvorada á porta da egreja (aos domingos):*

Deus vos salve, casa santa,  
 De Deus sois acompanhada,  
 Onde está o calix bento  
 E a hostia consagrada.  
 Os anjos vos acompanhém,  
 E acompauhem a noss'alma.

Nós vimos dar alvorada,  
 Hoje n'esta santa hora,  
 Ao senhor Santo Antonio,  
 E á Virgem Nossa Senhora.

Oh Virgem Nossa Senhora,  
 Tão resplandecente luz,  
 Só vós fostes escolhida  
 Para ser Mãe de Jesus.

Fostes a flôr escolhida  
 Para rainha das flôres:  
 Sois a estrella por Deus dada  
 Para norte aos peccadores.

Senhor santo Antonio novo,  
 Ha pouco vindo de fora,  
 E' que trouxe um novo manto  
 A' Virgem Nossa Senhora.

Oh Virgem Nossa Senhora,  
 Das flôres a flôr mais bella,

Sêde mãe e protectora  
Do orfão e da donzella.

*Em casa do Imperador :*

Nós vimos dar alvorada,  
Senhores, eu vol-a canto,  
Ao nobre imperador  
Do Divino Esp'rito Santo.

*Para a egreja :*

O Senhor Esp'rito Santo  
Vae na nossa companhia,  
A par d'elle vão os anjos  
E mais a Virgem Maria.

Oh Senhor Esp'rito Santo,  
Vinde aqui por esta praça,  
Vinde abençoar os campos  
Com vossa divina graça.

*Depois da coroação :*

Está coroado e bem coroado  
O nosso imperador,  
Está coroado, e bem coroado  
Das mãos de Nosso Senhor.

*A' porta do Imperador :*

A' vossa porta parou  
Quem havia de parar;  
O Divino Esp'rito Santo  
Podeil-o mandar entrar.

Esta casa está bem feita,  
Feita de canto a canto;  
Dentro d'ella está morando  
Quem serve o Esp'rito Santo.

O jantar é servido pelo alferes da bandeira, a quem chamam o *Cavalleiro*.

*A' mesa :*

O manjar é boa sôpa,  
Ora toma lo manjar,  
Vem com toda a perfeição  
Das mãos da senhora mordoma,  
Ora toma lo manjar.

O Cavalleiro não depõe na meza os guisados sem que a Folia termine a quadra seguinte :

Oh meu nobre cavalleiro,  
Haveis d'estar causadinho ;  
Ponde os pratos sobre a meza,  
Descansae um instantiubo.

*Terminando o jantar cantam :*

Deitae as ovelhas fóra,  
Que o sol vae declinando ;  
Deitae uma, deitae duas,  
Deitae-as todas em bando,  
Umás vão bem direitinhas,  
Outras vão cambaleando.

## VI

### Urzelina

*Com a Corôa para a egreja :*

Avè Maria de graça,  
Que eu vou para a egreja ;  
Vamos vêr Nossa Senhora,  
Nossa Senhora nos vêja.

Entrae, senhores, entrae,  
Por esse portão sagrado,

Visitar o Deus menino  
N'umas palhinhas deitado.

*Na egreja:*

Deus vos salve, casa santa,  
De Deus sois acompanhada,  
Onde está o calix bento  
E a hostia consagrada,

Olhae para aquelle altar,  
Ornado com nove rosas:  
Tres brancas e tres vermelhas,  
Tres amarellas cheirosas.

Oh Senhor Esp'rito Santo,  
Eu á vossa vista estou:  
Deitae-me a vossa bênção,  
Que eu sem ella me não vou.

A Virgem Nossa Senhora,  
Minha mãe, minha madrinha,  
Quando tira a sua ceia  
Faz a minha tijelinha.

Vamo-nos embora, amor,  
Mais pode a noite que o dia;  
Quem se deita a estas horas  
Levanta-se ao meio dia;

Os olhos do padre cura  
Mais os do padre vigario,  
São duas tochas accesas  
Que estão postas n'um sacrario.

Deitae as ovelhas fóra,  
Que o sol já vae raiando;  
Deitae uma, deitae duas,  
Deitae-as todas em bando.

*Ao sair do templo :*

Caminhava San José  
E a Virgem da Alegria,  
Iam para Nazareth  
Com Jesus em companhia.

San José e mais a Virgem  
Ambos vão pelas montanhas,  
A Virgem vae mui contente,  
Leva Jesus nas entranhas.

A pomba subiu ao céu  
Quinta feira d'Ascensão,  
Vae beijar e abraçar  
A Virgem da Conceição.

*No arraial :*

«D'onde vindes, cavalleiro?  
—Senhora, venho da guerra.  
«Vistes por lá meu marido?  
—Teu marido de lá era.

Não o vi, nem conheci,  
Dae-me os sinaes que elle leva ;  
«Com sua sella amarella,  
Seu cavallo branco leva ;

Na ponta da sua lança  
Leva bandeira de guerra,  
N'uma banda vae San Jorge,  
N'outra vae João Sem Terra.»

*Em casa do Imperador :*

Lá vem o Esp'rito Santo,  
Já lá vem á Ribeirinha ;  
Vem ajudar as mordomas  
A peneirar a farinha.



Lá vem o Esp'rito Santo,  
 Elle lá vem ao Ilheu ;  
 Traz a corôa na cabeça,  
 Que vem coroadado do céo

A Virgem Nossa Senhora,  
 Ella lá vem a correr ;  
 Vem ajudar as mordomas,  
 Que têm muito que fazer.

Oh Santissima Trindade,  
 Eu que vos hei de pedir ?  
 Salvação para a minha alma,  
 Graça para vos servir.

Esta casa está bem feita  
 Por dentro, por fóra não ;  
 Por dentro cravos e rosas,  
 Por fóra mangericão.

## VII

## Tôpo

Um dos quatro foliões leva arvorado o ramo, que vem a ser uma pyramide de massa sovada de forma original inferiormente ao ramo, e preza á mesma haste, vae a bandeira, semelharo uma vela de navio pendente de uma como carangueja. Além das domingos que vão da Paschoa á Trindade, festejam ainda o Espirito Santo na segunda e terça feira oitava do Pentecostes.

A'quellas domingos chamam os *domingos da Folia*, pelo costume que ainda existe de distribuirem os mordomos pelos circumstantes grandes fatias de pão, como uma reliquia.

O primeiro sinal da festa é dado pelos foliões, que dirigiudo-se a casa do mordomo, onde se acha a Corôa, cantam :

Esta rua cheira a cravo,  
 Cheira a rosa que rescende :  
 E' o manto da mordôma  
 Que na janella se estende.

*Em casa do mordomo :*

- O Divino Esp'rito Santo  
Seja em vossa companhia;  
Resurgiu o Rei da Gloria,  
Filho da Virgem Maria.

*Para a egreja :*

Ajunte-se a gente toda,  
Toda quanta está no campo,  
Para acompanhar a Coròa  
Do Divino Esp'rito Santo.

Lá vem o Esp'rito Santo,  
Elle lá vem ao Ilheu,  
Abanando c'ò seu lenço  
Dando á mão seu chapéo.

*Na egreja :*

Ao alferes da bandeira,  
Do estandarte real,  
Deus lhe dê sempre victoria  
Em reinos de Portugal.

*Regressando a casa do Impevador :*

Lá vem o Espirito Santo,  
Elle lá vem á Relvinha;  
Vem ajudar as mordomas,  
Vem em traje de pombinha.

A C'roa do Espirito Santo,  
Ella está muito contente;  
Está dando a sua graça  
A este arraial de gente.

*A's esmolas :*

Divino Espirito Santo,  
Divino e celestial,  
Descestes do céo á terra  
A fazer mesa real.

Quem servir o Espirito Santo  
Sirva-o de boa vontade,  
Que é uma das tres Pessoas  
Da Santissima Trindade.

A C'roa do Espirito Santo  
Está ella muito alegre ;  
Está dando a sua graça  
Ao devoto que a serve.

*Serviço da Coróa no Imperio :*

Acceitae este presente  
Enfeitadinho c'um cravo ;  
    Ai lé, ai lé,  
Toma lo manjar  
    Ai lé, ai lé,  
Que manda o senhor mordomo  
Ao nobre padre vigario ;  
    Ai lé, ai lé,  
Toma lo manjar  
    Ai lé, ai lé.

Acceitae este presente  
Ornadinho de verdura ; etc.

Que manda o nobre mordomo  
Ao reverendo padre cura,  
    Etc , etc.

Seguimos os cavalleiros,  
Cavalleiros em real,

Que andam a servir a Corôa  
Em reinos de Portugal.

Indo os cavalleiros ás casas distribuir o doce, e demorando-se, os foliões, que ficam sempre á porta da rua, convidam aquelles a sair, cantando :

Saí, saí, cavalleiros,  
Viva toda a bizzarria ;  
Deixae agora a conversa,  
Deixae-a p'ra outro dia.

Saí, saí, cavalleiros,  
Que já me estaes a tardar ;  
Saí, saí lá de dentro,  
Deixae-vos de namorar.

Não ha festa mais alegre  
Do que a do Espirito Santo ;  
Tocam-se caixas de guerra,  
São bandeiras a campo.

## VIII

## Rosaes

## Distribuição das esmolos

Eu quero agora cantar,  
Cantar com fé e amor :  
Vae repartir as esmolos  
O mui nobre imperador.

Oh mui nobre imperador,  
Ponde os joelhos no chão ;  
Quereis as esmolos no céu ?  
Dae-as de bom coração.

Oh senhor imperador,  
Hoje, com grande alegria,

Tomae o Espirito Santo  
Para a vossa companhia.

O Divino Espirito Santo  
Está hoje aqui bem alegre,  
Enchendo com sua graça  
O devoto que o serve.

Oh meu nobre imperador,  
Aqui estão os pobres juntos ;  
Dae-as de bom coração  
Por alma dos vossos defuntos.

Dae-as por vossos defuntos  
Hoje, aqui, n'este logar ;  
Dae-as com a mão direita,  
Que Deus as ha de aceitar.

Deus é pae de misericordia,  
E autor da natureza  
De certo as ha de aceitar  
Na sua sagrada mesa.

O seu Divino Espirito,  
Amor que a todos consola,  
Aos que têm bom coração  
Tudo acceita como esmola.

Muito illustre imperador,  
Assim mesmo é que convem :  
Dae-as com fé, e fé viva  
Por alma de pae e mãe.

Muito nobre imperador,  
Quem faz bem não se arrepende ;  
Quem dá esmolas aos pobres  
Uma luz no céo accende.

Deus vo'lo pague, senhor,  
Acabaes de fazer bem :  
Deus vos dê muita saude  
E muito que dar tambem.

*Para a egreja :*

Caminharam San José  
Mais a Virgem da Alegria,  
Indo para Nazareth  
Levando Jesus por guia.

Vamos na nossa jornada  
Caminhando para a egreja,  
Vamos vêr Nossa Senhora,  
Nossa Senhora nos véja.

*Na egreja :*

Deus vos salve, casa santa  
Dos anjos acompanhada,  
Onde está o calix bento  
E a hostia consagrada.

Minha Virgem do Rosario,  
Voltae para nós o rôsto,  
Quero ir p'ra Soledade,  
Minha Virgem, estar convosco.

Olhae para aquelle altar,  
Vereis arvorada a cruz,  
E tambem o calix bento,  
Corpo e sangue de Jesus.

Deus vos salve, Mãe de Deus,  
Que n'esse altar estaes exposta :  
Deus vos salve, mãe de graça  
De quem minh'alma tanto gosta.

Deante de vós, Senhora,  
Estamos á nossa vontade,  
Louvando as tres Pessoas  
Da Santissima Trindade.

Deus vos salve. casa santa,  
Onde está Nossa Senhora,  
D'onde sáe todo o remedio  
P'ra quem triste soffre e chora.

Prostremo-nos todos por terra,  
Bem firmes em nossa fé,  
E louvemos todos juntos,  
Jesus, Maria e José.

*A' mesa :*

Agora quero cantar  
Vida do amor primeiro,  
Está em nossa companhia  
O mui nobre cavalleiro.

Ponde a mesa, cavalleiro,  
Com fé e com devoção;  
Servi o Espirito Santo  
Sempre com bom coração.

Depois da mesa estar posta,  
Bem me estaes a entender,  
Ide lá dentro á cozinha,  
Trazei de lá que comer.

Andae, andae, cavalleiro,  
No mais fraco quebra a linha,  
Procurae as nobres mordomas  
Para a banda da cozinha.

Muito é o que Deus cria,  
Esperem que hão de ver.

Já cá estão fóra na sala  
Sôpas p'ra gente comer.

Oh mui nobre cavalleiro,  
Cada um dá do que tem;  
Dizei-me se essas sôpas  
Vão remettidas a alguem.

Quem pode agora saber  
Segredos de um relicario;  
Talvez que essas sôpas sejam  
P'r'o senhor padre Vigario;

Talvez que vão offerecidas,  
Com um raminho de verdura,  
Ao senhor padre Vigario,  
Mais ao senhor padre Cura.

Oh meu nobre cavalleiro,  
Ouça bem o meu cantar,  
Em louvor do Espirito Santo  
Já as podeis entregar.

Agora quero cantar,  
Toca não toca na lousa;  
Andae, andae, cavalleiro,  
Trazei mais alguma cousa.

Eu quero agora cantar,  
Por dentro todas são ôcas;  
Segundo a mim me parece  
O presente são mais sôpas.

Lá d'esse caes do Faial  
Ellas vêm a offerecer  
A esta mesa real.

Estão as sôpas offerecidas  
Com toda a boa vontade,



P'r'os, senhores repartirem  
Por toda a sociedade.

Já se comeram as sôpas,  
Troquei o cobre por prata,  
Andae, andae, cavalleiro,  
Trazei-nos carne de vaca.

Oh senhor pãdre Vigario  
Vida do amor primeiro,  
Acceitae vós o presente  
Pela mão do cavalleiro.

Lá da ilha do Faial  
Mandam as nobres mordomas  
A esta meza real.

Cavalleiro, a taes horas  
Dou-vos o meu coração,  
Temos a carne na mesa,  
Trazei-nos agora o pão.

Temos carne e pão na mesa,  
Até pasmo e perco o tino,  
Só nos falta, cavalleiro,  
Fracos, garrafas de vinho.

Oh meu nobre cavalleiro,  
A vossa ausencia me mata;  
Andae, andae, cavalleiro,  
Trazei-nos agora aleatra.

Minha Virgem do Rosario,  
Minha mãe, minha madrinha,  
Andae, andae, cavalleiro,  
Trazei-nos uma gallinha.

Chegastes com a gallinha,  
A' pressa, não com vagar,

Em louvor do Espirito Santo  
Já a podeis entregar.

Oh que boa que ella vem,  
Não me chamem mariola,  
Acreditem, meus senhores,  
Ella cheira que consola.

Oh meu nobre cavalleiro,  
Quem não tem. que ha de fazer?  
Dae-me lá um sinalsinho  
Se trazeis mais que comer.

Meu illustre cavalleiro,  
A pomba no ár não pouosa,  
Vindes tão carregadinho,  
Trazeis mais alguma cousa.

Ouvi bem o meu cantar,  
Em louvor do Espirito Santo;  
Já o podeis entregar,  
Oh entregar... oh! oh!...

Quero agora cantar,  
Fico-vos muito obrigado;  
O Senhor Espirito Santo  
De tudo vos dará pago.

Desculpem-nos, meus senhores,  
N'isso nos fazem esmola,  
Merece ser desculpado  
Quem não teve outra escola.

Merece ser desculpado,  
Digo esta por demais,  
Assim cantam os foliões  
D'este logar dos Rosaes.

**Festa do Divino**

*(Versão do Estado do Rio—BRASIL.)*

Dae esmola ao Divino  
Com prazer e alegria ;  
Reparae, que esta bandeira  
E' da vossa freguezia.

Oh senhor dono da casa,  
Recebei esta bandeira,  
Faça favor de entregal-a  
A quem tem por companheira.

A bandeira aqui chegou,  
Um favor quer merecer ;  
Uma chicara de café  
Para os foliões beber.

O Divino entra contente  
Nas casas mais pobresinhas ;  
Toda a esmola elle recebe,  
Frangos, perús e gallinhas.

O Divino é mui rico,  
Tem brazões e tem riqueza ;  
Mas quer fazer sua festa  
Com esmolas da pobreza.

O Divino Espirito Santo  
E' um grande folião,  
Amigo de muita carne,  
Muito vinho e muito pão.

Meu Divino Espirito Santo,  
Divino e celestial,

Vós na terra sois Pombinha,  
No céu pessoa real.

A Pombinha vae voando ;  
A lua a cobriu de um véo,  
O Divino Espirito Santo  
Pois assim desceu do céu.

O Divino pede esmolas,  
Mas não é por carecer,  
Pede, para exp'imentar  
Quem seu devoto quer ser.

Andamos de porta em porta  
De todos os moradores,  
P'ra festejar o Divino,  
Cobril-o todo de flores.

O Divino Espirito Santo  
Hoje vos vem visitar,  
Vem pedir-vos uma esmola,  
P'ra seu Imperio enfeitar.

O Divino Espirito Santo  
E' pobre, não tem dinheiro ;  
Quer lorrar o seu Imperio  
Com folhas de cajueiro.

Rua abaixo, rua acima,  
Ruas de canto a canto ;  
Rua que por ella passa  
O Divino Espirito Santo.

## Santo Antonio

(*Versão de Loulé* — ALGARVE)

A treze do mez de junho  
Santo Antonio se demove,  
San João a vinte e quatro,  
E San Pedro a vinte e nove.

Santo Antonio leve Antonio,  
E o Santo me leva a mim,  
Lá para o Reino da Gloria  
Por muitos seculos sem fim.

Oh môças, andem ligeiras,  
Vão pedir a Santo Antonio  
Que as ponha todas em linha  
No livro do matrimonio.

Santo Antonio Santo Antonio,  
A's môças estende a mão;  
Corram môças, vão depressa,  
Façam-lhe uma petição.

San Gonçalo casa as velhas,  
Santo Antonio as raparigas;  
Cantae, môças, ao santinho  
As vossas bellas cantigas.

Santo Antonio brincalhão,  
Segundo as vozes antigas,  
Depois de beijar as môças,  
Rompiam-lhes as vasilhas;  
Dava as velhas a Gonçalo  
E beijava as raparigas.

Festejemos Santo Antonio,  
Que se nos vae acabando;

Sabe Deus quem chegará  
D'este Antonio a um anno.

Oh môças, se querem noivos  
Vão esta noite á ribeira,  
Que os môços, em louvor ao santo,  
Vão armar uma fogueira.

Santo Antonio aviva os mortos,  
E dá saude aos doentes;  
Não é muito que despache  
Mil sadios pretendentes.

No altar de Santo Antonio  
Está um vaso de sucênas,  
D'onde vão as namoradas  
Alliviar as suas penas.

Santo Antonio anda aos figos,  
E tambem ás alfarrôbas;  
Queira Deus que não rebente,  
Ainda que é cousa pouca.

Santo Antonio é bregeiro  
E alguma cousa mais;  
Faz chorar as raparigas  
E andar sempre aos ais.

Santo Antonio com ser santo  
Pancada deve levar,  
Por não fazer o milagre  
P'ra as raparigas casar.

Santo Antonio nunca andava  
De cavalga pela estrada;  
Olha o que elle te faria  
Se te visse descuidada.

(Versão de Elvas — ALEMTEJO)

Santo Antonio de Lisboa,  
A' porta do seu convento,  
Está á mesa do auditorio  
Tratando o meu casamento.

Santo Antonio de Lisboa,  
Venha vêr o que cá vae;  
Deu a rabugem nos homens  
Como dá nos animaes.

Santo Antonio de Lisboa,  
Espelho de Portugal,  
Ajudae-nos a vencer  
Esta batalha real.

Santo Antonio de Lisboa  
Não quer que lhe chamem santo.  
Quer que lhe chamem Antonio,  
General, Mar'chal do Campo.

Santo Antonio de Lisboa,  
Casamenteiro das velhas.  
Porque não casaes as novas?  
Que mal vos fizeram ellas?

Santo Antonio de Lisboa  
Foi um grande maganão;  
Quebrava as bilhas ás môças,  
Fazia-as cahir no chão.

Santo Antonio de Lisboa,  
Casae-me, que bem podeis,  
Que eu já trago o coração  
No estado em que sabeis.

Santo Antonio de Lisboa,  
Casamenteiro das môças,

Que casadas deixas muitas  
E solteiras deixas poucas.

Santo Antonio do Convento  
Não tem velas no altar;  
Heide-me casar este anno,  
Heide-lh'as mandar prantar.

Santo Antonio me acenou  
De cima do seu altar;  
Olha o marôto do santo,  
Que tambem quer namorar!

Santo Antonio leve Antonio,  
Antonio me leva a mim;  
Os anjos do céo me guardam  
A terra em que eu nasci.

Santo Antonio já foi frade.  
Já foi frade. já prègou;  
Ao pedir Avé-Marias,  
Seu pae da fôrca livrou.

Santo Antonio é meu pae,  
San Francisco meu irmão,  
Os anjos são meus parentes;  
Oh que santa geração.

Santo Antonio com ser santo  
Foi sempre um grande gaiato!  
Foi á fonte com tres môças.  
Recolheu, trazia quatro.

Santo Antonio vae aos cravos,  
San João mette p'ra cèsta,  
A Virgem faz a capella  
P'ra Christo pôr na cabeça.



Oh meu padre Santo Antonio,  
Que lá estás n'essas alturas,  
Estás todo cheio de cravos  
Dos pés até á cintura.

No altar de Santo Antonio  
Está uma cerejeira;  
Quem será a venturosa  
Que colherá a primeira!

Oh meu padre Santo Antonio,  
Oh meu santinho de Deus,  
Na noite do vosso dia  
Se queimaram os Judeus.

Oh meu padre Santo Antonio,  
Vestidinho de estamemha;  
A quem Deus quer ajudar,  
O vento lhe a ajunta a lenha.

Meu querido Santo Antonio,  
Acompanhae os perdidos,  
Acompanhae o meu amor  
Quando vem fallar commigo.

Meu querido Santo Antonio,  
Que estaes no meio dos matos;  
Por amor dos mexericos  
Se desmancham os contractos.

Santo Antonio das Cabanas  
Tem uma pipa no monte;  
As mulheres bebem vinho,  
Os homens agua da fonte.

Santo Antonio vende pèras,  
Vende pèras a vintem,  
Lá irá o meu menino,  
Santinho, avivae o bem.

*(Versão de Thomar e Torres Novas)*

O Santo Antonio é môço,  
O Santo Antonio é frade,  
Para casar raparigas  
Elle tem a habilidade.

Santo Antonio é a treze,  
San Pedro a vinte e nove,  
San João a vinte e quatro  
Por ser a festa mais nobre.

Santo Antonio bate á porta.  
San João vae vêr quem é;  
E' um ranchinho da Murta  
Que vae para a Nazareth.

Oh meu Sant'antoninho,  
Não me queres casar?  
Pois não te pôrei corôa  
Quando o teu throno armar.

Quando tu fôres velha,  
Põe-te ao fogo, ficas nova;  
Que o mesmo faz Santo Antonio  
Quando eu queimo uma alcachofra.

Meu Santo Antonio,  
Quero-te adorar.  
Que os meus amores  
Vão-me a deixar.

Na noite de Santo Antonio  
Vae haver festa de arromba;  
Já cá tenho duas bichas,  
Tras foguetes e uma bomba.

(Versão de Lisboa)

Na noite de Santo Antonio  
 Não me quero ir deitar,  
 Que Santo Antonio anda á espreita  
 Das môças que *hadem* casar.

Cuidado com o Santo,  
 Oh raparigas!  
 Que vae á fonte  
 Quebrar-vos as bilhas.

Quando fôres velha,  
 Deita-te ao fogo.  
 Que a minba alcachofra  
 Floresce-lhe a corôa.

Santo Antonio, á fonte,  
 Olha que velhaco!  
 Foi com tres  
 E trouxe quatro.

Santo Antonio larga trêtas  
 Para os peixinhos ouvir;  
 Eu digo verdades só,  
 E tu pegas a fugir.

Santo Antonio falla aos peixes,  
 Elles vem-no escutar já:  
 Eu fallo, tu não me escutas?  
 Santo Antonio te dirá.

Santo Antonio falla aos peixes,  
 Elles vem-no escutar;  
 Eu fallo e tu abalas,  
 Com tres cães hasde casar.

Fôram os peixes ao fundo,  
 Olhae se os vêdes;

Falla-lhe Santo Antonio,  
Botam-se as rêdes

Vou ao mar buscar pescado,  
Que a onda não está brava ;  
Trago-o todo ao Santo Antonio,  
Que é quem d'antes lhes fallava.

Santo Antonio é bom Santo,  
Que livrou o pae da morte ;  
Tambem nos hade livrar  
D'esta batalha tão forte.

Santo Antonio é nosso amigo,  
Elle é nosso protector ;  
Hade-nos levar p'ra gloria  
Em cima de um andor.

O sol quando nasce é rei,  
Quando se põe é morgado ;  
E ao dia de Santo Antonio  
Queima a lombeira ao gado.

Santo Antonio não é pobre.  
Santo Antonio não é rico ;  
Santo Antonio vende um cravo  
P'ra comprar o manjarico.

Oh môças, cantae cantigas,  
Oh môças, *digae* farçadas ;  
Ali vem o Santo Antonio,  
Estaes aqui estaes casadas.

Oh meu rico Santo Antonio,  
Outra vez te apagarei ;  
Pois casaste-me com um velho  
E eu já enviuei.

Oh meu rico Santo Antonio,  
Outra vez te vou pegar;  
Se me casares agora,  
Não me deixes enfiuar.

Santo Antonio com ser santo,  
Tambem teve os seus amores;  
Quando os santos namoricam,  
Que farão os peccadores!

Na noite de Santo Antonio  
Muita pancada levei,  
Por via de uma alcachofra  
Que por ti, meu bem, queimei.

Eu pedi a Santo Antonio  
Para que pedisse a Deus,  
Que me casasse contigo  
Ou me levasse p'ra os céos

Oh meu rico Santo Antonio  
Rogae ao vosso Menino,  
Que faça mudar depressa  
Este meu cruel destino.

Casa-me, meu Santo Antonio,  
Já que és tão milagreiro;  
Conhecido em toda a parte  
Por grande casamenteiro.

Santo Antonio tinha fallas  
Para o povo convencer;  
Quando tu vens escutar-me  
Quizera taes fallas ter.

O dia treze de Junho  
Vou comprar um manjarico;

Se quizeres comprar outro  
Vem d'ahi á praça commigo.

Santo Antonio foi aos mouros  
E nenhum lá lhe fez mal;  
Eu fui pedir-te uma cousa,  
Destes-me com o avental.

Cantam os gallos ao longe,  
O sol vae quasi a nascer;  
E' dia de Santo Antonio,  
Vou á praça, heide-te ver.

Santo Antonio, Santo Antonio,  
Eu não tenho namorado;  
Se eu cá morro de palmito,  
Vós é que sois o culpado.

No dia dia de Santo Antonio  
Heide comprar uma flôr,  
Para ir plantar nas abas  
Do chapéo do meu amor.

Santo Antonio é santo,  
Ninguem o duvide;  
A parreira sécca  
Faz florir na vide.

San João e Santo Antonio  
Ambos têm no céu cadeira;  
Santo Antonio leva a chave,  
E San João a bandeira.

*(Versão extremenha)*

No altar de Santo Antonio  
Até ao de San Francisco,  
Tudo são cravos e rosas  
Postos pela mão de Christo.

Oh meu padre Santo Antonio,  
Companheiro do Senhor,  
E's o palmito das môças,  
E do céu o resplendor.

Oh meu padre Santo Antonio,  
Vou-lhe pedir um milagre,  
Que case as suas devotas,  
Se é da sua vontade.

Tem Santo Antonio um Menino.  
Não porque seja casado ;  
Foi um menino que achou  
Nas ondas do mar salgado.

Indo eu para Santo Antonio,  
Encontrei-o no caminho,  
N'uma mão levava a cruz,  
E na outra o seu Menino.

—Onde estará Santo Antonio,  
Que não está em sua igreja ?  
«Anda de monte a monte  
Para vêr quem o festeja

—Onde estará Santo Antonio ?  
Onde estará, onde iria ?  
«Foi a pular as fogueiras  
Que se acendem no seu dia.

Santo Antonio é bom santo,  
Que livrou seu pae de arganos ;  
Tambem nos hade livrar  
Do poder dos Castelhanos.

(Versão da ilha de S. Jorge — AÇORES)

Santo Antonio já foi santo,  
Agora é marinheiro ;

Bem pudera Santo Antonio  
Dar-me um saco de dinheiro.

Santo Antonio já foi frade,  
Agora é marinheiro,  
Quem me dera ir com elle,  
Para o Rio de Janeiro.

Hoje se acaba a galéra,  
A' manhã se deita ao mar,  
Santo Antonio é o piloto,  
Quem quizer vá embarcar.

Santo Antonio vae na barca,  
Na barca com seus amores,  
Leva vinte e quatro remos,  
Outros tantos remadores.

Lá vem Santo Antonio  
Pela barra fóra,  
Com uma mão no leme,  
Outra na viola.

C'uma mão no leme  
Para navegar,  
Outra na viola,  
Não lhe caia ao mar.

Santo Antonio novo,  
Pouco ha vindo de fóra,  
Trouxe um novo manto  
A Nossa Senhora.

Santo Antonio é bom filho,  
Que livrou seu pae da morte;  
Oh que tão ditoso pae,  
Ter um filho de tal sorte!



Santo Antonio, que livrastes  
Da fôrca a vosso pae.  
De quem perdeu a vergonha,  
N'este mundo, nos livrae.



### San João

*(Versão de Lisboa)*

Levantaram-se as tres Marias  
Na noite de San João,  
Fôram vêr se o cra' o brauco  
Estava aberto ou não;  
Acharam-no fechadinho  
E pozeram-se a chorar;  
Disseram umas p'ras outras:  
«Não havemos de casar!  
Casaremos, não casaremos,  
San João festejaremos.

—Oh meu rico San João,  
Quem vos metteu entre flores?  
«Foram as donzellinhas,  
Que não tem outros amores.

—Oh meu rico San João,  
Quem vos metteu entre cravos?  
«Fôram as môças donzellas,  
Que não tem outros cuidados.

—Oh meu rico San João,  
Quem vos metteu entre rosas?  
«Foram as môças donzellas,  
Que são muito cuidadasas.

—Oh meu rico San João,  
Que tendes na mão, que luz?

«São petições das donzellas,  
Despachadas por Jesus.

—Oh meu rico San João,  
Que tendes na mão fechada?  
«E' a petição das donzellas,  
Que ainda não está despachada

Oh meu rico San João,  
Meu rico San Joãosinho,  
Haveis de ser meu compadre  
Do meu primeiro menino.

Na noite de San João  
E' o tomar dos amores,  
Que dá o damo á dama  
Um raminho de flores.

Abaixae-vos cavalheiros,  
Com os ramos para o chão;  
Deixae passar os romeiros  
Que vão para San João.

Até os mouros na Mourana  
Festejam o San João!  
Correm cavallos e touros  
Com canas verdes na mão;  
Quando os mouros o festejam,  
Que fará quem é christão?

O San João chora, chora  
Lagrimas de pràta fina,  
Que lhe fugiu um cordeiro  
Por aquella serra acima.

No altar de San João  
Nasceu uma cerejeira;  
Ditosa da donzellinha  
Que lhe colher a primeira.

Vamos raparigas todas  
Ao rosmaninho que cheira,  
Na noite de San João  
A fazer uma fogueira.

Vamos, raparigas, todas  
Tomar as ondas do mar :  
Que o San João é bom santo,  
Do perigo hade-nos livrar.

Lá vem San João á barra,  
Com trinta e cinco donzellas ;  
Embarca, não desembarca,  
San João no meio d'ellas.

San João leva a seu lado  
Mais de vinte cinco viúvas ;  
A desembarcar tal tropa  
San João perdeu as luvas.

San João perdeu a capa  
No caminho do jardim ;  
Juntaram-se as môças todas  
Fizeram uma de setim.

O San João prometteu  
De dar capella ás solteiras,  
De cravos e mais de rosas,  
E de celindras vermelhas

O San João prometteu  
De dar capella ás casadas  
De cravos e mais de rosas  
De celindras encarnatas.

San João adormeceu  
Entre os braços de Maria ;

Acorda, João, acorda,  
Que amanhã é o teu dia.

O San João adormeceu,  
Aos tres dias acordou ;  
Acorda, João, acorda,  
Que o teu dia já passou.

—D'onde vindes, San João.  
Pela manhã, sem chapéo ?  
«Venho de vêr as fogueiras  
Que se apagaram no céo.

—D'onde vindes, San João,  
Que vindes tão orvalhado ?  
«Venho de batizar Christo,  
Christo ficou batizado.

—D'onde vindes, San João.  
Tão bem cheirae a marcella ?  
«Venho do rio Jordão,  
De fazer uma capella.

—D'onde vindes, San João,  
Com uma capa de chita ?  
«Venho de vêr as fogueiras  
Da senhora Santa Rita.

Fui á porta do Baptista  
Perguntar por meus amores ;  
Lá de dentro me atiraram  
Com uma capella de flôres

San João á minha porta,  
Eu não tenho que lhe dar ;  
Vou dar-lhe uma cana verde  
Para pôr no seu altar.

San João á minha porta  
 Eu heide-lhe dar cadeira;  
 Que elle vem salvar as almas,  
 E a minha é a primeira

San João, por vêr as môças,  
 Fez uma fonte de prata;  
 As môças não vão á fonte,  
 San João todo se mata.

San João, era bom santo,  
 Se não fosse tão garôto;  
 Fui á fonte com tres môças,  
 A' vinda veiu com oito.

Na noite de San João  
 Bem tolo é quem se deita,  
 P'ra tomar as orvalhadas  
 No campo de Cedofeita.

Orvalhadas,  
 Minhas orvalhadas;  
 Viva o rancho  
 Das mulheres casadas!

Orvalhadas  
 Minhas orvalheiras;  
 Viva o rancho  
 Das mulheres solteiras!

Orvalhadas,  
 Minhas orvalhudas;  
 Viva o rancho  
 Das mulheres viúvas!

— Que é aquilo  
 Que no céo branqueja?  
 «E' o San João  
 Na sua egreja.

Vinde vêr o San João  
 Como está aceado!  
 Vestido á realista,  
 Seu carneiro ao lado.

San João é pobre,  
 Precisa calções;  
 Dêem-lhe o pano,  
 Eu pôrei os botões.

—San João de barba dourada,  
 Onde dormistes a madrugada?  
 «Dormi n'aquella horta,  
 E acordei com estas cachôpas.

San João, elle vae, elle vem;  
 Minha mãe por casar me tem!  
 Se eu ao outro San João chegar,  
 Solteirinha não heide ficar.

Ali vem o Evangelista  
 Por entre os olivães.  
 —Vae-te embora, Evangelista,  
 Que o Baptista pode mais,

— ● —

### Manhanas de San João

(*Versão de Vinhaes — TRAZ-OS-MONTES*)

Manhanas de San João,  
 Pelas manhãs do alvor,  
 Todos os creados vão  
 Visitar o seu senhor;  
 Só eu sou triste coitado  
 Que estou n'esta prisão;  
 Não sei quando é o dia  
 Nem quando arreia o sol,  
 Se não são tres passarinhos,  
 Que me cantam no alvor:

Um era a calhandrinha,  
 Outro era o rouxinol,  
 Outro era o pintasilgo,  
 Que ainda canta melhor.

*(Versão de Coimbra)*

O San João do Piolho  
 Fica perto do Mondego;  
 Heide lá ir este anno  
 Pedir que me case cedo.

Heide ir ao San João,  
 Ao San João do Piolho,  
 C'um prato de bacalhau  
 Outro de feijão de mólho.

O San João do Piolho  
 Fica perto da cidade;  
 Heide lá ir no seu dia  
 Que d'isso tenho vontade.

●

### San João

*(Versão do Alemtejo)*

Ali vem as tres Marias,  
 Na noite de San João,  
 A ver se as alcachofras  
 Estão floridas ou não ;

Ellas não estão floridas,  
 Ellas põem-se a chorar,  
 Dizem umas para as outras :  
 San João não nos quer casar.

Já tenho a vista cansada,  
 De tanto olhar p'ra limão,

A vêr se elle florece  
Na noite de San João.

Na noite de San João  
Muita pancada levei,  
Por causa de uma alcachofra  
Que p'r'o amor deitei.

Na noite de S. João  
Se exp'rimentam os amantes.  
Heide exp'rimentar o meu,  
Vêr se é firme como d'antes.

Na noite de San João  
P'ra bailar fui convidado;  
Mas apenas tirei par  
Eu fui logo criticado.

Na noite de S. João  
Me quer fallar não sei quem ;  
E' escusado ateimarem,  
Que eu não deixo o meu bem.

A noite de S. João  
E' uma noite do céu ;  
Pedi a dama ao damo  
Agua pelo seu chapéu.

Eu heide ir a San João.  
Com a viola e pandeiro;  
Se achar as portas fechadas  
Heide bailar no terreiro,

— Ora, viva,  
Lá no mastro,  
San João é  
O meu padrasto.

Eu heide ir a San João  
A levar-lhe nove rosas,



Tres brancas, tres amarellas,  
Tres encarnadas, formosas.

Isso sim, •  
Capella, capella;  
San João  
Casae as donzellas.

Eu heide ir a San João  
Cobrir a cara com um véo,  
No dia do vosso nome  
Subiu o Senhor ao céo.

Eu pedi a San João  
Que me desse um bom marido;  
San João me respondeu :  
Não penses em tal perigo.

San João, quando entrou,  
Quando entrou á porta falsa,  
Perguntou ao seu alferes  
Se havia trigo na praça.

San João, quando entrou  
Pelas portas da carreira,  
Perguntou ao seu alferes  
Se havia trigo na eira.

San João, quando se foi,  
Todas as arvores deixou,  
Só o trêvo de quatro folhas  
Esse comsigo levou.

San João, casae-me cedo,  
Dae-me casas de sobrado,  
Para recolher o trigo  
No dia do meu noivado.

San João, casae as môças,  
Que vós, santo, bem podeis ;

Casacas de quinze annos,  
Que vão para os dezeseis.

San João, por vêr as môças,  
Fez uma ponte de cortiça;  
As môças não vão á ponte,  
San João todo se riça.

San João á minha porta,  
Eu não tenho que lhe dar,  
Dou-lhe uma caninha verde.  
Para pôr no seu altar.

San João á minha porta,  
Eu não tenho que lhe dar,  
*Darei* lhe uma cadeirinha,  
Para se elle aqui sentar.

San João perdeu a capa  
No caminho do jardim;  
Ajuntem-se as môças todas,  
Façam-lhe uma de setim.

San João perdeu a capa  
No caminho do estudo,  
Ajuntem-se as môças todas,  
Façam-lhe uma de velludo.

San João era bem môço,  
Se não fosse tão velhaco;  
Foi com tres môças á fonte,  
Foi com tres e veiu com quatro.

San João me prometteu  
De me dar uma capella;  
Eu tambem lhe prometti  
Toda a vida ser donzella.

San João me prometteu  
Uma capella me dar,

Eu tambem lhe prometti  
Ser solteira... até casar.

San João me prometteu  
De me dar um bom marido,  
Quando está o trigo em grão.  
E o limoeiro florido.

San João me prometteu  
De me dar um bom marido,  
Minha mãe me respondeu:  
Se o limão estiver florido.

San João se adormeceu  
Nos braços de sua tia;  
Acorda, San João, acorda,  
A' manhã é o teu dia.

San João se adormeceu  
Nas escadinhas do côro,  
Deram as freiras com elle,  
Depenicaram-no todo.

San João se adormeceu  
Nas escadas do collegio;  
A justiça não deu com elle,  
San João tem privilegio.

San João se adormeceu  
Nas escadas do collegio,  
E acordou aos tres dias,  
San João tem privilegio.

Desperta João, desperta,  
Que já chegou o teu dia;  
Vem vêr como te festejam  
Com prazer e alegria.

Se San João bem soubera  
Quando era o seu dia,

Viria do eó á terra,  
Com prazer e alegria.

Se San João me não casa  
Por todo o anno que vem,  
Heide-me ir á sua porta  
Gritar — Aqui d'el-rei.

Ai lé,  
Laranja, laranja;  
Quem não tem amores,  
Fraca vida arranja.

Se lá no céo Deus faltara,  
Coisa fôra nunca vista;  
Em logar de Deus, no céo  
Governaria o Baptista.

—Ai lé,  
Cadeia, cadeia;  
Não me bata-o pé.  
Que me *estrala* a meia.

Oh Baptista, sois ourives,  
Dae-me uma chave doirada;  
Abri-me as portas do céo,  
Que eu quero fazer jornada.

— Ai lé,  
Eu heide ir, heide ir  
Jurar a verdade,  
Que eu não sei mentir.

Quero cantar e bailar,  
Divertir-me a todo o pano;  
Quem sabe quem chegará  
D'este Baptista a um anno.

Além vêm os corcovados,  
Cada um com sua invenção,

A fazêrem uma festa  
Ao Baptista San João.

— Oh Elvas, oh Elvas,  
Badajoz á vista,  
Já não faz milagres  
San João Baptista.

Já não ha frade, nem freira,  
Nem orgão, nem organista,  
Nem santo mais festejado.  
Que o nosso San João Baptista.

Festejemos o Baptista,  
Que já se vae acabando;  
Sabe Deus quem chegará  
D'este Baptista a um anno.

Festejemos o Baptista.  
Que já se vae acabando;  
O Baptista vae e vem.  
Nós vamos e não voltamos.

San João de Portalegre  
Não tem velas no altar;  
Casae-me, santo, casae-me,  
Que eu t'as irei levar.

Estas é que são as saias,  
Estas mesmo é que são,  
São cantadas e bailadas  
Na noite de San João;

De roda d'aquelle mastro  
Foi a minha perdição  
Perdi um annel de oiro,  
Na noite de San João;

Não é pelo annel que eu choro,  
Mas sim pelo que dirão:

Dirão que sou uma perdida,  
Perco tudo o que me dão.

Meninas, enfeitae o mastro  
Com fitinhas encarnadas,  
Para quem passar dizer :  
Olha o mastro das casadas,

Onde estará o Baptista?  
Elle não está na egreja,  
Anda de mastro em mastro  
Para vêr quem no festeja.

Quem quizer vêr maravilhas  
Vá ao rio de Jordão;  
Lá está Christo de joelhos,  
Baptizando San João.

San João baptiza a Christo,  
Christo baptiza a João,  
Ambos foram baptizados  
Com agua do rio Jordão.

—D'onde vindes, oh Baptista,  
D'onde vindes orvalhado?  
«Venho do rio Jordão,  
De fazer um baptizado.

—D'onde vindes, oh Baptista,  
Pela calma, sem chapéo?  
«Venho de vêr as fogueiras,  
Que chegam até ao céo,

Além vem o Baptista abaixo,  
Comendo n'um cacho de uvas,  
Dando os bagos ás solteiras,  
Os engaços ás viúvas.

O Baptista já vem perto,  
Vem chegando ao Rocio,

Procurando aos inquilinos  
Se pagam ao senhorio.

Lá vem o Baptista abaixo,  
Vestidinho de amarello;  
Se é casado, vá-se embora,  
Se é solteiro, cá o quero,

Lá vem o Baptista abaixo,  
Vestido de azul ferrete;  
N'uma mão traz a custodia,  
Na outra um ramalhete.

Lá vem o Baptista abaixo,  
Vestido de azul pombinho,  
E dizem as raparigas:  
Oh que lindo soldadinho!

Lá vem o Baptista abaixo,  
Vestido de azul pombinho,  
N'uma mão traz a custodia,  
Na outra o Verbo Divino.

Lá vem o Baptista abaixo,  
Mettido n'aquelle tropheo;  
Quinta-feira d'Ascensão  
Subiu Jesus Christo ao céo.

O Baptista não vem hoje,  
Hade vir na segunda-feira,  
Hade achar a cama feita,  
Coberta de herva cidreira.

Fui á porta do Baptista  
Procurar os meus cuidados,  
Lá de dentro me atiraram  
C'uma capella de cravos.

Ai lé,  
San João da Beira;

Se me não queres,  
Ha muito quem queira.

A capella do Baptista,  
E' de rosas amarellas;  
A capella é do santo,  
O santo é das donzellas.

A capella do Baptista  
E' de rosas encarnadas;  
A capella é do santo,  
O santo é das casadas.

A capella do Baptista  
E' de fitas côr de rosa,  
Que lh'a fizeram as freiras  
D'esta côr primorosa.

No altar de San João,  
Está um cravo encarnado;  
Das cortinas para dentro  
Está Jesus sacramentado.

— Isso sim,  
Capella de flores;  
San João é  
Os meus amores.

No altar de San João,  
Está uma capella que cheira,  
Cheira a cravo, cheira a rosa,  
Cheira a flor de lorangeira.

— Meu bem,  
Lá váe, deixa ir;  
O rapaz é môço,  
Quer-se divertir.

No altar de San João.  
Nascem bellas cerejeiras,



San João subiu ao céo  
A pedir pelas solteiras.

No altar de San João  
Nascem rosas amarellas,  
San João subiu ao céo,  
A pedir pelas donzellas.

No altar de San João  
Nascem rosas encarnadas,  
San João subiu ao céo  
A pedir pelas casadas.

(*Versão de Loulé* — ALGARVE)

San João mais San Pedro  
Nasceram no mesmo dia,  
San João pela manhã,  
E San Pedro ao meio dia.

Duas noites ha no anno  
Que alegam o coração:  
E' a noite de Natal  
E a noite de San João.

San João não ha no mundo  
Quem não o queira festejar;  
Este dia é mui soberano,  
Esta noite é singular.

Esta noite é de segredos,  
Noite de amor e ciumes;  
Quantos nascem, quantos morrem  
Hoje á volta d'estes lumes.

Oh meu San João Batista,  
Oh meu santo tão galante,  
No ventre da Virgem pura  
Adorastes um infante.

—Qual foi melhor baptizado?  
 (Perguntou Christo a João?)  
 «Fui eu, meu Divino Mestre,  
 Porque foi por vossa mão.

San Pedro é homem honrado,  
 Companheiro do Senhor;  
 Mas p'ra noites divertidas  
 San João tem mais valor.

Na noite de San João  
 E' que é tomar amores,  
 Que estão os trigos na campã  
 Todos com as suas flôres.

### Cantigas a San João

*(Folha volante do seculo XVIII)*

San João, as môças hoje  
 Vos pedem que as caseis;  
 Dae os noivos para todas,  
 Vêde vós o que fazeis.

Ai lé! ventura;  
 Isso de casar  
 E' uma fina loucura.

San João, olhae que as môças  
 Não vos accendem fogueiras,  
 Porque vós não as tiraes  
 De estado de solteiras,

Ai lé! victoria;  
 Vou buscar minha ventura,  
 Conseguir minha gloria.

San João é festejado  
 Por todo o mundo em geral;  
 Entre todos os mais santos  
 Nenhum ha que seja egual.

Ai lé! victoria;  
 Pelo caminho da graça  
 Se vae ao reino da gloria.

Oh San João, não queiraes  
 Que vos offertem capellas;  
 Não queiraes já n'este tempo  
 Casar as môças donzellas.

Ai lé! victoria;  
 Tomara que San João  
 Me levara para gloria.

—D'onde vindes, San João,  
 Dos montes para a cidade!  
 «Prêgar nova lei ao mundo,  
 A annunciar a verdade.

Ai lé! sentido.  
 Que grande gloria terei,  
 Se este bem me é conseguido

—San João, que fazeis cá?  
 «Venho a verdade prêgando!  
 —Olhe, que na côrte são  
 Fazenda de contrabando.

Ai lé! por certo;  
 Melhor escutam verdades  
 Essas penhas do deserto.

Por causa de protecções  
 Mulheres que não farão?  
 Fizeram cahir San Pedro,  
 Degolaram San João.

Ai lé! feroz ;  
 A voz de uma mulher  
 Faz calar a melhor voz.

San João foi voz do Verbo,  
 Que no deserto sòou ;  
 Propheta foi, que no rio  
 Christo com o dedo mostrou

Ai lé! Senhor ;  
 A vossa immensa grandeza  
 E' objecto da minha dor

—Oh San João, n'este dia  
 Quem vos hade festejar?  
 «Todas as môças que querem  
 Por certo tempo casar.

Ai lé! formosa ;  
 O casar em este tempo  
 E' cousa que anda em moda.

—D'onde vindes, San João,  
 De noite pelo luar!  
 «Venho lá desde o deserto  
 Para a cidade prègar.

Ai lé! primores ;  
 Como vindes do deserto.  
 Trazeis capella de flores.

San João, não ha no mundo  
 Quem não queira festejar  
 Este dia soberano,  
 Esta noite singular.

Ai lé! por certo ;  
 Com vossa presença, agora  
 Se torna em gloria o deserto.

O Baptista no deserto  
Entre flores escondido,  
Annuncia a toda a terra  
A gloria de Deus nascido.

Ai lé! memoria ;  
Já que sois poderoso  
Adquiri-nos a gloria.

San João, todas as feias  
Vos pedem um casamento,  
Que as formosas confiadas  
Não procuram valimento.

Ai lé! ventura ;  
Toda a môça que é formosa  
Tem dote na formosura.

-----●-----  
**Prêgação de San João**

(*Versão do Funchal — MADEIRA*)

O Batista no deserto  
Entre flores assentado,  
'Nuncia p'ra toda a terra  
Gloria! que Deus é nado.

João Batista apregôa  
Voz do Verbo increado ;  
E' o propheta do céu  
Por quem Christo foi mostrado.

— Meu San João, d'onde vindes,  
Que vindes tão orvalhado?  
«Venho do rio Jordão  
De fazer um baptizado.

—E a que vindes aqui,  
A tamanho povoado?  
«Venho d'além do deserto  
A prègar lo não prègado.

—E que vindes ensinar,  
Que já não fosse ensinado?  
«Que já temos Redemptor  
A nos remir do peccado.

—A máo lugar vindes, santo,  
Trazel-o vosso recado;  
Fugi, Santo, não vos matem,  
Que tudo aqui está danado.

San João não quiz fugir,  
Foi na còrte degolado,  
Por que vinba ensinar  
O que não fôra ensinado.

Por causa das tentações  
Mulheres que não farão?  
Uma delata San Pedro,  
Outra mata San João.

Quem n'este dia resar  
Dia a dia esta oração,  
Na hora da sua morte  
Lhe valerá San João.

*(Versão de Sant'Anna — MADEIRA)*

San João vem do deserto,  
D'entre flores escondido;  
Vem a prègar pelo mundo  
Que Jesus já é nascido.

San João foi voz do Verbo  
Que do deserto sôou;

Foi como santo propheta,  
A todos Christo mostrou.

—Ai, santo, vós d'onde vindes,  
Que vindes tão orvalhado?  
«Venho do rio Jordão  
De fazer um baptizado.

—E a que vindes aqui,  
N'esta noite sem luar?  
«Venho de além do deserto  
Por n'esta côrte prègar.

—A que vindes, San João,  
Que vindes cá procurar?  
«Eu venho da Nova Lei  
Verdades annunciar.

—A máo logar vindes vós  
Essas verdades prègando;  
Trazer verdades á côrte,  
E' traficar contrabando.

Por causa das tentações  
Mulheres que não farão!  
Uma fez cahir San Pedro,  
Outra morrer San João.

( *Versão de Serpa* — ALEMTEJO

Eu sou como o trigo em maio,  
Ceifado no San João;  
Em qualquer engano caio  
Feito pela tua mão.

San João e mais San Pedro  
Ambos vestem um vestido;  
San João, prata lavrada,  
San Pedro, ouro batido.

Quinta feira da Ascenção  
Do céo caiu uma flor:  
Dizem que a mãe do Baptista  
E' prima irmã do Senhor.

Além vem o San João,  
Alegre como um pombinho,  
N'uma mão traz a cruz  
E na outra o cordeirinho.

San Zacharias é mudo,  
Esta noite hade fallar,  
Para dizer que o Baptista,  
João se hade chamar.

Oh apostolo San Pedro,  
Que do céo tendel'a chaves,  
Dae-me novas do Baptista,  
Que lhe tenho saudades.

Não sei que tem o Baptista  
No dia que quer nascer;  
Que sejam velhos ou môços  
Tudo faz endoudecer.

Nascei, nascei, meu Baptista,  
Nascei luz do Evangelho;  
Inda que sois pequenino,  
Por grande vos considero.

Tudo que é verde se séca  
No mez de San João;  
Só meu amor reverdece  
Dentro do meu coração.

Na noite de San João  
Andam as flôres á tuna;  
Heide-me ir pôr á janella  
Para vêr se caço uma.



**San Pedro**

*(Versão de Elvas e Serpa — ALEMTEJO)*

San Pedro é pae dos clerigos,  
E avô dos engeitados;  
Bem puderas tu, San Pedro,  
Trazer os cler'gos casados.

San Pedro abre-me as portas,  
Ha um anno que aqui estou,  
Venho render as graças  
A um Deus que me creou.

Se San Pedro não me casa  
N'este domingo de festa,  
Heide ir á sua egreja,  
Heide-lhe chamar careca.

Se San Pedro não me casa  
N'este domingo que vem,  
Heide-me ir á sua egreja,  
Gritar — Aqui d'el-rei.

Se San Pedro não negara  
A Christo, como negou,  
Outro gallo lhe cantara  
Melhor que o que lhe cantou.

San Pedro é homem velho,  
Homem de muito juizo,  
Por isso o Senhor o fez  
Chaveiro do Paraiso.

Fui á festa de San Pedro,  
E com toda a devoção,  
Mas perdi a fé que tinha  
A' vista do sacristão.

San João e mais San Pedro  
São dois santos mudadores,  
San João muda os creados,  
San Pedro muda os pastores.

San João e mais San Pedro  
Ambos são mudadores,  
San João muda solteiras,  
E San Pedro muda amores.

Oh San Pedro mudador,  
Até as aguas mudaes ;  
Não mudeis os meus amores,  
Que são penas que me daes.

Ai San Pedro é careca,  
Careca, não tem cabello ;  
Quando voltou do Egypto  
Montava n'um burro em pello.

San João á minha porta,  
E San Pedro ao meu postigo,  
San João a namorar,  
San Pedro não casa commigo,

San Pedro subiu ao céo  
A regar o seu jardim,  
San João colheu um cravo  
Para dar a San Joaquim.

San Pedro perdeu as chaves  
Não por falta de juizo ;  
Santo Antonio lh'as depare,  
Que são as do Paraíso.

**Chacoula de San Pedro (1)***(Versão do Alemtejo)*

San Pedro é bom velhinho,  
Casamenteiro das velhas;  
Porque não casaes as novas?  
Que mal vos fizeram ellas?

San Pedro é bom velhinho,  
Sempre nos acompanhou;  
A' porta do Paraizo  
Por esposa nos tomou.

No rocio de San Pedro  
Nasce o trigo como canas;  
Aqui deve de morar  
O pastor das almas santas.

No rocio de San Pedro  
Está muita gente sentada,  
Levantam-se os mouros todos  
Para vencer a batalha.

San Pedro foi ao deserto  
A cumprir a penitencia,  
A Virgem ficou chorando,  
Sentindo a sua ausencia.

Eu tenho uma garrafinha  
Cheia de agua de trêvo,  
Para deitar ao alferes  
E á festeira de San Pedro;

Cheia de agua de trêvo,  
Cheia de agua de amora,

---

(1) Nome que se dá no Alemtejo a um rancho de raparigas que cantam.

Para deitar ao alferes  
Que aqui n'esta rua mora.

Santissimo Sacramento,  
A' vossa porta me empino,  
Miro-me nos vossos olhos  
Como n'um espelho fino.

A' vossa porta me empino  
A' vossa porta me paro,  
Miro-me nos vossos olhos  
Como em um espelho claro.

Santissimo Sacramento,  
Saia do altar cá fóra,  
Deite-nos a sua benção  
Que nos qu'remos ir embora.

Saia a mulher do alferes,  
Venha pegar na bandeira,  
Que a vamos acompanhar  
E a toda a sua parenteira.

Disse a filha do alferes,  
Aquella mais pequenina :  
—Senhor pae, tome a bandeira,  
Que eu serei uma madrinha.

O fésteiro de San Pedro  
Disse com muita alegria :  
Tenho seis mil cruzados  
Para gastar n'esse dia.

No telhado de San Pedro  
Nascem rosas amarellas ;  
San Pedro subiu ao céo  
A pedir pelas donzellas,

Nascem rosas amarellas,  
Nascem rosas encarnadas,  
San Pedro subiu ao céo  
A pedir pelas casadas,

Nascem rosas encarnadas,  
Nascem rosas vermelhinhas ;  
San Pedro subiu ao céo  
A pedir pelas meninas.

No telhado de San Pedro  
Está um lindo craveiro,  
Dá-lhe o sol por entre as folhas,  
Todo rescende com cheiro.

### As Cavalhadas de San Pedro

(*Versão da Ribeira Grande : S. Miguel — Açôres*)

Deus vos salve, apóstolo Santo,  
Chaveiro de eterna Gloria,  
Aos infieis n'um instante  
Convertestes n'uma hora.

Deus vos salve, sal da terra,  
Luz e consolação ;  
Livrae-nos de paz e guerra  
Aos tristes filhos de Adão.

Venho-vos representar  
E meus Cavalheiros tambem,  
Como quizestes entrar  
Na cidade de Jerusalem.

Deus vos salve, fundamento,  
Luz de tanta claridade,

Tens as Chaves do apozento  
Da Santissima Trindade.

Deus vos salve. columna santa  
D'esta nossa freguezia ;  
Pela vossa fama ser tanta  
Chamaes todos em romaria.

De Jesus fostes companheiro,  
E tanto prazer lhe deste,  
Que vos fez real Chaveiro  
Do Paraizo celeste.

Sendo vosso presidente  
No logar aonde assisto,  
Que tomeis parte na Genter  
Diante de Jesus Christo.

Rogae a Virgem Maria,  
Mãe do nosso Creador,  
Nos reparta n'este dia  
Fé, caridade e amor.

Virgem santa do Rosario,  
Rainha de Deus coroada,  
A todos servi de amparo  
Como nossa advogada.

Hoje, como San Pedro  
Vos peço, meu bom Jesus,  
Que a todos, tarde ou cedo,  
Não nos falteis com a luz.

Como vosso representante,  
Peço-vos hoje de novo,  
Que enchaes de graça bastante  
A Cavalleiros e povo.

Herdei de meus paes antigos,  
Que na sepultura estão,  
Vós os livrastes de perigos  
Por virem n'esta função.

San Pedro glorioso,  
N'esse throno, em que estás,  
Dae-nos um anno formoso  
Cheio de ventura e paz.

Abençoe nossos vigarios  
E este povo tambem;  
Padre, Filho, Espirito Santo  
P'ra sempre, sem fim, ámen.

San Pedro, vamos embora  
Correr vosso mandamento;  
Permeti que na vossa Gloria  
Recebamos o pagamento.

Cavalleiros que commigo estão  
Tende compaixão de nós,  
Permitti que n'outra função  
Estejam diante de vós.

*(Folha volante do seculo XVIII)*

San Pedro é valoroso  
Com seu cutello na mão;  
Cortou uma orelha toda,  
Olhae a valente acção.

Ai lé! queria  
Que durasse sempre, oh Pedro,  
Essa vossa valentia.

San Pedro, que é do valor  
Que mostrastes n'este dia?

Uma voz de uma mulher  
Vos encheu de covardia.

Ai lé! portento;  
Quanto perdeis pela culpa,  
Ganhaes no arrependimento.

San Pedro, as vossas fogueiras  
Estão de todo apagadas;  
As môças tiveram culpa,  
Hão de mister açoutadas.

Ai lé! tyranno;  
Uma fortuna que tinha  
Me destruiu um engano.

San Pedro foi pescador,  
Foi da santidade espanto;  
O maior milagre foi  
Ser barqueiro e ser santo.

Ai lé! tiveram  
Sempre no mar da fortuna  
Os que no mar se metteram.

San Pedro, o gallo vos canta,  
Olhae vós o mal qua obrastes;  
Uma culpa commetestes,  
O vosso Mestre negastes.

Ai lé! tyrannia:  
Amareis sempre, San Pedro,  
Agora por muitas vias.

San Pedro dizem que é velho,  
Quem o disse não diz nada;  
Velho será, porém elle  
Soube puchar pela espada.



Ai lé! firmeza;  
Como é columna forte,  
Tem uma grande fortaleza.

San Pedro, descei cá abaixo,  
Que ha muito que vos desejo,  
N'esta noite em que as devotas  
Vos fazem tantos festejos.

Ai lé! ventura;  
N'esta flor que vou buscando  
Está toda a formosura,

---

**San Thiago**

San Thiago da Galliza,  
Vós sendes tão interesseiro,  
Ou em morte ou em vida  
Heide ir ao vosso mosteiro.

*(Carregosa)*

San Thiago da Galliza  
E' um cavalleiro forte;  
Quem la não fôr em vida,  
Hade ir lá depois da morte.

*(Carrezeda d'Anciães)*

Levantae-vos, cavalleiros  
Com o ramo p'r'o telhado,  
Deixae passar os romeiros  
Que vão para San Thiago.

### San Bartholomeu

(Versão de Elvas — ALEM RUIJO)

Senhor San Bartholomeu,  
Prometti-lhe uma novena,  
Que me livrasse do mêdo,  
Que o mêdo é uma pena.

A vinte e quatro de Agosto  
Vou a San Bartholomeu ;  
Pozeste-te mal commigo,  
Com paixão engordo eu.

A vinte e quatro de Agosto  
E' o San Bartholomeu ;  
Menina, fuja a seu pae,  
Que eu tambem fujo ao meu.

San Bartholomeu de pedra,  
Lá de traz dos olivães,  
Guardae a minha azeitona,  
Não a comam os pardaes.

Esta viola é minha,  
Este pandeiro é meu ;  
Este bandinho de môças  
Vae p'ra San Bartholomeu.

Oh vida da minha vida,  
O lari, lolé, sou eu :  
Venho da Senhora Nova,  
Vou p'ra o San Bartholomeu.

### San Miguel

Messias embarcou criança  
N'um batel muito ligeiro ;

San Miguel tam 'ma balança  
P'ra pezar o mundo inteiro.

Menina, tu tens a trança  
Pelas costas ao comprido,  
E San Miguel tem a lança  
Com que Christo foi ferido.

Quem me dera o que viera  
O tempo que está p'ra vir,  
O tempo de San Miguel  
Para me eu adevertir.

---

### Anjo da Guarda

Amanhã é dia santo.  
Dia do Anjo da Guarda ;  
Oh môças, guardae o dia,  
Que o Anjo tambem vos guarda.

---

### San Martinho

Môças, se têm sezões,  
Peguem-se com San Martinho ;  
Senão, peguem-se commigo,  
Que o Santo é meu visinho.

---

### Os Mandamentos de S. Martinho

*(Versão da Beira)*

O primeiro, — amarás  
O vinho de Portugal ;  
Água não lhe deitarás,  
Que te pode fazer mal.

Segundo, não jurarás  
Pela fôlha da parreira ;  
Que grave offensa farás  
A' preciosissima videira.

O terceiro, guardarás  
Azeitonas, pão e queijo ;  
Mas de vinho beberás  
Até matar o desejo.

O quarto, honrarás  
Uma borracha de vinho ;  
E o chapéo lhe tirarás  
Se a encontrares no caminho.

O quinto, não matarás,  
Só se for bode ou carneiro ;  
E d'elle um ôdre farás  
Que te sirva de travesseiro.

O sexto, não tomarás  
Só se fôrem papas bem grossas,  
E do seu sangue beberás  
Até que levantar-te não possas.

Septimo, não furtarás,  
Só se fôr para beber ;  
Que se te fôres confessar  
Sempre te hão-de absolver.

Outavo, não levantarás  
Aquillo que estiver deitado ;  
Mas se fôr ôdre de vinho  
Deita-te ali logo ao lado.

Nono, não desejarás  
Beber por medida pequena ;  
Bebe sim por cangirão,  
Que te faça a vista morena.

Decimo, não cubiçarás  
Comer salada de pepino;  
Pois dizem os entendedores  
Que é máo petisco para vinho.

Os dez mandamentos se encerram  
Em dois, e vem a ser:  
Pôr a bocca á torneira  
E deixal-a correr.

---

●

### Santa Luzia

Para que quero eu olhos,  
Senhora santa Luzia,  
Se eu não heide vêr meu bem  
A toda a hora do dia.

Senhora santa Luzia,  
Nas altas terras de Hespanha;  
Jesus, José e Maria  
Estejam em nossa companhia.

Senhora santa Luzia,  
Eu tambem sou andaluz;  
Jesus, José e Maria,  
Maria, José, Jesus.

## Peditorio para os Fieis Defuntos

(Versão de Santarem)

Côro de nove cantores:

Resemos, que todos resem  
Este *Bendito e louvado*,  
Tambem os anjos resam  
Na capella do sagrado.

Oh que bella perfeição  
De ouro tão desejado;  
Tambem Jesus Christo andou  
Nove mezes em sagrado.

Voz

A' porta das almas santas  
Bate Deus a toda a hora;  
Almas santas lhe perguntam:  
—Oh meu Deus, que quereis agora?  
«Quero que deixes o mundo,  
Que venhas para a Gloria. (1)

—Oh meu Deus, oh meu Senhor,  
Ai Jesus, quem se lá vira  
Na companhia dos Anjos,  
Tambem da Virgem Maria.»

Ajoelhemos em terra,  
Nós não sômos os primeiros;

(1) Na versão da Ilha da Madeira vem completo a estrophe]

«Quero que venhas commigo  
Ao Rei da Gloria cantar,  
P'ra que d'este Purgatorio  
Eu vos possa libertar.

Em vossa companhia venha  
Jesus Christo verdadeiro. -

Atormenta-os peccados,  
Em continuo padecendo ;  
Assim são as vossas almas  
No Purgatorio ardendo.

Ouví, homens e mulheres,  
N'este povo auditorio ;  
Dae esmolas se podéres  
A's almas do Purgatorio.

Das Almas do Purgatorio  
E' bem que nos alembremos ;  
Nós havemos de morrer,  
Sabe Deus p'ra onde iremos.

Essas esmolas que daes  
Não cuideis que as comemos ;  
E' p'ra mandar dizer missas,  
Devoção que nós trazemos.

Dae esmolas, se poderes,  
Se com devoção as daes ;  
Já lá tendes vossas mães,  
Vossos filhos, vossos paes.

Como Lazaro, lhe pede  
Que lhe não dei as fazendas ;  
Que lhe deis as migalhinhas  
Que crescem de vossas mensas.

Esses bens que possuireis  
Reparti-os em vossa vida ;  
Lá achareis na Gloria,  
Quando fõrmos á partida.

Oh Almas santas benditas,  
Peçam ao nosso Senhor,  
Que esta nossa oração  
Seja em nosso louvor.

Seja em vosso louvor,  
Tambem da Virgem Maria;  
Pelas Almas pediremos  
Por ellas Avé-Maria.  
Por ellas reseemos todos  
Com devoção e alegria.

Vós que destes a esmola,  
Deste-a com devoção;  
Cá na terra achareis premio,  
Lá no céu a salvação.

Oh divino Sacramento,  
Sendo o mesmo Senhor,  
Acompanhae nossas almas,  
Quando d'este mundo fôr.

#### Côro final

Nós devemos ir ao céu  
Por umas continhas brancas;  
Que nós sômos os devotos  
Das benditas Almas santas.

Nós devemos ir ao céu  
Por umas continhas de cheiro;  
Em vossa companhia venha  
Jesus Christo verdadeiro.



**Canto das Almas**

(*Versão de Serpa* — ALEMTEJO)

Acordae, nobres senhores,  
D'esse somno tão profundo ;  
Ouvireis vozes-clamores  
Das almas do outro mundo.

Christandade tão unida!  
Ouvindo gritos e ais  
Das almas de nossos paes,  
Que lá estão na outra vida,  
De quem vós vos não lembraes.

Tende dó e compaixão  
D'aquella sentida voz,  
Que repete para nós  
Das almas, que em pena estão,  
De vossos paes e avós.

Toda a noite, todo o dia,  
Estão postas em agonia,  
Vendo que lhes não resaes  
Sequer uma Avè-Maria.

Gritam contra os seus amigos,  
Que cá deixaram no mundo ;  
Foi tão grande o seu descuido,  
Que sendo vivas não dizem :  
—Dae-me a mão, que eu vos ajudo.

Gritam contra os seus herdeiros,  
Que se não desencarregaram  
Dos bens que lhe cá deixaram ;  
Sendo uns testamenteiros  
Seus testamentos não cobraram.

Gritam contra os seus parentes  
 Da sua sanguinidade,  
 Sendo no mundo viventes  
 Que não têm caridade;  
 Sendo vivos se não lembram  
 Da sua necessidade.

Mäl faz quem desperdiça  
 Das almas a devoção!  
 Sendo das almas irmão,  
 Vamos-lhe ouvir uma missa,  
 Dar-lhe esta consolação.

D'esta sorte se consolam  
 As almas dos nossos paes;  
 Com pouco que lhes resaes  
 Fazeis-lhe uma grande esmola,  
 Pois vós mesmo é que lh'a daes.

Dizem homens e mulheres  
 D'este povo, em oratorio:  
 —Dae esmola, se poderes,  
 A's Almas do Purgatorio.

Entre ellas havia uma  
 Que dizia d'esta sorte:  
 —Eu emquanto tive vida,  
 Nunca me alembrei da morte.

Quando deres la esmola  
 Não olheis para a fazenda;  
 Por cada esmola que deres  
 Mil almas tiraes da pena.

As almas estão contentes,  
 Mui contentes e mui bellas,  
 Resando a Deus de continuo  
 Por quem cá pede por ellas.

Ellas vos mandam pedir  
Que roguem os irmãos seus,  
Que ellas não podem cá vir,  
—Seja pelo amor de Deus.

Senhores, ouvi, escutae  
Das almas tanto tormento,  
Que vivem em lago de pena,  
Tão cheio de sentimento.

Que assim resa a Escripura,  
Se ellas podessem saber  
D'aquella triste clausura,  
Aonde estão padecendo,  
Haveria creatura  
Que morreria em n'as vendo.

*(Versão da Aldeia Nova de S. Bento)*

Pedir para as Almas santas  
Temos nós obrigação,  
Para as almas accéitarem  
A esmola que lhes dão.

As almas santas vos pedem  
Que lhes deis uma esmola,  
Que ellas não podem pedir  
A quem no Purgatorio chora.

Dae esmola ás Almas santas  
Se com intenção lh'a daes;  
Que la tendes vossas mães,  
Vossas avós, vossos paes.

Dae esmola, meus irmãos  
Que é coisa que a Deus agrada;  
Logo as almas rogarão  
Por vós, na gloria sagrada.

As Almas santas estão  
Escrevendo a taboada,  
Esp'rando as que de cá vão,  
Que lhes deram pouco ou nada.

As almas da outra vida,  
Estão em continuos clamores,  
'Stão rogando a Deus nos céos  
Por todos os bemfeitores.

Recordae, nobres senhores,  
Ao som d'esta campainha,  
Ouvireis vozes-clamores  
Das almas da outra vida.

Divino Espirito Santo  
Do céo celestial!  
Nós pedimos para as almas,  
Se nos quereis ajudar.

Senhores tão regalados  
A' vossas mezas reaes,  
Não vivam tão esquecidos  
D'aquelles de quem herdaes.

«Vae p'ra aquella escuridão  
Triste, desaventurada,  
Choras sem consolação  
Tua dureza atrazada,

Logo as almas vos dirãc:  
—Não tens na gloria entrada,  
Nem no céo tu tens quinhão,  
Triste, desaventurada.

Co'o sabido poder que tens  
O Padre Eterno nos manda  
Pedir por livrar a quem  
O fogo serve de cama.

Quando deres a esmola,  
Dae-a bem engrandecida,  
Que é escada que fazeis  
D'esta para a outra vida.

—●—  
**Noite de Natal**

(*Versão de Loulé* — ALGARVE)

Oh que noite tão serena,  
Cercada de resplendores!  
Nasceu da Virgem Maria  
Um ramalhete de flores.

Cantemos, vamos cantar  
Cheios de santa alegria;  
Que nasceu o Deus Menino,  
Filho da Virgem Maria.

Nasceu lá p'la meia noite  
De um memoravel dia,  
O Salvador d'este mundo  
Filho da Virgem Maria.

Eu heide ir para o presepe  
Assentar-me a um cantinho,  
Só para ver o Deus Menino  
A nascer tão pobresinho.

Esta noite é noite cheia,  
Não é noite de dormir;  
Das onze p'ra meia noite  
Está a Virgem p'ra parir.

A Senhora e San José  
Caminham para Belem,  
Para nascer no presepe  
Deus Menino, nosso bem.

No presepe de Belem  
Nasceu e com alegria  
O bom Jesus, Deus Menino,  
Filho da Virgem Maria.

Vamos todos a Belem  
Adorar o Deus Menino,  
Que nasceu á meia noite  
Em palhinhas deitadinho.

Pastores de verde prado,  
Correndo vindo a Belem  
Dar as graças ao Menino,  
A' Senhora o parabem.

Por uma estrella guiados  
Os Reis Magos caminharã,  
E ao presepio chegados  
O Deus Menino adoraram.

Reclinado no presepio  
O Menino Jesus chora,  
Lágrimas que o céo estima  
Pérolas que o mundo adora.

Caminham as tres Marias  
De noite pelo luar,  
Dirigidas a Belem  
P'r'o Deus Menino adorar.

Vinde vós, oh almas puras,  
Vinde a Belem procurar  
O nosso infante divino,  
Se vós o quereis amar.

Jesus Deus nascido,  
Jesus, Salvador,  
Jesus Deus Menino,  
Jesus Redemptor.

Oh Jesus Menino,  
Mal agasalhado,  
Tremendo com frio  
Em palhas deitado.

Oh Jesus Menino,  
Boquinha tão doce!  
Olhou para mim,  
Dormiu-se e ficou-se.

O meu amado Menino  
Tem somno e quer dormir,  
Venham os anjos do céu  
Ajuda-o a dormir.

O Menino está dormindo  
Nas palhinhas sobre a neve,  
Os Anjos lhe estão cantando;  
Ditoso de quem vos serve.

O Menino está dormindo  
Nas palhinhas com pobreza,  
Os Anjos lhe estão cantando:  
Meu amor, minha riqueza.

O Menino está dormindo  
Um somno muito profundo,  
Os Anjos lhe estão cantando:  
Gloria ao Salvador do mundo.

Esta noite á meia noite  
Ouvi um cantar divino;  
E era a Virgem Maria,  
Que embalava o seu Menino.

Oh meu amado Menino,  
Delicias do amor perfeito,  
Aqui está meu coração  
Fazei d'elle o vosso leito.

Oh meu amado Menino,  
Oh minha tão bella flor;  
Quizeste ser pequenino  
Sendo tão alto Senhor.

Nasceu em meio da pobreza,  
Como resam prophcias,  
Descendo do céo á terra  
O desejado Messias.

Nasceu em pobre mansarda,  
Onde boi e mula havia,  
Sem mantas nem cobertores,  
Em uma noite tão fria.

O Menino está na neve,  
Á neve o faz tremer;  
Meu Menino da minha alma,  
Quem lhe pudesse valer!

O Menino chora, chora,  
Porque não tem sapatinhos;  
Haja quem lhe dê os tacões,  
Que eu lhe darei os saltinhos.

Oh meu Menino Jesus,  
Meu Menino da minha alma,  
Vieste nascer p'lo frio  
Podendo nascer na calma.

Oh meu Menino Jesus,  
Nascidinho na pobreza,  
Tomae posse da minha alma,  
Minha unica riqueza.

Oh meu Menino Jesus,  
Descalsinho pelo chão;  
Mettei os vossos pésinhos  
Dentro do meu coração.



—Oh meu Menino Jesus,  
Que é do vosso sapatinho?  
«Deixei-o em Santa Clara,  
Mettido n'um buraquinho.

Oh meu Menino Jesus  
Da bandeirinha vermelha,  
Vós sendes o pastor d'almas,  
Eu heide ser vossa ovelha.

—Oh meu Menino Jesus,  
Quem vos deu, por que choraes?  
«Deu-me minha avó Sant'Anna,  
Oxalá me dera mais.

—Oh meu Menino Jesus,  
Quem vos deu esse chapéo?  
«Deu-me a minha avó Sant'Anna,  
A fita veiu do céo.

—Oh meu Menino Jesus,  
Oh meu Menino tão bello!  
Que quizeste vir nascer  
Na noite do caramello.

—Oh meu Menino Jesus,  
Quereis vós castanhas quentes?  
Abri a vossa boquinha  
Para vêr se tendes dentes.

Vinde, pastorinhas,  
Vinde a Belem;  
Achareis o Menino  
Nos braços da mãe.

Ai li, ai li, ai lé,  
Senhor San José;  
Se sois um feitichinho,  
Meu coração vosso é.

Oh meu Menino Jesus,  
Amar-vos é um regalo;  
Nacestes á meia noite,  
Ao primeiro cantar do gallo.

Cantae, anjos, ao Menino,  
Que a Senhora logo vem;  
Foi lavar os cueirinhos  
A' pocinha de Belem.

Pastor do gado branco,  
Não arranques o rosmaninho,  
Pois é onde a Virgem pura  
Estende os cueirinhos.

O Menino já nasceu,  
Os pastores 'stão dormindo  
Acordae, rudes pastores,  
Vinde adorar o bemvindo.

Entrae, pastores, entrae  
Por esse portal a dentro,  
Vinde vêr o Deus Menino  
No seu santo nascimento.

Adorando o Deus Menino  
Lá estão os pastorinhos,  
Com a fé no coração,  
E nas mãos os cordeirinhos.

O Menino está nascido  
Lá dentro da lapa fria;  
San João o agasalha  
Com o manto de Maria.

Já lá vem os tres Reis Magos  
Das bandas do Oriente  
P'ra adorar o Deus Menino,  
Jesus, Deus omnipetente.

Caminham os tres Reis Magos  
Para Belem, em silencio,  
A offerecer ao Menino  
Mirra, ouro e incenso.

Oh meu Menino Jesus,  
Vestido de azul celeste,  
Eu quero apprender a lèr,  
Haveis de ser o meu mestre.

Oh meu Menino Jesus,  
Oh meu lindo amor perfeito,  
Se vós tendes muito frio,  
Vinde cá para o meu peito.

Oh meu Menino Jesus,  
Linda flor do paraizo,  
Quando nós vos offendemos  
Estamos fóra do juizo.

Oh meu Menino Jesus,  
Boquinha de requeijão,  
Dae-me alguma esmolasinha,  
Que minha mãe não tem pão.

Oh meu Menino Jesus,  
Boquinha de sangue e leite,  
Quem la tivera inteirinha,  
D'ella faria um ramallete.

—Oh meu Menino Jesus,  
Quem vos deu? por que choraes?  
«Choro pelos peccadores,  
De cada vez peccam mais.

Oh meu Menino Jesus,  
A vossa capella cheira;  
Cheira a flores, cheira a rosas,  
Cheira á flor de laranjeira.

Meu Menino, dae-nos luz  
P'ra que todos nós cantemos  
Altos hymnos de alegria,  
Pois que mais nada sabemos.

Eu heide dar ao Menino  
Uma fita para o chapéo;  
Tambem elle me hade dar  
Um logarsinho no céo.

Eu heide dar ao Menino  
Cinco pedras preciosas;  
Cada pedra cinco quinas,  
Cada quina cinco rosas.

Heide dar ao meu Menino,  
Ao meu Menino heide dar  
Camisinhas de bretanha,  
N'esta noite de Natal.

Heide dar ao meu Menino  
Um galão para a cintura;  
Tambem elle me hade dar  
No seu peito sepultura.

Tres palavras disse a Virgem  
Quando nasceu o Menino:  
Vinde cá, meu bago de ouro,  
Meu Sacramento divino.

Tres palavras disse a Virgem  
Quando o Messias foi nado,  
Vinde cá, meu bago de ouro,  
Rei do céo sacramentado.

O sacrario está patente,  
O Menino está lá dentro;  
Os anjinhos estão cantando:  
*Tantum ergo sacramento.*

Entrae, pastores, entrae  
Por este portal sagrado;  
Adorae o Deus Menino  
Sobre as palhinhas deitado.

Senhores, dêem licença,  
Vou accender uma véla,  
Que é nascido o Deus Menino,  
Redemptor do céo e terra.

Vós sois o poder do mundo,  
Senhor do céo e da terra;  
A propria sabedoria,  
Essa só em vós se encerra.

Pastorinhos, guardae o gado,  
Que esta noite é de alegria;  
Vão já vêr o Deus Messias,  
Filho da Virgem Maria.

Pastores, deixem o gado,  
Vão p'r'as bandas de Belem,  
Adorar o Deus Menino,  
Que nasceu para nosso bem.

Cantae, pastores. cantae,  
Agora que a Virgem dorme;  
Cantae bem de mansinho  
P'ra que a Virgem não acorde.

Entre os portaes de Belem  
Está a arvore de Jessé;  
Tem um leteiro que diz:  
Jesus, Maria, José.

Do tronco nasce o ramo,  
E do ramo nasce a flor;  
Da flor nasce a Virgem,  
Da Virgem Nosso Senhor.

Alegrem-se céos e terra,  
Cantem cantos de alegria,  
Nasceu o Deus Menino,  
Filho da Virgem Maria.

Vamos, môças, a dar vivas  
Nascidos do coração :  
Viva Jesus no presepe  
E o Baptista no Jordão.

---

### Lapinha

(*Versão de Loulé — ALGARVE*)

Já lá vem áquella esquina  
Uma preciosa dama,  
A visitar Deus Menino  
Nascido em pobre cabana ;  
Não foi por falta de casas  
Ou por que as não haveria,  
Feitas do mais puro ouro,  
Da mais fina pedraria ;  
E foi p'ra nos dar o exemplo  
Na pobreza de Maria.

---

### O Deus Menino

(*Versão de Elvas — ALEMTEJO*)

Sobre o palacio real  
Uma estrella se abaixou,  
A adorar o Deus Menino,  
Que o céo e a terra criou.

Entre os portaes de Belem  
Está um Menino deitado,

E' o filho de Maria  
Pelos pastores adorado.

Lá vêm do Oriente  
Tres Reis a adorar,  
A Deus Filho Omnipotente,  
Com mysterio singular.

Vinde, vinde já ao mundo,  
Oh meu infante Jesus;  
Vindes nascer na minha alma,  
Vindes dar ao mundo luz.

Vinde, vinde já ao mundo,  
Deus de infinita belleza;  
Vindes nascer na minha alma,  
Abrandar esta dureza.

Oh meu Menino Jesus,  
Da Lapa do coração,  
Dáe-me da vossa merenda,  
Que a minha mãe não tem pão,  
Hade cozer ámanhã  
No fôrno de San João.

---

### Ao Deus Menino

(*Versão de Serpa*—ALEMTEJO)

Semeou-se o pão da vida  
Nas entranhas da Senhora;  
Nasceu uma tal espiga,  
Que sustenta a gente toda.

Nasceu essa tal espiga  
N'uma noite de Natal;  
Nasceu junto á meia-noite,  
Antes do gallo cantar.

Esta noite, á meia noite,  
 Ouvi cantar ao divino,  
 Era santa Madalena  
 Que embalava o Deus Menino.

Lá no palacio real  
 Uma estrella baixou  
 Visital o Deus Menino,  
 Que Deus ao mundo mandou.

«Que havemos dar ao Menino,  
 Esta noite de Natal?  
 — Camisinhas de bretanha,  
 Botanitos de cristal.

Ailé, ailé, ailé,  
 Ailé, ailé, Menino!  
 Quem vae para o céu vae bem,  
 Se não errar o caminho.



### Oh meu Menino Jesus

(Versão de Coimbra)

Oh meu Menino Jesus,  
 Oh meu baguinho de passa ;  
 O que vem da vossa mão  
 Tudo vem cheio de graça.

Oh meu Menino Jesus,  
 Raminho de almaraguz ;  
 No dia em que vos não vejo,  
 Nem o céu me quer dar luz.

Oh meu Menino Jesus,  
 Meu amor atribulado ;  
 Vamos ambos para o céu  
 Que este mundo é desgraçado.



Oh meu Menino Jesus,  
 Meu atribulado amor;  
 Vamos ambos para o céu,  
 Seja de que modo fôr.

—●—  
**Visitação das Lapinhas**

*(Versão do Machico — MADEIRA)*

**Villão:**

Eu venho da serra, de longe, cansado,  
 Por vê-lo Menino, deixei lo meu gado.

**Preto:**

Tambem ió deixei tudo que lá tinha,  
 Só por vir agora vêr esta Lapinha.

**Villão:**

Eu venho da serra, d'além do penedo,  
 Com meu machetinho folgar no folgado.

**Preto:**

Oh bruto do campo, olha a fidalguia,  
 Que vem á cidade trajando serguia!

**Villão:**

Sou branco de raça, geração limpinha;  
 Vinde vê-lo Deus nado, que está na Lapinha.

**Preto:**

Tu diz vem vêr nado lo Deus na Lapinha?  
 Tu vem p'ra comer bom bacalhau, sardinha.

## Villão:

Cal'-te, mão preto! tu me pagarás;  
No anno que vem, tu não fallarás.

*Arrematam cantando:*

Meu Menino Deus, do meu coração,  
Amar-vos, sim, sim; deixar-vos, não, não.

## Lôas do Natal

(*Versão de Sergipe — BRASIL.*)

Na Lapinha de Belem  
E' nascido o Deus Menino,  
Entre as turbas dos pastores,  
Sendo um Senhor divino!

Abri já a vossa porta,  
Pois temos muito que andar;  
Antes que o dia amanheça  
Queremos a Belem chegar.

Queremos hoje brincar  
Com contento e com prazer.  
Pois para nossa ventura  
Veiu o Menino nascer.

Na Lapinha de Belem,  
Adorado dos pastores,  
Nasceu um Deus Menino,  
Sendo Senhor do Senhores.

Festejemos ao Menino  
Nascidinho em Belem;  
Pois é a nossa ventura,  
E' o nosso summo bem.

O nosso bom Deus amante  
Quiz o mundo resgatar,  
Nascendo em um presépe  
Para todos nos salvar.

Abra a porta  
Bem devagarinho,  
Que eu quero dizer :  
Adeus, meu bemsinho.

Sômos gentes muito boas,  
Sabemos bem conviver,  
Bebemos bem aguardente  
Com alegria e prazer.

Se eu soubesse  
Que havia função,  
Trazia mulatas  
Do meu coração.

Esta noite tão ditosa  
E' bem que a não durmaes,  
Porque tão alta ventura  
Não é justo que percaes.

Vossas offertas, senhoras,  
Trazei, que as conduziremos ;  
E com toda a companhia  
Eguaes as repartiremos.

Frangos, gallinhas, perus,  
Doce, queijo e requeijão,  
Tudo nós acceitaremos  
Vindo de bom coração.

Venham ovos, venham uvas,  
Limões doces e cajus,  
E então sim, seremos gratos  
Para sempre, ámen, Jesus !

Ora dêem,  
 Se têm de dar ;  
 Que sòmos de longe,  
 Queremos andar.

—●—  
**Lôa do Presepe**

(*Lição manuscrita do seculo XVIII*)

**Pastor I**

Pois todos sòmos chegados  
 A' cidade de Belem,  
 P'lo anjo de Deus guiados,  
 Onde todo o nosso bem  
 Nasceu p'ra remir peccados;  
 Vamos lhe offerêcer  
 E dar graças todos juntos,  
 Pois este pár de presuntos  
 Lhe trago para comer,  
 Atados com esses juncos.

**Pastor II**

Só este pár de tassalhos  
 Achei lá no meu fumeiro;  
 E este gordo carneiro,  
 Com doze cabeças de alhos,  
 Vos manda meu companheiro.

Não vos pude mais trazer  
 Por ser longe o caminho,  
 E mais este barril de vinho  
 E' para o velho beber,  
 Que está muito fraquinho ;  
 Que hade-vos despertar  
 E fazer fallar francez,  
 Porém, olhar não tombar  
 Nem jogar *Martim cortex*.

**Pastor III**

Trago-vos este cabaz  
De ovos crús e mais cosidos,  
Os crús em caldo mexidos  
Dareis a este rapaz,  
Para que esperte os sentidos.  
São mui bons para a memoria;  
Mandal-o-heis ensinar,  
E assim pode escapar  
Da ira da palmatoria.  
Quando lhe quizerem dar.

**Pastor IV**

A vós, Senhora Rainha,  
Mãe d'este lindo donzel,  
Esta infusa de mel  
Para lhe fazer papinha,  
Vos trago no meu fardel;  
E' mui bom, de enxâme novo,  
Não dou outro, que faz fio,  
E n'estas manhãs de frio  
Misturado com um ovo,  
Não ha quem tenha fastio.

**Pastor V**

Vós, santo velho bendito,  
Parece que estaes cansado;  
Aqui vos trago atado  
A's costas um bom cabrito  
Para comerdes assado;  
E logo na mesma hora  
O mandareis esfolar,  
E depois de todo assar,  
Comereis com o Senhor,  
E preste-vos o jantar.

**Pastora**

Eu, esta pobre camisa  
 Vos offereço, Senhora,  
 Supposto que venha agora  
*Tringua forte, mala guiza,*  
 Obra de mão de pastora;  
 Mas ainda que seja grossa  
 E feita de pano crú,  
 Pois o Menino está nú,  
 Vesti-a. por vida nossa,  
 Com o nome de Jesu.

**Pastor preto**

Já que vós, Senhora, saa  
 Mai d'este lindo donzelle,  
 Eu que nom saa de meu pelle,  
 Eu se dezer que forgá  
 Mun bem tambem com elle,  
 Martin de Crasto do Rio,  
 Não tem nada que vos dá,  
 Se vosso fillio chorá  
 Soprar vos este sobio,  
 Por que elle logo callá.

**Outro Pastor**

A mim come-me o pescôço  
 Com o pezo dos meus çurrões;  
 Esta jaqueta e calcões  
 Vestireis a este môço  
 De galhetas e gerrões;  
 Tomae esta carapuça,  
 Meu Deus, antes que me esqueça,  
 E ponde-a na cabeça,  
 Guardae-a com esta chuça  
 Que é muito boa peça,  
 Que nos imos descansar

E provar nossos barris  
Para a Jesus louvar.

*Despedida:*

Senhor, ficae-vos embora,  
Querido, amado de nós;  
Sim, estamos satisfeitos  
Em que morrendo por nós,  
Pois sendo vós nosso bem,  
O que tudo confessamos,  
Querendo-vos como firmes  
Em que sempre vos amamos.

— ● —  
**Offertas ao Menino Jesus**

*(Versão da Atalaya)*

Menino Jesus,  
Que estaes no altar,  
Rico enxovalzinho  
Tenho p'ra vos dar.

Pelos pésinhos  
Quero começar;  
Lindos sapatinhos  
Tenho p'ra vos dar.

Mas quem tem çapatos  
Precisa meinhas;  
Eu vol-as darei  
De Salve-rainhas.

Quem tem meinhas  
Precisa liguinhas;  
Eu vol-as darei  
De Ave-Marias.

Quem tem liguinhas  
Precisa calções;

Eu vol-as darei  
De boas orações.

Mas quem tem calções  
Hade vestir casaca ;  
Eu vol-a darei  
De tela de prata.

Mas quem tem casaco  
Precisa camisa ;  
Eu vol-a darei  
De cambraia fina.

Mas quem tem camisa  
Precisa chapéo ;  
Eu vol-o darei,  
Levae-me p'r'o céo.



### **San Silvestre**

*(Versão da Beira Alta)*

Quem vae a San Silvestre,  
Vae n'um anno e vem no outro,  
E nunca se despe.



**B) Orações e Cantigas de Romarias****Padre Nosso***(Versão da Beira Baixa e Algarve)*

Padre Nosso pequenino,  
Quando Deus era menino,  
Tinha as chaves do Paraíso.  
Quem lh'as deu? que lh'as daria?  
San Pedro e Santa Maria.  
Cruz em monte, cruz em fonte,  
Nunca o demo te encontre,  
Nem de noite, nem de dia,  
Nem á hora do meio dia!

Já os gallos cantam, cantam,  
Já os anjos se alevantam;  
Já o Senhor sobe á Cruz.  
Para sempre, ámen, Jesus!

*(Versão de Vianna do Castello e Coimbra)*

Padre Nosso pequenino,  
Sete anjinhos vão commigo,  
Sete livros a resar,  
Sete candéas a alumiar;  
O Senhor é meu padrinho,  
A Senhora é minha madrinha,  
Que me fez a cruz na testa  
Que me o inimigo não empeça,  
Nem de noite nem de dia;  
Canta o gallo, sae a Cruz,  
Oh meu Menino Jesus.

*(Versão de Elvas)*

Padre Nosso pequenino,  
Quando Deus era Menino,  
Andava por esses mares  
Visitando seus altares;

Encontrou a Madalena,  
Com trez varas de rigor  
Para alimpar o Senhor.

—Tate, tate, Madalena,  
Não me queiras alimpar,  
Que estas são as Cinco Chagas  
Que por ti hão de passar. —  
Cruz no monte, cruz na fonte,  
Nunca o demo me encontre,  
Nem de noite nem de dia  
Nem ás horas do meio dia.  
Já os gallos lá cantam,  
Já os anjos se alevantam,  
Já Jesus subiu á Cruz,  
Para sempre, ámen, Jesus,

*(Variante de Lisboa)*

Padre Nosso pequenino.  
Quando Deus era Menino,  
Que andava pelo mar  
Com trez Marias a par ;  
Uma era a Paschoa-Flor,  
Outra a Paschoa Leonor,  
Outra a Paschoa Judia,  
Lá vem o San Braz da India.  
San Braz, Santa Luzia :  
Tende mão da minha tarefa,  
O que me dirá a senhora mestra ?

*(Versão de Guimarães)*

Padre Nosso pequenino,  
Quando Deus era Menino,  
Puz o pé no seu altar,  
E sanguinho a pingar.  
—Tem-te, tem-te, Madanela,  
Não me queiras alimpar,

Que isto são as Cinco Chagas  
 Que eu tenho para passar,  
 Pela rua da Amargura,  
 Quantos cravos tem a Cruz,  
 Para sempre, amen, Jesus.

(Versão de S. João de Airão)

Padre Nosso sanglorio, (?)  
 Elle foi ao sambalorio (?)  
 Elle foi e não tornou;  
 Dois anjinhos encontrou.  
 Uma era Santa Anna,  
 Outra Santa Catharina,  
 Vestidinha de burel;  
 Oh divino Manuel!  
 Manuel está no bêrço,  
 Embalando-o San José;  
 Os anjinhos estão cantando  
*Gloria patre, dominí.*

(Verso de Ourilhe—MINHO)

—Oh Padre Nosso saboroso,  
 Oh triste desconsoloso,  
 Oh meu Deus, e meu Senhor,  
 Não vos lembreis que eu errei,  
 Que eu confesso que pequei;  
 Bendito vós da verdade.  
 «Levanta-te, peccador,  
 Chega-te ao confessor,  
 Olha bem que és terno,  
 Olha bem que hasde morrer.  
 Não caias na tentação  
 Como a calma na geada,  
 Que te andam atentando  
 Os tres inimigos de alma.

**Ave Maria***(Versão de Ouriles)*

Ave, Maria! sem falta,  
 Ave, que subiu tão alta  
 E que fez o assento  
 Lá ao pé da bella Cruz,  
 Para dar ao mundo luz;  
 Ella para nos dar o gosto  
 Nos livrou de tanto perigo,  
 O gosto que eu queria,  
 Benedita Maria,  
 Era ir morar ao céo,  
 Onde vós, Senhora, Moraes,  
 Que todos alumiaes,  
 Lá no céo e cá na terra,  
 Até os que andam na guerra.  
 Bem se vos pede clamor  
 Madre de Deus, com razão,  
 De vosso ventre saiu  
 Um cordeiro innocente,  
 Para remedio da gente.  
 Deus vos salve, clara luz,  
 Soide commigo, Jesus,  
 Esta alma que m'a destes,  
 Não na deixeis morrer triste,  
 Vós na terra m'a creastes  
 E no céo m'a apresentastes.

Quem esta oração disser  
 Toda a santa Quarentena,  
 Tirará quatro almas de pena:  
 A primeira será a sua,  
 A segunda de seu pae,  
 A terceira de sua mãe,  
 A quarta do seu amigo  
 Ou amiga, que tiver.  
 Quem a sabe e não a diz,

Quem a ouve e não a aprende,  
Lá no Dia de Juizo  
Verá o que ella pretende.

*(Versão da Ilha do Fayal — Açôres)*

*Ave! Maria,*  
Que n'este dia  
De pranto e dôr,  
Viste o martyrio  
Do Salvador.  
*Cheia de graça,*  
Vistela taça  
Beber de fel;  
Mãe sem confôrto,  
Do Filho morto  
Viste o painel.  
*O Senhor contigo*  
No eterno abrigo  
Da Salvação,  
Virgem celeste  
Que aqui soffreste  
Cruel paixão.

●

### Salve Rainha

*(Versão da Beira-Baixa)*

Salve! Rainha,  
Rosa divina,  
Cravo de amor,  
Mãe do Senhor!  
Subi ao Calvario,  
Vi lá uma Cruz;  
Encostei-me a ella  
A considerar,  
Qual ha-de ser a hora  
Em que Deus me hade salvar.

Disse o Espirito Santo  
 Na sétima guia,  
 Que fosse devoto  
 Da Virgem Maria.

*(Final, nas versões de Ourilhe e de Coimbra)*

Dae-nos memoria  
 E entendimento,  
 Para receber  
 O Santissimo Sacramento.

—●—  
**Salve Rainha**

*(Versão da Villa Boim — ALEMTEJO)*

Salve! Rainha da Graça,  
 Calix do sacrario,  
 Virgem pura do rosario;  
 Anda de villa em villa,  
 De logar em logar,  
 A Jesus foi achar  
 Com o calix bento na mão  
 E a hostia por consagrar.

—●—  
**Credo**

*(Versão de Villa Real)*

Creio em Deus-Padre  
 E na Virgem, sua Madre,  
 Creio n'aquella bella Cruz  
 Que é a bandeira de Jesus  
 Jesus, Jesus; trez vezes Jesus.  
 Que em Roma foi nado e criado,  
 Lá foi seu corpo sepultado

P'ra que m'os livre do diabo,  
Morto e por nascer,  
Que vão todos em geral,  
Até vá o moiral  
E que peça ao Padre Santo Antonio  
Que vos livre do demonio.

---

**Oração da Cruz**

*(Versão de Villa Real)*

A Cruz do céu se desça  
E se vire para mim;  
Christo, que n'ella nasceu,  
Vivo responda por mim.  
Valha-me o bom Jesus,  
E á hora em que morreu,  
E á hostia consagrada  
E á Cruz em que soffreu!

---

**Ao entrar na egreja**

*(Versão de Villa Real)*

Ao entrar na egreja,  
Peccados, ficae cá fóra,  
Que eu quero entrar lá dentro  
E eu quero ficar bem  
Com o divino Sacramento.  
Oh divino Sacramento,  
Quero ouvir a vossa missa,  
Não vireis para a minha alma  
Vossa vára da Justiça.

### Ao tomar agua benta

(Versão de Villa Real)

Agua benta me lave,  
 Jesus Christo me salve :  
 Ficae aqui, peccados meus,  
 Enquanto eu vou fallar com Deus.

### Os sete Sacramentos

(Versão de Ourilhe—MINHO)

Quantos são os Sacramentos?  
 Confesso que sete são :  
 O primeiro é *Baptismo*,  
 Que é o signal do christão.  
 O segundo dão os Bispos,  
 Que é a *Confirmação*;  
 Ficam as almas alegres  
 Com toda a liberação.  
*Communhão* é o terceiro,  
 E' Jesus sacramentado ;  
 Quem confessa a sua culpa  
 Tem perdão do seu peccado.  
 O quarto é *Penitencia*,  
 Todos devemol-a ter ;  
 Quem amar a Jesus Christo  
 Não se hade arrepender.  
 Quinto, *Extrema-unção*  
 Serve p'ra hora da morte :  
 Quem a recebeu em graça,  
 Não pode ter melhor sorte.  
 O sexto é *Ordem*  
 Que se dá aos sacerdotes,  
 Com toda a liberação  
 Para consagrar a hostia.



Sétimo, *Matrimonio*,  
Que se dá aos bem casados ;  
Se elles se derem bem,  
De Deus serão ajudados.

---

### Os dez Mandamentos

(Versão da Ilha de S. Jorge — Açôres)

Dez Mandamentos divinos,  
Que devemos de guardar,  
Dados pelo Rei da gloria  
Para bem de nos salvar :

O primeiro *amarás*  
A Deus, como bom christão ;  
Amarás a um só Deus  
Sobre quantas cousas são.

Segundo, *não jurarás*  
O seu santo nome em vão ;  
Mas antes o pedirás  
De todo o teu coração.

O terceiro, *guardarás*  
Os domingos e as festas ;  
Officio nenhum farás,  
Nem as cousas deshonestas.

O quarto, é que *honrarás*  
A teu padre e a tua madre,  
Largos dias viverás  
Sobre a terra de Deus-Padre.

O quinto, *não matarás*,  
N'isso serás avisado ;  
Teu corpo defenderá  
A tua alma do peccado.

Sexto, não *communicarás*,  
 Livrarás de tal torpeza;  
 Casto, limpo tu serás  
 P'ra que os anjos te appareçam.

Septimo, não *furtarás*,  
 Livrarás-te do peccado,  
 Que no céo não entrarás  
 Tendo o alheio furtado.

O outavo, não *levantarás*  
*Falso testemunho*, esquecendo  
 Que no céo não entrarás  
 Tal maleficio fazendo.

O nono, não *desejarás*  
*A mulher que é casada*;  
 Põe o sentido em Deus,  
 Que te não lembre mais nada.

O décimo não *cubiçarás*  
*As cousas que alheias são*;  
 Contenta-te com o que é teu,  
 Vivirás como christão.

Estes dez Mandamentos  
 Se vêm a encerrar em dois:  
 O primeiro, *amar a Deus*  
 E ao proximo depois.

— ● —

### O Dia do Juizo

(Versão da Ilha de S. Jorge—Açôres)

Agora me deixa a vida  
 A cuidar da triste sorte,  
 Quando o meu corpo se vir.  
 Nos braços da cruel morte.

Quando o meu corpo se vir  
No fundo da sepultura,  
Por debaixo terra fria,  
Por de cima pedra dura.

Lá 'diante, em largos annos,  
Quando Deus o permittir,  
Meus ossos se hão de juntar  
E a minha pelle vestir.

Oh que péjo! oh que vergonha  
Sentirei n'aquelle dia.  
A vista de um rei supremo,  
A quem tanto offendia!

Não me queixo contra a hora  
Nem contra o meu nascimento,  
Queixo-me contra mim mesmo,  
Que não tomei bom exemplo.

Quando ia confessar-me,  
Ia por satisfação,  
Que nunca conheci dôr  
Dentro do meu coração.

Pois agora a penitencia  
Que me deu o confessor,  
Não resei com devoção,  
Que é essa a minha dôr.

Almas, que vão p'ra direita,  
Essas são as bem julgadas:  
As que estiveram á esquerda,  
Almas tão estamagadas!

Nós cuidamos que este mundo  
Que nos dura para sempre;  
E' uma luz que se acende,  
Que se apaga para sempre.

**Oração da Alma triste***(Versão da Ilha de S. Jorge—AÇÓRES)*

—Vinde para mim,  
Meu Deus e Senhor;  
Salvae a minha alma,  
Que eu sou peccador.

Eu sou peccador,  
Minha alma é triste;  
Em vos não amar  
Penas me assistem.

Penas me assistem,  
Vou continuando;  
Salvae a minha alma,  
Que estou acabando.

Eu estou acabando  
Os dias da vida;  
Meu Deus e Senhor,  
Sède a minha guia.

Sède a minha guia,  
Senhor, dae-me a mão,  
Que a minha alma é triste,  
Anda pelo chão.

Anda pelo chão,  
Não se pode erguer;  
Meu Deus, meu Senhor,  
Podeis-me valer.

«Posso-te valer,  
Mas tens-me offendido;  
Dá-me aqui um beijo,  
Cura-me esta f'rida.

—Um beijo tão cruel,  
Sem graça nenhuma ;  
Reparti, Senhor,  
Commigo alguma.

«Quizera e não posso  
Tirar do meu peito ;  
Que estas são as chagas  
Qus tu me tens feito.

—Deixa-me ir embora,  
Que lhe heide aguardar ?  
A minha alma é triste  
Já não tem que esperar.

«Detem te, alma triste,  
Não te desconsoles ;  
Chega-te a mim,  
Ouvirás minhas vozes.

—Pelas vossas vozes  
Eu vou inspirando ;  
Que nos vossos braços  
Já me vou deitando.

«Se queres salvar  
O meu sangue divino,  
Vae áquella fonte  
Beber um pinguiño.

—Quando vos eu vejo.  
Peno asseteado,  
De vosso amor  
Já não sou lembrado.

Se me daes licença.  
Quero ajoelhar :  
Da vossa lindeza  
Quem se hade apartar ?

Da vossa lindeza,  
Do seu esplendor,  
Vinde para mim,  
Meu Deus e Senhor.

Responde, meu Deus,  
Responde, Senhor!  
Que a minha alma estala  
Pelo vosso amor.

«Que hei-de responder  
A mil tentações?  
Agora te boto  
As minhas benções.

● — —

### Justo Juiz

(Versão da ilha de S Jorge — AÇÓRES)

Justo Juiz regedor,  
Sois direito Rei e Senhor!  
Senhor do tempo antigo;  
Foste prezo e amarrado  
Por mão do vosso inimigo.  
Fazei, fazei, meu Senhor,  
Por vossa morte e paixão,  
Que se quebrante o inferno,  
É pela vossa ascensão,  
Os espiritos maglinos  
De mim queiram-se afastar,  
Sem me poder fazer mal.  
Com a vossa santa paz  
O descuido foi bem forte;  
Livrae-me, Senhor, da morte,  
Da morte da amargura,  
A'quella que sempre dura;

Dae-vol-a, sim. se pudeses  
A'quelles que mal nos querem!  
Oh meu Senhor Jesus Christo,  
P'l'o signal da santa Cruz,  
Mais clara que um espelho,  
Ajudae-me vós, Senhor  
Com verdadeiro conselho.

—●—  
**Verbo divino**

*(Versão da ilha de S. Jorge — AÇÔRES)*

Oh Verbo divino,  
Cordeiro da Cruz,  
Salvae a minha alma,  
Valei-me, Jesus.

Valei-me, Jesus  
Do meu coração;  
Pelos tormentos  
Da vossa paixão.

Da vossa paixão  
O sangue benino  
Me seja propício,  
Clemente e divino.

Clemente e divino,  
Senhor e bem meu;  
Eu quero ser vosso,  
Não quero ser meu.

Não quero ser meu  
Por que eu vosso sou,  
Se vida me destes,  
A alma vos dou.

A alma vos dou,  
 Meu Deus e meu bem ;  
 Livrae-me do inferno,  
 Para sempre. A'men.

—●—  
**Oração ao Salvador**

*(Versão da Atalaya)*

Amado Jesus.  
 Do meu coração,  
 Perdoae minhas culpas,  
 Pela vossa paixão.

Eu fui ao Calvario,  
 Achei lá uma cruz ;  
 A cama e meza  
 Do Christo Jesus.

Eu deitei-me n'ella,  
 Puz-me a considerar,  
 Que modos eu teria  
 P'ra Deus me salvar.

Salvador do mundo,  
 Que a todos salvaes,  
 Salvae a minha alma,  
 Bendito sejaes.

Além vem Jesus.  
 Que lhe quereis vós ?  
 — Eu quero ir co'elle  
 Que leva a cruz.

A terra tremia  
 Co'o pezo da Cruz ;  
 Digamos trez vezes :  
 Salvae-me Jesus.



Abride essas portas,  
 Que lá vem Jesus,  
 Co'os braços abertos,  
 Pregados na cruz.

Seus pés encravados.  
 Suas mãos também...  
 Os nossos peccados  
 Toda a culpa têm.

●

### Oração da Amargura

(Versão de Loulé — ALGARVE)

Estando Nossa Senhora  
 Uma manhã de domingo,  
 Com sua bendita mão  
 Lavando o rosto divino,  
 Ella se foi a dizer  
 Ao seu precioso filho :

«Que as almas do santo Céu  
 Se sorriam e cantavam,  
 As do santo Purgatorio  
 Gemiam e até choravam,  
 —Deixae estar oh minha mãe,  
 Que ellas o tem merecido ;  
 Ha cem annos que me pedem  
 E não me tenho esquecido ;  
 Deixae vir o santo sabbado,  
 Que subirão ao Juizo ;  
 Deixae vir o bom domingo,  
 Que entrarão no Paraizo.

Outra :

Estando Nossa Senhora,  
 Uma sexta feira á missa,

Vem a Santa Magdalena  
 Muito triste e muito afflita ;  
 —Que fazeis aqui, Senhora ?  
 «Eu á missa estou resando.  
 —Vosso precioso Filho  
 Na Cruz estão açoitando.  
 Com açoites e martyrios  
 Que os phariseus lhe estão dando,  
 «Ai que novas tão levadas  
 Castigam os meus sentidos !  
 Mulheres, que têm filhos,  
 Ajudae-me a chorar,  
 Pois aquellas que os não têm  
 Não têm dôr nem pesar.

Quem esta Oração disser  
 Um anno de dia a dia,  
 A Virgem lhe apparecerá  
 Antes da morte trez dias,  
 Ella lhe virá dizendo :

«Filho, vae-te confessar,  
 Que o meu precioso Filho  
 Para a gloria o quer levar,  
 Com a sua divina luz  
 Para sempre. Amen Jesus.

### Oração do Penitente

(Versão de Loulé — ALGARVE)

Jesus Christo, meu confôrto,  
 Crucificado e bem morto,  
 Perdoaste a vossa morte,  
 Sendo cruel e tão forte ;  
 Perdoae os meus peccados  
 Esquecidos e lembrados.  
 Como aos pés do confessor  
 Não os soube confessar,

Os confesso a vós, Senhor,  
 Que bem os sabeis contar.  
 Minha alma não se perca  
 Nem morra sem confissão.  
 Oh meu Senhor Jesus Christo,  
 Christo do meu coração,  
 Perdoae os meus peccados,  
 Pois sabeis quantos são;  
 D'elles eu arrependido  
 Vos peço absolvição,  
 E me deis a vossa graça  
 E a eterna salvação.

— ● —

### Oração á Aurora

*(Versão de Guimarães — MINHO)*

— D'onde vindes, bella Aurora,  
 Por onde andaste até agora?  
 «Alegra-te, mulher forte,  
 Que a Noite te parecia morte,  
 . . . . .

— ● —

### Silencio, do Sol que nasce

*(Versão de Estembar — ALGARVE)*

Deus te salve, Sol divino!  
 Tu corres o mundo inteiro;  
 Viste lá o meu marido?  
 Se tu o viste não m'o negues,  
 Não m'o negues, não negues, não.  
 Esses raios que vens deitando  
 Ao teu nascimento,

Sejam dôres e facadas,  
 Que atravessem o seu coração;  
 Que elle por mim endoudeça,  
 Que elle não possa comer,  
 Nem beber, nem andar, nem amar  
 Nem com outra mulher fallar,  
 Nem em casa particular.  
 Todas as mulheres que elle veja  
 Lhe pareçam cabras negras,  
 E bichas feias.  
 Só eu lhe pareça bem no meio dellas.

●

### Ao romper o Dia

(Versão de Guimarães — MINHO)

Graças a Deus para sempre,  
 Que já vi a luz do Dia,  
 Quando esta graça pedia:  
 Ainda o Sol não nascia,  
 Que o Senhor seja meu pae,  
 A Senhora minha mãe,  
 Os Apostolos meus irmãos.  
 E os Apostolos permitam  
 Que eu nunca seja prezo,  
 Nem matado, nem roubado  
 Nem mordida de cão danado;  
 Que seja tudo alegre na minha vida,  
 Como foi o Verbo em carne  
 No ventre da Virgem Maria.

●

### Ao Sol

Solsinho! vem, vem,  
 Pelas portas de Belem,  
 Que te dou um vintem;

Pelas telhas do telhado,  
Que te dou um cruzado ;

Todos nós te vejamos vir,  
Para nos pôrmos a rir.  
Com bem nos aches,  
Com bem nos deixes.

O olhinho do Sol  
Que nos alumie,  
Quanto mais melhor  
Já lá vem o Manel do dia,  
Que nos tem alumiado todo o dia.  
Em louvor do Sol nascente,  
Que nos não dêa mão nem dente.

—●—

### Silencio do Sol do meio dia

(*Versão de Estombar — ALGARVE*)

Deus te salve ! Sol divino,  
Pelo pino do meio dia :  
Tu corres o mundo em volta ;  
Viste lá o meu marido ?  
Que elle comer não possa,  
Nem beber nem fallar  
Sem commigo vir estar  
Com todo o pato, com todo o pato,  
Com todo o pato real.

—●—

### Ao amanhecer

(*Versão de S. João de Areias — BEIRA*)

Bendita seja a luz do dia,  
Bendito seja quem a cria.  
Assim como Nosso Senhor

Apartou a noite do dia,  
 Apartará a minha alma  
 De má companhia.  
 Em louvor de Santo ou Santa  
 Hoje d'este dia.

(*Versão do Foç do Douro*)

Bendita seja a luz do dia,  
 Bendito o Filho da Virgem Maria,  
 Que apartou a noite do dia;  
 Aparte à minha alma,  
 Da má companhia.

—●—  
**Silencio da Lua**

(*Versão de Estombar — ALGARVE*)

Que formosa e bella! Deus te salve,  
 Tens tres pontas; podes emprestar-m'as?  
 A' noite e á manhã, e todo o dia  
 A aguçar e amolar ao campo de Quiferiria,  
 A' primeira ponta p'ra tanxar seja  
 De meu marido na cabeça,  
 E que elle por mim endoudeça!  
 A outra seja no coração,  
 Para que por mim morra e estale de paixão;  
 E a ultima hade ser nas nádegas,  
 Para que elle se lembre das minhas fraldas.

—●—  
**A Lua nova**

(*Versão da ilha de S. Miguel — AÇÔRES*)

Oh lua nova,  
 Benza-te Deus!  
 Minha madrinha  
 E' mãe de Deus.

Luar, luar,  
Torna o teu ár,  
Deixa os meninos  
Crescer, medrar.

Lua nova,  
Tu bem me vês ;  
Dá-me dinheiro  
P'ra todo o mez.

Benza-te Deus,  
E a Lua nova ;  
Todo o mal que tenha  
De mim vá fora.

---

### Silencio da Estrella

(Versão de Estombar — ALGARVE)

Deus te salve! estrella luzidia.  
Debaixo da capa de Deus  
Tens andado e hasde de andar ;  
Eu te peço que o meu marido  
Não possa por lá parar,  
Sem alguma cousa me mandar ;  
Pela hostia consagrada  
E Jesus Christo no altar.

---

### A' Lua, mostrando dinheiro

Lua nova,  
Deus te crescente ;  
Quando passares pela minha porta.  
Traze muita d'esta semente.

\*

Lua nova,  
 Eu não te vi senão agora;  
 E quem te fez nova  
 Que te faça velha  
 É eu sua serva;  
     Santa Inez,  
 Prata e ouro todo este mez.

\*

Deus te salve! Lua nova,  
 Que me livres de trez males:  
 Primeiro, de dôr de dentes,  
 Segundo de fogos ardentes,  
 Terceiro, da lingua de má gente  
 E do inferno principalmente.

\*

Benza-te Deus, Lua nova,  
 E mais teus quartos crescentes;  
 Enquanto eu peço ao Senhor  
 Que me livre de dôr de dentes.

\*

Deus te salve, Lua nova,  
 Luinha de San Matheus;  
 Quando te doerem os dentes,  
 Assim me dôam os meus.



### Oração ao deitar na cama

(Versão de S. João de Areias—BEIRA)

Com Deus me deito  
 Com Deus me levanto,



Com a divina graça  
Do Espirito Santo.

N'esta cama me quero deitar,  
Para dormir e descançar.  
Se a morte vier  
E por mim chamar  
E eu não puder fallar,  
Direi do meu coração,  
Tres vezes — Jesus! Jesus! Jesus!  
Para me salvar,  
Lá toca a hora,  
O Anjo a toca,  
A Senhora a reza  
E Christo adora.  
Bendita a alma  
Que se deita n'este hora.

(Outra — *ib id.*)

N'esta cama me deitei,  
Sete anjinhos n'el'a achei,  
Tres aos pés, quatro á cabeceira,  
Nossa Senhora na dianteira.  
Christo a adora,  
Bendita seja a alma  
Que se deita n'esta hora,  
A cruz se deita commigo,  
A cruz da divindade  
A cruz se deite commigo  
Da Santissima Trindade.  
Desceu Deus do céu á terra  
E se metteu entre mim  
E Jesus crucificado  
Falle e responda por mim.  
Nem meu corpo seja prezo,  
Nem a minha alma perdida,  
Nem meu sangue derramado.  
Padre Nosso, Avè Maria.

(Versão da Foz do Douro)

Filho da Virgem Maria,  
 Jesus Christo precioso,  
 Vós me guardeis esta noite  
 E amanhã por todo o dia.  
 Meu corpo não será prezo  
 Nem meu sangue derramado  
 Nem minha alma perdida,  
 E Jesus, Avè Maria.

(Versão da Villa Boim)

Em Belem toca á missa,  
 Jesus Christo a diz;  
 Nossa Senhora a adora.  
 Bendita seja alma  
 Que se deita n'esta hora.

(Versão de Coimbra)

Com Deus me deito,  
 Com Deus me levanto,  
 Com a graça de Deus  
 E do Espirito Santo.  
 Senhor, eu dormir quero,  
 A minha alma vos entrego;  
 Se eu dormir, acordae-me,  
 Se eu morrer, embale-me  
     Com os tres signos  
 Da Santissima Trindade.

.....

Senhor! guardae-me esta noite  
 E amanhã por todo o dia;  
 Que o meu corpo não seja prezo,  
 Nem a minha alma perdida  
 Nem meu sangue derramado.  
 E Jesus, Avè Maria.

(Versão de Ourilhe — MINHO)

Graças a Deus,  
Que já me deitei,  
Com sete anjos  
Me encontrei;  
Trez aos pés,  
Quatro á cabeceira  
É Nossa Senhora  
Na dianteira.  
E ella me disse :  
—Dorme e repousa ;  
Não te temas  
De nenhuma cousa.  
Persina-te,  
Persino-me eu ;  
Benta é a hora  
Em que Christo nasceu.  
Bento o altar,  
Benta a hora  
Em que me fui deitar.  
Tange a hora ;  
O Christo a tange,  
A Virgem a adora,  
Ditosa a alma  
Que se deita n'esta hora.  
Dorme *fulano*  
Dorme e repousa  
Não tenhas medo  
De nenhuma cousa.

—●—  
**Oração ao deitar da cama**

(Versão de Lisboa)

Com Jesus me deito,  
Com Jesus me levanto,  
Pela graça divina

Do Espirito Santo.  
 Nossa Senhora me cubra  
 Com o seu divino manto ;  
 Se eu bem cuberto fôr,  
 Não terei medo nem pavôr  
 Nem d'aquillo que máo fôr.  
 N'este leito em que me deito  
 Acharei quatro anjos,  
 Dois aos pés, dois á cabeceira,  
 Nossa Senhora na dianteira.  
 Jesus crucificado,  
 Filho da Virgem Maria,  
 Guarda-me esta noite  
 E ámanhã por todo o dia.

Outra :

N'esta cama me deitei,  
 Sete anjos n'ella achei,  
 Trez aos pés, quatro á cabeceira,  
 Nossa Senhora na dianteira ;  
 Ella me disse  
 Que dormisse,  
 Que não tivesse medo  
 De nenhuma cousa  
 Se eu dormisse, acordava-me,  
 Se eu morresse acompanhava-me,  
 Com as tres Pessoas  
 Da Santissima Trindade.  
 Em nome de Deus-Padre,  
 De Deus Filho  
 E de Deus Espirito Santo.

Outra :

Senhor ! deitar-me quero,  
 Não sei se amanhecerei ;  
 Confesso-me e sacramento-me  
 Para viver na vossa lei.

N'esta eama me vou deitar,  
Para a minha alma repousar,  
Se a morte me vier buscar,  
Que eu não possa fallar,  
Possa eu dizer:—Jesus!  
Tres vezes Jesus!  
Para minha alma salvar.  
Cruz preciosa, Cruz bendita,  
No céo estás escrita,  
Na terra allumiada;  
Todos os anjos do céo  
Acompanhem a minha alma.  
Jesus seja commigo,  
E eu com elle;  
Elle adiante  
E eu atraz d'elle.  
A cruz do Senhor  
Se deite sobre mim;  
Quem n'ella padeceu  
Responda por mim.

Outra:

Virgem pura, Virgem pura,  
Mãe de toda a creatura,  
Bem sabemos que paristes;  
Todo o mundo remistes;  
Remistes a mim, Senhora!,  
Sou uma alma peccadora,  
Estou para me deitar,  
Com tenção de me levantar.  
Veiu um anjo me dizer,  
Que estava para morrer,  
E não estava preparado  
Para dar contas a Deus.  
Lá no calix consagrado  
Lá no calix se procura.  
Já o sacrario está aberto,

Já o Senhor está lá dentro,  
 Já os anjos o adoram,  
 Santissimo Sacramento,  
 Jesus da bella cruz.  
 Para sempre, Amen, Jesus.

—●—  
**Para o deitar da cama**

Na sepultura da vida me deito;  
 Não sei se me levantarei,  
 Confesso-me e sacramento-me  
 Em vossa divina lei.

—●—  
**Oração ao lavar**

Senhor, que me destes  
 Agua p'ra me lavar,  
 Dae-me graça p'ra me salvar.

A' sagrada morte e paixão  
 De Nosso Senhor Jesu Christo.  
*Padre Ncsso e Ave-Maria. Amen.*

—●—  
**Para o deitar da cama**

*(Versão do Cadaval)*

A' roda d'esta casa  
 Anda uma grande conquista,  
 San Pedro e San Paulo  
 E San João Baptista;  
 Creio que isto é verdade,  
 Valham-me as tres Pessoas  
 Da Santissima Trindade.

## Oração ao Anjo da Guarda

*Versão de S. João de Areias—BEIRA)*

Peço-vos, anjo bendito,  
Que não vos aparteis de mim,  
Dae-me o corpo a bôa morte  
E á alma bom fim,  
Tenho isto encommendado  
Desde a hora em que nasci.

Anjo da minha guarda,  
Semelhança do Senhor,  
Que de Deus foste creado  
Para ser meu guardador.  
Peço-vos, Anjo bento,  
Pela graça e poder,  
Que do laço do demonio  
Me ajudeis a defender.

---

## Ao Anjo da Guarda

*(Versão do ALEMTEJO)*

Quatro cantos tem a casa,  
Quatro velas estão a arder,  
Quatro anjos me acompanham  
Se esta noite morrer.  
N'esta cama me deito  
P'ra dormir e descansar;  
Se a morte me vier buscar,  
    Agarro-me aos cravos,  
    Agarro-me á Cruz  
    Entrego a minha alma  
Ao Santo Nome de Jesus.

**Para o levantar***(Versão do ALEMTEJO)*

Meus pés ponho na terra,  
 Minha alma em guia ;  
 Nossa Senhora anda  
 Na minha companhia.  
 Padre Nosso, Ave Maria.

\*

Já vêjo alva,  
 Já vêjo o dia ;  
 Encommendo-me a Deus  
 E á Virgem Maria.  
 Padre Nosso, Avè Maria.

\*

Que bem amanheça,  
 E o Senhor nos appareça.

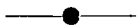
**Exhortação ao peccador***(Versão de Ourilhe — MINHO)*

Converte-te, peccador,  
 Que se acaba a tua vida ;  
 Se te agora não convertes  
 Nunca mais serás ouvido.  
 Peccador adormecido,  
 Que assim vives esquecido,  
 Não te deites a dormir,  
 Nem uma hora descansado.  
 Dormindo, acordarás  
 E apparecerás condemnado.



**Ao entrar na Igreja***(Versão Alemtejana)*

Peccados meus ficae cá fóra  
Que eu quero ir lá dentro,  
Entregar a minha alma  
Ao Santissimo Sacramento.

**Oração do Penitente***(Versão de Loulé—ALGARVE)*

Jesus Christo, meu confôrto,  
Crucificado e bem morto,  
Perdoastes vossa morte,  
Sendo cruel e tão forte;  
Perdoae os meus pescados  
Esquecidos e lembrados;  
Como aos pés do confessor,  
Os confesso a vós, Senhor,  
Que bem os sabeis contar.  
Minha alma se não perca,  
Nem morra sem confissão.  
Oh meu Senhor Jesus Christo,  
Christo do meu coração,  
Perdoae os meus peccados,  
Pois sabeis quantos são.  
D'elles eu arrependido  
Vcs peço a absolvição,  
E me deis a vossa graça  
E a eterna salvação.

### Oração para a agonia

(Versão de Ourilhe)

Finarás, não morrerás :  
 Pelo campo de Judaphás  
 Passarás;  
 O inimigo d'alma encontrarás  
 E tu lhe dirás :  
 «Arreda-te de mim, Satanaz.  
 Commigo parte nem quinhão terás.  
 Eu em dia de Santa Cruz  
 Cem vezes disse—Jesus!  
 E cem vezes me persignei  
 E cem vezes o chão beijei.

### Oração para pessoa que se ausenta

(Versão da Foz do Douro)

A' arvore de Nosso Senhor váes encostado,  
 A' Virgem Nossa Senhora apegado,  
 Com o leite de Nossa Senhora vós burrifado,  
 Com as armas de San Jorge vós armado;  
 Eu te entrego á luz  
 E á santissima Cruz  
 E ao rei da virgindade  
 E á Santissima Trindade  
 E a San Romão,  
 Que está fóra e dentro de Roma.  
 Que te livre do dia e da noite  
 De fogos ardentes,  
 Linguas das mís gentes,  
 De todolos males. A'men.

(Versão de Ourilhe)

Deus te livre e Deus te salve  
 E te livre de inimigos  
 Mortos e vivos,  
 Olhos tenham e não te vejam,  
 Boccas tenham e não te fallem,  
 Mãos tenham e não te offendam,  
 Pés tenham e não te alcancem.  
 Que tu faças da ida que fez  
 O Filho da Virgem Maria,  
 Da santa Casa de Belem  
 Para a de Jerusalem

—●—  
**Oração antes da Confissão**

(Versão de Abrantes)

N'esta egreja vou entrando,  
 Agua benta vou tomando,  
 Os meus peccados fiquem aqui;  
 Que eu vou dar contas a Nosso Senhor.  
 Que ha muito que o não vi.

—●—  
**Depois da Confissão**

Senhor do Confôrto!  
 Que fostes prezo e morto,  
 Perdoae os meus peccados  
 Que elles são muitos e largos;  
 Não os dou confessados,  
 Nem a padre nem a bispo  
 Nem a bispo dourado.  
 Beijarei esta pedra,  
 Que a minha alma se não perca;  
 Beijarei esta Cruz,  
 Que a minha alma tenha luz,  
 Para sempre Amen. Jesus.

### A Mesa da Communhão

N'esta meza ajoelhei,  
 N'esta meza virginal,  
 Venho a arreceber  
 Um riquinho manjar,  
 Manjar tão excellente  
 Dado das mãos do Senhor,  
 Para dar tão realmente  
 A um grande peccador.  
 Os peccados que sabeis  
 Não os disse ao confessor,  
 Mas digo-os a vós, Senhor!  
 Sabendo o que elles são,  
 Dae-me a penitencia  
 Para minha salvação.



### Contricção

*(Versão de Ourilhe)*

Chagas do Senhor,  
 D'aquellas mais last'imosas,  
 Oh coração trespassado  
 Digno de ser reverenciado;  
 Oh sangue derramado  
 De Nosso Senhor Jesus Christo,  
 Como na hora  
 Da minha morte,  
 Valei-me agora.

*(Versão de Villa Boim)*

N'esta casa entro,  
 N'esta casa quero entrar.  
 Minha alma vem doente,  
 Que se quer confessar;  
 Nem a padre nem a cler'go,

Nem tambem a cardeal,  
 Ao meu Senhor Jesus Christo  
 Que é quem me hade perdoar.

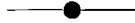
*(Outra, ibid.)*

Senhora da Encarnação,  
 Muitas vezes acontece  
 Morrer sem confissão;  
 Se a minha tal acontecer,  
 Peço a Nossa Senhora  
 P'ra ser minha confessora,  
 Para que me confesse os peccados  
 Esquecidos e lembrados,  
 Os que não foram confessados  
 Nem a padre, nem a frade,  
 Nem a bispo cardeal;  
 Heide beijar a pedra d'era  
 P'ra que minha alma se não perca;  
 Heide beijar a santa Cruz,  
 Para sempre. A'men. Jesus.

*(Outra—Elvas)*

Aqui me venho confessar  
 Aos pés do meu confessor;  
 Os peccados que lhe não digo  
 Vós bem os sabeis, Senhor.  
 D'esses céos peço perdão,  
 Que a minha alma se não perca,  
 Não morra sem confissão;  
 Avè, Maria, branca e bella  
 Vós sereis a minha confessora,  
 Confessarei os meus peccados  
 Que não confesso nem a padre  
 Nem a homens cardeaes,  
 Confesso-me a vós, Senhora.  
 Já que não posso chegar,  
 Beijarei a santa Cruz

Para que a minha alma tenha luz ;  
 Beijarei a santa pedra,  
 Para que a minha alma não se perca.



### Oração para defender a casa

*(Versão de Villa Boim)*

Esta casa tem quatro cantos,  
 Quatro anjos a estão guardando,  
 João, Lucas, Marcos e Matheus  
 Com todos os réos.

*(Outra, de Elvas)*

Justo Juiz divinal  
 Da casa celestial,  
 P'ra que á minha porta não chegue  
 Quem me possa fazer mal.  
 Para Marcos marcar estas casas,  
 San Marcos as hade marcar,  
 Jesus n'ellas hade ficar,  
 Para que á minha porta não chegue  
 Quem me possa fazer mal.

*(Versão de Campo Maior)*

Senhor Crucificado  
 Esteja commigo  
 E ao meu lado ;  
 Senhora de Nazareth  
 Esteja commigo,  
 E ao meu pé.  
 Senhor atado á Columna,  
 Elle esteja guardando  
 A porta da rua.

**Oração para quem sáe fóra de casa***(Versão de Elvas)*

A camisa de Nossa Senhora  
 Tenha espada em guia ;  
 Quem mal me quizer fazer  
 Deus o queira arrepender :  
 Se tiver pernas não me alcancem,  
 Se tiver mãos não me maltratem,  
 Se tiver olhos, não me vejãam,  
 Se tiver bocca não me falle ;  
 A Virgem Maria me guarde.

**Outra :**

Jesus, Maria, José,  
 Deus de diante,  
 Paz em dia ;  
 Deus me dê  
 Tal companhia  
 Como deu  
 A' Virgem Maria.  
 Quando ella foi  
 Para Belem,  
 E entrou  
 Em Jerusalem.

**Outra :**

Com as armas de Christo eu seja armado,  
 Com o leite da Virgem Maria borrifado.  
 Por varios caminhos andarei,  
 Bons e máos encontrarei ;  
 Os máos tenham olhos e não me vejãam,  
 Tenham bocca não me fallem,  
 Tenham mãos, não me maltratem,  
 Tenham pés, não me alcancem.  
 Tão bem encaminhado seja eu  
 Conforme foi San Francisco,  
 Que levava as armas  
 De meu Senhor Jesus Christo.

**Quando se amassa o pão***(Estombar)*

San Crimente  
 Te accrescente ;  
 Santa Maria  
 Te faça pão de alegria.

**Para quando treveja**

Eu ouço as vozes do céu  
 E a vossa divina magestade ;  
 E a Virgem nossa Senhora,  
 Valha-me a Santa Trindade.

**Para o lavar as mãos**

Minhas mãos molho,  
 Meu rosto lavo,  
 Para dar gosto á Virgem  
 Penas ao diabo.

**Silencio á porta da Ermida de Santo Antonio***(Batendo trez pancadas).*

Oh meu padre Santo Antonio,  
 Dae-me o que vos deu Christo ;  
 Gloria á minha alminha,  
 Luz á meu espirito.  
 Peço ao meu padre Santo Antonio,  
 Que era do anjo, eu de peccador,  
 Se meu marido é morto ou vivo,  
 Pelas cinco chagas do Senhor.

**Silencio á porta do Cemiterio de Estombar***(Batendo á porta).*

Almas santas, desamparadas,  
 Cheias de luz e claridade !  
 Accudi-me, n'esta aflicção,  
 Valei-me n'esta necessidade !



B) *Ensalmos e Esconjuros***Santo Antonio***(Versão de Ourilhe)*

Santo Antonio se vestiu e calçou,  
 Suas santas mãos lavou,  
 E ao caminho se botou,  
 Jesus Christo encontrou;  
 O Senhor lhe perguntou :

—Tu, Antonio, aonde vaes ?  
 «Senhor, eu vou para o céu.  
 —Tu ao céu não irás;  
 Tu na terra ficarás,  
 Quantas cousas se perder  
 Todas tu depararás;  
 Quantas missas se disser  
 Todas tu ajudarás.

*(Versão de Celorico de Basto)*

Santo Antonio se levantou,  
 Se vestiu e se calçou,  
 Suas sagradas mãos lavou,  
 No seu cajadinho pegou;  
 Encontrou Nossa Senhora,  
 Que lhe perguntou :

—Antonio, tu aonde vâes ?  
 «Senhora, eu vou para o céu.  
 —Tu commigo não irás  
 Na terra ficarás;  
 Todas as cousas que se perdem  
 Tudo, tudo o ampararás,  
 Na honra de Santo Antonio.

## A Santo Antonio para que faça chover

(Versão de Elvas—ALEMTEJO)

Oh meu padre Santo Antonio,  
 Eu te meto n'esta azada,  
 P'ra que a terra toda esteja  
 De agua da chuva alagada;  
 E o sol se esconda  
 Que as nuvens venham já;  
 Leva o sol para lá,  
 Traz as nuvens para cá,  
 E se assim o não fizeres,  
 De mólho estarás tres dias;  
 Não te resarei *Padre-Nossos*  
 Nem tampouco *Avè-Marias*.  
 E se o sol se esconder,  
 Uma *corôa* resarei,  
 E se vier a chover  
 Logo d'aqui te tirarei.

## Oração a Santo Antonio

(Versão de Elvas)

Santo Antonio se levantou,  
 Suas santas mãos lavou,  
 Seus santos pés calçou,  
 Seu santo caminho andou;  
 No campo de Lucifer  
 Jesus Christo encontrou.  
 O Senhor lhe perguntou:

—Para onde váes, Antonio?

«Eu, Senhor p'r' o céu me vou.

—Tu para o céu não irás.

Quantas cousas se perderam

Todas tu depararás

Oh meu glorioso Antonio,  
 Pelo habito que vestistes,  
 Pelo cordão que cingistes,  
 Estar vosso pae vistes  
 Com sete sentenças de fôrça,  
 Não dormistes nem descansastes  
 Em quanto, Santo o não livrastes;  
 Assim vos peço, Santo bendito,  
 Que não durmaes, nem descanseis  
 Em quanto não apparecer  
 O que vos peço me depareis.

*(Versão da Ilha de Santa Maria—AÇÔRES)*

O beato santo Antonio  
 Se vestiu e se calçou,  
 Suas santas mãos lavou,  
 Seu cajadinho tomou,  
 Seu caminbinho andou,  
 Jesus Christo encontrou :

—Tu, Antonio, aonde vaes?  
 «Eu, Senhor, comvosco vou.  
 —Tu commigo não irás;  
 A's missas que tu disseres  
 Todas tu ajudarás.  
 Todas as cousas perdidas,  
 Todas tu depararás.

*(Versão da Ilha de San Jorge)*

Oh beato santo Antonio,  
 Oh santo conformidote  
 Da santa contemplação,  
 Rogae por este varão.  
 Santo Antonio confessor,  
 Peço-te por teu amor  
 Sejas meu advogado  
 Por mim a nosso Senhor.

Gloria é padre piedoso  
 Com o filho glorificado,  
 Em Lisboa te é dado  
 Doutrina dos 'talianos.  
 Com prezos e africanos  
 Morte e vida favoravel.  
 Sondes nosso padroeiro  
 De christãos forte arnez,  
 Santo bem aventurado.  
 A seu dono é bem achada  
 Com alegria crescida  
 Oh eschola da verdade,  
 Balsamo tão milagroso  
 Em toda a enfermidade.  
 Sois de Lisboa patrão,  
 Da christandade victoria,  
 Alcançae de Deus perdão  
 E na outra vida gloria.

*(Versão do Minho)*

Santo Antonio morreu hontem,  
 Hoje se lhe faz o pranto;  
 Em cima da sepultura  
 Nasceu um craveiro branco.

Menina, vinde-o vèr  
 Com um cravo branco aberto,  
 Com as raizes no ermo.  
 As folinhas no deserto.



**Ditado para fazer parar a chuva .**

Escampa, escampa,  
 Figuerinha lampa;  
 Nossa Senhora a cavallo  
 N'uma burrinha branca.

**Oração de Santa Barbara***(Versão da Ilha de S. Jorge — Açôres)*

Santa Barbara Ludovina,  
 Perola mui estimada ;  
 Quando nascestes no mundo  
 Logo devoção tomastes,  
 C'o filho de Deus fallastes  
 Com elle vos saudastes.  
 Vosso pae, como gentio,  
 Rouxinol, que lhe diria?  
 A menina, que era Santa,  
 Para o céu assubiria.  
 Jurou o mouro acabar,  
 Se elle o céu fosse gosar,  
 Debaixo na nossa fé,  
 Quizera-a degolar ;  
 Ella não obedeceu  
 Sem do céu vir embaixada.  
 Veiu um anjo com cuidado  
 A trazer a embaixada :

—Santa Barbara, padece  
 Até santo luminar,  
 Que depois de padecer  
 Bom Jesus te hade salvar.  
 Trovões, faiscas de fogo  
 A teu pae hão de abraçar,

Logo ao primeiro trovão  
 Santa Barbara foi coroada ;  
 Desceram os Anjos todos,  
 Milagre de Santa Barbara ;  
 Santa Barbara Ludovina  
 Escutae nossa oração ;  
 Alcançae do bom Jesus  
 Para nossa salvação.

(*Versão de Loulé*)

Santa Barbara bendita,  
 Que no céu está escrita  
 É na terra assinalada,  
 Os anjos, que estão no céu.  
 Todos salvem a minha alma.  
 Santa Barbara bendita,  
 Que no céu está escrita  
 Em papel e agua benta;  
 Livra-nos, meu bom Senhor,  
 D'esta perigosa tormenta.

(*Versão de Abrantes*)

Santa Barbara bendita,  
 Que nos céos está escrita,  
 Espalhae a trovoada  
 Que está no céu armada;  
 Espalhae-a para longe,  
 Onde não haja pão nem vinho  
 Nem flôr de rosmaninho  
 Nem ouvir cantar os gallos  
 Nem ouvir repicar sinos.

Santa Barbara e San Jeronymo,  
 Dae-nos a vida que vivestes  
 E livrae-nos da morte em que morrestes.  
 San Pedro e San Simão,  
 Assim como elles são Santos,  
 Assim tragam os trovões mansos.

— ● —  
**San Romão**, *contra os cães damnados*

(*Versão de Elvas*)

Encommendo-me á luz,  
 Ao santo nome de Jesus,  
 Ao Senhor San Romão coroadado  
 E por corôar;

Que tens os pés em Roma  
 É a cabeça em Portugal.  
 E peço aos anjos benditos  
 Que nos livrem  
 De cão damnado e por danar;  
 De homem vivo,  
 Máo perigo;  
 De homem morto,  
 Máo encontro;  
 Que sejâmos tão bem guardados,  
 Como Deus no ventre  
 Da Virgem Maria.  
 Padre Nosso, Ave Maria.



### Oração a San Silvestre

*(Versão de Elvas)*

Tem mão, cão!  
 Entre mim e ti  
 Está San Romão.

Tem mão, cadella!  
 Entre mim e ti  
 Está Santa Quiteria.

*(Outra!)*

Encommendo-me a San Silvestre,  
 A's sete camisinhas que elle veste,  
 Ao seu anjo trinta e sete,  
 Cortou a cabeça a sete;  
 Que corte pés e mãos  
 A quem vier com má tenção;  
 Tenha olhos e não nos veja.  
 Tenha ouvidos, não nos ouça,  
 Tenha pernas, não nos alcance,

Tenha mãos não nos maltrate;  
 Que sejâmos tão bem guardados  
 Como Deus no ventre da Virgem Maria.  
 Padre Nosso, Avè Maria.

---

### San Gregorio

*(Versão de Loulé)*

San Gregorio se abalou,  
 Pèsinho esquerdo calsou,  
 Seu cajadinho tomou;  
 Indo no meio do caminho  
 Nesso Senhor encontrou:  
 —Aonde vaes tu, Gregorio?  
 «Espalhar a trovoadã.  
 —Espalha-a p'ra longe,  
 Onde não haja cêra,  
 Nem ramo de oliva,  
 Nem gado de lâ  
 Nem gente christã.

---

### San Christovam

*(Versão de Ourilhe)*

San Christovam se vestiu e calsou,  
 Na sua cajatinha apegou,  
 E ao caminho se botou,  
 Jesus Christo encontrou:  
 —Tu, Christovam, aonde vaes?  
 «Vou talhar estes trovões;  
 Sobre nós andam armados.  
 —Ora vae, Christovam, vae,  
 Bota-os ao monte maninho,  
 Onde não haja pão nem vinho,  
 Nem ramo de figueira,  
 Nem bafô de menino  
 Nem nada que faça mal.



(Versão de Vianna do Castello)

San Pedro e San Simão,  
Têm as chaves do trovão;  
Assim como os Santos são santos,  
Assim os trovões sejam mansos.

---

### Oração de San Bartholomeu

(Versão da ilha de S. Jorge—AÇÔRES)

San Bartholomeu me disse :  
—Quer velasse, quer dormisse,  
Que nenhum medo tomasse  
Nem da onda, nem do mar  
Nem d'aquella malfadada  
Que tem uma mão furada,  
E a bocca esfarrapada.  
Cruz em monte, cruz em ponte.

.....

---

### Oração a San Crispim

(Versão de Elvas)

Oh meu querido San Crispim,  
As cartas que por ti vou deitar  
Dize-me n'ellas se... *Fulano*  
Hade ser só para mim.  
Tres em cruz, tres em cruz,  
Não quero aqui a Jesus.  
Com alecrim,  
Oh San Crispim  
Te busco assim.  
Quero... *Fulano*  
Só para mim.

### Silencio para ser firme

(Versão de Estombar — ALGARVE)

Pedra d'ara, pedra d'ara,  
 Que no mar foste achada,  
 E em Roma consagrada!  
 Assim como nem o bispo  
 Nem tambem o arcebispo  
 Podiam dizer missa sem ti,  
 Assim elle não possa passar sem mim.  
 Eu te tiro com a pedra d'ara,  
 Para que firme para mim ficara,  
 Como Jesus Christo era  
 Para santa Maria Madanella.

### Oração de Santa Helena

(Versão de Elyas)

Milagrosa Santa Helena  
 Filha de rei e rainha,  
 Eras gentia e fostes christã;  
 No mar largo vos baptizastes,  
 Com as onze mil Virgens ceastes  
 Uma ceia de pão e agua,  
     Depois que ceastes  
 Para Roma caminhastes,  
 N'um prado verde entrastes,  
     Depois adormeceste  
 Com a arvore da Cruz sonhastes,  
     Depois acordastes,  
 Os tres cravos lhe tirastes;  
 Um, em planto verde embrulhastes,  
 Para vosso filho San Constantino  
 Para Roma o mandastes;  
 Outro, no mar largo o deitastes  
 Para remedio dos pobres navegantes,

E outro para vossas filhas  
 Pobres e necessitadas o guardastes,  
 Assim como vós, milagrosa Santa Helena,  
 Com a arvore da Cruz sonhastes  
 Vos peço me declareis em sonho  
 Se alcançar heide o que pretendo;  
 Permitti que sonhe com aguas claras,  
 Roupas lavadas, jardins de flores  
     E prados verdes;  
 E se não fôr o que pretendo,  
 Declarae-me pelo contrario.

—●—

### Santa Catharina

*(Versão do Campo Maior — ALEMTEJO)*

Em os estados de Roma  
 Houve certa creatura,  
 Catharina se chamava;  
 Filha de um pèrro mouro  
 E de uma mãe arrenegada.  
 Todos dias que amanhecia  
 O seu pae a castigava;  
 Que deixara a Lei divina  
 E á maldade se pegara.

—Como heide eu deixal-a,  
 Se eu vivo n'ella esposada?

Logo seu pae mandou  
 Fazer roda de navalhas;  
 Metteu-lhe um leão dentro  
 A vêr se a roda rodara;  
 Tanto a roda rodou,  
 Que o leão despedaçara;  
 Metteu n'ella a Catharina,  
 E logo a roda é parada.

Lá vem um anjo em nuvem,  
 Com a cruz e mais a palma;  
 «Oh Catharina, Cath'rina,  
 Tu á gloria és chamada.

*(Versão da Ilha de San Jorge—AÇÔRES)*

Beata Santa Catherina,  
 Clara, branca e dina!  
 Seu pae era o rei Cosme,  
 A mãe era Constantina,  
 E lhe puzeram o nomé  
 Beata Santa Catherina.  
 Nada fostes vós, senhora,  
 Cidade de A'lexandria;  
 Jesus Christo avistastes  
 Com muita grande alegria.  
 Treze dias, treze noites  
 Em vossa casa estivestes  
 Sem comer e sem beber,  
 Aos Doutores convertestes,  
 Com phantasias e flôres,  
 Com navalhas ao redôr;  
 Que passasses mais tormentos  
 Já não quiz o Redemptor:  
 Mandou os anjos á terra  
 Quebrar aquellas navalhas,  
 E d'aquella vez morreram  
 Onze mil quinhentas almas.  
 Quando a Senhora tal viu,  
 Seus joelhos poz em terra;  
 Suas mãos alçou ao céo,  
 E diz: — Senhores, senhores,  
 Quem minha oração souber,  
 Será livre, se a disser,  
 De carceres e de prizões,  
 E de falsos testemunhos,  
 Para sempre e ámen.

\*

Senhora Santa Catherina,  
 Santa de cabellos louros,  
 Mal empregada santinha  
 Morar na terra dos mouros.

**Oração a Santa Apolonia, contra dores de dentes**

(Versão da Figueira—BEIRA)

Santa Apolonia chorava  
 Sentada á porta do céu,  
 Quando ao passar por ella  
 A Virgem lhe appareceu:

—Apolonia, tu que tens,  
 Que assim choras sem cessar?  
 «Tenho uma dor de dentes  
 Que me faz desesperar;  
 Nem de dia nem de noite  
 Eu já posso descansar.  
 —Por Jesus sacramentado,  
 Que eu já trouxe no meu ventre,  
 Podes ficar descansada,  
 Nunca mais te dóe o dente.

Santa Apolonia bendita,  
 Pela Mãe do Redemptor,  
 Eu vos peço de joelhos  
 Que me tireis esta dor!

(Versão da Ilha de S. Jorge—AÇÓRES)

A Virgem Santa Apolonia  
 Pelos calhãos do mar ia,  
 E com a dor dos seus dentes

Encontra a Virgem Maria:  
E perguntou-lhe a Senhora:

—Santa Apolonia a onde ia?  
Ella respondeu: «Senhora,  
Em cata de vós me ia.  
—Torna atraz, Santa Apolonia,  
Que por esses nove mezes  
Que andei com o Filho no ventre,  
Que os teus dentes se adormentem.

### Oração pelas Almas

(Versão de Resende e de Villa Boim)

Já la váe o Sol abaixo  
Atraz da Primavera,  
Leva capinha amarella,  
Que lhe deu a Madanella.  
Madanella escreveu  
Uma carta a Jesus Christo;  
O portador que a leva  
E' o padre San Francisco.  
San Francisco vae descalso,  
Vestidinho de burel,  
Para arreceber as chagas  
Ao divino Manuel.  
Manuel, vae-te curar  
Aos braços de Catherina;  
Catherina da minha vida,  
Cordas do meu coração,  
Vosso pae estava chorando  
Pelos copinhos da espada,  
Por lhe metter freirinha,  
Freirinha de Santa Clara.  
Santa Clara é preciosa,  
Botou os olhos ao chão;

Ella é a mais linda rosa,  
 Vae n'aquella procissão.  
 Deitadinha no andor,  
 Aqui vae Santa Clara  
 Visitar Nosso Senhor.  
 Eu lhe beijarei a Cruz,  
 Que minha alma tenha luz ;  
 Eu lhe bejarei a pedra,  
 Que minha alma não espere.  
 Esta estrellinha mais dianteira  
 Com os anjos em carreira,  
 Encontrou o Menino Jesus  
 Com duas chaves na mão,  
 Uma do céu, outra do inferno.  
 Trez á Sexta e quatro ao Sabbado.  
     Se esta oração disser,  
 Tira quatro almas de pena em peccado,  
 A primeira seria sua,  
 A segunda de seu pae,  
 A terceira de sua mãe,  
 A quarta de quem fôr mais obrigado.

*(Variante de Elvas)*

Por detraz d'aquella serra  
 Se vae o sol escondendo,  
 Com uma capinha vermelha  
 Que lhe deu a Madalena.  
 Madalena vae descalsa,  
 Vestidinha de burel,  
 Recebendo as Cinco chagas  
 Ao divino Manuel.  
 Oh divino *Emperador*,  
 Emparae as nossas almas  
 Quando d'este mundo fôr.

## Senhora da Conceição

(*Versão de Loulé — ALGARVE*)

Fui por esta rua abaixo  
 A' busca de salvação,  
 Encontrei Nossa Senhora  
 Com um ramalhete na mão;  
 Eu pedi-lhe uma folinha,  
 Ella disse-me, que não;  
 Eu tornei-lhe a pedir,  
 Ella deu-me o seu cordão.  
 Isabelinha tecedeira,  
 Vae tecer-me este cordão,  
 Que me deu Nossa Senhora  
 Com a sua benta mão,  
 Quando em Sexta-Feira santa  
 Eu buscava a salvação.

(*Variante de Campo Maior*)

Levantei-me de madrugada  
 A ouvir missa e sermão,  
 Encontrei Nossa Senhora  
 Com um ramalhete na mão;  
 Eu pedi-lhe uma filhinha,  
 Ella me disse que não.  
 Eu lh'a tornei a pedir,  
 Ella me deu o seu cordão,  
 E me disse: — Vae áquelle  
 A'quelle castello além;  
 Que lá está um pèrro mouro,  
 Procura-lhe se è christão.  
 Pucha pelo teu cutello,  
 Se elle disser que não,  
 Com o teu cutello mesmo  
 Arrinca-lhe o coração.  
 — Oh castello tão estimado,  
 Onde foste batizado?



«Nas pias de San João,  
Martyr San Sebastião.

*(Versão de Lisboa)*

Nossa Senhora da Graça  
Fez um milagre no Monte ;  
Pedi-lhe o Menino agua,  
Logo se abriu uma fonte.  
A fonte era de prata,  
A agua era de cheiro,  
O Menino era santo  
Filho de Deus verdadeiro.

*(Variante de Campo Maior)*

A Mãe de Deus do Rosario  
E mais da Conceição,  
Ajuntaram-se ellas ambas  
Foram d'aquí a Marvão.  
Lá no meio do caminho  
Pedi o Menino pão ;  
Abriu-se uma fontinha  
De páo de manjaricão.  
Foram lá mais para diante  
Pedi o Menino agua ;  
Abriu-se uma fontinha  
De manjarona sagrada.



### Oração do Senhor morto

*(Versão de Campo Maior)*

Indo eu para o Calvario,  
Nas minhas contas resando,  
No caminho me disseram  
Que a Virgem estava chorando.  
Chorava a Virgem, chorava,

Chorava ao pé do Hôrto,  
 Que não tinha uma mortalha  
 Para Jesus, que está morto.  
 A mortalha já está feita,  
 Falta agora a sepultura;  
 A sepultura está já feita  
 Nos braços da Virgem pura.

— ● —  
**A Nossa Senhora**

*(Versão de Loulé)*

Oh Santa Maria,  
 Mãe de Piedade,  
 Pedi a Jesus  
 Pela christandade.

Pedi-lhe, Senhora,  
 Que eu não sei pedir,  
 Nem sou merecedor  
 De Jesus me ouvir.

*(Versão de Ourilhe)*

Oh Maria suavissima,  
 Livrae-me de todo o mal,  
 Assim como fostes livre  
 Do peccado original.

Oh Maria suavissima,  
 Estrella resplandescete,  
 Permitti que não me engane  
 Aquella infernal serpente.

Oh Maria suavissima,  
 Virgem pura e amavel,  
 Fazei que todos sejâmos.  
 De vosso Filho agradavel.

Oh Maria suavissima,  
Tende cuidado de mim;  
Eu me lanço em vossos braços  
Para nunca ter mão fim.

---

**Nome de Maria**

*(Versão da Costa de Caparica)*

Nome de Maria  
Tão bonito é;  
Salvae a minha alma,  
Ella vossa é,

Ella vossa é,  
Oh mãe de Jesus!  
Vós por mim chamastes  
Lá ao pé da Cruz.

Lá ao pé da Cruz  
Em que Jesus morria,  
Vós por mim chamastes,  
Oh Virgem Maria.

Oh Virgem Maria,  
Mãe do Salvador!  
Rogae a Jesus  
Por mim peccador.

Sêde a minha mãe  
Em quanto eu viver,  
Dáe-me a boa morte  
Quando eu morrer.

Quando eu morrer,  
Mãe da compaixão,  
Deus me não dê a morte  
Sem a confissão.

Sem a confissão  
 E o Pae dos Céos,  
 Não me venha a morte  
 Pelo amor de Deus.

Nunca despreza Deos  
 A vossa oração,  
 Mãe dos pobresinhos,  
 Não nos falte o pão.

Não nos falte o pão,  
 Mãe do Salvador,  
 E não falte o peixe  
 Ao pobre pescador.

A gente de Caparica  
 Vossos filhos são,  
 Não os desamparaes,  
 Senhora da Conceição.

Ella nossa é,  
 Nossa ha de ser,  
 Salvae a minha alma  
 Quando eu morrer.

Toda a christandade  
 Vossos filhos são,  
 Não a desamparae.  
 Senhora da Conceição.

●

### A B C de Nossa Senhora

*(Versão da ilha de S. Jorge — Açôres)*

**A**mo-vos muito, Senhora,  
 Sois meu amor tão constante;  
 Senhora, vós deveis sempre  
 Conhecer-me por amante.

**B**ella e formosa Senhora,  
Sois qual rosa no jardim ;  
Sondes rainha dos Anjos,  
De Thronos e Seraphins.

**C**ativo estou de vèr,  
Maria, a minha flor ;  
Pudera sim assubir,  
Não descera meu amor.

**D**izei, Senhora, que faça  
P'ra vossa graça merecer ;  
Farei tudo o que puder  
P'ra no coração vos metter.

**E**staes viva e presente  
Sempre na minha memoria ;  
Quando de vós me alembro,  
Cuido que estou na gloria.

**F**ormosa sois de tal sorte  
Que não ha que nos dizer ;  
Sois ramalhete de flores,  
Do melhor que pode haver.

**G**ravidade tendes, Senhora,  
Sobre todos estremada ;  
Sois gelosia da aurora,  
Sois a estrella dourada.

**H**ora tão afortunada  
Aquella em que me alembraes ;  
De entrades na minha memoria  
Cada vez vos quero mais.

**J**anella sois vós da gloria,  
Eu n'ella quero entrar ;  
Fazei, Senhora, que eu possa  
Essa dita alcançar,

Leal foi o meu amor,  
Com que sempre vos amei;  
E' sempre o vosso desejo,  
E eu outro não lucrarei.

Medicina do peccado.  
A cura pudeis fazer,  
Na vossa mão 'stá o remedio,  
Não me deixeis padecer,

Não posso deixar, Senhora,  
De sempre vos adorar,  
Nem mesmo de vos servir  
E constantemente amar.

Os vossos olhos, Senhora,  
Todos misericordiosos,  
Para nós os voltei,  
Todos serenos, ditosos.

Poder tendes muito grande,  
Fazeis tudo quanto quereis;  
Na hora da minha morte,  
Senhora, não me deixeis.

Rasão tenho grande, Senhora,  
De sempre vos adorar,  
Bem sei que sodes Rainha  
De todo o mundo em geral.

Sodes vida da minha alma,  
Amor do meu coração,  
Tendes acção de belleza  
Por lira da discrição.

Tudo tendes bem perfeito,  
Nada em vós se acha falta,  
Quem com devoção vos ama,  
Não lhe haveis de ser ingrata.

Vida sois da minha vida,  
E tambem dos meus cuidados;  
Quando de vós me alembro,  
Tenho os maiores regalos.

Zombar posso do demonio,  
Se me assistires na morte;  
Com vossa ajuda, Senhora,  
Eu terei a melhor sorte.

---

### Virgem do Desterro

(*Ilha de S. Jorge — AÇÔRES*)

Virgem do Desterro,  
Delicias da gloria,  
'Screvei vosso nome  
Na minha memoria.

O vosso desterro  
E' todo o meu bem;  
Levae-nos á gloria  
Para sempre, ámen.

---

### Cantigas da Senhora da Abbadia.

(*Versão do Minho*)

A Senhora da Abbadia  
Tem o seu pilar de vidro,  
Que lh'o deu um marinheiro  
Que se viu no mar perdido.

A Senhora da Abbadia  
Tem o seu pilar de pedra;  
Bem o podera ter de ouro  
Ou de prata se quizera.

Oh Senhora da Abbadia,  
 Vinde a baixo dar-me a mão;  
 Que eu sou rapariga nova  
 Canso no Arrebetão.

Houvera de ir á Abbadia,  
 Má'lo caminho tem pedras:  
 Não tem tantas como tinha,  
 Que a Senhora tirou d'ellas.

Adeus Senhora da Abbadia,  
 Adeus terreiro támem;  
 Adeus, castanheiros verdes,  
 Até ao anno que vem.

Oh Senhora da Abbadia,  
 Inda cá heide tornar.  
 Que me esqueceram as contas  
 Em cima de vosso altar.

Oh Senhora da Abbadia,  
 Eu pelo caminho vou:  
 Tantos anjos me acompanhem,  
 Como passadas eu dou.

A Senhora da Abbadia,  
 Que me ha de dar o dote,  
 Se m'o hade dar de dia,  
 Dê-m'o na hora da morte.



### Senhora dos Remedios

*(Versão da Beira Alta)*

Oh Senhora dos Remedios,  
 Dei um nó na giesteira,  
 Heide ir lá para o anno  
 Ou casada ou solteira.



Oh Senhora dos Remedios,  
Vossa côr é de cerêja;  
No vosso terreiro anda  
Quem a vossa côr deseja.

Oh Senhora dos Remedios,  
Vinde vêr a vossa gente;  
Senhora, dae-lhe saude,  
Que ella toda anda doente.

Oh Senhora dos Remedios,  
Que daes a quem vos vae vêr?  
Dou-lhe agua das minhas fontes  
Para quem quizer beber.

---

### Senhora da Saúde

*(Versão do Douro)*

A quinze do mez de Agosto  
A Senhora da Saúde;  
Fiz a cama nos teus braços,  
Quiz-me levantar, não pude.

A Senhora da Saúde  
Tem vinte e quatro janellas;  
Quem me dera ser o sol,  
Que entrava por todas ellas.

Oh Senhora da Saúde,  
Senhora da Saúdinha:  
Que capella tão pequena  
Para tamanha rainha.

**A Senhora do Carmo***(Versão do Alemtejo)*

Fui á Senhora do Carmo  
 Mais a minha gente toda;  
 Fui solteira, vim casada,  
 Foi milagre da Senhora.

Fui á Senhora do Carmo  
 No anno que choveu neve;  
 Logo me caíu por sorte  
 Meu amor ser almocreve.

**O Senhor da Serra***(Versão de Coimbra e ribatejana)*

Divino Senhor da Serra,  
 Divino Emperador,  
 Emparae-me a minha alma  
 Quando d'este mundo fôr.

Rapazes e raparigas,  
 Vamos ao Senhor da Serra,  
 Que está lá uma fontinha.  
 Quem tem sêde, bebe n'ella.

Divino Senhor da Serra,  
 Senhor, abrandae o vento,  
 Que se desfolham as rosas  
 Pela vossa porta dentro.

Divino Senhor da Serra,  
 Que lá estaes n'essas alturas,  
 Alumiae-me a minha alma,  
 Não me deixeis ás escuras.

Divino Senhor da Serra,  
 Ainda agora aqui cheguei;

Tantos anjos me acompanhem,  
Como de passadas dei.

Divino Senhor da Serra,  
Eu eide lá ir para o anno:  
Se me a mim não enganarem  
Como fizeram este anno.

Pedra do Senhor da Serra,  
Aonde eu me assentava!  
Era por servir a Deus,  
Não para vêr quem passava.

Ao Senhor da Serra vae  
Gente de toda a nação;  
Ninguem lá vae que não chore  
Lagrimas do coração.

Divino Senhor da Serra,  
Vinde a baixo dar-me a mão,  
Que eu sou romerinha nova,  
Engana-me o coração.

Divino Senhor da Serra,  
Côr de cerêja madura;  
Na vossa capella entra  
Quem a salvação procura.

Ao Senhor da Serra vão  
Gente de toda a comarca;  
Não ha ninguem que não chore  
Quando do Senhor se aparta.

Venho do Senhor da Serra  
Mais valente que cansada;  
Se eu tivera companhia  
Ainda para lá voltava.

Divino Senhor da Serra.  
Que assim estais encarnadinho,  
Chamae-me vossa afillhada  
Que eu vos chamarei Padrinho.

Divino Senhor da Serra,  
Que linda palavra dei!  
Livrae-me Senhor, livrae-me  
De quem livrar-me não sei.

Fostes ao Senhor da Serra  
Pela banda da cidade,  
Já não é Senhor da Serra,  
E' Senhor da Piedade.

Ladeira do Senhor da Serra  
E' custosa de subir;  
Quem lá tem os seus amores  
Remedio tem, senão ir.

Venho do Senhor da Serra  
De fazer uma novena;  
No caminho me disseram:  
Casa commigo, pequena;

Divino Senhor da Serra,  
Vinde abaixo á ladeira;  
Vinde dar a vossa mão  
A uma menina solteira;.

Divino Senhor da Serra,  
Ai! Eu não sei aonde estou;  
Ou os áres abaixaram  
Ou a terra levantou.

Foste ao Senhor da Serra  
Nem um anel me trouxeste;  
Nem os mouros da mourama  
Fazem o que tu fizeste.

Fostes ao Senhor da Serra  
Pela banda da Chamusca;  
Já não é Senhor da Serra,  
E' Senhor de quem o busca.

Se passares por Semide  
Não te encostes á barreira,  
Que desertam os rapazes  
Para a ilha da Madeira.

Na ladeira da Semide  
Nasce agua n'uma pedra,  
D'onde bebem os romeiros  
Que vêm do Senhor da Serra.

Heide ir ao Senhor da Serra,  
Ao Senhor da Serra heide ir;  
Quem vae ao Senhor da Serra  
Vae ao céo e torna a vir.

Ao Senhor da Serra vae  
Gente de toda a comarca;  
Não ha ninguem qua não chore  
Quando do Senhor se aparta.

### O Senhor da Piedade

*(Versão de Elvas)*

Quem dera ser sentinella  
Das muralhas da cidade,  
Só para estar sempre á vista  
Do Senhor da Piedade.

Oh Senhor da Piedade,  
Na vossa capella o digo:  
Não volto cá para o anno  
Sem trazer o meu marido.

O Senhor da Piedade  
E' um Senhor pequenino ;  
Heide-me casar este anno ,  
Heide-o levar por padrinho.

O Senhor da Piedade  
E' divino e prudente ;  
Quem o amar de véras  
Tem amor para sempre.

Oh Senhor da Piedade,  
Apiedae-vos de mim,  
Que eu já dei a minha mão  
Para seculos sem fim.

—●—

### O Senhor da Pedra

*(Versão do Minho e Douro)*

Meu rico Senhor da Pedra,  
Que lá estaes nos areaes,  
Todo o anno esquecido,  
Só em Março alembraes.

Meu rico Senhor da Pedra,  
Este anno vim solteira ;  
P'r'o anno, se Deus quizer,  
Heide vir de outra maneira.

Heide ir ao Senhor da Pedra,  
Inda que me leve um verão ;  
Em manguinhas de camisa  
C'o meu amor pela mão.

Meu rico Senhor da Pedra,  
Vós que daes ao vosso povo ?  
A areia para passear,  
Vinho maduro a rôdo.

Meu rico Senhor da Pedra,  
O caminho pedras tem ;  
Se não fosse p'lo milagre,  
Lá vos não ia ninguém.

— ● —  
**San Gonçalo**

*(Versão de Penafiel e Elvas)*

San Gonçalo já é velho,  
É velho e maganão ;  
Quando passa pelas môças  
Arrefia, aperta a mão.

San Gonçalo de Amarante  
Foi ao moinho de vento ;  
Traz a farinha na testa  
Para fazer o fermento.

Prometti a San Gonçalo,  
Prometti de lhe fazer  
Uma papia de maça,  
Quando minha mãe coser.

Se fôres a San Gonçalo,  
Trazei-me um San Gonçalinho ;  
Se não poderes com um grande  
Trazei-me um mais pequenino.

Róla, róla, San Gonçalo,  
Por esse mundo além ;  
Vamos procurar ventura,  
Que nenhum de nós a tem.

Róla, róla, San Gonçalo,  
Por esse mundo abaixo ;  
Que eu perdi o meu amor,  
Eu vou-me a vêr se o acho.

Prometti a San Gonçalo  
De lhe dar uma jaqueta ;  
Haja quem lhe dê o fôrro,  
Que eu lhe darei a baêta.

San Gonçalo de Amarante,  
Brincalhão e galhofeiro,  
Fazei-vos das raparigas  
Devoto e casamentario.

As freiras de San Gonçalo  
Tocam e bailam ao côro ;  
A culpa é da Abbadeça  
Que lhes não faz ter miolo.



C) *Esconjuros*

**Para desacanhár, em 9 dias**  
*com uma cruz benzida*

*(Versão da Figueira da Foz)*

Deus te deseneje  
De quem te invejou ;  
Deus te desacanhê  
De quem te acanhou ;  
Deus te desenleie  
De quem te enleiou ;  
Deus te desamarre  
De quem te amarrou ;  
Deus te desate  
De quem te atou :

Deus te talhe  
Todos os quebrantos  
E mãos olhados  
De quem t'os bota ;  
Pragas pregadas,  
Juradas e protestadas  
Tudo esconjuro  
Para o mar coalhado,  
Para onde não haja  
Gallinha nem gallo ;  
Tudo esconjuro  
Para o mar coalhado.

Em louvor de San Silvestre,  
Tudo quanto eu peço tudo te preste ;

Em louvor de San Cosme,  
D'onde o mal veiu para lá torne.

Pelo poder de Deus,  
De San Pedro e da Virgem Maria,  
Padre Nosso, Ave-Maria.

(Fórmula)

Assim como o sol  
Nasce na terra  
E se põe no mar,  
Assim este mal  
Vá lá parar.

**Esconjuro contra coisas ruins**

(Versão da Ilha do Faial — AÇÓRES)

Eu te requeiro, da parte de Deus,  
Que digas o que queres!  
E te esconjuro para os mares amarellós.

Se vens por parte do Inimigo,  
Couces d'uma brava besta  
N'essa maldita cabeça!

E quando este mal não te abaste,  
Deus t'o queira accrescentar,  
Em nome de Deus e da *Mantariana*; (1)

E da bicha com que se póda a vinha!  
Todos te batem, e eu também  
Por ser filho do Bem,  
Que as cousas bem feitas parecem bem. Amen!

(Ap. Arch. dos Açores, t. VIII, 313.)

(1) *Maranatha* (S. Paulo, Cor. xvi, 22) *Marthanaz* (seg. E. Ephren);  
é a divindade orgiástica *Marth.* e *Anah.*

### Para tirar o Sol da cabeça

(Versão do Porto)

Deus, quando pelo mundo andou  
 Muito sol e calor apanhou ;  
 Nossa senhora o encontrou,  
 Que lhe disse : — Que o sol se tiraria  
 Com guardanapo de olhos,  
 E um côpo de agua fria.  
 Assim como fallo verdade.  
 Torna o sol ao seu logar.  
 E pelo mar abaixo  
 Vae esta Senhora pelo mar ;  
 Com um côpinho de agua fria,  
 O mal que tem no corpo e na cabeça  
 Tire-lh' o Deus e a Virgem Maria.

\*

— Raminho de aipo reduzido a cinza,  
 — Terra de sepultura de enforcado ;  
 — Dente de cavallo côxo moído ;  
 — Olhos de bezerro malhado,  
 — Com cinza de cypreste misturado.

### Contra a erysipela

(Versão de Elvas — ALEMTEJO)

Jesus !

Santo nome de Jesus !  
 Quando o Senhor pelo mundo andou,  
 Pedro e Paulo encontrou.  
 — D'onde vindes, Pedro e Paulo ?  
 « Eu, senhor, venho de Roma.  
 — Que váe por lá, Pedro e Paulo ?  
 « Muita izipóla e muito izepolão.  
 Morre, senhor, muita gente  
 Do mal de incagação.  
 — Torna atraz, Pedro e Paulo,



— Pedro Paulo, que vae lá?

«Muito mal e eryzipela.

— Pedro Paulo, torna lá ;

Dá-lhe sal do mar,

Agua da fonte

E erva do monte,

Que a Senhora permittirá

Que este mal abrandará.

*(Outra, ibid.)*

Que faria a rosa vermelha,

Que aqui come, arde, dóe e próe?

— Dá-lhe com sal do mar,

E erva do monte

Dá-lhe com tudo defronte ;

Que a Senhora permittirá

Que este mal abrandará.

Assim venha este mal

A bem e a amor,

Assim como vieram as chagas

De Nosso Ssnhor.

Deus te torne ao teu estado,

Como foste creado.

*(Variante de Fareja, Fafe)*

Pela serra do Naia passei,

Bichos, sapos e cobras matei;

Santa Cecilia encontrei.

Trez filhas tinha :

Uma pela agua abaixo,

Outra pela agua acima :

Outra foi visitar Nossa Senhora,

E le perguntou que remedio daria?

— Talha la rosa vermelha,

Que le come, dóe o próe

Com sal do mar,

E agua da fonte

E erva do monte.

Com poder de Deus e da Virgem Maria  
 E todos os santos e santas;  
 Em louvor de San Pedro e San Paulo,  
 Em louvor de San Silvestre  
 Que tudo o que eu fizer, tudo preste.

—●—

**Para talhar o unheiro (panaricio)**

*(Versão de Melres)*

Unheiro forte, tem-te em ti,  
 Assim como o Senhor se teve em si;  
 Unheiro forte, tem-te no teu corpo,  
 Assim como o Senhor se teve no Hôrto.  
 Unheiro forte, tem-te nas tuas veias,  
 Como o Senhor se teve á hora das suas ceias.  
 Pelo poder de Deus e de San Silvestre;  
 E tudo o que te eu faça te preste,  
 E Deus seja o teu divino Mestre.

—●—

**Para erguer a espinhella**

*(Versão de Guimarães)*

A Senhora Senhorinha  
 Trez novellos de ouro tinha,  
     Um ardia,  
     Outro tecia,  
 Outro espinhela e baço erguia.  
 Assim como abelha e abelhame  
 Entra no meu cortiçame,  
 Assim como o padre para o altar,  
 Trez vezes vira o livro e torna a virar,  
 Assim a espinhela, espiçanhaço e baço  
     Torne a seu logar.

**Para talhar o ár***(Versão de Villa Mem—TRAZ-OS-MONTES)*

Ar e céu, estrellas vêjo;  
 Se eu tenho algum ár,  
 Ou algum arejo,  
 Para traz das costas o despeoj.

*(Variante de Guimarães)*

Ar de vivo,  
 Ar de morto.  
 Ar de excommungado,  
 Sae-te do meu corpo.

**Para talhar o Cobrelo***(Versão de Cadaval — ESTREMADURA)*

Em louvor de Santa Andreza  
 E de Santa Andresinha,  
 Com agua das trez fontes  
 É um raminho de oliveira,  
 Me curou o Cobrelo que tinha.

**Contra as queimaduras e  
escaldaduras***(Versão de Ourilhe)*

Santa Iria  
 Trez filhas tinha,  
 Uma ardia,  
 Outra tecia,  
 Outra em fogo  
 Ardente vivia.  
 Encontrou Nossa Senhora,  
 E ella lhe disse que—talharia;  
 Que cuspiisse e talhasse  
 Trez vezes ao dia.

(*Variante de Guimarães,  
Porto e Vizeu*)

Santa Iria  
Tinha trez filhas ;  
Uma foi á fonte,  
Outra foi ao rio,  
Outra em fogo ardia,  
Encontrou Nossa Senhora ;  
E lhe perguntou  
Que remedio lhe faria?  
Nossa Senhora respondeu :  
«Cuspe-lhe, cuspe-lhe,  
Que ella sararia.

(*Lição do seculo XVII,  
em uma Sentença da Inquisição*).

Santa Sophia, tres filhas tinha ;  
Uma, mandou-a á fonte,  
E a outra pela lenha ao monte,  
E a outra por lume á villa.  
A que foi por lume á villa  
Em fogo ardia.  
Que lhe faria  
Santa Sophia?  
Cuspe-lhe, sopra-lhe  
Trez vezes ao dia,  
Que mais não lavraria.

—●—  
**Contra as Quebraduras (Hernias)**

(*Ibidem*)

Assim como Nosso Senhor foi  
De setenta e dois espinhos coroadado,  
De trez prégos na Cruz pregado,  
De cinco chagas chagado,  
Dos Judeus cuspidado e esbofeteado,



Pela rua da Amargura  
 Com a Cruz ás costas levado,  
 De seu corpo e membros desconjuntado,  
 E depois de resuscitar  
     Se tornaram o seu logar,  
 Assim se tornem estas estutegaturas,  
     Quebraduras,  
     Desfiaduras,  
     Desmentiduras  
 Que logo fique são e salvo.

—●—  
**Para talhar as bichas (lombrigas)**

*(Versão de Ourilhe)*

Em nome de Deus, àmen,  
 Jesus, Maria José ;  
 E á vontade de Santo Inofre,  
 Que te livre... das bichas  
 Que te comem o coração ;  
 Pela misericórdia divina  
 Se convertam em agua.  
 Amen, Jesus, Maria José.

—●—  
**Para talhar o fogo louro**

*(Deitando a parte do archote queimado com  
 palhas de alhos)*

Eu te corto a cabeça,  
 Eu te corto o corpo,  
 Eu te corto o rabo,  
 Eu te corto tudo.

*(Deitando sobre o pescoço do doente)*

Eu o Tejo e o Douro  
 E o Minho passei ;  
 Fogo louro talhei.

## Para talhar a fogagem

(Versão de Penaguião)

Sempre-verde venerando,  
 No campo do Senhor fostes achado,  
 Sem ser nado,  
 Nem semeado.  
 Talha este fogo,  
 Este roborado,  
 Ar de vivo ou morto excomungado.  
 Tudo aqui talha,  
 Pelo poder de Deus  
 E de Virgem Maria.  
 Padre Nosso, Avê Maria.

(Variante minhota):

Sempre-verde bem fadado,  
 Foste nascido sem ser semeado,  
 Na campa de Nosso Senhor  
 Jesus Christo foste achado,  
 Para talhar este fogo ou este roborado  
 E este cão e este olhado.  
 Do lume e cama e lar sagrado,  
 Em louvor de San Thiago.

—●—

**Semear um morto** *quando o levam a enterrar,*  
*espalhando sal pelo caminho :*

Triste alma penada,  
 Vae para sempre degradada,  
 Por esse mundo além  
 Tantos annos. quantos tem  
 A saca que vou despejar,  
 Para nunca mais voltar.

**Para talhar a impigem***(Versão de Ourilhe)*

Impigem,  
 Rabigem,  
 Sae-te d'aqui!  
 Que eu já hoje comi  
 E já bebi;  
 Já passei a ponte  
 De Mondim.

Assim como eu fallo verdade,  
 Assim tu medres aqui;  
 Impigem.  
 Rabigem,  
 Sae-te d'aqui,  
 Que a cinza do lar  
 Corre atraz de ti.

**Para atalhar a dada***(Versão de Ourilhe)*

O Senhor pediu pousada,  
 Bom Homem lhe deu pousada,  
 E má mulher lhe fez a cama,  
 N'uma grade sobre lama.  
 Sara, peito, sara, mama.

**Para curar chagas***(Lição do seculo XVII—Sentença da Inquisição)*

Jesus, Jesus, Jesus!  
 Assim como o mar não tem sêde,  
 Nem o lume frio,  
 Nem meu Deus outro Senhor,

Assim se tire d'aqui:  
 Este fogo ruborado,  
     Figado e talhado,  
     Caceira e prurido  
 Para que fique são e salvo,  
 Pelo poder de San Pedro e de San Paulo  
 E do apostolo San Thiago.

—●—  
**Para o fluxo de sangue**

(*Ibidem*)

Assim peço á Virgem Maria,  
 Como á mulher que ao sabbado fia,  
 E á vespera do seu dia,  
     Pelo poder de Deus,  
 De San Pedro e San Paulo  
 E da Virgem Maria,  
 Que este fogo estancado seria,  
 E mais aqui não correria.

—●—  
**Oração de San Custodio**

(*Versão de Airão—MINHO*)

—Custodio, amigo meu.  
 «Custodio, sim, amigo não.  
 —Dize-me as santas palavras  
 Ditas e repinçadas.  
 «Eu t'as digo, eu t'as direi,  
 —Custodio, salva! queres-te salvar?  
 «Sim, senhor, quero.  
 —Dize-me que é a *uma*?  
 «A *uma* é o Sol  
 Mais claro que a lua.  
 —Dize-me quacs são as *duas*?

«As duas, são as duas Tablathinas  
De Maria Moysinha,  
Que correu a Santa Casa  
De Jerusalem  
De Deus. Amen.

—Dize-me quaes são as *trez*?  
«As tres são as Tres Pessoas  
Da Santissima Trindade.

(*Vae sempre repetindo a série anterior inversamente*)

—Dize-me quaes são as *quatro*?  
«As quatro, são as quatro Avangelistas.

—Dize-me quaes são as *cinco*?  
«As cinco, são as cinco chagas  
Do Senhor Jesus Christo.

—Dize-me quaes as *seis*?  
«As seis, são os seis cirios bentos,  
Que a Virgem accendeu  
Quando seu bento filho nasceu.

—Dize-me quaes são as *sete*?  
«As sete, são os sete Sacramentos.  
—Dize-me quaes são as *oito*?  
«As oito, são os oito corpos santos.

—Dize-me quaes são as *nove*?  
«As nove, são os nove Goivos,  
São os nove mezes, que a Senhora  
Trouxe o amado filho no ventre.

—Dize-me quaes são as *dez*?  
«As dez, são os Dez Mandamentos.  
—Dize-me quaes são as *onze*?  
«As onze, são as Onze Mil Virgens.

—Dize-me quaes são as *doze*?  
«As doze, são os Doze Apostolos.  
—Dize-me quaes as *treze*?

«As treze, são os treze raios  
De sol, mais que leva á lua;  
Arrebenta-te, diabo,  
Que esta alma não é tua.

Esta Oração prolonga-se enormemente, porque a cada numero tem de repetir-se a série em fôrma decrescente até á unidade. O seu prestigio consiste em que todo aquelle que proferir qualquer série, tem fatalmente de seguir até ao fim. Na versão do Airão ha duas reminiscencias de *Oração do Anjo Custodio*, que vem em um processo da Inquisição, do seculo XVI, as *tabuinhas de Moysés* e os *Goivos da Virgem*, e a série terminando no numero de azar, treze.

## III

## CANCIONEIRO INFANTIL

A) *Cantigas do bérço*

A cantiga do ró ró  
Minha mãe m'a ensinou ;  
Quando estava no bérço  
Logo m'a ella cantou.

Quem tem menino pequeno  
Alivia a solidão ;  
De dia tem-no nos braços,  
De noite no coração.

Cala-te, meu amor,  
Cala-te, meu filhinho,  
Eu te vou deitar no bérço  
Para dormir um somninho.

Dorme, dorme, meu menino,  
N'este bercinho dourado ;  
Vae dormir com Jesus Christo  
Um somninho descansado.

O meu menino tem somno,  
Tem somno e quer dormir ;  
Venham os anjos dos céo  
Com roupa para o cobrir.

Uma mãe que embala o filho  
Todo o seu fim é chorar,  
Só por não saber a sorte  
Que Deus tem para lhe dar.

Meu menino, dorme, dorme,  
O somno não te quer vir ;

Venham os anjos do céo  
Ajuda-o a dormir.

O meu menino é de ouro,  
De ouro é o meu menino ;  
Eu hei-de dal-o á Virgem  
Emquanto é pequenino.

Dorme, dorme, meu menino,  
Por que eu tenho que fazer ;  
Quero ir ganhar o pão  
Que precisamos comer.

Faze ó-ó, meu menino,  
Que te quero ir deitar  
N'uma caminha bem fôfa,  
P'r'o corpinho consolar.

Oh papão, vae-te embora,  
Que o menino não está cá ;  
Foi para casa da tia,  
Deus sabe quando virá.

Oh papão, vae-te embora,  
Deixa dormir o menino :  
Que elle não chora de medo,  
Chora por que é pequenino.

Vae-te embora, passarinho,  
Deixa a baga do loureiro ;  
Deixa dormir o menino,  
Que está no somno primeiro.

Passarinho vae embora,  
Ao loureiro deixa a baga,  
Deixa dormir o menino  
O somno da madrugada.



O meu menino tem somno,  
Tem somno e quer mamar ;  
Venham os ajos do céu  
Ajudal-o a embalar.

Por que choras, meu menino,  
Por que choras, meu amor ?  
As tuas lagrimas cortam  
O meu coração com dor.

Quem tiver filhos pequenos  
Por força lhe hade cantar ;  
Quantas vezes canta a mãe  
Com vontade de chorar.

Ró ró, meu menino,  
Dorme e descança ;  
Tu és meu alivio  
E a minha esperança.

Menino bonito,  
Não dorme na cama,  
Dorme no regaço  
Da Virgem Sant'Anna.

Este menino  
Queria dormir ;  
Anjinhos do céu  
Vinde-o cobrir.

Menino, está quèdo,  
Que vem a farronca,  
Que te mete mèdo.

## Acalentar meninos

(Versão de Santa Luíza — MADEIRA)

Embala, preta, embala  
Menino do teu senhor;  
Canta-lhe bem amoroso,  
Anina-lo com amor.  
Embala, preta, embala,  
Como o fez San José,  
Que os anjos cantarão:  
*Pater noster dominé.*

San José, a trabalhar,  
Embalava com seu pé:  
«Calae-vos, Jesus Menino,  
Nascido em Nazarett.»  
Meu San José, acudi.  
Dae-me da vossa graça,  
Com que enxugue ao meu menino  
Suas lagrimas de prata.

Embala, preta, embala,  
Como a Virgem fazia,  
Que os anjos cantarão:  
*Gratia plena Avè-Maria.*  
Cantigas cantou a Virgem  
Quando embalou Jesus:  
— Calae-vos, meu bento filho,  
Que haveis de morrer na cruz. —

Nossa Senhora, acudi,  
Dae-me do vosso thezouro,  
Com que cale o meu menino  
Que chora lagrimas de ouro.

## Nomes dos dedos

*(Versão de Coimbra)*

Dêdo mendinho,  
Seu visinho,  
Pae de todos,  
Fura-bôlos,  
Mata-piolhos.

*(Variante galega)*

Éste é o dedo meniño,  
éste é o seu sobriño,  
éste é o mayor de todos,  
éste é o furabolos  
y este o matapiolhos.

*(Canc. gallego, t. III, pag. 183.)*

---

## Dialogo dos dedos

Dêdo mendinho quer pão,  
O visinho diz que não ;  
O pae diz que dará ;  
Este, que furtará  
E este diz : Alto lá.

*(Variante do Porto da Cruz—MADEIRA)*

Este diz que merendemos,  
Este diz que pão não temos ;  
Este diz, que Deus dará,  
Este diz que não quererá ;  
E este, que é pequenino,  
Furta lo seu poucochinho.

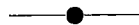
(Versão alemtejana)

Este achou um ovo,  
 Este põe-o a assar,  
 Este deitou-lhe sal;  
 Este provou-o,  
 E este mamou-o:  
 E aqui poz (*apertando a mão toda*)  
 A pilinha o ovo.



### Palminhas

Palminhas e mais palminhas,  
 A mamã dará maminhas;  
 O papá, quando vier,  
 Comerá do que trazer.



### Mão morta

Mão morta  
 Mão morta,  
 Te bate  
 A' porta;  
 Se não tens que lhe dar,  
 Dá-lhe sal do mar.

\*

Mão morta, mão morta,  
 Filhinhos á porta:  
 Não têm que comer,  
 Dá-lhes ossos a rôer.

**Apontando o rôsto**

Esta barba barbadeira,  
 Esta bocca comedeira,  
 Este nariz nariguete,  
 Estes olhos de pisquete,  
 Esta testa de melão,  
 Este pelito de cão.

**Parlendas e Lengua-lengas**

*(Versão de Carvalho)*

A'manhã é domingo  
 Do páo do çachimbo,  
 Toca na gaita  
 Do gato montez,  
 Que pica na rez.  
 A rez é de barro,  
 Repica no adro;  
 O adro é fino,  
 Repica no sino;  
 O sino é de oiro,  
 Repica no touro;  
 O touro é bravo,  
 Arrebenta o rabo,  
 Foge com o carro,  
 Chega a casa  
 Assa-lhe o rabo.

*(Versão de Carregosa)*

A'manhã é domingo  
 Do páo do cachimbo,  
 O gato montez  
 Pica na rêde;  
 A rêde é miuda,  
 Toca na tumba;  
 A tumba de barro

Toca no adro ;  
 O adro é de ouro,  
 Toca no touro ;  
 O touro é bravo,  
 Toca no fidalgo ;  
 O fidalgo é valente,  
 Mata sete homens  
 Na cova de um dente.

*(Variante açoriana)*

A'manhã é domingo  
 Do pé de cachimbo,  
 Toca na gaita,  
 Repica no sino :  
 O sino é de ouro,  
 Repica no touro ;  
 O touro é bravo,  
 Mata fidalgo ;  
 Fidalgo é valente,  
 Enterra o menino  
 Na cova de um dente.

*(Variante de Arcozelo)*

O touro é bravo,  
 Foge co'o carro ;  
 Dá-lhe um beijinho  
 Debaixo do rabo.

*(Versão de Elvas)*

• A'manha é domingo  
 Pé de pingo,  
 Gallo francez  
 Pica na rez ;  
 A rez é miuda,  
 Pica na tumba ;  
 A tumba é de barro

Pica no tarro ;  
 O tarro é fino,  
 Pica no sino ;  
 O sino é de ouro,  
 Pica no touro ;  
 O touro é bravo,  
 Mata o fidalgo ;  
 O fidalgo é ladrão,  
 Rouba um cordão  
 A Nossa Senhora  
 Da Conceição.

*(Variante da Ilha da Madeira)*

Um dia, domingo,  
 Ao pé do caminho,  
 Cantava o gallo  
 No campanairinho.  
 O gallo é forte,  
 Salta-me no sino ;  
 O sino é de ouro  
 Esperta lo touro ;  
 O touro é bravo  
 Vae marrar no padre ;  
 O padre é medroso,  
 Bradou ao fidalgo :  
 Fidalgo valente,  
 Vae, mete lo touro  
 Na cova de um dente.

---

### Formulas de jogos

*(Versão do Porto)*

Pico, pico, me piquei,  
 Um grão de milho achei ;  
 Um moinho me moeu,  
 Um ratinho me corôeu,

Eu chamei por San Thiago,  
 San Thiago não me ouviu,  
 Ouviram-me dois ladrões,  
 Apalpam-me os os calções;  
 Eu cuidei que era graça,  
 Bebi vinho da cabaça.

*(Versão de Airão)*

Era e não era  
 No tempo da éra.  
 Meu pae era vivo,  
 Minha mãe por nascer;  
 Que lhe havia de fazer?  
 Deitei as pernas ás costas  
 E puz-me a correr.  
 Subi por a escada abaixo,  
 Desci por ella acima;  
 Encontrei um pecegueiro  
 Carregado de maçãs,  
 Fui-me a elle  
 E comi avelãs.  
 Veiu o seu dono  
 E deu-me com um páo,  
 Bateu-me n'um olho  
 Magoðu-me um joelho (*geolho, ant.*)

*(Versão do Porto)*

Ora vâmos e venhâmos  
 Pela terra dos ciganos,  
 Um burrinho compraremos,  
 O foliar que elle fizer  
 Será para o primeiro  
 Que aqui fallar quizer;  
 Fóra eu que sou juiz,  
 Como perna de perdiz,  
 Fóra eu que scu capitão,  
 Como perna de leitão.



**Formula do jogo da Cabra Cega**

«Cabra cega, d'onde vens?

— De Castella.

«Que me trazes?

— Pão e canella.

«Dás-me d'ella?

— Não, que é para mim

E para minha velha.

«Pica-me n'ella.

---

**Formula de jogo**

*(Versão do Camacho — MADEIRA)*

Rei, rainha  
 Vão ao mar  
 Pescar sardinha,  
 Para dar  
 Ao pae Luiz,  
 Prezo á ordem  
 Do juiz.  
 Salta a pulga  
 Da balança,  
 E vae-te  
 Até França,  
 Cavalleiros  
 A correr;  
 Las meninas  
 A prender.  
 — Qual será  
 A mais bonita  
 Que se vá  
 Arrecolher

*(Versão do Porto)*

Rei e rainha  
 Condeça, cestinha ;

Vamos a dar  
 Uma tarèfinha.  
 San Pedro me leve,  
 Me queira levar,  
 Se alguma menina  
 Me fizer olhar,  
 Rir ou conversar.  
 — Agora o senhor sam Pedro  
 Dá licença de eu olhar?  
 «Não te deixo olhar  
 Sem essa agulha acabada,  
 E a outra começada.  
 — Já acabei, já comecei,  
 Já tornei a começar;  
 Agora senhor San Pedro  
 Deu licença de eu olhar?

—●—

### Formula de jogo

*(Versão do Porto)*

«Truz, truz.  
 — Quem é?  
 «O velho das contas.  
 — Elle o que quer?  
 «Vender contas.  
 — Não ha dinheiro.  
 «Fia até Janeiro.

—●—

### Outra

*(Versão do Porto)*

Sorrobico,  
 Massarico,  
 Quem te deu

Tamanho bico?  
 Foi nosso senhor  
 Jesus Christo.  
 Bicho vae,  
 Bicho vem.  
 A ganhar  
 O seu vintem.  
 Os de ouro,  
 Os de prata;  
 Este entra  
 P'ra buraca.  
 Piolho na lama,  
 Pulga na cama,  
 Dá um pincho,  
 Põe-se em França.

*(Variante gallega)*

— Mazarico, pico, pico,  
 quen lle dou tamaño pico?  
 «Deum'o Dios, por meus trabalhos,  
 para picar os carballos;  
 eu piqui e repiquei  
 cen grainhas atopei  
 e leveinas ó muiño  
 o moiño á moer  
 os ratiños a roer.  
 agarei um po-lo rabo  
 e levémo ó mercado.  
 — Homiño, cánto me da  
 vusté por este cabalo?  
 «Una mula e un cabalo.

*(Canc. popular gallego, II, 167.)*

### Imitando o gallo

Cá que-rá cá,  
 Põe-te na pá,  
 Faz um bolinho,  
 P'ro meu Joãosinho.  
 Que anda na arada  
 Sem comer nada,  
 Senão rabinho  
 De uma sardinha  
 Que lhe deu  
 Sua madrinha.

\*

«Cá que-rá cá,  
 Casou Maria ;  
 — Qui que-ri qui,  
 Com quem seria ?  
 «Cá que rá cá,  
 Com um sapateiro,  
 — Qui que-ri qui,  
 Que lhe daria ?  
 «Cá que-rá cá,  
 Umas chinellas,  
 — Qui que-ri qui,  
 De que seriam ?  
 «Cá que-rá cá,  
 De cordovão.  
 — Qui que ri qui,  
 Dá pão ao cão.  
 «Cá que-rá cá,  
 P'ra que é o cão ?  
 — Qui que-ri qui  
 P'ra guardal-o o gado.  
 «Cá que-rá cá,  
 P'rá que é o gado ?  
 — Qui queri qui,  
 P'ra dar o leite.

«Cá querá cá,  
 P'ra que é o leite?  
 — Qui queri qui,  
 P'ra dar as pombas.  
 «Cá querá cá,  
 P'ra que são as pombas?  
 — Qui queri qui,  
 P'ra pôr os ovos.  
 «Ca querá cá,  
 P'ra que são os ovos?  
 — Qui queri qui,  
 P'ra dar aos padres.  
 «Ca querá cá,  
 P'ra que são os padres?  
 — Qui queri qui,  
 P'ra dizel-a missa.  
 «Cá querá cá.  
 P'ra que é a missa?  
 — Qui queri qui,  
 P'ra rezar.  
 «Cá querá cá,  
 P'ra que rezamos?  
 — Qui queri qui,  
 P'ra nos salvar.

\*

O estorninho  
 Toca o sino ;  
 A arvel'a  
 Accende a vela ;  
 O pardal  
 Muda o missal ;  
 A carriça  
 Diz a missa ;  
 O pardinhão  
 Prega o sermão.

**Signal da Cruz***(Versão de Airão)*

*Pelo signal*  
 Mico real,  
 Vinho maduro  
 Não é tal;  
*Da santa Cruz,*  
 Quem quer vêr Judeus  
 Vá ao Bom Jesus.  
*Livre-nos Deus*  
 No Bom Jesus  
 Estão os Judeus.  
*Nosso Senhor,*  
 A quem está doente  
 Da-se lambedor.  
*Dos nossos*  
 Mais vale a carne  
 Que os ossos.  
*Inimigos.*  
 Em Janeiro  
 Não ha figos.  
*Em nome do Padre*  
 Deus nos livre  
 De burro sem árre;  
*Do Filho*  
 Se te dão o bácoro  
 Bota-lhe o atilho.  
*Do Espirito. Amen, Jesus.*  
 Dinheiro de cara  
 Não tem cruz.

*(Variante do Cadaval)*

*Pelo sinal*  
 Do Carquejal,  
 Vinho maduro  
 Cereja bical,

Comi toucinho  
 Fez-me mal:  
 Se mais me dessem  
 Mais comia,  
 Adeus, compadre,  
 Até outro dia.

*(Versão de Elvas e Açôres)*

*Pelo sinal*  
 Da mão do gral,  
 Comi toucinho  
 E fez-me mal;  
 Se mais me dessem  
 Mais comeria,  
 Seja por alma  
 Da almotolia.

*(Versão da Beira)*

*Pelo signal*  
 Da santa carracha;  
 Vinho maduro  
 Na minha borracha.

---

### Padre Nosso

*(Versão de Airão)*

*Padre Nosso*  
 Comer não posso;  
 Dae-me do vosso  
 A vêr se eu posso;  
 A minha tigella  
 Cheia de carne  
 E a tua de ossos.

**Avè, Maria***(Versão de Elvas)*

*Padre Nosso*  
 Comer não posso.  
*Avè, Maria.*  
 Comer queria.  
*Cheia de graça,*  
 Comi uma passa.  
*O Senhor é comvosco*  
 Comi entrecôsto,  
*Bendita sois vós*  
 Comi uma noz.  
*Entre as mulheres,*  
 Comi com colheres.  
*Bendito é o fructo*  
 Comi pão e conducto.  
*Do vosso ventre*  
 Jesus! tão impertinente.

*(Variante)*

*Avè, Maria,*  
 Dá cá a bacia,  
*Cheia de graça*  
 Dá cá a cabaça;  
*O Senhor é comvosco*  
 Dá cá o gosto.  
*Benta sois vós*  
 Dá cá a noz.  
*Entre as mulheres*  
 Dá cá as mulheres;  
*Bendito é fructo*  
 Dá cá o fructo,  
*Dò vosso ventre*  
 Dá cá a navalha  
 P'ra cortar o rabo  
 O' Zé Clemente.



(*Versão de Airão*)

*Avè, Maria,*  
Bôa fatia  
Comia, comia ;  
Fui á caixa  
Não a havia ;  
Fui ao fôrno  
Deram-me um corno.

(*Versão de Elvas*)

*Avè, Maria,*  
*Cheia de graça*  
A tua filha  
Tem tanta graça...

---

**Salvè, Rainha**

(*Versão de Elvas*)

*Salvè, Rainha,*  
Salta na vinha ;  
Lá vem o padre  
Com a cacheirinha.

(*Rifão minhoto*)

Emquanto dura,  
*Vida e doçura ;*  
Em se acabando,  
*Gemendo e chorando.*

---

**O Credo**

(*Versão dos Açôres*)

*Creio em Deus Padre*  
*Todo poderoso,*

Cadella parida,  
 Cão tihoso.  
 A môça do Abade  
 Pariu um raposo,  
 Bem bonitinho,  
 Mas era guloso.

(*Versão de Elvas*)

*Dominus tecum,*  
 Dormes no estêrco;  
 Eu dormo na caminha  
 Co'a minha mãesinha.

\*

Passas com nozes  
*Miserere nobis.*

— 8 —

### Mandamentos do Maltez

(*Versão de Abrantes*)

O primeiro  
 E' dormir em palheiro;  
 O segundo  
 Andar pelo mundo;  
 O terceiro  
 Nunca ter fato inteiro;  
 O quarto  
 De fome andar farto;  
 O quinto  
 De dinheiro andar limpo;  
 Este cinco mandamentos  
 Se encerram em dois:

Metter a mão no seio,  
Tirar piolhos como bois. (1)

—●—  
**A velha bizunga**

(*Versão de Maricá* — RIO DE JANEIRO)

— Velha bizunga,  
Casae vossa filha,  
P'ra termos um dia  
De grande alegria.  
«Eu, minha filha  
Não quero casar ;  
Pois não tenho dote  
Para a dotar.

Saiu a Preguiça  
De barriga lisa :  
—«Case a menina,  
Que eu dou a camisa.  
«Quem dê a camisa  
De certo nós temos ;

(1) Es primero  
Roá po'r suelo ;  
Es segundo,  
Roá po'r mundo ;  
Es tercero  
No comé baca ni carnero ,  
Es quarto  
Ayuná depnes de jarto.  
Es quinto  
No bebé bino blanco ni tinto.  
Estos mandamientos  
Se encierran en dós :  
En matá piojos  
I pe'i por Dios,

(Sevilha, barrio de Triana.)

Mas a saia branca  
D'onde a haveremos?

Saiu a Cabrita  
Do matto manca :  
—«Case a menina,  
Darei saia branca.  
«Quem dê saia branca  
Decerto nós temos :  
Mas o vestido  
D'onde o haveremos?

Saiu o Veado  
Do matto corrido :  
—«Case a menina,  
Que eu dou o vestido.  
«Quem dê o vestido  
De certo nós temos ;  
Mas os brincos  
D'onde os haveremos?

Saiu a Cobrinha,  
Dando dois trincos :  
—«Case a menina,  
Eu darei os brincos.  
—«Quem dê os brincos  
De certo nós temos ;  
Mas falta o ouro,  
D'onde o haveremos?

Saiu do matto  
Roncando o Bezouro :  
—«Case a menina,  
Darei eu o ouro.  
«Quem dê o ouro  
De certo nós temos ;  
Mas a cosinheira  
D'onde a haveremos?

Sahiu a Cachorra,  
Descendo a ladeira :  
—«Casae a menina,  
Serei cosinheira.  
«Quem seja a cosinheira  
E' certo já temos ;  
Porém a mucama  
D'onde a haveremos?

Sahiu a Tahira  
Debaixo da lama :  
—«Casae a menina,  
Serei a mucama.  
«Quem seja a mucama  
De certo nós temos,  
Porém o toucado  
D'onde o haveremos?

Saiu o Coelho  
Todo embandeirado :  
—«Casae a menina,  
Darei o toucado.  
«Quem dê o toucado  
E' certo que temos ;  
Porém o cavallo  
D'onde o haveremos?

Saiu do poleiro  
Muito tezo o Gallo ;  
—«Casae a menina,  
Que eu dou o cavallo.  
«Quem dê o cavallo  
De certo nós temos ;  
Mas o selim  
D'onde o haveremos?

Saiu um Burro  
Comendo capim :

—Casae a menina,  
 Eu darei o selim.  
 «Quem de o selim  
 E' certo que temos ;  
 Porém falta o freio,  
 D'onde o haveremos ?

Saiu uma Vacca  
 Pintada p'lo meio :  
 —Casae a menina,  
 Eu darei o freio.  
 «Quem nos dê o freio  
 Sim, senhor, temos :  
 Porém a manta  
 D'onde a haveremos ?

Saiu a Onça  
 Co'a bocca, que espanta :  
 —Casae a menina,  
 Que eu darei a manta.  
 «Quem nos dê a manta  
 E' verdade já temos ;  
 Mas quem será o noivo ?  
 D'onde o haveremos ?

Saiu o Tatu  
 Com o seu casco goivo :  
 —Casae a menina,  
 Que eu serei o noivo.  
 «O noivo tratado  
 De certo já temos ;  
 Porém o padrinho  
 D'onde o haveremos ?

Saiu o Ratinho  
 Todo encolhidinho :  
 —Casae a menina,  
 Eu serei o padrinho.

«Quem seja o padrinho  
De certo nós temos ;  
Porém a madrinha  
D'onde a tomaremos ?

Sahiu a Cabrinha  
Toda pintadinha:  
—«Casae a menina,  
Eu serei a madrinha.  
«Quem seja a madrinha  
De certo nós temos ;  
Mas quem pague o padre  
D'onde o haveremos ?

Sahiu a Cobrinha,  
Que era a comadre :  
—«Casae a menina,  
Eu pagarei ao padre.

Cad'um dando o que póde,  
Todos se arrumaram ;  
Chamado o padre,  
Logo se casaram.  
Cahindo e sereno  
Por cima da grama,  
Debaixo da pedra  
Fizeram a cama ;  
Se divertiram  
Cantaram, dançaram,  
E diz o Lagarto  
Que tambem tocaram.  
Se é verdade ou não,  
Isso lá não sei ;  
O que me foi contado  
Eu tambem contei.  
O que sei só é  
Que tanto brincaram,  
Que todos tambem

Se embebedaram.  
 Até eu também  
 Me achei na função,  
 E p'ra casa *truxe*  
 De doce um *buião*.

---

### Casamento da Franga

*(Versão alemtejana)*

Diz o gallo  
 Para a gallinha :  
 — Quando casaremos  
 A nossa filhinha ?  
 Casaremos  
 Ou não casaremos ;  
 Agora o noivo  
 D'onde o arranjaremos ?

Salta o Gato,  
 Do seu moral :  
 «Eu estou prompto  
 P'ra m'ir casar.  
 — Agora, noivo  
 Já nós cá temos ;  
 Agora madrinha  
 D'onde a arranjaremos ?

Salta a Cabra  
 Da sua casinha :  
 — «Eu estou prompta  
 P'ra ser madrinha.  
 — Agora a madrinha  
 Já nós cá temos ;  
 Agora o padrinho  
 D'onde o arranjaremos ?



Salta o Rato  
Do seu buraquinho :  
«Eu estou prompto  
P'ra ser padrinho.  
—Agora padrinho  
Já nós cá temos,  
Agora o padre  
D'onde o arranjaremos ?

Salta o Escravelho  
Do seu escravilhar :  
«Eu estou prompto  
Para os ir casar.  
—Agora o padre  
Já nós cá temos ;  
Agora o chibo  
D'onde o arranjaremos ?

Salta o Lobo  
Do seu lobal :  
«Eu estou prompto  
P'r'o o chibo dar.  
—Agora o chibo  
Já nós cá temos ;  
Agora o vinho  
D'onde o arranjaremos ?

Salta o Mosquito  
Do seu mosquital :  
«Eu estou prompto  
P'r'o vinho dar  
—Agora o vinho  
Já nós cá temos ;  
Agora o trigo  
D'onde o arranjaremos ?

Salta o Pardal,  
Do seu ninho 'star :

«Eu estou prompto  
P'ra o trigo dar.»

Acabou-se a bôda  
Com tal desatino;  
Veiu o noivo  
Enguliu o padrinho.

---

### Cançonetas

Rola a pombinha  
Lá na varanda;  
Vem o pombinho,  
Põe-se de banda.

Rola a pombinha  
Lá no quintal;  
Vem no pombinho,  
Põe-se a chorar.

Rola a pombinha  
Lá na janella;  
Vem o pombinho,  
Põe-se atraz d'ella.

Rola a pombinha  
Lá no poêjo,  
Vem o pombinho  
E dá-lhe um beijo.

---

### O Ladrãozinho

*(Versão de Traç-os-Montes)*

—Oh senhor ladrão,  
Venha ligeirinho,

Não queira ficar  
Na roda sósinho.

«Na roda sósinho  
Não heide eu ficar;  
Alguma senhora  
Me hade abraçar.

—Olha o ladrãozinho,  
Que agora chegou!  
Deixem-no roubar.  
Que inda não roubou.

Ladrãozinho, rouba,  
Rouba ligeirinho;  
Não queiras ficar  
Na função sósinho.

«Na função sósinho  
Não heide eu ficar,  
Alguma das môças  
Me hade abraçar.

●

### Bailarico saloio

*(Versão da Estremadura)*

Baila o bailarico,  
Senhora Maria;  
Lá na sua cama  
Muita pulga havia.

Baila o bailarico,  
Baila-o bem bailado;  
De hoje a quinze dias  
Hade haver noivado.

Baila o bailarico,  
Baila-o bem bailado;

De hoje a um anno  
Ha um baptizado.

Baila o bailarico,  
Baila-o se quizeres ;  
Por todo este mundo  
Não faltam mulheres,

---

### Testilha das visinhas

*(Versão do MINHO)*

—Oh senhora Anna,  
Oh sehora Anninhas,  
Afasto o seu gallo  
Das minhas gallinhas.

«As suas gallinhas  
Que tenham juizo,  
Que o gallo procura  
O que lhe é preciso.

*(Versão alemtejana)*

—Oh senhora Annica,  
Reprenda o seu gallo,  
Que a minha gallinha  
Vae lá namoral-o.

«Pois eu muito gosto  
Gosto muito d'isso,  
Que a minha gallinha  
Tenha o seu derriço

*(Variante gallega)*

—Senhora Maria,  
Recolha o seu gallo,  
Que as minhas gallinhas  
Escusa criado.

«Señora Maria,  
Recolha o seu pito,  
Que anda pol-a calle  
Feito un señorito.

(*Canc. gallego*, III, 206.)

---

### A gallinheira

(*Versão alemtejana*)

As mulheres do monte  
Quando vão á villa  
Levam cestos de ovos,  
Gallinhas em cima.  
Ao passar a ponte  
Caiu-lhe a cestinha,  
Quebraram-se os ovos,  
Fugiu a gallinha;  
Chegou ao outeirinho,  
Pira, pira, pira,  
Quanto mais chamava,  
Mais ella fugia.

---

### Bom aceio

(*Versão alemtejana*)

—Oh senhora visinha,  
Dá-me uma pinga d'agua,  
N'uma vasilha  
Bem aceiada,  
Bem lavada,  
Bem esfregada?  
«Dou, sim, senhora;  
Aqui tem esta bilha.  
Que vae p'r'a villa,

Com o leite,  
 Que vem da villa  
 Com azeite ;  
 A' noite  
 Mija-se n'ella,  
 Pode beber  
 Sem escrupulo d'ella.

—●—  
**Semana amorosa**

*(Versão minhota)*

Na segunda feira te amo,  
 Na terça te quero bem,  
 Na quarta digo que morro ;  
 Na quinta digo por quem,  
 Na sexta pelo meu amor,  
 Sabbado por mais alguém.

—●—  
**Semana da mulher prigiçosa**

*(Versão transmontana)*

Na segunda me eu deito,  
 Na terça me levanto,  
 Na quarta é dia santo,  
 Na quinta vou para a feira,  
 Na sexta venho da feira,  
 Sabbado vou-me confessar,  
 Domingo vou commungar ;  
 Diz'-me agora, comadrinha,  
 Quando heide trabalhar ?

• B) *Apódos de Nomes, de Offícios e de Terras*

**Apódos dos Nomes**

*Anna*, badana,  
Pernas de cana,  
Cordas de viola,  
Orelhas de gato,  
Fugiu p'r'o buraco.

*Antão*  
Guardava ovelhas,  
Umás suas,  
Outras alheias.

*Antonio*,  
Deus te livre  
Do demonio  
E das más intenções  
E do caldo dos feijões.

Oh *Augusto*,  
Lava a cara com cuspo.

Crédo! mana *Benta*,  
Que aranha tão peçonhenta.

Onde irás, *Braz*,  
Que não te perderás?

*Chico*, larico  
Da perna alçada;  
Canta, não canta  
E não diz nada.

*Domingos*,  
Leva no eu dois pingos.

Um vintem  
*Catherina* o tem,  
Se não lo tirar alguem.

Oh *Diogo*,  
Vae vèr a gallinha  
Se tem ovo.

*Francisco*,  
Ou bem pobre  
Ou bem rico.

*Francisco*  
Varre a casa,  
Deixa o cisco.

*Francisco*,  
Teu pae é mourisco,  
Sacude-te os olhos  
C'um pão de trovisco.

*Francisco*,  
Perdeu-se na palha,  
Achou-se no cisco.

E' como o *Gonçalo*,  
Nada lhe dá abalo.

Em casa do *Gonçalo*  
Póde mais a gallinha  
Que o gallo.

Senhora *Helena*,  
Vae á missa,  
Com seu lencinho lavado,  
Remela no olho  
Pescôço borrado...

*Joanna*,  
Faz a cama.



*Joanna*

Batatana,  
Rabeca de cana,  
Rabo de ovelha,  
Fita vermelha.

*Joanna*

Badana,  
Essa tua cara  
A mim não me engana.

*João Carramão,*  
Vae co'a ceira  
Ao camarão.

*João Carramão,*  
Come ranho com sabão.

*João*

Garanhão,  
Perna de cão,  
Orelha de gato,  
Fugiu p'r'o buraco.

*João Carramão,*  
Come papas de farello,  
Adubadas com sabão.

*Joaquim,*

Ou bem bom  
Ou bem ruim.

*Joaquim,* pin, pin,  
Bota a corda ao pôço,  
Bota a culpa a mim.

*Joaquim,*

Vae á loca  
Tira um chapim.

*José Carimbé,*

A' porta da sé,

Fazendo sapatos  
No bico do pé.

*José Carramé,*  
Bota gatos á maré,  
Enfiados n'uma linha  
P'ra tocar a campáinha.

*José Fragaté*  
Clemente t-e té;  
Teu pae é de Angola,  
Tua mãe da Guiné.  
Teu pae é carneiro,  
Tua mãe é mé.  
Acudi sapateiros,  
Ao largo da sé  
Com formas e brochas  
E seu tira-pé,  
P'ra fazer umas botas  
Ao nosso *José*.

*Julia,*  
*Julieta,*  
Tira os bois ao carro,  
Mette-os á carreta.

Contas com *Jorge,*  
*Jorge* fóra.

Bem te conheço;  
E's de Braga,  
Chamas-te *Lourenço*.

Oh *Lourenço,*  
Vae á vinha  
E enche o lenço.

*Luiz,* oh Luiz,  
Tira a caca do nariz,  
Vae laval-o ao chafariz.

*San Luiz*

Perdeu o nariz  
No jogo de bola;  
Quem o achar  
Que lh'o dê por esmola.

*Luiza,*

Lava a fralda  
Da camisa.

*Manuel,*

Carrapichel,  
Bebe o vinho,  
Deixa o mel;  
Faz as papas  
A' mulher,  
Meche-as com o rabo  
Da colhér.

Oh *Maria,*

Fia, fia  
Sete massarocas  
Ao dia.

—Oh *Maria,*

O teu gato mia?  
•E o teu já assobia.

Tres, tria,

Dis-e *Martha*  
A *Maria*.

Morra *Martha,*

Morra farta.

*Matheus,*

Primeiro aos teus.

*Matheus,*

Co'a pata do burro  
Diz adeus.

Nem *Pedro*,  
Nem bom burro negro.

*Pedro*,  
Boi amarello  
E campo acima do règo,  
Fugir d'ello.

Nem *Pedro*  
Nem burro cego ;  
Nem têt-o  
Nem mantêt-o,  
Nem á porta vêt-o.

Oh *Rita*,  
Caganita ;  
Quando mija  
Vae de bica.

*Sophia*,  
Pega na rôca e fia ;  
Vae á estrebaria,  
Que lá está  
A tua tia.

O *Vicente*  
Está doente  
Do cu quente.

Adiante,  
*Violante*.

---

### Apódos dos Officios

*Sapateiro*  
Remendeiro,  
Come tripas  
De carneiro ;

Bem lavadas,  
 Mal lavadas,  
 Come a m...  
 A's colheradas.

*Sapateiro* remendão,  
 Bota-me aqui um tacão.

*Trolha*  
 Mirôlha,  
 Rabo de sôlha.

*Ferreiro*  
 Da maldição,  
 Quando tem ferro  
 Falta-lhe o carvão.

*Caldeireiro* na terra,  
 Chuva na serra.

*Alfaiate* das mentiras,  
 Todo o pano faz ás tiras.

Sete *alfaiates*  
 P'ra matar uma aranha.

Aqui d'el-rei! quem acode  
 Ao fogo de Santarem!  
 Acudam os *Alfaiates*,  
 Enquanto os homens não vêm.

**Paga do Moleiro**

Vem minha filha Maria,  
 Tira a sua maquia;

Vem o meu filho Manuel,  
 Tambem tira p'r'o farnel;

Vem a minha mulher,  
 Tirará o que quizer;

Depois vem o meu creado :  
— Este sacco ainda não foi maquiado !

E venho agora eu,  
Tiro o que é bem meu.

Vae-te, folle,  
Para um canto ;  
Se eu me arrenego  
Tiro-te outro tanto.

*(Variante gallega)*

Bien venido seas, sacco,  
Trez maquilas de ti sacco :  
Unha sacco-a eu,  
Otra sacó-a meu fillo,  
E depois ind'o maquio.

*(Canc. gallego de Ballesteros, t. III. pag. 178.)*

---

### Pregão do Leiloeiro

*(Versão de 1689)*

Em praça vendo,  
Em praça arremato,  
Affronta faço  
Que mais não acho,  
Se mais achara  
Mais tomara,  
Proveito era  
Para a fazenda.  
Dou-lhe uma grande ;  
Dou-lhe uma e meia  
E outra mais pequenina  
Em cima. (1)

---

(1) *Rev. Lusitana*, t. v, pag. 300.

—Porque é você tão ladrão?  
«Porque sou *Escrivão*.

*Pedreiro*, pedreirete,  
Hasde ser sempre  
Pobrete e alegrete.

*Doutor* da mula ruça,  
Tira o chapéo,  
Põe a carapuça.

Oh *Gallucho*,  
Mette a faca no bucho.

Prompto,  
Meu *sargento*,  
Para pão  
E pagamento.

*Madrasta*,  
Nem de pasta.

*Madrasta*,  
O nome lhe basta.

*Cunhadas*  
São unhasdas.

*Sogra*,  
Nem de barro  
A' porta.

*Parentes*,  
São os meus dentes.

---

### Semana do Operario

(Versão da Covilhã — BEIRA-BAIXA)

A' segunda fartura,  
Na terça — ainda dura;

A' quarta  
 Já falta ;  
 A quinta  
 E' faminta ;  
 Na sexta—esperança ;  
 No sabbado—cobrança,  
 Domingo—folgança. (1)

(*Variante alemtejana*)

Sexta—passaremos,  
 Sabbado—para casa iremos  
 Encostados á parede,  
 Não sei se lá chegaremos.

—●—  
**Taboleta de taverna**

Fiado hoje não,  
 A'manhã, sim ;  
 Os mãos pagadores  
 E' que me fizeram assim.

—●—  
**Baptismo do Cigano**

Aqui te baptizo  
 N'esta ribeira,  
 P'ra que tenhas pé leve  
 E a mão ligeira,

—●—  
**Baldas das terras**

Deus me livre  
 Das sezões da Otta,  
 E da justiça de *Alemquer*  
 Guarde Deus a vossa porta.

(1) *A Verdade*, de Thomar, n.º 523 (anno II.)



Se *Armentel* tiverá renda  
Como tem de gravidade,  
Carregosa fôra villa,  
E *Arrifaninha* cidade.

No *Algarvio*,  
Nem honra  
Nem brio.

No *Algarve*,  
Nem honra  
Nem verdade.

Os de *Alvor*  
Mataram Nosso Senhor.

Gáfete, Tolosa e *Arex*,  
Oh que trez.

Os de *Arrayolos*,  
Grande cabeça,  
E poucos miolos.

Os de *Arrayolos*,  
Metteram o Senhor dos Passos  
Em casa de Pilatos.

Quem quer apprender a andar,  
Vá a *Arronches* ou *Assumar*.

De *Arruda*  
Nem mulher  
Nem mula ;  
Nem vento  
Nem casamento ;  
Justiça  
Sem entendimento ;  
Rapazes ladrões  
Em todo o tempo.

Ir a *Aveiro* sem sapatos.

Não vãs ao serão a *Avintes*,  
 Nem p'ra lá botes o geito ;  
 Olha que as môças de *Avintes*  
 Têm a semente do feito.

Não casava em *Azurara*,  
 Só se fosse por degredo ;  
 Terra de muita ramagem,  
 Canta o cuco muito cêdo. (1)

- (1) Sou da Póvoa, sou poveira ;  
 Sou da villa, sou villeira ;  
 Agora vou p'r' *Azurara*  
 Aprender a feiteiceira.  
 Desgraçado é o môço  
 Que a *Azurara* vae casar !  
 Trocam o trigo da terra  
 Pelo centeio do mar.  
 As meninas d'*Azurara*  
 São poucas, mas são bonitas,  
 Andam atraz das ovelhas  
 A apanhar as *caganitas*.  
*Azurara* é bôa terra,  
 Dá de comer a quem passa ;  
 Inda hontem lá passei,  
 Não me deu nada de graça.  
 Oh rapazes cá da villa,  
 Arrumae-vos para o lado ;  
 Ahi vem os d'*Azurara*  
 C'o ranho dependurado.  
 Fica-te monte de Sant'Anna ;  
 Nunca tiveste valia ;  
 Onde vão as d'*Azurara*  
 Fazer a feitiçaria.  
 Fui ao serão d'*Azurara*,  
 Só me deram lá molete...  
 Terra da macacaria...  
 Em cada janella sete !  
 Adeus terra d'*Azurara*,  
 Terra da murmuração,  
 Onde se faz audiencia  
 Sem juiz nem escrivão

Os de *Balga*,  
Bebem o vinho  
E quebram a malga.

Em *Barrô*,  
De cem homens  
Nem um boo.

Eu quero casar,  
Vou ao Landroal;  
Se lá não achar  
Vou a *Barbacena*,  
Trago mulher p'ra cama  
E burra p'r' lénha,

*Béja* sem fonte  
Sem fé,  
Nem sé,  
Assim é que é.

*Béja*, terra e  
Sem sé  
Nem fé,  
Nem ponte,  
Nem fonte.

Cães de Carnide,  
Cadellas do Lumiar,  
Accudi ás de *Bemfica*  
Que se querem damnar.

Com as linguas de Mora,  
Christãos de *Coruche*,  
Barqueiros de *Benevente*,  
O diabo se entenda com tal gente.

A' moda de *Campanhã*,  
Casar á noite,  
Descasar de manhã.

*Campo Maior,*  
Terra bôa,  
Gente melhor.

*Campo Maior,*  
Terra das manas,  
Umás ingratas,  
Outras tyrannas.

Ir a *Cascaes.*  
Uma vez e não mais.

*Chavães,*  
Terra de cães.

*Coimbra,*  
Cousa linda.

A gente de *Entre-Douro e Minho*  
Calça de páo e veste de linho;  
Come pão do passarinho,  
Bebe vinho de enforcado,  
E tem força que nem diabo.

Quem quer outra legua assim,  
Vá d'*Elvas* a Villa Boim.

*Ervedosa,*  
Porca ranhosa.

(Para arreliar os de Evora)

Prodigio!  
Encheu a Beata  
Um penico de mijo.

Ou fôrca ou India  
Ou marco de estrada.

(Respondem os de Evora)

Os que de cá não são  
Tem a mãe p... e o pae cabrão.

(Aos de Estremoz, pergunta-se)

Levaram a Santa  
P'ra casa da parteira?

*Góá,*  
Para ser bóa  
Como Lisbóa,  
Só lhe falta  
A coróa.

*Gondiães,*  
Esfola cabras  
E capa cães.

De *Guimarães,*  
Onde prendem a gente  
E soltam os cães. (1)

*Lapa, Lapella,*  
*Monsão, Valladares,*  
O diabo leve  
Estes quatro logares.

Quem não viu *Lisbóa*  
Não viu cousa bóa.

E' como os da *Mealhada,*  
O que dizem á noite  
Pela manhã não é nada.

(1) *Sold.* Escuzay de o dizer, que por vós o diz a cantiga, *Font. V.* Donde diz? *Sold.* De Guimarães, onde *prendem* a gente, e soltão os caens.

D. Francisco Manuel, *Apologos. Dialog.*, p. 276.

Boa terra é *Milheirós*  
 Dá de beber a quem passa;  
 Tem a fonte no caminho,  
 Santa Luzia na praça.

*Miranda,*  
 Mira e anda;  
 Leva pão na manga  
 E o vinho na borracha,  
 Que lá não se acha.

*Mirandella!*  
 Mira além,  
 E guar-te d'ella.

*Mirandella, Mirandella,*  
 Mira-a bem,  
 Ficarás n'ella.

Mirandum, Mirandum, *Mirandella,*  
 Quem não se acautella,  
 Cae na esparrella.

Quem *Mirandella* mira,  
 Em *Mirandella* fica.

*Mondim de Cima* uma lima,  
*Mondim de Baixo* um limão;  
*Almosfada*, mangerona,  
*Val-de-Vez*, manjaricão.

*San Martinho de Leitões,*  
 Vinte e nove freguezes,  
 Trinta ladrões.

—Ah, cães de *Nisa,*  
 Que mataram a seu Dês!  
 «Não fomos nós, foram os de *Arez.*

*Monsanto, Monsanto,*  
*Orejas de mullo;*  
*El que te ganhar,*  
*Ganar puede el mundo. (1)*

*Os de Nagosa*  
 Tem rabo como raposa.

*Pesqueira,*  
 Linda roseira.

*Portimão,*  
 Muita p...  
 Pouco pão.

*Lá vem o Porto,*  
 Que lhe dá pelo rosto.

*Bois de Ramalde,*  
*Homens de Silvalde,*  
*Mulheres de Santo André,*  
 Libera nos dominé.

*Quem vae a Santarem*  
 Se burro vae,  
 Burro vem.

*Ir a Setubal*  
 E não comer vesugo.

*Taboaço,*  
 Rilha bagaço.

*Serpa, serpente,*  
 Ruim terra,  
 Peor gente.

*Valdigem,*  
 E' terra que Deus nom quige.

---

(1) A. Pimentel, *Musa das Revol.*, pag. 52.

Casar em *Vallongo*  
 E' melhor que ser bispo;  
 Tem mulher p'ra cama  
 E burra p'r' serviço.

De *Veios* são os tronchos.

—*Villa Boim*,  
 Terra boa,  
 Gente ruim  
 «Ande-lhe ao redor;  
 Se a terra é bôa,  
 A gente é melhor

*Villa Viçosa*.  
 Deitada na cama,  
 Mulher priguçosa.

Oh de *Viseu*,  
 Largo o rabo  
 Que não é teu.

Deus nos livre do Mouro,  
 Do Judeu.

E da gente de *Viseu*;  
 Mas lá vem o *Braguez*  
 Que é peor que todos trez,  
 E o *Porto*, no seu contracto,  
 E' peor que todos quatro.

(Aos do *Vimieiro* pergunta-se)

Que é do faval  
 Para onde atiraram  
 A cabelleira  
 Do Senhor dos Passos?

*Zagães*,  
 Perna curta,  
 Pae dos cães.



\*

Casamento hespanhol,  
E' tal e qual

Como sardinha  
Em panella de gallinha.

De *Hespanha*,  
Nem vento  
Nem casamento.

Senhor da *Italia*,  
Dom da *Hespanha*,  
Não valem  
Uma castanha.

Com todo o mundo guerra,  
Paz com a *Inglaterra*.

\*

(*Versão do Porto*)

Quem quer comprar mulheres,  
Que ellas bem baratas são :  
As viovas a vintem,  
As solteiras a tostão ;  
As casadas não têm preço,  
Que essas bem vendidas 'stão.

(*Versão de Coimbra*)

Quem quizer comprar os homens,  
Vá á feira ao leilão :  
Os casados a pataco  
Os solteiros a tostão ;  
E a canalha dos rapazes  
A dez reis o quarteirão.

(*Versão do Porto*)

Trez dias ha que ando em busca  
Da minha vacca fusca !

O branco bezerrinho  
 Também levou caminho !  
 Assim eu ando á tóa,  
 Sem saber d'elles cousa má nem bôa.

(Imitando a soletração)

B A bá, fugiu a burra,  
 B E bé, pelo seu pé,  
 B I bi, eu bem a vi,  
 B O bó, foi se embora,  
 B U bu, vae-te tu.

(A quem faz repetir a pergunta)

.....?

—O quê?

«Está nã carreira  
 Do A B C.  
 Atraz do R,  
 Ddiante do P.

—E depois?

«Morreram as vaccas,  
 Ficaram os bois.

Essa é bôa !

«A éça é bôa,  
 Se o defunto é rico.

—Então?

«*Antão*  
 Era moleiro,  
 Fazia anzóes  
 E pescava caracóes.

C) *Lenga Lengas e Contos accumulativos***Lenga-lenga***(Versão de San Martinho — MADEIRA)*

—Lingue-lingue,  
Tu que fazes?  
«Lingue-lingue  
Faço papas.

—Lingue-lingue  
Que é das papas?  
«Lingue-lingue  
Não têm sal.

—Lingue-lingue,  
Que é do sal?  
«Lingue-lingue  
Tem rendeiro.

—Lingue-lingue  
Que é do rendeiro?  
«Lingue-lingue  
Foi ao mato.

—Lingue-lingue  
Que é do mato?  
«Lingue-lingue  
Lume o queima.

—Lingue-lingue  
Que é do lume?  
«Lingue-lingue  
Água o apaga.

—Lingue-lingue  
Que é da água?

«Lingue-lingue  
Boi a bebeu.

—Lingue-lingue  
Que é do boi?  
«Lingue-lingue  
Está na eira.

—Lingue-lingue  
Que é da eira?  
«Lingue-lingue  
Está com trigo.

—Lingue-lingue  
Que é do trigo?  
«Lingue-lingue  
Ave o comeu

—Lingue-lingue  
Que e da ave?  
«Lingue-lingue  
Está nos ovos.

—Lingue-lingue  
Que é dos ovos?  
«Lingue-lingue  
Frade levou-os.

—Lingue-lingue  
Que é do frade?  
«Lingue-lingue  
E' de missa.

—Lingue lingue  
Que é a da missa?  
«Lingue-lingue  
Está no altar.

—Lingue-lingue  
Que é do altar?

«Lingue-lingue  
Na egreja.

—Lingue-lingue  
Que é da egreja?  
«Lingue-lingue,  
Está na terra.

—Lingue-lingue  
Que é da terra?  
«Lingue-lingue,  
Tu estás n'ella.

---

### Lenga-lenga da Formiga e a Neve

(Versão do Porto da Cruz — MADEIRA)

A formiga vae á serra,  
E seu pé na neve prende.

—Oh neve! tu és tão forte.  
Que meu pé em ti se prende.  
«Eu, formiga, sou tão forte,  
Que a luz do sol me derrete.

—Oh sol! tu és tão forte,  
Que derretes a neve,  
A neve que meu pé prende.  
«Eu, formiga, sou tão forte,  
Que qualquer nuvem me tapa.

—Oh nuvem! tu és tão forte  
Que tapas a luz do sol.  
O sol, que derrete a neve.  
A neve, que meu pé prende.  
«Eu, formiga, sou tão forte,  
Que qualquer vento me espalha.

—Oh vento! tu és tão forte  
 Que espalhas a negra nuvem,  
 A nuvem, que tapa o sol,  
 O sol que derrete a neve,  
 A neve que meu pé prende.  
 «Eu, formiga, sou tão forte,  
 Que qualquer muro me veda.

—Oh muro! tu és tão forte,  
 Que vedas o rijo vento,  
 O vento, que espalha nuvem,  
 A nuvem, que tapa sol,  
 O sol, que derrete neve;  
 A neve, que meu pé prende.  
 «Eu, formiga, sou tão forte,  
 Que qualquer rato me fura.

—Oh rato! tu és tão forte,  
 Que furas o grosso muro,  
 O muro, que veda vento;  
 O vento, que espalha nuvem,  
 A nuvem que tapa o sol,  
 O sol, que derrete neve,  
 A neve, que meu pé prende.  
 «Eu, formiga, sou tão forte,  
 Que qualquer gato me come.

—Oh gato! tu és tão forte,  
 Que comes o esperto rato,  
 Rato, que fura muro,  
 Muro que veda vento,  
 Vento, que espalha nuvem,  
 Nuvem, que tapa sol;  
 Sol, que derrete neve,  
 A neve, que meu pé prende.  
 «Eu, formiga, sou tão forte  
 Que um cãosinho me mata.

— Oh cãosinho ! és tão forte,  
 Que matas o bravo gato,  
 O gato, que come o rato,  
 O rato, que fura muro ;  
 O muro, que veda vento,  
 O vento, que espalha nuvem,  
 A nuvem, que tapa sol.  
 O sol, que derrete a neve,  
 A neve, que meu pé prende.  
 «Eu, formiga, sou tão forte,  
 Que um páosinho me bate.

— Oh páosinho ! és tão forte  
 Que bates no cão valente,  
 O cão que mata o gato,  
 O gato, que come rato,  
 O rato, que fura muro,  
 O muro, que veda vento,  
 O vento que espalha nuvem  
 A nuvem, que tapa sol  
 O sol, que derrete neve,  
 A neve, que meu pé prende ?  
 «Eu, formiga, sou tão forte,  
 Que qualquer lume me queima.

— Oh lume ! tu és tão forte  
 Que queimas lo duro páo,  
 O páo que bate no cão,  
 O cão que mata o gato,  
 O gato, que come rato,  
 O rato, que fura muro,  
 O muro, que veda vento,  
 O vento, que espalha nuvem,  
 A nuvem, que tapa sol,  
 O sol, que derreté a neve,  
 A neve, que meu pé prende.  
 «Eu, formiga, sou tão forte,  
 Que qualquer agua me apaga.

—Oh agua! tu és tão forte,  
 Que apagas o vivo lume,  
 O lume, que queima páo,  
 O páo, que bate no cão  
 O cão, que mata o gato,  
 O gato, que come rato,  
 O rato, que fura muro,  
 O muro, que veda vento,  
 O vento, que espalha nuvem,  
 A nuvem, que tapa sol;  
 O sol que derrete neve,  
 A neve, que meu pé prende.  
 «Eu, formiga, sou tão forte,  
 Que qualquer cabra me bebe.

—Oh cabra! tu és tão forte,  
 Que bebes a fria agua,  
 A agua que apaga lume,  
 O lume, que queima páo,  
 O páo, que bate no cão,  
 O cão, que mata o gato,  
 O gato, que come rato,  
 O rato, que fura muro,  
 O muro, que veda vento,  
 O vento, que espalha nuvem,  
 A nuvem, que tapa sol,  
 O sol que derrete neve,  
 A neve que meu pé prende.  
 «Eu, formiga, sou tão forte,  
 Que qualquer faca me mata.

—Oh faca! tu és tão forte,  
 Que matas ligeira cabra,  
 A cabra, que bebe a agua,  
 A agua, que apaga lume,  
 O lume, que queima páo,  
 O páo, que bate no cão;  
 O cão que mata o gato,



O gato, que come rato,  
 O rato, que fura muro,  
 O muro, que veda vento,  
 O vento, que espalha nuvem,  
 A nuvem, que tapa sol,  
 O sol, que derrete neve,  
 A neve, que meu pé prende?  
 «Eu, formiga, sou tão forte,  
 Que n'um ai perde o corte.

Dé-lo alto até ao fundo,  
 Nada é forte n'este mundo.

●

### A Moira

(Versão de Pernambuco—BRASIL)

Estava a *moura*  
 Em seu logar,  
 Foi a *môsc*a  
 Fazer-lhe mal;  
 A *môsc*a na *moura*,  
 A *moura* fiava;  
 Coitada da *moura*,  
 Que tudo a ia  
 Inquietar.

Estava a *môsc*a  
 Em seu logar,  
 Foi a aranha  
 Lhe fazer mal;  
 A aranha na *môsc*a,  
 A *môsc*a na *moura*,  
 A *moura* fiava;  
 Coitada da *moura*,  
 Que tudo a ia  
 Inquietar.

Estava a *aranha*  
Em seu logar,  
Foi o rato  
Lhe fazer mal;  
O rato na aranha  
A aranha na môsca  
A môsca na moura,  
A moura fiava;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar.

Estava o *rato*  
Em seu logar,  
Foi o gato  
Lhe fazer mal;  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na môsca,  
A môsca na moura,  
A moura fiava;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar.

Estava o *gato*  
Em seu logar,  
Foi o cachôrro  
Lhe fazer mal;  
O cachôrro no gato,  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na môsca,  
A môsca na moura,  
A moura fiava;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar.

Estava o *cachorro*  
Em seu lugar,  
Foi o páo  
Lhe fazer mal;  
O páo no cachorro,  
O cachorro no gato,  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na môsca  
A môsca na moura,  
A moura fiava;  
Coitada da moura  
Que tudo a ia  
Inquietar.

Estava o *páo*  
No seu lugar,  
Foi o fogo  
Lhe fazer mal;  
O fogo no páo,  
O páo no cachorro,  
O cachorro no gato,  
O gato no rato,  
O rato na aranha,  
A aranha na môsca,  
A môsca na moura,  
A moura fiava;  
Coitada da moura,  
Que tudo a ia  
Inquietar.

Estava o *fogo*  
No seu lugar,  
Foi a agua  
Lhe fazer mal;  
A agua no fogo,  
O fogo no páo,  
O páo no cachorro,

O cachorro no gato,  
 O gato no rato,  
 O rato na aranha,  
 A aranha na môsca,  
 A môsca na moura,  
 A moura fiava;  
 Coitada da moura,  
 Que tudo a ia  
 Inquietar.

Estava a *agua*  
 Em seu logar,  
 Foi o boi  
 Lhe fazer mal;  
 O boi na agua,  
 A agua no fogo,  
 O fogo no páo,  
 O páo no cachorro,  
 O cachorro no gato,  
 O gato no rato,  
 O rato na aranha,  
 A aranha na môsca,  
 A môsca na moura,  
 A moura fiava;  
 Coitada da moura  
 Que tudo a ia  
 Inquietar.

Estava o *boi*  
 Em seu logar,  
 Foi a faca  
 Lhe fazer mal;  
 A faca no boi,  
 O boi na agua,  
 A agua no fogo,  
 O fogo no páo,  
 O páo no cachorro,  
 O cachorro no gato,

O gato no rato,  
 O rato na aranha,  
 A aranha na môsca,  
 A môsca na moura,  
 A moura fiava ;  
 Coitada da moura,  
 Que tudo a ia  
 Inquietar.

Estava a *faca*  
 Em seu logar,  
 Foi o homem  
 Lhe fazer mal ;  
 O homem na faca,  
 A faca no boi,  
 O boi na agua,  
 A agua no fogo,  
 O fogo no pão,  
 O pão no cachorro,  
 O cachorro no gato,  
 O gato no rato,  
 O rato na aranha,  
 A aranha na môsca,  
 A môsca na moura,  
 A moura fiava ;  
 Coitada da moura,  
 Que tudo a ia  
 Inquietar.

Estava o *homem*  
 No seu logar,  
 Foi a morte  
 Lhe fazer mal ;  
 A morte no homem,  
 O homem na faca,  
 A faca no boi,  
 O boi na agua,  
 A agua no fogo,

O fogo no páo,  
 O páo no cachorro,  
 O cachorro no gato,  
 O gato no rato,  
 O rato na aranha,  
 A aranha na môsca,  
 A môsca na moura  
 A moura fiava;  
 Coitada da moura,  
 Que tudo a ia  
 Inquietar.

(Versão gallega)

Estando á *silva*  
 n-o seu lugar,  
 veu a mora  
 par' a pillar...  
 mora n-a silva,  
 silva no chan-  
 o pobre d'o chan.  
 de todo tèn man.

Estando a *mora*  
 n-o seu lugar,  
 veu o polo  
 par' a pillar...  
 polo n-a mora  
 mora n-a silva  
 silva no chan  
 o pobre d'o chan  
 de todo tèn man,,.

Estando o *polo*  
 n-o seu lugar,  
 veu o zorro  
 par' o pillar...  
 Zorro n-o polo  
 polo n-a mora

mora na silva  
 silva n-o chan,  
 o pobre do chan  
 de todo tèn man.

Estando o *zorro*  
 n-o seu lugar,  
 veu o pau  
 par' o pillar...  
 pau no zorro  
 Zorro no polo  
 polo n-a mora  
 mora na silva  
 silva n-o chan,  
 o pobre d'o chan  
 de todo tèn man.

Estando o *pau*  
 n-o seu lugar  
 ven o fogo,  
 p'r' o queimar;  
 fogo no pau  
 pau n-o zorro,  
 Zorro n-o polo  
 polo n-a mora  
 mora n-a silva  
 silva n-o chan,  
 o pobre d'o chan  
 de todo ten man.

Estando o *fogo*  
 n-o seu lugar,  
 ven a auga  
 p'ro apagar;  
 auga n-o fogo,  
 fogo n-o pau,  
 pau no zorro,  
 Zorro n-o polo

polo n-a mora  
 mora n-a silva  
 silva n-o chan,  
 e pobre d'o chan  
 de todo tén man.

(Cancionero gallego, t. III, pag. 181).

(*Versão do Alemtejo*)

Oh senhores,  
 Aqui está o *gato*,  
 Que papa o rato,  
 Que rói o cêbo  
 Que unta a corda  
 Que amarra a bota  
 Que o vinho leva  
 A' ribeira Mota.

Mais forte é o *cão*  
 Que morde no gato,  
 Que papa o rato  
 Que rói o cêbo  
 Que unta a corda  
 Que amarra a bota,  
 Que leva o vinho  
 A' ribeira Mota.

Mais forte é o *páo*  
 Que bate no cão,  
 Que morde no gato  
 .....

Mais forte é o *lume*  
 Que queima o páo  
 Que bate no cão  
 Que morde o gato.  
 .....

Mais forte é a *agua*  
 Que apaga o lume



Que queima o páo,  
 Que bate no cão  
 Que morde o gato,  
 .....

Mais forte é o *boi*  
 Que bebe a agua  
 Que apaga o lume,  
 Que queima o páo,  
 Que bate no cão  
 Que morde o gato...

Mais forte é o *ferro*  
 Que faz a faca,  
 Que mata o boi,  
 Que apaga o fogo,  
 Que queima o páo,  
 Que bate no cão,  
 Que morde no gato,  
 Que papa o rato  
 Que roe o cêbo  
 Que unta a corda,  
 Que amarra a bota,  
 Que o vinho leva  
 A' ribeira Mota.

---

### Historia da Carôchinha

(Versão de Camara de Lobos—MADEIRA)

La Carôchinha  
 Poz-se á janella  
 A ver quem qu'ria  
 Casar com ella:  
 —Quem quer casar  
 Com Carôchinha,

Que ella é fermosa  
E bonitinha? (1)

Passou um porco:  
«Quero-vos eu.  
—Que comes tu?  
«Do que Deus deu.  
—Fó, fó, oh porco,  
Eu não te quero;  
Melhor marido  
Que tu espero.

—Quem quer casar  
Com Carôchinha,  
Que ella é fermosa  
E bonitinha?

Passou um cão:  
«Quero-vos eu.  
—Que comes tu?  
«Do que Deus deu.  
—Fó, fó, oh cão,  
Eu não te quero;  
Melhor marido  
Que tu espero.

*E assim vão passando muitos animaes, repetindo-se com cada um a mesma conversa, terminando d'este modo:*

—Quem quer casar  
Com Carôchinha,  
Que ella é fermosa  
E bonitinha?

(1) Na versão do Porto começa:

Era uma vez  
A Carôchinha  
Achou cinco réis  
Ao varrer da casinha.

Passou um rato :  
 «Quero-vos eu.  
 —E tu que comes?  
 «Lo bom é meu.  
 —A ti, oh rato,  
 A ti eu quero ;  
 Melhor marido  
 Não no espero.

*E casaram. Elle ficou d'ahi por diante chamando-se João Ratão.*

Um domingo. já casados,  
 Ambos *dois* á missa vão,  
 Deixando posto no lume  
 Seu jantar no caldeirão.  
 Carouchinha na egreja,  
 Vê-se sem leque na mão:

—Esqueceu-me lo meu leque;  
 Vae-lo buscar, Jão Ratão.

Elle foi; e lá em casa  
 Foi provar do caldeirão;  
 Mas dentro d'elle cahiu  
 O triste de Jão Ratão.  
 Vem Carouchinha da missa  
 Sem leque nem Jão Ratão;  
 Procura na casa toda,  
 Só falta no caldeirão:

—Ai Jesus, lo meu marido !  
 Onde estás, meu Jão Ratão ?

E lo foi encontrar morto,  
 Cosido no caldeirão.

—Ai Jesus, lo meu marido !  
 Ai de mim, meu Jão Ratão,

Que te vim encontrar morto,  
Cosido no caldeirão!

Na versão do Porto e na açoriana, continua-se o conto accumulativo:

Pergunta a tripeça  
Do pé do lar:

«Que tens, Carouchinha,  
Que estás a chorar?  
—Morreu João Ratão,  
E estou a bradar.  
«E eu que sou tripeça  
Ponho me a dansar.

Diz d'elle a porta:  
—Que tens, tripeça  
Que estás a dançar?  
«Morreu João Ratão,  
Carôchinha a bradar;  
E eu que sou tripeça  
Ponho-me a dansar.  
—E eu que sou porta,  
Ponho-me a abrir e fechar.

(Seguem-se a *trave*, o *pinheiro*, o *passarinho*, a *fonte*, os *filhos do rei*, os *cantarinhos*, o *rei* e a *rainha*.)

### Sermão de San Coelho

(Versão de Santa Luíza—MADEIRA)

Lo sino está á tocar,  
Que sermão se vae prégar;  
É sermão de San Coelho,  
Que lo diz este fedélho:

«Lo meu santo, San Coelho,  
De seu barrete vermelho,

Com espada de cortiça,  
Veiu matar la Carriça:  
Logo que puxou do ferro,  
La Carriça deu um berro;  
La Carriça arreventou;  
Toda a gente espantou:  
E la Carriça morreu!  
E quem lo prègou fui eu.

*(Versão de Cadaval)*

Assubi ao meu altar  
Com a tenção de prègar;  
Vem um gato gadelhudo  
E comeu o meu jantar:  
Chamei por meus irmãos,  
Meus irmãos não me ouviram,  
Vieram trez ladrões  
Com facas e facões,  
Atiraram commigo ao pôço,  
Com um chocalho ao pescôço.  
As meninas a chorarem,  
Calem-se, meninas, calem-se,  
Que ámanhã é domingo.  
Pintasilgo derrabado,  
Não tem sebe nem cavallo;  
Tem uma mullinha cega.  
Que vae d'aqui a Castella,  
Buscar um moio de pão,  
Para mim e para o meu cão;  
O meu cão não está cá,  
Está á borda do rio,  
Dá-lhe o vento, dá-lhe o frio,  
Faz bailar em corrupio,  
Dá-lhe o vento, dá-lhe o sol  
Faz bailar o rouxinol.

## O Tangro-Mangro

(*Versão de Ourilhe—MINHO*)

Nasceram dez meninas  
Mettidas dentro de um fóle;  
Deu o tangro-mangro n'ellas,  
Não ficaram se não nove. (1)

Essas nove que ficaram  
Foram vêr passar lo broito,  
Deu-lhe o tangro-mangro n'ellas,  
Não ficaram senão oito.

Essas oito que ficaram  
Foram vêr passar lo valete,  
Deu-lhe o tangro-mango n'ellas,  
Não ficaram senão sete,

Essas sete que ficaram  
Foram vêr passar los reis;  
Deu-lhe o tangro-mangro n'ellas,  
Não ficaram senão seis.

Essas seis que ficaram  
Foram vêr passar lo brinco,  
Deu lhe o tangro-mangro n'ellas,  
Não ficaram senão cinco.

Essas cinco que ficaram  
Foram vêr passar lo rato;  
Deu-lhe o tangro-mangro n'ellas,  
Não ficaram senão quatro.

(1) Variante de Lisboa:

Minha mãe teve dez filhas,  
Todas dez dentro de um pote;  
Deu-lhe o tangro-mangro n'ellas  
Não ficaram senão nove. etc.

Essas quatro que ficaram  
 Fôram vêr passar a rez;  
 Deu-lhe o tangro-mangro n'ellas,  
 Não ficaram senão trez.

Essas trez que ficaram  
 Foram vêr passar os bois;  
 Deu-lhe o tangro-mangro n'ellas,  
 Não ficaram senão dois.

Esses dois que ficaram  
 Foram vêr a procissom;  
 Deu-lhe o tangro-mangro n'ellas,  
 Não ficára senão um.

Essa um que ficou,  
 Foi vêr amassar o pão;  
 Deu-lhe o tangro-mangro n'ella,  
 Acabou-se a geração. (1)

Esse meio que me ficou,  
 Mandei-o vender á praça:  
 Deu-lhe o Tango-Marigotango,  
 Aqui acabou-lhe co' a raça.

### Lenga-lenga do Gatinho

(Versão de San Martinho — MADEIRA)

—Oh gatinho,  
 Dá-me rato,

(1) Em uma versão de Elvas termina :

D'esse um que me ficou,  
 Tratei de o meter no seio;  
 Deu-le o Tango-Marigotango,  
 Não me ficou senão meio.

Esse meio que ficou,  
 Mandei-o vender á praça;  
 Deu-lhe o Tango Marigotango,  
 Aqui acabou-lhe c'o a raça.

Para rato  
 Me dar rabo.  
 «Dae-me leite,  
 —Quem no dá?  
 «Dá la cabra.

—Oh cabrinha,  
 Dá-me leite,  
 Para leite  
 Dar ao gato,  
 Para gato  
 Me dar rato,  
 Para rato  
 Me dar rabo,  
 «Dae-me herva.  
 —Quem na dá?  
 «Dá lo campo.

—Oh campina,  
 Dá-me herva,  
 Para herva  
 Dar á cabra,  
 Para cabra  
 Me dar leite,  
 Para leite  
 Dar ao gato,  
 Para gato  
 Me dar rato,  
 Para rato  
 Me dar rabo.  
 «Dae-me agua.  
 —Quem na dá?  
 «La levada.

—Oh levada,  
 Dá me agua,  
 Para agua  
 Dar ao campo,



Para campo  
Me dar herva,  
Para herva  
Dar á cabra,  
Para cabra  
Me dar leite,  
Para leite  
Dar ao gato,  
Para gato  
Me dar rato,  
Para rato  
Me dar rabo.  
«Dae-me enxada.  
—Quem na dá?  
«Lo ferreiro.

—Oh ferreiro,  
Dá-me enxada,  
Para enxa la  
Dar levada,  
P'ra levada  
Me dar agua,  
Para agua  
Dar ao campo,  
Para campo  
Me dar herva,  
Para herva  
Dar á cabra,  
Para cabra  
Me dar leite,  
Para leite  
Dar ao gato,  
Para gato  
Me dar rato,  
Para rato  
Me dar rabo.  
«Dae carvão.

—Quem no dá?  
«Carvoeiro.

—Carvoiro,  
Dá carvão,  
P'ra carvão  
Dar ao ferreiro,  
P'ra ferreiro  
Dar enxada,  
Para enxada  
Dar levada,  
P'ra levada  
Me dar agua,  
Para agua  
Dar ao campo,  
Para campo  
Me dar herva,  
Para herva  
Dar á cabra,  
Para cabra  
Me dar leite,  
Para leite  
Dar ao gato,  
Para gato  
Me dar rato,  
Para rato  
Me dar rabo.  
«Dae-me lenha.  
—Quem na dá?  
«Dá la serra.

—Alta serra,  
Dá-me lenha,  
Para lenha  
Dar carvão,  
P'ra carvão  
Dar ao ferreiro,  
P'ra ferreiro

Dar enxada,  
 P'ra enxada  
 Dar levada,  
 P'ra levada  
 Me dar agua,  
 Para agua  
 Dar ao campo,  
 Para campo  
 Me dar herva,  
 Para herva  
 Dar á cabra,  
 Para cabra  
 Me dar leite,  
 Para leite  
 Dar ao gato,  
 Para gato  
 Me dar rato,  
 Para rato  
 Me dar rabo.  
 «Dae-me terra.  
 —Quem dá terra?  
 «Quem fez tudo  
 Que ella encerra.

●

**Conto de João das Favas,  
que nunca acaba**

*(Versão alemtejana)*

Era uma vez  
 Um gato maltez,  
 Alça-lhe a perna,  
 Bebe-lhe a vez.  
 Bebe-lh'a, tu,  
 Que és mais cortez.  
 Quer que lh'a conte outra vez?

*(Variante de Moncorvo)*

—Era uma vez  
 Um gato maltez,  
 Alça-lhe o rabo  
 Chupa-lhe o pez.  
 «Chupa-lh'ó tu,  
 Que és mais cortez.  
 Chupa-lh'ó bem;  
 Quanto mais chupa  
 Mais tem.

\*

Era uma vez  
 Uma caixinha  
 Vermelhinha,  
 Cór de pez.  
 Queres que t'a conte  
 Outra vez?

\*

Era uma vez  
 Um rei e um bispo;  
 Saco de palha,  
 Não sei mais que isto.

\*

Era uma vez um rei,  
 Tinha trez filhas,  
 Metteu-as n'uma canastra  
 E isto basta.

Era uma vez  
 Um cêsto e uma canastra;  
 Para conto já basta.

\*

Era uma vez um rei,  
 Aqui está o que sei.

\*

Era uma vaquinha  
 Chamada Victoria,  
 Morreu a vaquinha,  
 Acabou-se a historia.

\*

Era uma vez  
 Uma velhinha,  
 Que mijava  
 N'uma panellinha,  
 E dizia:  
 —Tome lá,  
 Sôra visinha,  
 Que é caldo  
 De gallinha.

\*

Era uma vez um homem,  
 Morava n'uma aldeia;  
 Nunca tinha fome  
 Depois da barriga cheia.

*Fórmulas finaes:*

—E depois?  
 «Morreram as vacas,  
 Ficaram os bois.

\*

Quem o disse está aqui,  
 A certidão está em Tondella;  
 Quem o quizer saber  
 Vá até lá por ella.

C) *Fogos e Adivinhas**(Versão alemtejana)*

Serra madeira  
 Carapinteira,  
 Serrar e andar;  
 Lá vem a velhinha  
 Trazer o jantar  
 P'r'a menina papar.

*(Versão madeirense)*

Serra madeira  
 Carapinteira,  
 Serremos nós  
 E serraes vós,  
 Los cavaquinhos  
 P'ra fritar filhoz.  
 Serra compadre,  
 Serra comadre  
 Na madeirinha  
 Do senhor padre.

*(Variante)*

Serra madeira  
 Carapinteira,  
 Serremos a nós  
 Venha de cós  
 Apanhar cavaquinhos  
 P'ra fazer um filhoz;  
 Filhoz para mim,  
 Filhoz para ti,  
 Filhoz para Pedro,  
 Filhoz para a velha  
 De rabo azêdo.

*(Versão de Coimbra)*

Sarilho,  
Bondilho,  
Que andaes ao redor,  
Pedindo a Deus  
Que descubra o sol;  
Descubre-te, sol,  
Das aguas do mar,  
Que eu sou pequenino  
E quero brincar.

*(Versão alemtejana)*

Tão-balalão,  
Cabeça de cão;  
Orelhas de gato  
Não tem coração.

Tão-balalão,  
Morreu o Simão  
Na terra dos mouros,  
Senhor capitão.

Tão-balalão,  
Morreu o Simão;  
Ficaram os filhos,  
Comeram o pão.

*(Versão alemtejana)*

Vassourinha, vassourinha,  
Varre aquella casinha;  
Se varreres bem,  
Ganharás um vintem,  
Se a varreres mal  
Ganharás um real.

Varre, varre, vassourinha,  
Varre, varre, vassourão :

Manda dizer o rei,  
Que recolha a sua mão.

**Tergeito com o dedo mendinho**

Esmolinha  
Ao Cochichinho,  
Que elle anda  
A cochichar;  
Tem a sua  
Mãe doente,  
Não tem nada  
Que lhe dar.

**Jogo do Villão do Cabo (1)**

*(Versão alemtejana)*

— Senhor de cima?  
« Senhor meu.  
— Quantos pães  
Tem na arca?  
« Vinte e um queimados.  
— Quem n'os queimou?  
« Um ladrão  
Que por aqui passou.  
— Enlourado, enlourado,  
Esse ladrão  
Seja enforcado.

*(Variante alemtejana)*

— Oh senhor Fernão Queimado,  
Quantos pães tem  
Lá na minha arca?

(1) Allude a este jogo D. Francisco Manuel de Mello, nas *Cartas familiares*, pag. 402: «que já me começou a danar este *villão do cabo*...»



«Vinte e um queimados.  
 —Quem m'os queimou?  
 «O diabo que aqui passou.  
 —Velhaco, velhaco, velhaco.

---

### Jogo dos Punhos (1)

(Versão alemtejana)

—Pom ponete,  
 Que é isto?  
 «Cabecinha  
 De alfinete.  
 —Que está dentro?  
 «Pão bolorento.  
 —Que está por fóra?  
 «Cordas de viola.  
 —Que está na rua?  
 «Uma espada núa.  
 —Que está nas janellas?  
 «Fitas amarellas.  
 —Que está nos telhados?  
 «Gatos assados.  
 —Puf, puf, puf.

(Na versão da Madeira, termina):

—Quem me dera  
 Camartello,  
 Para arrasar  
 Este castello.

---

### O Pião

Quando eu era rapaz  
 E jogava o meu pião,

---

(1) A este jogo allude Jorge Ferreira de Vasconcellos, na *Eu frosina*, acto V. sc. 3: «quem bem considerar consigo o que se d'aquí tira, achará tudo trabalho e dor, *Jogo do punho punhete* e um *Dou che lo vivo*, que a Fortuna comnosco traz.»

Todas as môças diziam:  
Botae-m'ô aqui na mão. (1)

(Em adivinha)

Atar para andar,  
Para andar desatar;  
Para andar me põem capa,  
Com capa não posso andar?

—●—  
**Jogo da Cabra cega (2)**

(Versão alemtejana)

—Cabra cega, d'onde vens?

«De Castella.

—Que vens comendo?

«Pão e canella.

—O que pergun:as?

«Uma agulha.

—Fina ou grossa?

«Fina.

—Busca-a.

(1) Em um Ms. do seculo XVIII, descreve-se a paixão que o Arcebispo de Braga, irmão bastardo do rei D. João V, tiuha pelo jogo do *pião*: «Era constante que o dito serenissimo senhor Arcebispo se occupava algumas vezes a jogar o *pião*; e por isso deu causa a que a curiosidade de quem quer que fosse, lhe fizesse a presente modesta crize ou satira.» Alludindo á epoca de jogar, acrescenta: «A *pella* jogam pela paschoa; o *pião* pela quaresma; e a *conca* e o *taco* pelo inverno, e d'esta sorte os mais. Sómente no palacio de Vossa Alteza, se não observava esta ordem; porque todos juntos e em todo o tempo se acham ahí esses divertimentos.»

*Methodo breve e claro de jogar o taco, o pião, e a conca*, ordenado pela Academia dos rapazes bracharenses e offercido pela mão do reverendo Padre Reitor da Companhia ao serenissimo sr. D. José, Arcebispo e senhor de Braga, filho reconhecido do sr. rei D. Pedro II. Ms. da Bibl. da Ajuda. A. Pimentel, *As Amantes de D. João F.* pag. 38.

(2) A este jogo allude o Padre Vieira, em 1672, nas *Noticias reconditas y postumas del Procedimiento de las Inquisiciones de España y Portugal*, pag. 17:

**Cabra cega** (1672)

Tim tim  
*Sarramacotim* (1)  
 Debaixo da torre  
 Mora um home  
 Que vende garrafas  
 E garraões,  
 Chamado Tio-Pata.  
 Tia Joanita  
 Mande podar  
 A gallita.

**Jogos da Viuvinha**

(*Versão do Alemtejo*)

**Côro:**

Além vem a viuvinha,  
 Ella além vem a chorar !  
 E' bem feito, que não hade  
 Achar com quem se casar.

**Viuvinha:**

Eu sou viuvinha  
 Das bandas d'além,  
 Quero-me casar,  
 Não acho com quem,

(*Percorrendo a roda em que estão todas as pessôas que tomam parte no jogo :*

« ... pois por este modo dar noticia delles (os presos) aos outros, e como o jogo he de *Cabra cega*, vão todos a olhos fechados : — Adivinha quem te deu? — pelas mudanças se saem os que estam presos, e logo vão dar n'elles, como se fôra obrigação dar em todos; etc.»

(1) Nos jogos infantis portuguezes existe a palavra *Malacutim*, explicavel pela designação ethnica de *Malacutia*, ou *Mala-Gothia* dada á provincia de Hespanha em que ficaram as tribus berbericas, que hoje formam a população dos Malacates ou *Mauregatos*. (Vid. Dozy.), *Recherches*.

Nem contigo,  
Nem contigo;  
Só contigo,  
Que és meu bem.

**Côro:**

Viuva, triste viuva,  
Viuva triste, coitada,  
Que por dar contas ao mundo  
Vive só e abandonada.

**Viuvinha:**

Sou viuvinha  
Das bandas de fóra,  
Quero-me casar  
Mas nenja por ora ;  
Nem contigo,  
Nem contigo,  
Só contigo,  
Linda amora.

**Côro:**

Tenho dó da viuvinha,  
Que ainda tem muito valor ;  
Deus levou-lhe o seu marido,  
Deixou-lhe no peito amor.

**Viuvinha:**

Das bandas d'aqui  
Sou a viuvinha ;  
Quero-me casar,  
Não acho madrinha ;  
Nem contigo,  
Nem contigo,  
Só contigo,  
Prenda minha.

**Côro:**

Já levaste um cabaço,  
Dois ou tres hasde levar;  
E' bem feito, que não hasde  
Achar com quem te casar.

**Noivo escolhido:**

Inda bem, que já achaste  
Noivo para te casar;  
Darás meia volta ao par  
P'r'o levar's ao seu logar.

*Recomeça o jogo com outra figura, repetindo-se as mesmas fórmulas até ser feita a escôlha.*

*(Variante de Pernambuco — BRASIL)*

«Eu sou viuvinha,  
Das bandas de além,  
Quero casar  
Não acho com quem.

—Diga, senhora viuva,  
Você com quem quer casar?  
Se com o filho do conde  
Ou com o senhor general?

«Eu não quero estes homens,  
Porque não são para mim;  
Sou uma pobre viuva,  
Triste coitada de mim.

—Vem cá, meu bem,  
Anda-me contar,  
Que amores ausentes  
Querem-me matar.

*(Versão do Minho — AIRÃO)*

«Oh senhor Doctor!  
—E eu que o sou.

- «Eu quero um conselho.  
 —E eu que o dou.  
 «Eu quero casar.  
 —Pois dize com quem.  
 «Elle é com uma viuva.  
 —Filho, não vaes bem.  
 «A viuva é rica.  
 —Isso é muito bom.  
 «E quando hade ser?  
 —O ma's depressa então.

—●—

### Casamento do gallego

*(Versão de Beja)*

- Pae Zé,  
 O que quer?  
 «Ouro e prata  
 E môça honrada.
- Ouro e prata ha ;  
 A môça, ella ahí está,  
 Se ella ergueu ou abaixou  
 Ou n'algun esgalho encalhou,  
 Conforme está assim lh'a dou.

Diz o Cura:

- Aqui está esta cachópa,  
 Que se quer encachopar ;  
 Se não ha quem a queira,  
 Volta para o seu logar.

O Gallego:

- «Eu que la quero,  
 Eu que la pretendo,  
 Eu, que aqui vim,  
 Assim o entendo.

*Cortejo do casamento com gaita, tambor e zabumba.*

Sôa a gaita:

—Viva a noiva, fresquiinha!

Rufa o tambor:

—Vae honrada, vae honrada!

Zabumba:

—Duvidas ponho,  
Põnho-lhe duvidas.

---

**Adivinhas**

—Qual é o animal que vôa,  
Sem tripas nem coração,  
E que dá luzença aos mortos  
E aos vivos consolação?

«ABELHA.

—Tamanho de uma aresta,  
Em casa de el rei presta?

«AGULHA.

—Torcida e lambida,  
Pelo cu mettida?

«AGULHA E LINHA.

—Cinco irmãs,  
Todas eguaes,  
Anda uma núa  
A despir as mais.

«AGULHAS DE MEIA.

—Tem dentes e não come,  
Tem barbas e não é home?

«ALHO.

—Arvore com doze ramos,  
Cada ramo com seu ninho ;  
Cada ninho trinta passarinhos ?

«ANNO, MEZES E DIAS.

—Verde foi meu nascimento,  
E de luto me vesti ;  
Para dar luz ao mundo  
Mil tormentos padeci ?

«AZEITONA.

—Tenho uma caixinha  
Cheia de ossinhos,  
Eu não a daria  
Por mil cruzadinhos ?

«BOCCA E DENTES.

—Qual é a cousa,  
Qual é ella,  
Que apenas entra em casa  
Logo se põe á janella ?

«BOTÃO.

—Vou por aqui abaixo,  
Guarda Deus a vocemecês ;  
Nas costas levo quem busco,  
Na barriga a quem me fez ?

«CARTA.

—Altos picôtos  
C'os seus maranhotos ;  
Tanto riso lhe deu,  
Que caiu o que Deus lhe deu ?

«CASTANHEIRO E OURIÇOS.

—Tamanho de uma onção,  
E guarda cem moios de pão ?

«CHAVE.



—Tenho uma intima amiga,  
Com quem eu muito me dou;  
Ella sem mim não é nada,  
Eu sem ella nada sou?

«CHAVE.

—Nós sômos muitos irmãos  
Espalhados pelo mundo,  
Muitas mulheres e alguns homens  
Nos procuram;  
Nós não sendo carapuças  
Nem chapéos *ou que o pareça*,  
Nem cousas de enfeitar  
Todos nos põem na cabeça?

«O DEDAL.

—Quatro rapazes n'um andar,  
Correndo uns atraz dos outros  
Sem se poderem apanhar?

«DEBADOURA.

—Que é, que, é,  
Quanto maior  
Menos se vê?

«ESCURIDÃO.

—Que será, que será?  
Passa o rio e fica cá!

«ESPINGARDA DANDO O TIRO.

—Ninguirininhim, coitada,  
Não tem camisa nem fralda,  
Anda por onde anda a gente,  
Quando a matam é que fica contente?

«A FOME.

—A' meia noite  
Se ergue o francez;

Sabe da hora,  
 Não sabe do mez;  
 Usa de espóras,  
 Não é cavalleiro;  
 Tem uma serra,  
 Não é carpinteiro;  
 Elle tem picão  
 E não é pedreiro;  
 Cava no chão  
 Não acha dinheiro.

«GALLO.

—Passeia na praça,  
 Não é estudante;  
 Traz espóras, não é  
 Cavalleiro andante,  
 Canta de missa  
 Sem ser sacristão,  
 Sabe das horas,  
 Mas da morte não?

«O GALLO.

—Diante de Deus estou  
 Entre cadeias mettida,  
 Já me sobem, já me baixam,  
 Já estcu morta, já estou viva?

«LAMPADA.

—Casinha amarella,  
 Sem porta nem janella?

«LARANJA.

—Vi meninas n'um castello  
 Todas vestidas de amarello?

«LARANJAL

—Estando Dona Pinceza  
 Entre taboas e taboinhas,  
 Chova, que não chova,  
 Sempre está molhadinha?

«LINGUA.

—Entre trinta e duas pedras brancas  
Está uma moira encantada,  
Quer chova, quer faça sol  
Sempre está a moira molhada?

«LINGUA.

—Verde foi meu nascimento,  
Azul minha mocidade,  
Amarello meu acabamentoo,  
Foi tanta a dignidade,  
Que toco no SS. Sacramento?

«LINHO.

—Tamanho de uma abêlha,  
Enche a casa até á telha?

«LUZ DA CANDEIA.

—Tamanho de uma bolota,  
Enche a casa até á porta?

«LUZ DA CANDEIA.

—O que é que nasce na deveza  
E vae comer c'o rei á meza?

«MÔSCA.

—Armadinha nova  
De bom parecer,  
Nenhum carpinteiro  
A sabe fazer;  
Só Deus do céo  
Tem esse poder?

«NOZ.

—Egreja branca (Casinha)  
Sem porta nem tranca?

«OVO.

—Menina bonita,  
Sáia amarella,

Casa caiada,  
Ninguem entra n'ella ?

«OVO.

—Pipeirinho, pipeirote,  
Não tem fundo nem batoque ?

«ID.

—Casas caiadas,  
Fontes amarellas,  
Casas de moradas,  
Ninguem mora n'ellas?

«ID.

—Sou filho de paes cantantes,  
Minha mãe não tinha dentes,  
Nem nenhum dos meus parentes?

«ID.

—Eu de mim sou calvo,  
Meu coração amarello,  
E o meu rosto alvo ?

«ID.

—Que é aquillo  
Que não tem nós  
Nem coz,  
Nem cú nem bico;  
Dentro d'elle nasce um mosquito,  
Que têm nós,  
Tem coz,  
Tem cú e bico?

«ID.

—Sem osso nem espinha,  
No calor se empina ?

«PIÃO.

—Cáe no chão, não se quebra,  
Vae á agua, e logo quebra ?

«PAPEL.

—Tamanho como um cavaco,  
Vae buscar os bois ao mato?

«PENTE E PIOLHOS.

—Altos pirineos,  
Tristes innocentes,  
Deram uma gargalhada,  
Cahiram-lhes os dentes?

«PINHA E PINHÕES.

—Terra branca,  
Semente preta,  
Cinco bois  
A uma carrêta?

«PAPEL, TINTA E DEDOS.»

—Uma mãe com sete filhas,  
Cinco justas,  
Uma santa,  
E uma com falta?

«A QUARESMA.

—Ja foi vivo  
E agora é morto;  
Traz cinco vivos  
Dentro do corpo?

«SAPATO E OS DEDOS DOS PÉS.

—Alto está, alto mora,  
Todos o vêem  
Ninguém o adora?

«SINO.

—Toda a gente a pode vêr e causar,  
Ninguém a pode vender ou trocar?

«SOMBRA.

—Vinte mil meninas  
N'uma varanda,

Todas a chorar  
Para uma banda?

«TELHAS.

—Uma dama delicada,  
Cautelosa no comer,  
Mastiga e bota fóra,  
Engulir não pode ser?

«TESOURA.

—Com as pernas abertas  
Ganho a vida;  
Com ellas fechadas  
Estou perdida?

«ID.

—Quatro irmãs a andarem  
Atraz umas das outras  
Sem nunca se encontrarem?

«VELAS DO MOINHO.

—Nós sômos dois irmãosinhos  
Ambos de uma mãe nascidos,  
Ambos eguaes nos vestidos  
Porém não na condição:  
Para gostos e tempêros  
A mim me procurarão;  
Para mezas e banquetes  
Fallem lá com meu irmão,  
Que a uns faz perder o tino,  
A outros a estimação?

«VINHO E VINAGRE.

IV  
CANCIONEIRO POLITICO

---

*A Historia de Portugal na Voz do Povo*

---

Qual Rico-Homem tal vassallo,  
Qual Concelho tal campana.

(Canc. Vat., n.º 1082)

E' uma expressão aphoristica do conflicto das duas fórmas sociaes, a senhorial e a municipal, de cujo equilibrio resultou a formação das Nacionalidades peninsulares. Don Joaquin Costa, traz no seu livro *Poesia popular española*, p. 48, este anexim castelhano, que synthetisa esse momento historico:

Cañizar y Villarejo,  
*Gran campana y ruin Concejo.*

No seu interessante estudo de nossos origens sociaes, escreve o Dr. Diogo Leote: «E' frequente, que as actas das Vereações digam, que a convocação fôra feita ao *som da campa*. Era a mesma *campa* que convocava os comicios, tão frequentes na Edade Media; tocava a recolher, avisava de incendios e calamidades publicas, reclamava dedicações e solidariedade nos esforços dos povos; era ella tambem que tocava a rebate. E' por isso, que na Europa central mórmente, esse sino com a sua torre, o *beffroye* (parece que significa Sino dos amigos) é conservado religiosamente como symbolo da autonomia municipal. Entre nós em algumas comarcas a abertura das audiencias é annunciada ao *som da campa*, como vi em alguns Concelhos ella annunciar a Vereação.» (1) Ainda hoje o espirito e o interesse local exprimem-se unicamente pela palavra *Campanario*. A defeza das Cidades livres, que vieram a constituir o Estado de Portugal, fazia-se pelo *Apellido*, ou chamamento extraordinario, sendo um imposto pessoal na resistencia continuada contra os sarracenos:

Mouros na terra,  
Mouros na terra!  
Moradores á guerra.

---

(1) *Baldio*, p. 266. Evora, 1911.

Quando o Poder real com as suas justiças acabou com os arbitrios e privilegios senhoriaes, o povo fazia o seu *Apellido* para essa justiça impessoal, persistindo ainda o grito deprecativo: *Aqui d'El-Rei!* Fernão de Oliveira, na sua *Grammatica Portugueza*, (1537) nota n'esta designação castelhana o caracter de *estrangeirimo* da Realeza unificando na sua soberania os Concelhos ou Behetrias portuguezas.

### Velho como a Sé de Braga.

Comparação poetica popular, nascida da tradição, de que a Igreja de Braga fôra a primeira que se estabeleceu na propagação do christianismo na peninsula, d'onde toma o titulo de Primaz das Hespanhas. Ao seu rito archaico ou mosarabe allude Gil Vicente comicamente em uma absolvição pelo Breviario de Braga. No conflicto da liturgia mosarabe substituida pela romana sob o influxo francez palatino, correu o ditado popular:

A lá vão Leis  
Do querem Reis.

*Allá van Leyes do quieren Reyes.* D'este anexam, diz Sarmiento: «Es sentir eomun, que este Adagio se inventó en tiempo del rey Alonso el vi, quando se hizo la prueba de las dos Liturgias, romana y gothica ó Mosarabe, echando en una hoguera los dos Códices. Dícese que salió mas victorioso el mosarabe que el romano; y que no obstante, quizo el Rey que se admitiese el romano y se arrinconase el mosarabe ó gothico, contra las leyes da la prueba por fuego ó por desafio. Y entonces se formó el Adagio: *Allá van Leyes do quieren Reyes*; y aún hoy es muy commun.» *Mem. para la Hist. de la Poesia*, p. 175.

Ao nascimento de D. Thereza, filha bastarda de Alfonso vi de Castella e da concubina Ximena, alludia o apodo hespanhol:

Ter lidimo o seu Real  
*E bastardo o de Portugal.*

Observa De Clermont, no opusculo *Les Communes françaises en Espagne et en Portugal*, p. 63: «Os escriptores escandalisam-se muito de que o fundador da monarchia (Conde D. Henrique) fosse uma filha natural do Rei de Castella, e inventaram uma multidão de historias, umas mais engenhosas que as outras, para restabelecerem a legitimidade bem duvidosa d'esta rainha e evitar tambem o adagio castelhano que mal sôa



aos seus ouvidos: «Ter lidimo o seu Real e o de Portugal bastardo.»

### No tempo dos Affonsinhos

Locução portugueza, em que se conservou a ideia que apparece nas *Tablas Alfonsies*, de 1252, de denominar a Era moderna desde o reinado de Alfonso el Sabio com o titulo de *Alfonsi*: «porque durasse la nombradia deste noble rey para siempre.» Em outras Taboas astronomicas que lhe succederam concertava-se a nova *Era e Anno Alfonsi* de 1252 com as Eras hebraica, romana e arabe; mas cahiu em esquecimento, ficando o sentido satirico de antiquado e atrazado.

A voz do povo fez-se sentir no julgamento dos Alcaides que atraçoaram Dom Sancho II, entregando os Castellos de Monsanto, da Marialva, de Leiria, de Faria, da Covilhã, de Sortelha, de Trancoso, de Cintra e Celorico, em homenagem a Dom Affonso III, *como nom deviam*. Aires Peres Veituron deu fórma de protesto em uma Canção de maldizer verberando essa falacia dos fidalgos e do alto clero:

Melhor é de seer traedor  
Ca morrer excomungado.

Salvo é quem trae Castello  
a preyto, que o hysopen.

(*Canc. de Vat.*, n.º 1088.)

Se não, não.

Phrase attribuida a alguem, que em côrtes censurava um rei por mantêr habitos ruinosos e lhe recommendava os seus deveres, *Se não...*; e intimando-o o rei a que completasse a phrase, concluiu-a: *Não*. E' a abreviação do titulo preliminar do *Fuero Juzgo*: *Rei serás se fizerdes direito, se não fizerdes direito não sereis rei.* (*Rex ejus eris si recta facis; si autem non facis non eris.*) O *Fuero Juzgo* era o codigo de uma monarchia militar electiva, que foi adoptado pela primeira dynastia em Portugal. A deposição de D. Sancho II mostra que esse laconismo imperativo se tornava por vezes uma realidade.

No reinado de Dom Diniz estabeleceram-se os Direitos reaes pela adopção do direito romano: avocou a si o direito exclusivo da justiça, da força armada, (*hoste*) de bater moeda, de conferir nobreza por *Fôro del Rei*; assim no romance popular de

Santa Isabel, fixou a tradição: *E elle fez quanto quiz*. O chronista Nunes de Leão conservou esta voz do povo :

El Rei Dom Diniz  
 Fez quanto quiz ;  
 Porque quem dinheiro tiver  
 Fará tudo o que quizer.

Na *Arte de furta*r, (p. 342) lê-se: «Então manda el rei Dom Diniz, o *que fez quanto quiz* . . » Em uma carta de José da Cunha Brachado, vem este anexim, quando allude á magnanimidade de D. João v : «El Rei é descendente e successor de

El Rei Dom Diniz,  
 que fez quanto quiz ;  
 e quem dinheiro tiver,  
 tambem fará o que quizer ;

sendo que, na minha opinião, como já disse, não obra as cousas o poder mas a vontade, e vale mais esta potencia sem olhos do que o entendimento com muitos braços.» (1) Cita-se esta inscripção lapidar :

Sou El Rei Dom Diniz,  
 Moura, Serpa, Beja fiz ;  
 Quem dinhero tiver  
 Fará o mais que quizer.

No estudo *As Mouras encantadas*, do Dr. Athayde Oliveira, (p. 160) vem uma versão mais desenvolvida :

Eu sou o Rei Dom Diniz,  
 Serpa, Moura, Mervim fiz ;  
 Não fiz mais porque não quiz ;  
 Quem dinheiro tiver  
 Fará o que quizer.

Esta allusão ao dinheiro entendia-se pela riqueza dos bens dos Templarios, que Dom Diniz habil e politicamente soube conservar em Portugal.

(1) No *Investigador Portuguez*, vol. XV, p. 34.

Deixou uma emoção persistente na vida nacional a victoria da batalha do Salado, que fechou para sempre ás hordas mou-riscas a peninsula hispanica, em 1340. Nas prophcias merlinicas, que se espalharam por este tempo em Hespanha, o *Leão dormente* era interpretado como Affonso iv, antes de acudir a seu genro Affonso xi de Castella, estabelecendo-se por esse auxilio a paz das duas côrtes. As prophcias merlinicas reflectiram-se no *Poema de Alfonso Onceno*, em que é celebrada a batalha do Salado, e chegaram a servirem de base para as Prophcias de Bandarra, no seculo xvi, em que se aponta o *Anno de quarenta* como o da salvação de Portugal. Vê-se que era uma data prestigiosa, a que se iam adaptando successos venturosos, como o de 1640; assim em um texto arranjado pelos sebastianistas bragantinos :

Já o tempo desejado  
E' passado,  
Já se cerram os quarenta.

E na *Restauração de Portugal prodigiosa*, explica-se a mar-vilhosa data, dando-a como descoberta em uma lagem de uma egreja, em Alemquer :

Anno de vinte,  
Quem te não vira;  
Anno de trinta,  
Quem te passara;  
*Anno de quarenta*  
Quem te gosara. (1)

Fernão Lopez, traz na *Chronica de D. Fernando*, cap. xxxvi, um *Rifam de escarnho* contra este rei dementado pelos amores de D. Leonor Telles, que chegou a ser cercado pelos castellanos em Santarem :

Ex vollo vae,  
Ex vollo vem,

(1) Sobre esta tradição da Batalha do Salado, vid. *Camões*, — a *Obra lyrica e épica*, p. 479.

De Lisboa  
Para Santarem. (1)

Aos amores do rei D. Fernando se fez uma cantiga, que segundo as chronicas começava pelo verso: — *Ay donas, por que tristura.*

Narrando a revolução de Lisboa, consignou Fernan Lopes a cantiga do povo, na sua hora de justiça:

Esta es Lixboa fidalga;  
Miralda  
Y deixalda.  
Se quiserdes carneiro,  
Qual deram al Andero;  
Si quiserdes cabrito,  
Qual deram al Arçobispo.

Ficou tambem como um grito poetico a acclamação do eleito do povo nas côrtes de Coimbra:

Real, real!  
Pelo Mestre de Avis,  
Rei de Portugal,

Na *Chronica do Condestavel*, (cap. 37) ao descrever-se a tomada do Castello de Portel, que Vasco Pires de Camões

(1) O rifão tomou na tradição um character geral:

Quem vae a Santarem,  
Se tolo váe,  
Tolo vem.

E nas luctas constitucionaes de 1832, revivesceu na fôrma:

D. Pedro vae,  
D. Pedro vem,  
Mas não entra  
Em Santarem.

entregou por ajuste de dinheiro, vem intercalada a cantiga satirica:

Pois Marina balhou,  
Tome o que ganhou.

Milhor era Portel,  
Velha ruiva, p... velha  
Que não safra e segura;  
Tome o que ganhou.

E da lenda do heroismo da Padeira de Aljubarrota, vem um *CantarCILHO* intercalado em um romance do *Galhaldo portuguez* (Duran, *Rom. General*):

Pois que Madanella  
Remediou meu mal,  
Viva Portugal  
E morra Castella.

Seja amor testigo  
De tamanho bem,  
Não chegue ninguem  
A zombar commigo.

Que a espada é rodela;  
A Forneira sal!  
Viva Portugal  
E morra Castella.

Depois que o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, assegurada a independencia de Portugal, se recolheu á vida ascetica no mosteiro do Carmo, o povo ia-lhe cantar estas coplas:

O Santo Condestabre  
Em o seu Mosteiro  
Dá-nos sua sôpa,  
Mail-a sua roupa,  
Mail-o seu dinheiro.

Cantava-lhe sobre a sua sepultura, pela Paschoa florida:

No me lo digades, none,  
Que Santo és el Conde.

O gram Condestabre  
 Nun'alvres Pereira,  
 Defendeu Portugal  
 Com sua bandeira  
 E com seu pendone . . .

E pelo Espirito Santo vinham os moradores do Restello  
 cantar suas nenias ou clamores :

Santo Condestabre,  
 Bone portuguez,  
 Conde de Arayolos,  
 De Barcellos, d'Ourem,  
 Na campanha sondes  
 Além d'uma vez . . .

Celebrava-lhe o anniversario a gente de Sacavem :

De Restello a Sacavem  
 Nem ningola, nem ninguem  
 Tem semelhante ao Condestabre,  
 Que le prouge e que le praze  
 De fazer-nos tanto bem. (1)

O genio nacional ia revelar-se na audacia das navegações e das longas viagens. O Infante D. Pedro ia correr as *Sete Partidas do mundo*, vulgarisadas na lenda da folha popular attribuida a Gomes de Santos Estevam, e a que alludem muitos poetas com suspeitosa ironia. (2). Azurara, descrevendo o

(1) Vem na *Chronica dos Carmelitas* do P.<sup>o</sup> Pereira de Santa Anna.

(2) «No traygo por exemplo la peregrinação que se dize del otro Infante Don Pedro de Portugal, assy porque *la verdad de aquella historia es muy sospechosa*, como por no convenir andar por aquellas tierras a ningun Principe en tiempos de tantas guerras y discordias como hay por el mundo, si *es verdad que fué por ellas.*» Dr. Francisco de Monçon, *Espejo del Principe christiano*, fl. 195, Ed. 1571.

cêrco de Tanger, em 1460, cita dois versos de um cantar, que hoje se completa pela tradição oral :

— *Oh noite má*  
*Para quem te aparelhas?* (1)  
 «Para os pobres soldados  
 E pastores de ovelhas.  
 — E os homens do mar  
 Aonde os deixas?  
 «Esses ficam mettidos  
 Até ás orelhas.

Na linguagem do povo *Africanadas* e *Metter uma lança em Africa* era uma das expressões da vida heroica nacional.

Esse espirito de heroicidade com que se entrava na vida historica, era expresso em um aphorismo, que incluiu Lopo de Figueiredo em uma carta de 1483 :

Por minha Lei  
 E Rei  
 E Grei  
 Eu morrerei.

A's conspirações da nobreza contra D. João II e a firmeza com que as dominou, refere-se uma inscripção que está em uma pedra n'um muro de Villa Nova de Gaia :

Ouçõ, vêjo e calo,  
 Pelo tempo em que me acho. (2)

Os esforços para o descobrimento da róta da India por leste. representam se pela passagem de trez Cabos, desde 1415 até 1498. Eram terriveis as lendas da approximação do Cabo de Nam, dobrado em 1410 (Duarte Galvão), em 1415 (Damião de Goes); os Portuguezes passaram além 700 leguas em 1419; depois de 1436 é que começaram as navegações para além do Cabo de Nam, seguindo-se-lhe depois a passagem dos Cabos

(1) Vem em Alão de Moraes, *Pedatura lusitana*, e nas *Memorias historicas das Ordens militares* do Dr. Alexandre Ferreira, p. 189.

(2) Communicação de Cherubino Lagõa, cartorario da Misericordia do Porto.

de Bojador e da Bôa Esperança. Ficou na tradição do povo este ditado :

Quem passa o Cabo de Nam  
Ou tornará ou não. (1)

Para se equiparem as armadas para a Índia tocavam-se tambores pelas ruas de Lisboa para se alistarem os aventureiros na Casa da Índia, e seguírem na *Não de Viagem*; a esse rythmo fez o povo um ditado imitativo:

Quantos irão,  
Que não voltarão.

A' Índia mais vão  
Do que voltarão.

Do heroísmo e sacrificio á patria menospresado pelo egoísmo dos monarchas, principalmente D. Manuel, julgava o povo em anexim:

Dos nescios leaes  
Se enchem os hospitaes. (2)

Dignificam esta sentença Duarte Pacheco, Antonio Galvão, Affonso de Albuquerque, Fernão Mendes Pinto e mesmo Pedro Alvares Cabral, de cuja familia se dizia :

Cabraes,  
Leaes.

Lê-se nas *Familias de Portugal*, de Coelho Mendes : «em serviço de Deus e do rei e patria, derramando o seu sangue e dos inimigos, como testemunham as chronicas d'este reino, d'onde com rasão se introduziu dizer : — *Cabraes leaes* — pela fee que sustentaram em tempo de el rei D. Afonso III, em o Castello de Belmonte, de que são perpetuos Alcaides-môres, alcançando por premio benefico o privilegio de não dar ome-nagem d'elle como os demais Alcaides e capitães são obriga-

(1) Barros, *Decada I*, cap. IV. Foi passado em 1433 por Gil Eanes.

(2) Barros, *Decada III*, liv. 9, cap. 1.



dos por lei expressa, tanta é a confiança que d'esta illustre familia se tem...» (1)

Um refrem de cantigas de marinheiros é inspirado d'essas extraordinarias viagens dos portuguezes:

Já fui á Bahia,  
 Já fui ao Japão,  
 Já cacei nas terras  
 Do *Preste João*.

As cantigas e os apódos metrificadas eram tambem empregados pelos nossos heroes; Affonso de Albuquerque da entrevista com Melik-Az, dizia:

Bem te entendo  
 Que me entendes,  
 Que te entendo  
 Que me enganas.

E por uma cantiga de um mouro é que Dom João de Menezes, em Arzilla, se salvou de uma emboscada, ouvindo de um dos que lhe armaram a surpresa:

Já vós jazedes,  
 Peixe nas rêdes;  
 Já vós jazedes,  
 Dom João de Menezes.

A satira que se intitula *Trovas que se fizeram nas Terças no tempo de El rei D. Manoel*, em redondilha menor, põe a descoberto a vida da côrte d'este monarcha. Transcrevemos algumas estrophes:

Os seus Conselheiros  
 Aos trinta nam chegam,  
 E todos navegam  
 Aos mealheiros;

(1) Ap. Ayres de Sá, *Fr. Gonçalo Velho*, vol. II, p. 123.

(1) A. Pimentel, *Musa das Revoluções*, p. 60.

Não sam verdadeiros  
Nem tratam verdade,  
E da puridade  
Sam cheos palheiros.

Serviços não paga,  
Nem menos trabalhos,  
Por dois mil atalhos  
Os homens estraga;  
Em Africa á fome  
Morrem cavalleiros,  
E cá nos palheiros  
O ouro se come.

Expulsos os Judeus de Hespanha por Fernando e Isabel, o povo cantava o seguinte motejo, que se repetiu em Portugal quando el rei D. Manuel obedeceu fanaticamente á exigencia da côrte castelhana :

Eia, Judios,  
á enfardelar !  
los Reyes mandan  
passar la mar. (1)

Este delirio religioso systematisou-se pelo estabelecimento do Tribunal da Inquisição, cujos processos iníquos violando todos os direitos foram caracterizados pelo povo :

Dáme-lo Judeo,  
Que eu t'ò darei *confesso*;  
Deixa-me fazer o processo  
E julgue-lo seu pae.

Aos Inquisidores, seguiram-se na degradação de Portugal os Jesuitas, os Padres da *Apanhia*, como chamava o povo pela habilidade com que a titulo de esmola apanhavam heranças,

---

(1) Amador de los Rios, *Historia critica de la Literatura española*, t. VII, p. 436.

intromettendo-se no governo. Contra a intrusão dos Jesuitas no governo da India, corria em Gôa este epigramma :

Vice-Reis da India  
Vão e vêm ;  
Padres da Companhia  
Sempre têm. (1)

As fogueiras do Santo Officio e o garrote do despotismo monarchico, abafavam qualquer manifestação da consciencia moral; o povo comprehendia a necessidade do silencio :

Com Rei  
E Inquisição,  
Chitão !

O poder real servindo-se da Inquisição como de uma sua policia, generalisou este anexim :

Da Inquisição  
Para o Rei  
Não vae lei.

As aventuras amorosas da côrte tambem tinham seu ecco nos epigrammas (*bitafe*=epitaphio) que chegaram á retentiva popular; dos amores galantes do cavalleiro D. Fr. João Manoel, de conselho real e bispo de Ceuta e da Guarda, com Justa Rodrigues nasceu a divisa *Justa, fué mi perdicion*, tomada de Manrique, poeta da côrte de Fernando e Isabel. Tambem nasceram dois filhos, o celebre poeta D. João Manuel e Nuno Manuel, que foram colassos do rei venturoso. Diz o epigramma da epoca :

*Justa* Rodrigues *justou*  
Com um Frade carmelita,  
E esta *justa* maldita  
Os Manueis nos deixou

Os escandalosos amores do bispo da sé da Guarda D. João

(1) *Archivo Oriental*, vol. I.

de Mello com uma dama Mesquita, são também apodados em mordente equívoco :

O Bispo que deixa a Sé  
 Por se meter na *Mesquita*,  
 Mouro foi e mouro é,  
 Pois d'ella se não desquita.

Do celebre saque de Roma no anno de 1527 pelo Condestavel de Bourbon, chegou a Portugal o ecco; correrá a prophacia, que traz Delicado na novella *Lozana Andaluza* :

Pues año de *veinte y siete*  
 Dixa Roma y véte.

Contra o papa Clemente vii choviam as satiras, e diante do infante D. Duarte, cantou um chocarreiro castellano :

Padre nuestro en quanto Papa,  
 Sois Clemente sin que os cuadre;  
 Mas renego yo del padre  
 Que al hijo quita la capa.

Conta seu mestre André de Resende, na *Vida do Infante D. Duarte*, que elle interrompera a irreverente chocarrice.

A proposito dos amores de Jorge da Silva pela Infanta D. Maria, irmã de D. João iii, ou pela princeza D. Maria sua filha, do que resultou a prisão do namorado, correu o seguinte chiste, glosado por Camões :

Perdigão perdeu a penna,  
 Não ha mal que lhe não venha.

E da aventura amorosa de D. Guiomar Nunes, filha do celebre mathematico Pedro Nunes, que castigou com uma canivetada no rôsto o seu desleal namorado, correu a cantiga :

Senhora Dona Guiomar,  
 Moradora na Calçada,  
 Que destes a cutilada.

Mereceis tença d'el-rei,  
 Pois destes á cutilada.  
 Mereceis tença dobrada.

Na passagem do Infante D. Luiz por Guimarães em 1548, saudou-o uma dansa de mocetônas, que lhe cantaram :

Não vades ao chafariz,  
Meninas de Alfama,  
Bem sabeis a trama  
Do Infante Dom Luiz.

Uma das satiras mais pungentes e elucidativas do governo de D. João III e do seu omnipotente favorito D. Antonio Pinheiro, Conde da Castanheira, são as *Trovas da Maria Pinheira*, que foram attribuidas a Damião de Goes, e que no Ms. da Bibliotheca Nacional, em que vêm transcriptas junto com a Egloga de Sá de Miranda, *Aleixo*, que trata da vida de Bernardim Ribeiro, se dão como attribuidas — a um da *Casa da Sortelha*, o poeta palaciano D. Luiz da Silveira. Parece terem sido estas trovas o motivo da saída de Sá de Miranda da côrte, por excusar-se a dar explicação.

Nos livros genealogicos andaram sempre transcritas as estancias 53, 54 e 55, que verberam a estirpe judaica do Conde, *as quaes*, como nota D. Antonio Caetano de Sousa, *malicias e invejas encomendaram mais á memoria*, por encerrarem em si falta que transfunde na posteridade...

A'cerca de Damião de Goes escreve o professor Antonio Maria de Freitas, com referencia a este caso:

«no estudo mordaz que publicou sobre os Athaïdes, inventando que *D. Maria Pinheira*, avó do 1.º Conde da Castanheira, D. Antonio de Athayde, era realmente filha do Dr. Pedro Esteves, mas que este era filho bastardo de um sacristão da Collegiada de Guimarães, e neto de um tal Manuel João de Barcellos.» (Nicolau Florentino.)

«Como bem se pôde julgar, a familia do Conde jurou pelos ossos de Goes, e o mais novo de seus quatro filhos, D. Jeronymo de Athayde, herdara em subido gráo o orgulho e genio arrebatado de seu pae.

«Com a morte do auctor do libello diffamatorio coincide o desaparecimento de D. Jeronymo, espalhando-se o boato de que tambem tinha morrido.

«Quando se deu o assassinato de Damião de Goes, D. Jeronymo de Athayde fugiu para Castella. O boato da sua morte foi sincera ou calculadamente confirmado pela profissão de fé monastica feita por sua mulher; que considerada viuva se recolheu ao convento.

«Ao cabo de alguns annos é que se soube que o filho do 1.º Conde da Castanheira se refugiara no reino visinho, onde

morreu n'um convento de Aragão, no habito de frade bernardo.» (*Idem.*)

●

**Trovas de = Maria Pinheira =  
contra o Conde da Castanheira,  
valído de D. João III**

1

Deus sabe que esconder  
a minha tenção não posso;  
e, por seu serviço e vosso,  
digo quanto aqui disser.

2

Se sobre isto o dessirvo,  
com a clemencia que sóe,  
como a vassalo e cativo  
que o ama, me perdoe.

3

Um poeta dos latinos  
a um seu amigo escrevia:  
«Já agora a terra cria  
homens máos e pequeninos.»

4

Como que, com a edade  
tudo cança e nos esquece,  
a fóra só a maldade  
que esta sempre prevalece.

5

Homens bons de muito sèr  
n'esta terra haver soía;

ainda os ha; mais haveria  
se os deixassem viver.

6

Os que metem pela porta  
mercadorias defezas,  
com que os mortos são mortos,  
e os vivos são suas prezas.

7

Elles no reino meteram  
mentiras e judiarias,  
baixezas e hypocrisias,  
que toda esta terra encheram.

8

E tanto, que mór valia  
tem já isto em Portugal  
que droga, cravo e tincal  
nobreza e cavallaria.

9

Mas de *um*, que tudo pende,  
vos direi, senhor, um pouco,  
em que me tenhaes por louco;  
que Deus calar me defende.

10

Pois dá brado sem cessar,  
diz Isaias — e canta;  
como trombeta levanta  
tua voz sem descansar.

11

E elle, que tudo é, tudo  
nos salva pela tenção!  
Vêr eu tanta perdição  
me faz fallar, sendo mudo.

12

E eu, com esta ousadia,  
o direi tambem com febre,  
que em sua physionomia  
vereis melhor que tem lebre.

13

Convenho no que se diz:  
Dês que o mundo se criou,  
aquelle a quem Deus bem quiz  
no rosto lh'o amostrou.

14

Após isto, no cabelo,  
na sombra tão infernal!  
de estopa de ruim pêlo  
nunca se fez bom sayal.

15

As sobrancellas hirsutas  
maiores que abebedouro,  
no meio da testa justas  
é signal de máo agouro.

16

Olheiras por meio rosto,  
olhos tristes, embaciados,



---

risinhos falsos, sem gosto,  
pensamentos esfaimados.

17

Esfaimados de cubiça,  
de soberba e de inveja,  
de quantos males atija  
quem todo o mundo deseja.

18

Esfaimados de suspeitas,  
enganos e falsidades,  
e palavras contrafeitas  
onde nunca entra verdade.

19

Esfaimado por lançar  
o reino e terra a perder,  
o preço, honra e o sêr  
dos que são para estimar.

20

Esfaimado e esfaimado  
por acabar de roubar  
honra, fazenda e estado  
de quem isto lhe foi dar.

21

Ente do seu parecer  
nas obras de tanta perda,  
parentesco deve ter  
c'o ladrão da mão esquerda.

22

E' um sem fundo, adverso  
da direita e do revés,  
em ser ruim e perverso  
da cabeça até aos pés.

23

Do qual ousei afirmar  
a um seu (ninguem se espante)  
pardelhos e calcanhar  
são móres que por diante.

24

São de ladrão calcanhares,  
dizem todos a uma voz ;  
faz com ratos nos altares  
mais lavoura que na foz.

25

Té quando, pois, durará  
Senhor, tão cruel engano,  
sortido em tanto damno  
trinta e trez annos ha !

26

Ponhamos em têrmos isto,  
vejâmos quem tem rasão,  
seja juiz Jesu Christo,  
em quem não ha suspeição.

27

Vossa Alteza que achou  
n'este homem feito empelado,

---

que assim se apoderou  
de si e do seu estado?

28

Entregues á sua vontade  
d'onde dependem as leis,  
tudo podem dar os reis,  
salvo sua liberdade.

29

Este, tudo tem de vós  
com que se fez soberano,  
ingrato, cruel tyrano  
a Deus, a vós e a nós.

30

Este, amaes sobre todos,  
este crêdes desde a cuna,  
este tem comvosco os modos  
de Dom Alvaro de Luna.

31

Senhor, que engano é este?  
como não fugis d'este homem?  
de que tantos outros morrem,  
por ser o seu mal de peste?

32

Que só dous, tres dias dura  
qualquer outro em vossa graça;  
logo de vós a rechaça  
sua levacão sem cura.

33

Não pódem ser todos máos;  
elle só é virtuoso,  
sendo, afé, falso rapôso,  
todo cheio de desváos.

34

Faz quanto se lhe antoja,  
e diz, quando adoce:  
«Quem me visita me enoja,  
«Quem o não faz me aborrece.»

35

Olhae lá pelo virote!  
Amaes-lhe os cabellinhos?  
Criae-lhe bem os filhinhos,  
governae por este norte.

36

Em qualquer outra pessôa  
passará isto por graça;  
que quem não tem cousa sua  
ponha os seus bofes na praça.

37

Malditos sejam os paes  
que geraram tam má cousa,  
de que todos dão mil ais  
e nenhum fallar não ousa!

38

Por terem reconhecido  
ser de vós apoderado,

como Deus é adorado,  
como o diabo é temido.

39

Dae ao demo este diabo,  
dae este diabo ao demo!  
Não é bom, não vol-o gabo,  
de governalho e de remo.

40

Não se lhe sabe virtude,  
não viu leão nem pelejou,  
nem mortos ressuscitou,  
de vivos tolhe a saude.

41

Pois que milagres são estes,  
que riso, que discrição,  
pois que assim lhe concedestes  
o da vossa jurisdicção?

42

Se elle fôra sisudo  
e discreto em seus modos,  
não governara elle tudo,  
e mais com dólo de todos.

43

E' da gloriosa lei,  
que a todos nós ensina,  
imigo, e de Deus e Rei,  
ante quem todos malsina.

44

Se vos tem amor ou não,  
não é texto de Hipocrás;  
as obras vol-o dirão,  
não cureis dos seus salás.

45

Que são figuras, e basta,  
villãs reverenciaduras  
com que vos caçou e arrasta,  
por nossas desaventuras.

46

Que o criado verdadeiro  
que tem verdadeiro amor,  
mais que o seu, e primeiro,  
sente o mal de seu senhor.

47

Nos conselhos, vossa Alteza  
em elle sómente crê;  
sendo tudo na grandeza  
da perdição que se vê.

48

Por seu conselho casou  
a Princeza em Castella;  
vêde como Deus livrou  
este vosso reino d'ella.

49

Por seu conselho deixastes  
quatro logares aos mouros;

---

verdade é que poupastes  
com isso grandes thesouros.

50

Mas por seu procurador  
poz Deus boas contraditas,  
que não fizessem mesquitas  
nos templos do Salvador.

51

Ao Duque poz suspeição ;  
que sempre em tudo procede  
por ser parente d'Abrahão  
e tambem de Mafamede.

52

Que como homem antigo  
parece que lhe sabia  
a sua genealogia,  
que é esta que aqui digo :

53

— Mestre João sacerdote,  
de Barcellos natural,  
houve de uma moura tal  
um filho de bôa sorte.

54

Pero Esteves se chamou,  
honradamente vivia,  
por amores se casou  
com uma formosa judia.

55

D'este (pois nada se esconde)  
nasceu *Maria Pinheira*,  
mãe da mãe d'aquelle Conde  
e sua avó verdadeira. (1)

56

Vêde se era bem provada  
esta sua suspeição;  
mas não aproveita já nada  
onde sobeja a affeição.

57

E com juiz tão suspeito,  
mal inclinado, teimoso,  
desalmado, cubiçoso,  
todos perdem seu direito.

58

Farto trabalho, receio,  
lhe faz tal sentença dar;  
christão e sisudo meio  
para o meu aproveitar.

59

Antepôr a Deus fazenda  
receio e maior trabalho;  
nunca já será atalho,  
mas rodeio sem emenda.

---

(1) Que é Conde da Castanheira. (*Var.* Diogo de Paiva.)



60

Veja isto vossa Alteza  
nas cousas que tal causaram,  
pois que todas se dobraram  
e muito mais a pobreza.

61

E como, para poupar  
gastos, se faz a tal obra,  
Ai! da nação que sossobra,  
e dobra-se o endividar.

62

Em os taes conselhos vão  
verá o mais a que veiu;  
nascerão mil de um receio,  
de mouros aos bons christãos.

63

O trabalho era d'além  
em meritoria guerra;  
agora, a além e àquem,  
em todo o mar e na terra.

64

Vós, senhor, não tenhaes  
pouca culpa n'este feito;  
peço-vos tudo gemaes  
sempre dentro em vosso peito.

Contra o môço rei D. Sebastião e os seus conselheiros re-  
petiam-se estas cantigas :

Um rei sem experiencia,  
Sem alma um *Cardeal*,  
*Dois irmãos* sem consciencia,  
Acabarão Portugal. (1)

Referia-se á loucura do joven monarcha, á perfidia do Cardeal-Infante D. Henrique e ao P.<sup>o</sup> Luiz Gonçalves, director espirital e seu irmão Martin Gonçalves da Camara, secretario de estado, que tudo mandava por conta dos Jesuitas.

Sebastião e Martinho,  
Henrique e Luiz,  
Olhae por onde is,  
Que levaes máo caminho.

Além dos dois personagens já alludidos, este Martinho vi-  
sava D. Martinho Pereira.

O estado de idiotia do Cardeal D. Henrique fêl-o entregar-se á envolvente politica imperialista do sobrinho Philippe II. Esse estado de idiotia era conhecido, como o reflectia a voz do povo :

Quem quizer fallar  
Ao Cardeal,  
Vá o San Bentó,  
Que está lá  
De portas a dentro,  
Debaixo do laranjal. (2)

(1) Na visita que fez D. Sebastião a Coimbra, correram varios Pasquins e entre elles a seguinte variante, colligida por Martins de Carvalho, no *Conimbricense*, n.º 5852, (1903) :

Um *mancebo* sem experiencia,  
E um *velho* sem saber,  
*Dois irmãos* sem consciencia,  
Deitam o Reino a perder.

(2) *O agonisar de um Reino*, Ap. Diario de Noticias, n.º 13.071.

A influencia nefasta de Philippe II revela-se no plano de favorecer a estulta expedição do rei seu sobrinho a Marrocos, dizendo o seu implacavel dilemma :

Si muriesse,  
Buen reino avemos ;  
Y si viviesse  
Buen yerno tenemos.

Das tremendas consequencias d'estas allianças dynasticas nasceu o rifão popular portuguez :

De Hespanha,  
Nem bom vento  
Nem bom casamento.

Quando D. Sebastião partia para a guerra de Marrocos, onde morreu, cantava-se á partida :

Os Castelhanos matam os touros,  
Os Portuguezes matam os Mouros. (1)

O cardeal-rei D. Henrique acceita a clausula secreta da escriptura de casamento de Philippe II com a princeza D. Maria, e coadjuvou-o no prevalecimento da successão dynastica; ao saber-se da sua morte, cantava-se pelas ruas de Lisboa e em Santarem a Cantiga, que se tornou um protesto da Historia :

Viva el rei Dom Henrique  
No inferno muitos annos,  
Pois deixou em testamento  
Portugal aos Castelhanos.

O clero foi o que mais coadjuvou Phillippe II, como os Bispos D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, D. Antonio Pinheiro e D. Affonso de Mexia; d'esta correu o seguinte apódo em forma de epitaphio :

Um prelado que se esconde,  
que começou em Thomar,

---

(1) Fernandes Thomaz, *Boletim de Bibliographia*, n.º 10.

Veiu a ter tanto que dar,  
que o fizeram Bispo Conde.

Um Bispo, que não é santo,  
*Mexias*, que não é Christo,  
Não tenho por grande espanto  
Fazer obras do Anti-Christo.

O corregedor de Lisboa Damião de Aguiar, que foi desembargador do Paço, e exerceu muitas violencias contra os partidarios de D. Antonio, Prior do Crato, pelo que Philippe II o fez chanceller-mór, mandara construir um palacio junto ás Portas de Santo Antão; aí escreveu mão anonyma, quando a obra estava prompta, o seguinte pasquim:

Condenações verbaes  
Levantaram estes portaes. (1)

Foi este Damião de Aguiar quem em 1580 entregou as *chaves de Lisboa* ao Duque de Alba, quando a veiu occupar por Philippe II; era então vereador.

«Quando el rei catholico, o Prudente, veiu a este reino no anno de 1580, e entrou na capella mór da igreja de Nossa Senhora do Vencimento, do Carmo, d'esta cõrte de Lisboa, chegando bem á sepultura esclarecida do Santo Condestavel D. Nunalvares Pereira, esforço lusitano, assombro e terror dos Castelhanos, disse para os grandes que o acompanhavam:

—*Llegad, llegad, que ya es muerto.* (2)

Em um Cancioneiro ms. dos fins do seculo xvi encontramos esta estancia, que bem caracterisava os processos da politica sangrenta de Philippe II, assassino do seu proprio filho:

Lo del Principe fue cierto;  
De la Reina, está encubierto;  
Del Marqués, no ay que dudar,  
Que el Rey lo mandó inatar.

(1) V. de Sanches de Baena, *Gil Vicente*, p. 67.

(2) *Restauração de Port. prodigiosa*, p. 44.

Lê-se na obra de Francisque Michel, *Les Portugais France* :

«D. Antonio estava então em Dieppe; sabemol-o por uma carta de Bushéc ao imperador Rodolpho II, em data de Paris, de 18 de Dezembro (1582).—Acabei, diz elle, de me assegurar que este principe tinha partido, havia dois dias, para Dieppe. Sem duvida que é para apressar a gente que se encarregou de equipar a frota que se lhe destina.» — Durante este tempo, o povo expandia o seu odio nacional cantando pelas ruas das principaes cidades de Portugal :

Apparelhae-vos, Castelhanos,  
 Por todo este mez,  
 Que ali vem Dom Antonio  
 Com a Armada do Francez.» (1)

«Até ao lavar dos cêstos é vindima, e como dizia o doido da ilha Terceira, nos tempos dos Filippes, dando volta ao almofariz :

Quem viver, viver, verá  
 As voltas que o mundo dá. (2)

Em tempo de Philippe III, o Duque de Bragança Dom Theodosio II, ao entrar modestamente vestido na sala onde se reuniam as Côrtes de 1619, foi embaraçado pelos porteiros, a quem se deu a conhecer empunhando o estoque de Condestavel.

Os castelhanos fizeram circular um epigramma, que tem seu valor historico :

Con celebrado affan  
 ha entrado Don Quixote,

(1) Op. cit., p. 30. Negociations de M. de Saint Goard, pièce n.º 32; Ms de la Bibl. Nat., 228-6.

(2) Carta 10.ª ao seu Compadre Lagosta. Londres, 1829. (Ineditos de Paulo Midosi). Nos *Autos* de Antonio Ribeiro Chiado, p. 66, vem :

E mais, quem viver verá  
 a volta que o mundo dá.

Oh que lindo sacristan,  
si el estoque fuera hizope! (1)

Em 1640, dizia-se em Madrid, referindo-se á influencia franceza na Revolução de Portugal, quando o rei castelhano ia a uma caçada de lobos :

Señor, señor,  
Cazad Francezes,  
Que san los lobos  
Que tenemos. (2)

A influencia franceza era então mais nos costumes do que na litteratura.

Francisque Michel, na obra *Les Portugais en France* (p. 60) cita um proverbio portuguez do seculo xvii, que traz Barreto, em uma relação de Viagem : «os Francezes, no meu entender, levam a palma a todas as outras nações, d'onde provem o proverbio universal :

Qui feit François  
Il feit courtois.

Em uma Mogiganga, representada em Madrid em 1637, é figurado Portugal muito debilitado, e com esta divisa :

Sisas, alcabalas y papel selado  
Me tienen en este estado.

E' ainda a synthese economica e administrativa de Portugal, que tudo complica e depauperá.

Os excessos de impostos e abanjamentos tornavam odiosa os reis da Casa de Austria em Hespanha, e suscitavam o espirito da revolta. Na *Restauração de Portugal prodigiosa*, (p. 351) vem uma quadra que uns graciosos cantaram em uma noite de San João junto do palacio do Retiro :

No me llamo Retiro  
Ni gallinero,

(1) Alberto Pimentel, *Vida mundana de um Frade virtuoso*, p. 58; id, *Musa das Revoluções*, p. 79.

(2) Idem, *ib.*, p. 82.

Si no — tiro e *retiro*  
 Todo el dinero.

Veiu a Revolução do suspirado *Anno de Quarenta* ; foi uma surpresa para Castella, que julgava no seu conceito imperia-  
 lista :

Portuguezes pocos,  
 Y eses locos.

Como revolução consciente. a de 1640 não foi sangrenta :  
 «Em 1641, e muito depois, durante a guerra de Portugal»  
 cantava-se nas povoações da fronteira :

La guerra de Portugal  
 ha sido muy sanguina ;  
 mas sangre mea un pollo  
 cuando tiene mal de orina. (1)

Foi morto Miguel de Vasconcellos, instrumento do governo  
 castelhano a que fizeram diferentes epigrammas :

Mataram o Secretario,  
 O qual com estar no forte,  
 Se fez forte no almario.  
 Mas n'elle hum forte adversario  
 Entre papeis o matou.  
 E com sangue salpicou  
 Huma e outra provisão,  
 Com que o borracho ladrão  
 Tanto sangue no chupou.

Era o Miguel da balança  
 Com que tudo se pezava,  
 Vendendo o que se ganhava  
 Com a espada e com a lança. (2)

(1) *El Folk-lore frexenense*, p. 404.

(2) Pereira Bracamonte, *Banquete que Apollo hizo etc.* p.  
 162. (*lb.*, p. 164.)

Em uma carta dos Jesuitas datada de 1641, que copiou Fernandes do los Rios, no seu livro *Mi Mission*, (p. 20) vem este pasquin popular contra Don João IV, que synthetisa toda a historia da dynastia de Bragança :

Bom Rey teemos,  
Boa Reyna e bons Infantes,  
Mas o Governo  
Peor que d'antes.

O casamento de D. Serafina, filha da duqueza de Bragança, com o primogenito da familia de *Escalona*, veio revelar as antigas pretensões d'esta familia ao throno portuguez :

La que aspiró a la corona  
Con tan altas presunciones,  
Baixo tantos *escalones*,  
Que vino a ser *Escalona*. (1)

Nas trovas propheticas Dom João IV é exaltado acima dos trez Joões que o precederam :

Joanne o reformou  
No divino e humano;  
Joanne foi soberano  
E por isso o levantou,  
Joanne o restaurou.

O quarto Joanne he  
Muito antes, que estes todos;  
Não descendia dos Gedes  
Mas de nossa Santa Fé.  
Foi os primeiros engodos.

Portugal se hia a pique,  
E Nuno lhe deu a mão;  
Nuno matou o Hidalcão,  
E destruiu o Melique.  
Nuno honra Moçambique. (2)

(1) Ap. Rebello da Silva, *Historia de Portugal*, t. III, p. 191.

(2) De um livro sobre a Vida dos Reis de Portugal pelo



Para os Castelhanos os vinte e quatro annos das guerras da independencia sustentadas por Portugal, eram amesquinhasdas com epigrammas com desdem megalomanico :

siendo un Reyno, que arar le puede un boey  
en un dia, y semiar su fruto en dos.

Toda a historia escandalosa das côrtes de D. Affonso VI e D. Pedro II veiu achar ecco na voz do povo; cada epigramma é uma caricatura mordente :

«Pasquim contra o Conde da Torre, que deu uma bengalada na cara de Dom Luiz de Menezes, Conde da Ericeira, na campanha do Alemtejo :

Tan soberbio en la paz  
Y tan cobarde en la guerra ;  
Toda tu fama se encierra  
En patarata, no mas.» (1)

No curiosissimo livro intitulado *Monstruosidades do Tempo e da Fortuna*, acham-se muitos pasquins populares que por aquella perturbada e dissolata epoca se espalharam :

«Na entrada do mez de Novembro (1667) se fez um pasquim em os logares publicos da côrte, o qual dizia:

Trez C C C contém o libello :  
Côrtes, Contas e Cutello.

com o que movido o povo, ajudado de diligenças grandes, foi por seus misteres pedir a el rei Côrtes, levando um papel em o qual se representava a necessidade d'ellas; respondeu el rei que veria o papel, então que defiriria. Foi dilatando a resolução muitos dias, e o povo apertando cada vez mais por ell's, até que com outro papel, que era o resumo do primeiro, instaram com el rei, ao que respondeu, que na segunda feira seguinte, que foram 7 de Novembro, daria resposta. Passou-se a segunda feira sem el rei resolver nada: na terça

---

P.<sup>o</sup> Fr. João Madeira, vigario de Sofala, no qual incluiu estes versos que lhe foram mandados de Moçambique em 1596. (*Restauração de Portugal prodig.*, p. 217.)

(1) *Anticatastrophe*, p. 82.

feira se juntou o Senado, e se assentou n'elle por ultima conclusão que o Juiz do Povo com seus companheiros fossem dizer a el rei que haviam por levantados todos os tributos até S. M. deferir ás Côrtes: fez-se o protesto ao Marquez de Niza, a quem el rei mandou tomar o recado (que duvidava dal-o a el rei, mas á primeira palestra obdeceu, e lh'o deu) e logo foram intimar o mesmo á Junta dos Trez Estados. Forçado el rei da necessidade, e obrigado dos Canselhos, concedeu Côrtes para o primeiro de Janeiro, de 668.» (1)

«Neste tempo (1668) se murmurava de serem o Conde da Torre e o Conde de Sam João todo o valimento do Principe; este, descommedido em querer para si tudo, aquelle mais moderado em adquirir, porém não em governar.

«Os zelosos se lastimavam de ver o Principe enfermo das ilhargas, não reparando quanto importa trazel-as sãs, á cabeça. Sahiu um pasquim, que se poz nas partes mais publicas da côrte, que dizia assim:

Se o Principe governar  
 Quizer com satisfação,  
 Metta a Sam João na Torre  
 E a Torre em Sam Gião.» (2)

Referia-se ao prezidio da Torre de Sam Julião (Juyão, Gião).

«Entrou o mez de Julho (1673)... Rompeu-se ou por noticia ou por suspeita, que deixava S. A. assignado o perdão geral para os Christãos novos, e a licença para que os Judeus podessem levantar Synagoga na forma pedida, e para que de tudo alcançassem de Roma permissão. Foi tal o sentimento em todos os fieis, que romperam em publicas demonstrações, não só zelosas, mas atrevidas, enchendo-se os publicos de Lisboa de pasquins assim indecorosos, como resolutos, dos quaes calarei alguns mais livres, por decoro da Magestade e da Religião.

«Nas portas da Misericordia :

Se deres o que os Judeus dão,  
 Não se lhes dará perdão.

«Nas portas do Mosteiro de S. Roque:

Hum Apostolo o vende,  
 Os Judeus o comprarão.

(1) *Monstruosidades*, p. 21. Ed Graça Barreto.

(2) *Ibd.*, p. 44.

«Na capella:

Con el Rei, con el Papa,  
y con la Inquisicion,  
Chiton!  
E se não,  
Hirão buscar seu irmão.

#### Decimas

A Lei nova, que Deus fez  
Nas taboas da Lei da Graça,  
Torna por nossa desgraça  
A ser Lei velha outra vez;  
Se esta Lei he de Moysés,  
Conforme dizem os seus,  
E a espada do nosso Deus  
Não degola as heresias,  
Em menos de poucos dias  
Seremos todos Judeus.

Em tão notavel oppressão,  
Como a Lei de Deus se vê  
Para exaltação da fé  
Morra todo o Judeu cão;  
A espada tome na mão  
De Christo todo o soldado,  
E em caso tão apertado,  
Pois de ser seus nos presamos,  
Crucificados morramos  
Com Christo crucificado.

Todas as vidas rendamos  
Com os peitos descobertos,  
Pois elles estão libertos  
E nós cativos estamos.  
O nosso Deus defendamos,  
Pondo em blasphemo registo,  
Vendamos o sangue todos,

Pois por estes feios modos  
Se vende o sangue de Christo.

- A Divindida offendida,  
O nosso Deus ultrajado,  
O Principe enganado,  
A Christandade vendida,  
A Egreja escurecida,  
O triumpho da Fé sem palma,  
A Inquisição em calma,  
Desvalida a Lei dos Céos,  
Ai de ti, Reino em Deus!  
Ai de ti, povo sem alma. -

«Animado do zelo da fé, tumultuava o povo, acesos os corações com a repetição d'estes pasquins, e d'estes e outros semelhantes versos, que não relatamos, huns por toscos, outras por livres, e algum por condemnado, emquanto n'elle se applicavam textos sagrados a materias profanas.» (1)

«Não deixava de haver grandes murmurações na côrte pelo rigor que se exemtava aos que achavam comprehendidos no tabaco, que não fosse de estanque, e agora se inventaram outros de chocolate, rosasolis, aguardente, com que fica tudo nas mãos dos Ministros e de quem leva os ordenados. N'este tempo (1676) sahio um curioso com a decima seguinte :

Portugal está feito Roma,  
O Duque está condemnado,  
No Reino nada é peccado  
Em que seja o da Sodoma.  
Mais vale o que mais toma,  
Seja o Prelado um velhaco,  
O Ministro seja um Caco:  
Nada d'isto é contra Lei,  
Só dizer bem d'el Rei  
O pisar algum tabaco.» (2)

«Recolheu a nossa Armada nos principios de Outubro

(1) Ib., p. 214.

(2) Ibid., p. 214.

(1677)—Não obrou a Armada mais do que fôra referido; com que se poz na Capella o seguinte pasquim:

—Qual é a cousa que vae e vem,  
E não faz nada?  
«E' a nossa Armada.» (1)

«Dera D. Pedro II cem moedas para serem distribuidas por um têrço que com a Cavallaria se exercitava no Terreiro do Paço; mas alguns favoritos do paço o dissuadiram d'isso.

«Daqui naceo amanhecer em todos os publicos da Côrte este pasquim:

Viva o Principe, meu Senhor,  
Morra o Fronteira e o Villar Maior.» (2)

«Em uma d'estas manhãs appareceram nas portas da Capella os pasquins seguintes:

#### Portugal

Pegou-me a França o seu mal,  
Jámais serei Portugal. (3)

#### Rei

Para Deus sómente apello,  
Pois me tem n'este Castello.

#### Principe

Fronteira, diga o que manda,  
Villar Maior e Miranda.

#### Princeza

Duque, juntemos dinheiro  
E destruamos o Reino.

(1) Ibid., p. 300.

(2) Ibid., p. 301.

(3) Alludiu ao morbo francez, que soffria a rainha Maria de Nemours, mulher de D. Pedro II. (A. Pimentel, *Vida mundana de um Frade virtuoso*, p. 63.)

**Inquisidores**

Já isto não tem remedio,  
Acabou-se o nosso imperio.

**Ecclesiastico**

Pago sem razão tributos,  
E governam-me os brutos.

**Fidalgos**

He o governo de trez,  
Tirar-lhe-hão em que lhes pez.

**Nobres**

Dizem scu nada, os Fidalgos,  
Hei ainda degolal-os.

**O Governo**

Morra todo o traidor,  
Viva el rei meu senhor.

**Marquez Prezidente**

Manda o Principe Dom Pedro  
Que não se fale em segredo.

**Freiraticos**

Torne a mulher a seu Rei,  
Para se observar a Lei.

**Judeus**

Temos em parte rasão  
E famosa occasião.

**Cidades, Villas e Logares**

O que melhor nos tratar,  
Esse havemos de acclamar.

**Papa**

O Principe e Inquisidores  
Querem ser meus superiores.

**Imperador**

Eu entrei n'esta dança  
Porque entra Castella e França.

**França**

Fará o que eu lhe mandar,  
Pois que a soube casar.

**Castella**

Tenho viva confiança  
De haver alguma mudança.

**Inglaterra**

Portugal, vê o que fazes,  
Se me não observas as pazes.

**Saboia**

Fallar-me em casamento,  
Isso é fallar ao vento.

**Florença**

De ouros é o meu jogo,  
Pode ser que ganhe o bolo.» (1)

O rei faustoso Dom João V, que comprehendia a soberania sob os dois aspectos gosar e gastar, apparece com nitidez no juizo da historia formulado pelo povo na cantiga :

Nós tivemos cinco Reis  
Todos chamados Joões;  
Os quatro valem milhões,  
O quinto nem *cinco réis*.

(1) Op. cit., p. 314 a 316.

Dos seus escandalosos amores com a mulher casada que os nobiliarios chamam a *Flor da Murta*, D. Luiza Clara de Portugal, cantou-se este pé :

Oh Flôr da Murta,  
Raminho de freixo,  
Deixar de amar-te  
E' que eu não deixo.

Pasquim contra os ministros de D. João V, -Frei Gaspar da Encarnação, o Marquez de Gouvêa (D. Martinho de Mascarenhas, irmão do frade) e Alexandre de Gusmão:

«Quem destruir-nos idêa?

— *Gouvêa.*

«Quem merece a Inquisição?

— *Gusmão.*

«Quem o deve acompanhar?

— *Gaspar.*

Pois, meu Rei, acautelar?  
Olho aberto, e vêde bem,  
Que no reino não convém  
*Gouvêa, Gusmão, Gaspar.* (1)

Guerra com todo o mundo  
E paz com a Inglaterra.

Deve este anexim pertencer á epoca em que D. João I fundou a Alliança ingleza, obrigando-se ao pagamento de certo numero de lanças. Foi esta aliança firmada em quasi eguaes circumstancias contra a guerra da Hespanha, depois do advento de D. João IV ao throno. Tem sido a base de toda a politica bragantina desde a entrega de Bombaim até aos tratados da India, Zaire e Lourenço Marques. Quando em 1746 o embaixador D. Luiz da Cunha lembrava a conveniencias de D. João V tornar-se o arbitro da paz, communicou este pensamento a Alexandre de Gusmão. O ministro respondeu-lhe que communicaria o seu pensamento a um conselho, e diz:

(1) Ap. Alberto Pimentel, *As Amantes de Dom João V*, p. 207.



«Ahi se acharam os trez Cardeaes, os dois Secretarios, Sua Rev.<sup>ma</sup> (Fr. Gaspar da Encarnação), eu e muita gente não sei como. Desencadernaram-se as negociações e se baralharam com a superstição e com a ignorancia, fachando-se a decisão com o ridiculo de — Guerra com todo o mundo e Paz com a Inglaterra—cuja santa alliança nos era muito conveniente; e finalmente que V.<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> não era muito certo na religião, pois se mostrava muito francez.» (1)

E' celebrado como do Conde de Oeiras o dito: *Enterrar os mortos e cuidar dos vivos*, por occasião do terremoto de 1755; «Esta resposta, . . . não foi do ministro, mas sim do illustre General Pedro de Almeida, Marquez de Alorna, a quem El rei fez a pergunta e que respondeu:

Sepultar os mortos,  
Cuidar dos vivos  
E fechar os portos. (2)

O Poder ministerial, que caracteriza a forma politica do seculo XVIII era exercido pelo Marquez de Pombal, supprindo pela sua intelligente energia a idiotia de Dom José, como affirmava o povo, na sua intuição:

Rei ao tórno,  
Pombal no throno. (3)

Dom José era um habil torneiro, como Luiz XVI era um excellente serralheiro.

Na demissão do Marquez de Pombal em 1777, desencadearam-se as satiras politicas, com uma indignidade a que se chamou a *viradeira*:

Que são livre Catilina  
Queimando o reino e a cidade!  
Se assim é, está bem provado  
Não ha rei de mais bondade. (4)

- (1) Ap. *Successos de Portugal*, por Ferraz Gramosa, t. I, p. 9.  
(2) *Panorama*, t. III, p. 140.  
(3) *Revista da Sociedade de Instrucção*, vol. II, not. 2.  
(4) *Musa das Revol.*, p. 94.

Quem quizer môer mostarda  
 E não tenha almofariz,  
 Venha ao Marquez de Pombal  
 Que lhe empreste o seu nariz. (1)

Entregue-se ás regateiras,  
 Sem dó, sem pena e sem dôr,  
 Por ser mais vil que um tambor  
 O Marquez Conde de Oeiras.

Porém, se o Marquez foi máo  
 Vamos indo de vagar,  
 Que o diabo é mais matreiro,  
 Póde fazel-o tornar.

Foi-se o ginja a quem o tempo  
 Tingiu de branco as guedelhas,  
 Que tem visto em mil quaresmas  
 Serrar outras tantas velhas. (2)

«Marquez, Mendonça, Mansilha,  
 Qual é o mais vil dos tres?

—Marquez.

«Quem gostou da geringonça?

—Mendonça

«Quem jogou no Douro o pilha?

—Mansilha.

«Apertado co' uma silha  
 Todos tres, té estalar,  
 Sejam lançados ao mar  
 Marquez, Mendonça, Mansilha.

(1) Variante da epoca do Cabralismo (1842-51):

Quem quizer môer pimenta,  
 Que não tenha almofariz,  
 Vá ao ladrão do Cabral  
 E pise-lh'a no nariz.

(2) Ib. p. 96.

Refere-se a Fr. Manuel de Mendonça, Dom Abbade de Alcobaca, parente do Marquez, e a Frei João de Mansilha, provincial dos Dominicanos, procurador em Lisboa da Companhia dos Vinhos do Alto Douro.

«Quem acaba d'esta vez?

—Marquez.

«Quem tambem anda na trilha?

—Mansilha.

«Quem era outro que tal?

—Geral.

«Todos tres em Portugal  
Têm sido fortes ladrões;  
Pois que morram em prisões  
Marquez, Mansilha, Geral:

Mal por mal,  
Melhor o Pombal. (1)

«Despique que pelo Marquez de Pombal toma um seu apaixonado sequaz:

Quando morreu o Rei-Cardeal,  
Logo a Philippe venderam  
Os fidalgos Portugal.

Isto é certo!

Quando os Povos acclamaram  
Por seu rei a Dom Antonio,  
Fidalgos o expulsaram.

Isto se viu.

Dom João Quarto acclamaram,  
Bem pouco tempo o quizeram,  
Fidalgos se conjuraram.

Isto se sabe.

(1) A. Pimentel, *Musa das Revol.*, p. 97 a 103. (Cita tradução ingleza dos *Travels of the Duke de Chatelet in Portugal*).

Affonso Sexto acclamaram;  
Depois a mulher e o reino  
Os Fidalgos lhe tiraram.

Isto se viu.

Dom José d'entre os primeiros  
Do vil ódio foi objecto  
Dos fidalgos carniceros.

Isto foi certo.

E porque a Corôa de Bragança  
Firma o Marquez de Pombal,  
E' victima da vingança.

Grande injustiça!

#### Reflexão

Sentido, conta, medida,  
Guarda sempre dos Fidalgos  
"Thé ao fim da despedida! (1)

Na celebre *Viagem a Portugal*, attribuida ao Duque de Chatelet, e escripta como hoje se sabe por Desoteux, barão de Cormartin, descreve-se a vida domestica do Marquez de Pombal no seu retiro, com uma certa grandeza no meio da ruidosa queda. «O Marquez chorava quando lhe falavam no rei, e quando descrevia as intrigas da fidalguia para perdê-lo, affirmava com segurança que o povo não desconhecia quanto se lhe devia. A tradição conserva alguns ditos acerados com que julgava o seu tempo; quando lhe foram dizer, que em vez do seu medalhão de bronze que estava no pedestal da Estatua equestre, haviam posto o Navio das armas de Lisboa, disse com uma prophetica ironia :

Agora, Portugal,  
E' que te vás á vela.»

«Anda na tradição com visos de plausivel o sarcasmo com que o Marquez celebrou a nova de haverem deposto a sua effigie, e collocado em seu lugar a *insignia da cidade*:

(1) Ap. *Successos de Portugal*, por J. P. Ferraz Gramosa, . 1, p. 119.

—Agora é que Portugal vae á vela, foi o dito de Pombal, que na apparente singeleza de uma allusão ao infunado velame da galé, soltava a pittoresca prophécia da mais despezada reacção.»

«O Marquez de Angeja suspendia desde logo as obras publicas, e tornava n'uma verdadeira sinecura o seu officio de inspector. Afferrolhava o erario para que o dinheiro da rainha não subsidiasse nenhuma empreza de utilidade nacional. Já o povo murmurava, contemplando a differença entre o governo precedente, votado á acção e ao progresso, e o que lhe havia succedido para dormitar na indolencia e no torpor. Anda na tradição e é attestado nos escriptores contemporaneos o proloquio de que o povo se servia para condemnar a nova administração e indultar a precedente:

—Mal por mal,  
antes o Pombal.» (1)

Cantiga historica de Penafiel:

Viva el rei Dom José,  
Viva sua magestade,  
Que d'esta aldeia fez villa,  
E d'esta villa cidade.

O governo da rainha demente D. Maria I, acha-se representado em uma decima, caracterisando essa galeria typica, seu marido e tio D. Pedro III, que se divertia com capellinhas, o Cardeal Cunha, o Arcebispo-Confessor, o Marquez de Angeja, presidente do Erario, o Visconde de Villa Nova de Cerqueira, Martinho de Mello, e Ayres de Sá.

Eis como funcionava o governo:

O negocio se propõe;  
Duvida El-Rey, meu senhor,  
Atrapalha o Confessor,  
Angeja a pagar se oppõe;  
Nada a Rainha dispõe,

(1) Latino Coelho, *Historia politica e militar de Portugal*, t. I, p. 169. Ib., I, 194. Ha uma variante :

Foi-se Pombal,  
Adeus, Portugal !

Martinho marra esturrado,  
 Ayres não passa de honrado,  
 E o Visconde, em conclusão,  
 Pede nova informação.  
 Fica o negocio empatado. (1)

A' porta férrea da Universidade de Coimbra appareceu em 12 de julho de 1797 affixado um pasquim preconizando as ideias revolucionarias. O Intendente Manique ao tomar conhecimento d'esse papel, imaginou que Portugal ia subverter-se. Eis os versos:

Rasgue-se em dois o estúpido Gonzaga,  
 Velhaco, vil Seabra aos pés calquemos,  
 De nós os monstros tremam, trema o throno,  
 Que um dia throno, tudo arrazaremos. (2)

Nos grandes conflictos internacionaes depois da Revolução franceza, orgia militar napoleonica e retrocesso violento das potencias do Norte systematisado na Santa Alliança dos Reis contra os Povos, Portugal pairou n'esta tremenda formação do equilibrio politico da Europa, entregue á insensatez de Dom João VI. O povo retratou-o na sua inconsciencia, no motejo:

— Nós temos um rei  
 Chamado João,  
 Faz o que lhe mandam,  
 Come o que lhe dão  
 E vae para Mafra  
 Cantar cantochão.

O povo ia cantar-lhe debaixo das janellas do palacio:

Viva o rei João!  
 Tem-te toda a gente  
 Por um rei cabrão.

(1) *Panorama*, vol. XI, p. 3.

(2) Archivo da Intendencia. Publicado pela primeira vez por Latino Coelho, na *Historia militar de Portugal*, vol. II, p. 400.

Esta pagina da historia da dynastia bragantina acha-se admiravelmente escripta por José Caldas; convém archivar-a:

«Correu a atrevida letra, dentro em pouco, todas as terras do reino. A multidão, nem sempre reverente, achou-lhe graça. Era um *rifão* um tanto malsoante, mas do genero d'aquelle em que, por escárneo, foi cantado o femeeiro rei D. Fernando. Os rôtos riam, e perdoavam a phrase chula pela compensação da verdade historica que d'ella derivava. Os *malhados*, como é natural, exultavam. «—Que era assim mesmo!»—intervinham os mais bem informados dos idyllios do Ramalhão e da Bemposta. «Que elle, o rei, bem o sabia, mas que se dava como desconhecedor da pécha, por assim lhe convir para melhor levar a agua ao seu moinho.

—«Que era assim mesmo!»—reincidiam, batendo as palmas em frente ao menestrel *malhado*, que os deliciava.

As coisas chegaram ao degradante extrêmo de irem cantar o rifão plebeu em frente ás janellas do monarcha. Os beleguins da Intendencia da policia da côrte nem sempre appareciam em numero bastante para castigar exemplarmente os atrevidos. Se cahiam, de subito, sobre a ronda insolente, que bailava ao som da letra despejada e crua, nem sempre as pernas dos vigilantes zeladôres do real recato podiam competir, em prestêza, com as dos volteiros. N'estes recontros não tardou a que se originassem motins.

Foi na obra de fazer dispersar uma d'estas assuâdas, que o alarido dos que acomettiam e os gritos dos que fugiam cantando, que D. João VI, ainda recolhido no seu quarto, e tão sómente acompanhado do seu criado domestico que, ao momento, lhe estava passando uns calções, attentou no caso, precisamente quando alguns dos justamente perseguidos pelo cacête moralisadôr berravam a criminosa cantiga, fazendo por accentuar os têrmos onomatopaicos da rima final,

—Ouves ?—perguntou, como que vivamente impressionado, o monarcha.

—O quê?—respondeu o criado, fingindo, como o seu real amo, não ter ouvido.

—Aquillo que aquelles farrapões estão cantando, invocando o meu nome ?

E como quer que o criado denunciasse a sua grande perplexidade em satisfazer o regio pedido, o soberano advertiu:

—Vejo que ouviste e que entendeste. Não negues, nem te atrapalhes. Tu bem percebeste que elles ao dizerem o meu nome—*Viva o rei João...*

—Isso ouvi eu, meu senhor.

—E tambem ouviste o resto do *soneto*, accrescentou eruditamente o monarcha. Sei que ouviste: foi a palavra...

— *Maçon! maçon!* meu senhor, foi o que eu ouvi. Pareceu-me até ser assim:

Viva o rei João:  
Tem-te toda a gente  
Por um rei *ma...*

E quando elle hia a completar a phrase, D. João VI, com grande magestade disse a cruel palavra...

E foi então que, sobre a reincidencia do sérvio em substituir o epitheto obscêno pelo de *maçon*, que aquelle illustre principe tirou do intimo do seu seio este historico e memoravel discurso:

— Não mintas, Manoel; não mintas. Elles não me chamaram *maçon*, elles chamaram-me. . *c-a-b-r-ã-o*.

— Oh! meu senhor!

— Cala-te. Quem sabe se teem razão, aquelles rôtos...»

É d'esta epoca a maxima popular:

Quartel general em Abrantes,  
Fica tudo como d'antes.

Foi d'este modo que o povo se vingou do decreto de D. João VI, que abandonando a nação portugueza ao invasor, mandava que se lhe obedecesse em tudo. Na organização da defeza de Portugal pelo Conde de Lippe, o Quartel general estava fixado em Abrantes; o annexim referir-se-hia á inefficacia da defeza e mesmo das reformas pombalinas. Da fugida de Dom João VI com a côrte para o Brasil, correu o sarcasmo:

Povo! alerta,  
Que El-Rei deserta.

Oliveira Martins achava que nas trovas do *Rei chegou é* «que transpira ingenuamente e ardentemente o sentimento espontaneo do povo.—Chega a respirar-se o odio que accendia as almas portuguezas n'essa longa crise de onze annos (1823-34) que se seguiu ao mallogro da Revolução de 20.

«Ahi nasce a canção que foi a *Çã ira* do miguelismo, e que era já um transporte da melopêa cantada pelos negros do Rio de Janeiro, quando celebravam a chegada de D. João VI, vendo n'elle um redemptor:

Rei chegou, Rei chegou,  
Já a surra se acabou...



«essa propria canção é infinitamente menos eloquente do que os jornaes e pamphletos da época...» (Carta, no *Canc. popular politico*, de A. Thomaz Pires.)

O Junot mais o Maneta  
Eram dois finos ladrões;  
O Junot rasgou as calças  
E o Maneta os calções.

O Junot mais o Maneta  
Fizeram uma funcção,  
O Maneta deu o braço,  
O Junot o coração.

Olha a Condessa da Ega  
Que anda a cavallo n'um cão,  
Pedindo ao ladrão Junot  
Que lhe dê a sua mão.

A Condessa chora, chora,  
Chora sem consolação,  
Que o seu Junot arribou  
Da Quinta do Ramalhão.

O Junot quando embarcou,  
Embarcou no Cães da pedra  
Com a lagrima no olho  
Pela Condessa da Ega.

O Jinó foi ao inferno  
Buscar duas testemunhas;  
Achou as portas fechadas  
Poz-se a esgravatar as unhas.

Pasquim contra Junot, depois da derrota de Roliça :

Que é isto, meu General,  
Em casa tão caladinho!  
Levantada a Beira e o Minho,  
Sem haver um Edital?

Teu exercito imperial  
 Por ti chora, e já tardas,  
 E tu aqui te alapardas  
 Não vaes tu com os insurgidos,  
 Vê que os meninos perdidos  
 Têm-te posto em calças pardas.

Referencia á guerra do Roussillon, e ao decreto que illudiu as recompensas aos soldados da expedição dando-lhes o distinctivo de uma *granada*:

Tá, té, ti, tó, tu,  
 Granada no braço,  
 Ponta-pé no cú.

«A proposito do concubinato de Junot com a Condessa da Ega... Estes amores adulterinos deram visgo ao plectro dos cancionistas. Tanto monta dizer, que os versistas escurris apepinaram o Conde da Ega e sua esposa, a aristocrata que ousára atirar a corôa de condessa por cima das azas desvai-radas da sua phantasia:

Dizem que se transformaram  
 Conde da Ega e mulher,  
 Elle em burro paneleiro,  
 Ella em bêsta de aluguer.

—Truz!... truz!  
 «Quem é?  
 —Aqui é que mora  
 O almocreve,  
 Que aluga a Egua,  
 E que anda a pé?» (1)

«Embora fosse mestre em picaria (Junot) e capaz de dar quinau aos mais enfronhados praxistas da gineta, os seus exercicios de equitação foram burlesqueados pela musa pedestre do povo:

(1) Pinto de Carvalho (Tinop)—*Junot Governador de Lisboa* (Na Illustração Portugueza, n.º 169, de 17 de Maio de 1909, p. 633.)

O Junot anda em Lisboa  
A cavallo n'uma cana,  
Roendo n'um pé de burro,  
Cuidando que era banana.» (1)

O Junot, oh general,  
Quem te mandou cá metter?  
Despresas as Cinco Chagas,  
Junot quem te hade valer!

«A' porta do seu quarto (de Junot) no palacio Quintella, mão desconhecida pegara com obreias vermelhas a seguinte pasquinada:

—O Senhor Duque de Abrantes  
Ficou Junot; como de antes.» (2)

Maxima miguelista de Belford:

Para os Francezes—polvora,  
Para os de dentro—corda,  
Para estrangeiros,—fôra.

Entre os pasquins que circulavam exprimindo o mal estar da nação, appareceu o seguinte contra o Marechal Beresford e os Governadores, os senhores da Regencia:

—Quem perde Portugal?  
«O Marechal.  
—Quem sanciona a lei?  
«O Rei.  
—Quem são os executores?  
«Os Governadores.

Para o Marechal  
Um punhal;

(1) Pinto de Carvalho (Tinop)—*Junot Governador de Lisboa* (Na Illustração Portugueza, n.º 169, de 17 de Maio de 1909, p. 633.

(2) Rocha Martins, *A Côrte de Junot em Portugal*, p. 226.

Para o Rei  
A Lei;  
Para os Governadores  
Os executores. (1)

Epigramma contra o Juiz Antonio Gomes Ribeiro, que deu a sentença contra Gomes Freire:

**Pergunta**

Com a Commenda de Gomes  
Gomes foi recompensado?

**Resposta**

Pois podiam disputar-lhe  
Os despojos do enforcado. (2)

**Variante**

Com a Commenda de Gomes  
Gomes foi recompensado,  
Qual vil denunciante  
Com os despojos do enforcado (3)

«Fez-se então popular esta original cantiga, que ainda ouvimos memorar aos velhos, nas suas nostalgias *politicas de 1815*:

Soldadinhos, que fosteis a França,  
Fosteis vinte, e vindes oito,  
Derramar o vosso sangue  
P'ra c'rôar a Luiz dezoito. (4)

Quando o barão de S. Lourenço (Targini) foi encarregado da gestão das Finanças, appareceu um annuncio no Cam-

(1) Archivo da Intendencia da Policia, Liv. XVI, fl. 271 (15 de Janeiro de 1817)—Barros e Cunha, *Hist. da Liberdade em Portugal*, I, 283.

(2) *Conimbr.*, 1872, n.º 2565.

(3) Alberto Pimentel, *Musa das Revoluções*, p. 117.

(4) José Caldas. *Historia de um Fogo morto*, p. 272.

peão de Londres, de 16 de Novembro de 1819, de que ia sahir do prélo um resumo da *Arte de Furtar*, do P.<sup>o</sup> Antonio Vieira; quando o ministro foi nomeado Visconde, entre as merçês pelo nascimento da priceza D. Maria da Gloria, o povo fez-lhe um terrivel epigramma: «Sem mais indignação para tanta desfaçatez o povo riu, e por toda a parte se cantou a quadra, que os velhos ainda repetem:

Quem furta pouco é ladrão;  
 Quem furta muito é Barão;  
 Quem mais furta e esconde,  
 Passa de Barão a Visconde.» (1)

«Quando em 1820 o papel-moeda baixou muito de preço, appareceu n'uma janella do muro do passeio publico a decima seguinte:

Nação papalva, e coitada,  
 Teu ouro deste aos Inglezes;  
 Dás tua prata a Maltezes,  
 Que te resta? Papelada.  
 Olha que ficas sem nada,  
 Grita com grandes clamores:  
 — Vós, que sois Governadores,  
 Fazei valer o papel,  
 Ponde a pregão e cordel  
 Os Ladrões rebatedores.» (2)

E referindo-se ás perseguições de 1823, depois de ter prejurado a Constituição de 1822 o rei Dom João VI, o que promettera tudo esqueceu:

Promettes 'squecer o passado,  
 Mas usas com ingratidão,  
 Só o fez em Roma Nero  
 E em Portugal Dom João (3)

(1) *Os Deputados brasileiros* nas Côrtes de 1821, por Gomes de Carvalho, p. 99.

(2) Ap. Pinto de Carvalho, *Lisboa d'outros tempos*, II, p. 143.— *Dos Papeis diarios*. Maç. 11, da Policia.

(3) *Ibid.*, *Pap. diarios*. Maço 11.

No largo de San Paulo apanhou a policia outros pasquins :

Que Policia !!! Que governo tem Portugal?  
Consentir-se que se peça para a Carta Constitucional.  
Ora para tal governo, e para quem eu sei, caguei (1)

Na Correspondencia confidencial da Policia encontram-se mais estes Pasquins da mesma epoca, affixados no largo de San Paulo :

Se aos dois não dás  
Grande trambolhão,  
Conta que não vives  
Pobre João.

Se te queres salvar  
E a Lusa Nação,  
Larga tudo e agarra-te  
A' Constituição.

E contra o reaccionario polemista P.<sup>o</sup> José Agostinho :

Oh Padre José Agostinho de Macedo,  
Se as rédeas te lançam de mão,  
Conta que não vaes só para o Ramalhão.

Em uma carta da Condessa de Palmella, de 26 de Janeiro de 1821, a seu marido, que estava em Paris, escreve: «Hoje abriram-se as Côrtes, vae tudo azul por Lisboa; muita tropa por toda a parte. Nas salas de Governos quando as Côrtes estavam para ser convocadas no dia de Reis appareceu um pasquim dizendo:

(1) *Correspondencias*. Maço 135. Na Torre do Tombo. Ap. Pinto de Carvalho. A forma estrophica seria :

Que policia ! Que governo  
Tem Portugal ?  
Consentir-se que se peça  
Para a Carta Constitucional !  
Ora para governo tal  
E para quem eu sei,  
Caguei !

Constituição dia de Reis,  
 Constituição de cem mil réis,  
 E Constituição sem Reis,  
 Não vale cem réis.» (1)

Contra o jurisconsulto Manuel Fernandes Thomaz, que iniciou a Revolução de 1820, e é na historia de Portugal um vulto como João das Regras na Revolução de 1384, e de João Pinto Ribeiro na Revolução de 1640, lançou a reacção absolutista esta chufa:

Thomaz Fernandes Manuel,  
 Manuel Fernandes Thomaz,  
 Tanto anda para diante  
 Como anda para traz.

Epitafios

Aqui sepultado jaz  
 Manuel Fernandes Thomaz:  
 Nasceu Barqueiro,  
 Viveu Pedreiro. (2)  
 Morreu na cama deitado,  
 Devendo morrer enforcado.

Em mausoleo soberbo são guardadas  
 Cinsas, que no mar deviam ser lançadas.

Por voraz ambição  
 Compoz o Entremez,  
 Que por titulo tem  
 A *Regeneração*;  
 E com tal arte o fez,  
 Que arremeda bem  
 Franceza Protecção.

(1) Ap. *Vida do Duque de Palmella*, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, t. I, p. 389.

(2) *Variante*.

Viveu brêjeiro,  
 Morreu pedreiro,  
 Em fôfa cama deitado..

Por honrar-lhe a memoria  
 Patriótica escoria (1)  
 Armando na lamuria a corriola,  
 Hoje fez por esmola,  
 Tanger por sua alma,  
 Lugubre sanfona,  
 Em quanto de Verona  
 Não vem a Irmandade  
 Com pompa e Magestade,  
 Pôr seus ossos á mesma prova  
 Que teve na Praça Nova  
 O Desengano proveitoso (2)  
 E ter devia seu autor formoso.

Oh Viandente,  
 Demora-te um instante,  
 Entôa por piedade  
 A' corja insana  
*Subvenitê* do Campo de S.<sup>ta</sup> Anna.

Nas luctas da independencia do Brasil figurava o general Luiz do Rego Barreto combatendo pelo absolutismo bragan-tino:

Luiz do Rego valeroso  
 Sete campanhas venceu,  
 Chegam as tropas de Goyana  
 Luiz do Rego esmoreceu.

Sobre estas luctas escreve o Dr. Pereira da Costa no seu livro *Folk-Lore Pernambucano* (p. 170): «Triumpho porém a causa do partido constitucional, após demas combates feridos entre as tropas pernambucanas e as de Luiz do Rego, todas portuguezas, e firmada a capitulação, conhecida na historia por Convenção de Bebiribe, embarcou elle com a sua gente

(1) A *Sociedade Patriótica* do Porto.

(2) Papel sedecioso composto no tempo que o Soult occo-pou com o seu exercito a Cidade do Porto, e que depois que ella foi restaurada, foi queimado pelo algoz na Praça Nova.



para Portugal tão apressadamente, que nem ao menos esperou um pouco para entregar o governo á Junta Constitucional eleita.

«A victoria dos pernambucanos e a partida do General Luiz do Rego Barrêto constituiram factos de immenso rego-sijo publico, e a lyra dos poetas expandiu-se nos mais enthu-siasticos versos, das quaes nos restam as seguintes quadras, cantadas á solfa:

Luiz do Rego foi guerreiro,  
Sete campanhas venceu,  
Mas na entrada de Goyanna  
Luiz do Rego esmoreceu.

Luiz do Rego foi chamado,  
De raiva ficou maluco:  
Sete campanhas que tinha  
As perdeu em Pernambuco.

Luiz do Rego já dizia  
Que Pernambuco era seu;  
Perdeu tudo quanto tinha,  
O braço lhe esmoreceu,

A mulher de Luiz do Rego  
Não comia senão gallinha;  
Inda não era princeza,  
Já queria ser rainha,

Luiz do Rego já dizia:  
—Antes eu cá não viesse! —  
Paciencia, maganão,  
São desgraças que acontece.

Luiz do Rego foi-se embora,  
Sem dizer nada a ninguem;  
Os corcundas estão dizendo;  
—Luiz do Rego logo vem.

Luiz do Rego foi guerreiro,  
Sabe muito pelear;

No corredor de Goyanna  
Elle veiu a se entregar.

Escreve o Dr. Pereira da Costa: «nos ultimos dias do governo de Luiz do Rego, não podia o povo desafogar-se das suas magoas, sinão lançando mão da satira em versos e multiplicando os exemplares manuscriptos affixava-os, á laia de pasquins, nos logares publicos da cidade. Era no pasquim que se expandia a alma popular nos seus assômos de indignação contra as tyrannias e desmandos dos dominadores da situação, ou atravavam-nos para cobrir de ridiculo a certos typos que incorreriam no seu desagrado por tristissima celebridade.—recolhidas pela tradição ou registrados por curiosos como legados preciosissimos á posteridade, mal pensavam que taes escriptos constituiriam depois elementos historicos ou litterarios de inestimavel valor.» (Ibid., p. 164.)

Nas luctas da independencia do Brasil cantavam contra os *marinheiros* (alcunha dos portuguezes):

Marinheiro pé de chumbo,  
Calcanhar de frigideira,  
Quem te deu a confiança  
De casar com brasileira?

Fóra, marôtos, fóra;  
Viagem podem seguir;  
Brasileiros já não querem  
Marôtos mais no Brasil.

O elemento portuguez parodia-lhes o Hymno da Independencia, acompanhados do estribillo em côro:

Cabra gente brasileira,  
De gentios de Guiné,  
Que deixou as Cinco Chagas  
Pelos ramos do café.

E contra o novo imperador:

Pedro sineiro,  
Rei dos macacos,

(1) Dr. Pereira da Costa, *Folk-Lore de Pernambuco*, p. 283.

Quebrae os sinos  
P'ra fazer patacos. (1)

Quando em 1823 o Conde de Amarante venceu no favoritismo o general absolutista Luiz do Rego Barreto:

Oh Luiz do Rego,  
Que desgraça a tua!  
Silveira está em palacio  
E tu no meio da rua. (2)

Cantigas realistas de Amarante, contra a mulher do General Silveira:

A mulher do Silveira  
Anda a fiar n'uma roca,  
Porque já não tem dinheiro  
Para pagar á sua tropa. (3)

Variante de 1847:

Dona Maria Segunda  
Está a fiar no roca,  
Para pagar ao Saldanha  
E mail á sua tropa.

A' queda que D. Miguel deu em 1828, e morte de D. Carlota Joaquina em 7 de Janeiro de 1830:

Foi o fogo do Braancamp  
Cometa que annunciou  
A morte da *Abelha mestra*,  
A queda do *Rei-chegou*.

Accção de Coruche em 9 de janeiro do 1827 :

«Na bocca do povo o facto teve a consagração do verso,  
que era cantado com a musica do hymno da Carta :

Dia nove de Janeiro,  
De Claudino a Divisão

(1) Mello Moraes, *Chron. geral do Brasil Reino*, p. 93.

(2) Pimentel, *Musa das Rev.*, p. 153.

(3) Id., *ib.*, p. 157.

Fez em Coruche triumphar  
Liberal Constituição. (1)

Quando D. Miguel foi nomeado Regente, em 1828 :

Angeja com estupôr,  
O Zagallo derrotado;  
Mello batido e cortado;  
Com licença o Villa-Flôr,  
A divisão em pavor.  
Claudino veio fugido;  
Lá foi o Valdez batido,  
Azevedo não fez nada,  
Clyton deu marmelada,  
O Governo está pedido. (2)

Parodia de 1834 :

Conde de Basto com estupôr,  
O Santarem afrancezado,  
Tinha o ministerio enredado,  
Sendo Barbacena o primor :  
As capitaes em pavor,  
Gaspar Teixeira vendido,  
O Mollelos tambem fugido,  
Taborda não fez nada;  
Generaes d'esta fornada,  
Dom Miguel está perdido.

Gaudencio, Lemos, Galvão  
Tiveram as honras de caixão. (3)

Aos Arcos de louro levantados pela Camara de Lisboa para a recepção de D. Miguel em 1828; e como elle se demorasse :

Se o rapaz se não meche,  
Temos louro para escabeche.

(1) Chrystovam Ayres, *Hist. da Cavalleria portugueza*, vol. II, p. 230.

(2) Pimentel, *Musa*, p. 141.

(3) *Ib.*, p. 142.

A' sua chegada:

A não fragata Pérola,  
 Mais fina que o papel,  
 Trouxe a salvamento  
 O senhor D. Miguel.

**Rei chegou**

Dom Miguel chegou á barra,  
 Já o seu signal içou;  
 E' certo e mais que certo  
 Que já Dom Miguel chegou.

Dom Miguel chegou á barra,  
 Voltou costas á nação,  
 Rogando pragas malditas  
 A' nova Constituição.

Quando Dom Miguel chegou  
 A' quinta do Ramalhão,  
 Olhou para a sua mãe,  
 —Oh mãe do meu coração!

Dom Miguel quando chegou  
 Logo foi ao beija-mão;  
 Disse á sua augusta mãe:  
 —Deitae-me a vossa benção.

Dom Miguel chegou á barra,  
 Sua mãe lhe deu a mão:  
 «Anda cá, meu qu'rido filho,  
 Não queiras Constituição! (1)

(1) Seguem numerosas trovas do cyclo do *Rei chegou*, p. 143 a 147.—*Oh Braga fiel*, e o cyclo miguelino *Fôra malhado*, p. 151 e 152; 190 e 199 da *Musa das Revoluções*;

—*Contra os Corcundas*, p. 176, 177.

—*O cêrco do Porto*, p. 179. Personagens: Solignac, Schwalbach, Paulo Cordeiro, etc., p. 180... *Contra o Saldanha*, p. 195, 234. *A' Belemsada em 1838* (p. 209.)

Viva Dom Miguel primeiro  
E a santa religião;  
Todo o que mata Malhados  
Tem cem annos de perdão.

Na sua *Historia de Portugal* descreve Oliveira Martins pittorescamente a chegada de D. Miguel: «Cacete em punho, cabeça erguida, os bandos seguiam cantando o *Rei chegou, Çá-ira* do miguelismo, com variantes livres, pulhas obscenas, em que D. Pedro era vilipendiado e D. Maria apodada com epithetos:

Quando o Rei chegou á barra,  
A barra de Lisboa,  
Logo os *malhados* disseram:  
Esta obra não vae hôa.

O Rei chegou, o Rei chegou,  
Em Belem desembarcou,  
Na barraca não entrou  
E o papel não assignou.

Outro acudia:

Co' o papel o c... limpou.

Vinhm então gritos:

Venha cá, senhor malhado,  
Meta a mão n'esta gaveta;  
Diga: — Viva D. Miguel,  
Se não quebro-lhe a cornêta.

O Rei chegou, o Rei chegou...

\*Percorreram as ruas toda a noite bandos de caceteiros, toureiros e fadistas, e de gente assalariada pela rainha viuva, cantando em alta voz, *Rei chegou*:

Fóra, malhados!  
Chucha, judeu;

Acabou-se a guerra,  
Dom Miguel venceu.»

Os constitucionaes não consideravam Dom Miguel filho de Dom João VI, nem mesmo de D. Pedro, Marquez de Marialva, a quem o attribuiam; a Cantiga motejavo-o:

Nem de Pedro,  
Nem de João;  
Mas do caseiro  
Do Ramalhão. (1)

«Por toda a provincia de Traz-os-Montes, circulavam proclamações em favor de D. Miguel. Diziam essas proclamações:

Do throno dos Lusos  
Legitimo herdeiro,  
Só é e será  
Dom Miguel primeiro.

Por vós, pela patria  
O sangue daremos... (2)

D. Pedro fez celebrar os esponsaes da filha com o tio D. Miguel, admittindo-o á regencia do reino. Faltando a este compromisso, logo que *chegou* de Vienna de Austria, fez-se eleger pela velha fórmula dos Tres-Estados. Começou então a lucta sangrenta dos dois irmãos, em que se dividiu a nação. Dizia o bom senso popular na Cantiga:

Entre Pedro e Miguel  
Ninguem meta o seu nariz;  
Pois se Dom Miguel é rei  
Foi Dom Pedro que o quiz.

Da vinda de D. Maria da Gloria para a Europa, para por esse effeito estimular a lucta liberal, correu a cantiga:

(1) José de Arriaga, *Hist. da Revolução de Setembro*, vol. I, p. 187.  
(2) Id., ib., t. I, p. 84.

Quando do Brasil partiu  
 Princeza de Gram-Pará,  
 Seu pae lhe meteu no dedo  
 Um *annel de piaçá*.

Quando por via do paquete de Inglaterra chegavam noticias das victorias dos liberaes na Ilha Terceira e Açôres, saíam os caceteiros para as ruas a espancar os transeuntes suspeitos de liberaes. O povo assignalou esta feição do regimen:

Chegou o paquete,  
 Trabalha o cacete.

«São tambem por meio de *andores*, indo uma figura de mulher, á qual se dá o nome de menina, e que representa a decahida Constituição de 1826. Corre o auto tambem entre cantigas allusivas, não raro cortadas por ameaças, insultos e imperios. A letra favorita é :

A *menina* já morreu,  
 Foi-se enterrar á maré;  
 Disseram os peixes todos:  
 — Isto que diabo é? — (1)

Perna quebrada,  
 Raio na Náo,  
 Corisco na Estrella,  
 Mão! mão! mão.

Sobre este pasquim, que appareceu em Lisboa no tempo do terror miguelino, lê-se no opusculo publicado em Plymouth em 1829, *Negocios de Portugal, n'aquelle reino, na Ilha Terceira, e no Imperio do Brasil*:

«Nas praças de Lisboa tinha apparecido o seguinte Pasquim alludindo á fractura da perna do Usurpador em Novembro passado, e aos raios que no execrando dia 22 de Fevereiro de 1829, anniversario da funesta chegada do malvado a Lisboa, cahiram no Convento da Estrella e na náó D. João VI.» (p. 2.)

(1) José Caldas, *Historia de um Fogo morto*, pag. 397.



Maxima do Marquez de Maricá :

Foi o primeiro Imperador deposto  
 Porque não era *nato*;  
 E o segundo terá igual desgosto  
 Por que não é *mulato*. (1)

Se eu fôra soldado  
 Fôra da Marinha,  
 Para defender  
 A nossa Rainha.

Se eu fôra soldado  
 Fôra de Amarante,  
 Para defender  
 O nosso Infante. (2)

A fôrça em bolandas  
 Andando apressada,  
 Da atroz pedreirada  
 Acaba as demandas.

Os Mandamentos dos Miguelistas

Primeiro:

Dar vivas por dinheiro;

Segundo:

Chamar *malhado* a todo o mundo;

Terceiro:

Dar que fazer ao vidraceiro;

Quarto:

De vingança nunca farto;

Quinto:

Põe o mundo em labyrinth;

Sexto:

Jurar por qualquer pretexto ;

(1) Ap. Silvio Romero, *Doutrina contra doutrina*, p. xxxix.

(2) *Musa das Revol*, p. 128 a 131.

Septimo:

Ser carrasco e ter bom prestimo;

Oitavo:

Ter a religião por alvo;

Nono:

Tirar o seu a seu dono;

Decimo:

Dizer bem do que é péssimo.

Estes dez Mandamentos

Encerram-se em dois:

Viver como os burros,

Ter canga como os bois. (1)

«A terra onde se ergueram tantos patibulos, onde da varanda dos Congregados os frades saudavam entre alegrias e cópos de vinho do Porto a agonia dos que expiravam na fôrca, não podia nunca ser dominada pelo fanatismo clerical. Os *tripeirinhos* ... os actuaes moradores do Porto, são filhos e netos d'aquelles a quem, entre apódos e insultos, os absolutistas cantavam das margens de Gaia, fronteiras á cidade :

Os tripeirinhos do Porto

Já não pódem comer pão ;

Comem papas de faréllo

Adubadas com sabão.

«E os habitantes da cidade cercada, soffrendo fome, respondiam com risadas, chufas e balas, ao passo que as suas mulheres levavam agua e pólvora para as trincheiras, e, nos hospitaes curavam ellas proprias os ferimentos.» (2)

«Fizeram varias importantes sahidas (2.º regimento de infantaria da Rainha) sendo uma das principaes a em que tomaram uma das melhores fabricas do Porto, e outra sahida de 3.000 homens, que tomaram o Covello, que os miguelistas tinham construido para instalar as suas baterias contra a cidade. Cantavam então os soldados :

Ai, ai, ai! Lá vae o Covello !

Ai que pena, que foi o perdel-o.» (3)

(1) A. Thomaz Pires, *Canc. popular politico*, p. 29.

(2) *O Mundo*, n.º 3768, (de 27-IV-911.)

(3) A. de Faria, *Portugal e Italia*, t. III, p. 217.

Contra os dois Passos (Manuel e José) heroes da Revolução de 1836 e 1847:

Sòmos dois bachareis  
Formados em Leis;  
Borramos papeis  
E queremos ser reis.

São dois pepinos  
Da pepineira  
Do Doutor  
Pingueira. (João Bernardo da Rocha.)

O povo não vale nada,  
Os guerrilhas nada são;  
Onde chega o 16  
Treme a terra, e bate o chão.

Puzeram-se os lampeões  
Para allumiar os ladrões;  
Nós furtamos os sinos  
Para fazer patacões.

No discurso em homenagem a Elias Garcia em Almada, em 8 de Maio de 1910, o deputado republicano Feio Terenas, descreveu a entrada dos Liberaes e a morte do façanhudo Telles Jordão: «A marchas forçadas o Marechal (Duque da Terceira) atravessou o valle do Sado, sobre a serra de Azeitão, desce ao valle de Coima e segue para o Seixal, Alfeite, entra na Cova da Piedade e derrota o inimigo que debanda e foge, dominado pelo pavôr, até ao Caes de Cacilhas. Ahi, nos degrãos do molhe cáem varados pelas balas dos liberaes muitos rebeldes, rende-se o Castello, e *Telles Jordão*, que a cavallo se dirigiu para uma falúa é abatido por uma cutllada, em nome da justiça popular. Acclamações, hymnos e canticos saudam o libertador, e pelas ruas recita-se esta quadra:

Já morreu Telles Jordão:  
Nas profundas do inferno  
Os diabos lá disseram:  
Temos carne para o inverno.» (1)

(1) *O Mundo*, n.º 3419 (anno x.)

Saldanha para cima,  
Saldanha para baixo;  
Mas elle nãa passa  
Do Cartaxo.

Allude ao cêrco que os miguelistas vieram pôr a Lisboa em 5 de Setembro de 1833, sendo repellidos pelos Constitucionaes, que indo concentrar-se em Santarem, estabeleceram estes o quartel general no Cartaxo.

No anno de Trinta e quatro  
Lá se foi o *Caldeirão*;  
Só nos ficou por memoria  
Um Visconde e a inscripção.

«N'este celebre convento (Alcobaça) exitiu 449 annos o afamado Caldeirão tomado em 14 de Agosto de 1385 a D. João I de Castella, na gloriosa batalha de Aljubarrota. Este caldeirão que constituia uma famosa reliquia dos nossos tempos heróicos, foi a final roubado e vendido em 1834. Na pedra onde estava assente, em Alcobaça, existia uma inscripção: «N'este Caldeirão, que servia na Cosinha de Castella, faziam n'elle comida para 203 pessoas.» (1)

O *Anno do Barulho*.— «Em Agosto de 1836 appareceu esta Guerrilla (do Remechido), que trouxe incomodada a provincia dois annos. Fortificaram-se quasi todas as povoações da parte serrana e do baixo Alemtejo. As devastações e as vinganças assolavam a provincia; e os partidos em que por desgraça se dividia o Algarve... concorriam desastrosamente para o mal.

«Os assassínios e os roubos praticados durante o grande percurso de tempo de 1828 a 1838, tinham dado existencia a um rifão muita vezes repetido pelas classes proletarias :

Em o *Anno do barulho*  
Abateram-se palacios,  
Ergueram-se monturos,

pois que muitos d'esses assassínios e roubos eram motivados menos por politica do que por ambição.» (2)

(1) Dr. Athayde de Oliveira, *Monographia de Estombar*, p. 229.

(2) Idem, *ib.*, p. III, in fine.

«Foi ministro da fazenda em 1847 um homem chão de modos, rude no dizer a verdade, energico e um tudo nada eccentrico, que se chamava Marino Franzini. Foi elle quem propôs taes reducções nas despezas publicas que o povo, coincidindo as suas propostas com o apparecimento em Lisboa de uma estrêlla ao meio dia, cantarolava alegremente:

Só no tempo do Franzini  
O povo veria,  
Berrando com fome,  
Estrêllas ao meio dia.

«Foi este ministro quem, sendo deputado, nas côrtes de julho de 1838, leu ás camaras uma nota em que provou que, sómente em seis districtos provincianos, os de Faro, Castello Branco, Portalegre, Guarda, Porto e Braga, houve de julho de 33 a 37, 1:548 assassinos e 2:565 roubos. As perseguições e as vinganças politicas dos monarchicos constitucionaes é que os geraram a quasi todos! Se assim acontecia só em seis districtos, o que seria a sôma verdadeira dos morticinios e dos latrocínios no paiz inteiro n'esses proximos annos de monarchismo constitucional?

«Confrange-se o coração de o pensar. E são elles, os realistas, que se atrevem a fallar na anarchia e desordem em que a Republica lançou as nossas provincias! (1)

Se os gallos nascem com cristas,  
A culpa é dos Cabralistas.

Mal por mal,  
Antes o Saldanha  
Que Costa Cabral.

Agora, agora agora,  
Luizinha, agora!  
Viva a nossa rainha.  
Que é uma linda capitôa.

A revolução popular de 1846, provocada pelas violencias do novo regimen administrativo de Costa Cabral, tomou o

(1) O *Mundo* 18-1-911.

nome mythico de *Maria da Fonte*; ao som da musica de Frondoni, que se tornou a *Marselheza* portugueza, cantavam-se numerosas quadras:

A Maria da Fonte  
Tem uma faca na mão,  
Para matar os Cabraes  
Que são falsos á nação.

Eia, avante! portuguezes,  
Eia, avante, sem temer!  
Pela santa liberdade  
Triumphar ou perecer.

A Maria da Fonte  
E' do Minho natural,  
E dá o sangue e vida  
P'ra defender Portugal.

Maria da Fonte  
E' guerreira bôa;  
Jurou á sua tropa  
De entrar em Lisbôa.

Fallou á sua tropa:  
—Vamos para a frente  
Bater o Saldanha  
E cortar-lhe a frente.

O ladrão de Cabral  
Quer esmagar o povo;  
Mas a Maria da Ponte  
Vae a pôr governo novo.

Viva a Maria da Fonte,  
Com as espóras de prata  
A cavallo na Rainha,  
C'o Saldanha á arreata.

Aprende, rainha, aprende,  
 Mede agora o teu poder,  
 Tu de um lado, o povo de outro  
 Qual dos dois hade vencer !

Com o auxilio das Nações  
 E' que a Rainha venceu ;  
 Adeus, Maria da Fonte,  
 Teu exercito pereceu.

Não voltes ao campo,  
 Perdeste a victoria ;  
 Com nações estrangeiras  
 Não pode haver gloria,

Viva a provincia do Minho,  
 Viva a terra dos leaes,  
 Que nos deu a liberdade  
 Exterminando os Cabraes.

Viva a Maria da Fonte,  
 Portugueza de mão cheia,  
 Que deu liberdade á patria  
 Triumpho á *Patuleia*.

Este hymno da *Maria da Fonte* acordou a nação contra o golpe de estado de 6 de Outubro de 1846, em que D. Maria II faltou a todos os seus compromissos.

Veiu o movimento da Patuléa de 1847, formou-se a Junta do Porto, pelo influxo de José da Silva Passos. A Junta de Santarem, uma das mais fortes foi atacada por Saldanha, que ajudara a restaurar a absolutismo em 1823; agora o povo chasqueava-o na sua impotencia com a cantiga miguelista de 1833 apodando-o de não passar do Cartaxo.

O Duque da Terceira foi ao Porto para apylacar o movimento da Patuléa, e foi logo agarrado e levado para o Castello da Foz ; chasqueavam as cantigas :

Certo dia lá no Porto,  
 Nobre Duque da Terceira,  
 Apesar de ser macaco  
 Caíu na ratoeira.

Quem me dera ir ao Porto  
 Vêr o Duque da Terceira,  
 Para vêr as carantonhas  
 Que elle faz na ratoeira.

D. Maria II, instrumento do marido Coburgo, a quem o povo denominava o *Rei-Nabo*, chamou uma *intervenção armada* da Inglaterra e da Hespanha, que a impoz á nação vilipendiada, acabando a revolução de 1847 pela Convenção de Gramido. A esta intervenção cantou o povo :

Se não não fosse as nações  
 Acudirem á Rainha,  
 Adeus, Saldanha,  
 Que te faziam em farinha.

Abaixo a tal Saldanhada,  
 Que isto não presta p'ra nada.

O Saldanha come tripas,  
 O Conde come morangos;  
 Coitados dos pequenos,  
 Que elles lá se entendem ambos.

O Saldanha é um rei  
 No seu garbo militar:  
 Com toda a sua façanha  
 O throno fez escillar.

O maroto do Saldanha  
 Poz sua honra de parte;  
 Chegou a tudo que quiz  
 Imitando Bonaparte.

Fez bem o tal Saldanha,  
 Fez bem até certo ponto,  
 De vir para cá  
 Apanhar tanto conto.

Da epoca de D. Pedro V e de seu irmão D. Luiz, ficaram os disticos facetos :



Graças a Deus, que ja temos  
 Em Portugal um rei novo,  
 Foi côroado pelos anjos,  
 Acclamado pelo povo.

Viva Dom Pedro V!  
 O vinho a pataco,  
 E o pão a pinto.

Portugal está perdido,  
 Dom Luiz assim o quiz;  
 Se Dom Pedro fosse vivo  
 Portugal era feliz.

Viva Dom Luiz Primeiro,  
 Mettido n'um gallinheiro.

Oh Fontes Pereira de Mello,  
 Tem compaixão da pobreza;  
 Não queiras mais desgraçar  
 Esta nação portugueza.

O *Rei da Ericeira* foi um falso D. Sebastião que se levantou n'aquella localidade; dá-se hoje esse titulo a Dom Manuel II, que fugiu pela Ericeira, diante da Revolução de 5 de Outubro de 1910. Na allocução da missa campal no Bussaco, celebrando a batalha em que fôram vencidas as tropas napoleonicas, o Bispo-Conde querendo excitar os brios do joven monarcha, relembando a fugida de seu quarto avô D. João VI, proclamava que o tetraneto não fugirá. Passaram-se poucas semanas e o joven rei fugia pela Ericeira.

Quando, feita a revolução e um personagem gritava: *Isto agora é nosso! tambem queremos comer*, escrevia o sargento Gonzaga, analysando o relatorio de Machado Santos, nas *Memorias da Revolução*, p. 95: «projecto de que alguém disse, parodiando os versos de Thomaz Ribeiro:

Portugal é lauta bôda  
 Onde come a Rotunda toda.»

Percorrendo estes brados populares, que synthetizam a consciencia nacional nos grandes momentos politicos, vê-se

quanto era falho o sentimento historico de Oliveira Martins, que fundou a sua *Historia de Portugal* sobre esta these: «Portugal, sendo uma nação por obra e graça dos seus príncipes, teve sempre tão nitida, quanto é possível, a consciencia do seu proprio destino fundado só no pensamento dos seus homens de estado e pensadores.» (1). Ia atraz de Herculano, que nada querendo vêr para além do seculo XII, considerava Portugal formado pela transplantação de colonias asturo-leonezas. Seguindo esta eschola historica, D. Carolina Michaëlis, nega-nos a nossa individualidade poetica: «Portugal não têm originalidade, nem genio creador diverso do que se desenvolveu no magnifico isolamento do centro castelhano,» (*Estudos sobre o Romanceiro popular*, p. 334.) Como conclusão d'este Cancioneiro das ruas, transcrevemos as palavras de José Caldas, accentuando os phenomenos da vida politica da multição:

«Com um anno—e pouco mais—de Republica, parece que ha quem pretenda levar o *Cinco de Outubro* para a praça de São Marcos. Já se começa a fallar do Povo um tanto desdenhosamente, buscando ser *Doge* quem ainda ha pouco tempo se contentava em que o tivessem como *cidadão*.

«Senhores Doges! — é cedo ainda para tirar a mascara.

«A rua não manda, bem sabem; mas a rua tem direito a que a oiçam e a não malsinem. Da rua vimos todos nós, todos! e não de agora, o que induziria em erro grosseiro, se não que desde os tempos da antiga monarchia. Da rua veiu D. João I com as suas *desvairadas gentes*, a sua *arraia meuda*, a mesma *gentalha* que o havia forçado a ser heroe, já quando elle, ainda *fronteiro moor do Alemtejo*, por mão da rainha adultera e concubina com ser seu lacaio, socio ou esposo se contentava. Foi a rua que se lançou sobre o Oriente, uns rôtos e mal vestidos, outros sem paga, quando o sônho de D. João II desabrocha em empreza nacional nos dia do seu successor. E' ainda a rua quem nas Côrtes de 1562, em Lisboa, — pede ao Rey que se redusa e contenha a astucia dos jesuitas. E' ainda a rua quem pede a D. Sebastião que, sem tomar mulher, se não passe á Africa.

«E' ainda a rua quem, faminta e sem chefes, pretende tomar o passo ao duque de Alba, em Alcantara, enquanto os nobres e o clero, isto é, a sala e o paço, se vendiam ao invasor. E' ainda a rua quem, em Evora, lança o primeiro grito de revolta contra Filippe IV, a besta do Escorial. E' ainda a rua quem obriga o hespanhol a capitular na chamada *Paç dos Py-*

(1) Carta a A. Thomaz Pires, servindo de Prologo ao *Cancioneiro politico*, p. vii.

*rineus*. E' ainda *a rua* quem faz do seu sangue coiraca em braza contra o francez, desdizendo da conducta do seu rei, que fugira, e da nobreza que fornecia mancebos e garças aos tarimbeiros de Napoleão. E' ainda *a rua* que faz a *Revolução de Setembro*, como protesto contra a burla de 1826. E' ainda *a rua* quem faz a *Patuleia*, protestando com as armas na mão contra a dictadura do Costa Cabral. E' ainda *a rua* quem faz o *31 de Janeiro*, medindo as suas forças e ensaiando-as com gloria para o arranque victorioso de 5 de Outubro. E' ainda *a rua*, representada nos seus filhos, aos quaes a inquisição de Leixões quebrara as armas, quem vae, depois da derrota, soffrer a fome, o exilio, a deportação e todos os horrores do proscrito. E' ainda finalmente *a rua* quem atira á lama a dynastia de Bragança, representada no mais poltrão e no mais despresivel dos seus reis. »



# ANOTAÇÃO

AO

## CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUEZ

### I

#### CANCIONEIRO DE AMOR

Extranha a todo o artificio e affectado exhibicionismo, a Poesia do povo é a espontanea expressão de um estado emocional, em uma linguagem corrente, melodica e cadenciada, figurando por imagens e comparações objectivas o sentimento subjectivo na sua intensidade. A psychose do amor é que incita o sentimento affectivo em todos os seus aspectos, desde o sonho vago do desejo até á commoção pathetica da paixão. A *Cantiga solta*, na fórma de quadra, plastica para se adaptar a todas as melodias, a todos os rythmos, nascendo de um impulso intimo e repentino, voando de memoria em memoria, e sempre florindo entre os refrens que a ornamentam, é como o preludio da Lyra humana, de um tetracorde invisivel, d'onde pulsam os themas germinativos das mais sublimes creações do Lyrismo. Tem a poesia do povo o character synthetico da collectividade, o *ethos* da raça sobre que assenta a invenção individual quando, tornada anonyma na tradição, se fixa nas fórmas bellas da Arte. Da flagrante verdade que existe entre o estado de emoção e a sua expressão espontanea, é que deriva a suprema belleza da poesia do povo; Jacob Grimm proclamou a sua verdade impeccavel: «Podemos afirmar, que nas tradições e Cantos do povo nunca encontramos uma mentira sequer; o povo respeita-os bastante para conserval-os taes quaes são, e taes como os conhece. Quanto a partes e detalhes que por effeito do tempo podem deturpar-se e obliterar-se, assim como os ramos isolados que seccam e cáem das grandes arvores, aliás cheias de seiva e de força, a natureza proveu n'isso como em tudo, tendo o cuidado de reparar as suas pêrdas por eternas renovações. No que respeita á invenção, não será possivel senão o que o

poeta sentiu e entrou na sua alma, o que elle manifesta por meio das palavras que a linguagem lhe revela mesmo inconsciente.» O povo representa na sua ignorancia creadora o estado e capacidades psychologicas das primitivas edades; para quem souber observar é um passado presente, uma antiguidade contemporanea.

A sua *poesia* brota em um syncretismo embryonario, acompanhada do *canto*, candenciada pela *dansa*, como na união das tres Graças.

Do estado emocional que leva o homem a dar o relêvo do canto e da dança á sua linguagem, escreveu Plutarcho no tratado *Dos Oraculos da Pythia*: «Estas edades antigas produziam naturezas e temperamentos levados para a poesia por um impulso facil; almas em que nasciam por si mesmo a *paixão*, o *arrebato*, os instinctos a que bástia uma leve excitação do mundo exterior, um abalo da imaginação para — lançar as almas n'uma emoção e em um deslumbramento tal, que o menor sentimento de alegria ou de compaixão, influyendo n'ellas pode tornar esses individuos como aves canoras... Houve um tempo em que a linguagem era o verso, o metro lyrico e cantado; em que a historia inteiramente, e a philosophia, toda a paixão, por assim dizer, e toda a acção eram expressas por uma linguagem mais incisiva, por uma linguagem mais poetica e musical. A que hoje apenas alguns homens escutam, outr'ora ouvia-a toda a gente: *pastores*, *lavradores* e *caçadores*, como diz Pindaro, todos se compraziam com os cantares dos poetas. Ainda mais, graças a uma feliz facilidade para a poesia, a maior parte da gente sabia exprimir pelo canto da lyra os preceitos da moral, as expansões do coração, as exhortações; elles persuadiam por meio das fabulas e dos proverbios em verso; era em verso que celebravam, que oravam e honravam os deuses, uns por um dom feliz da natureza, outros, graças ao costume.— Mas, quando os costumes mudaram com a fortuna e o caracter dos homens, o uso afastando tudo o que era superfluo... Então a linguagem mudando com os costumes e despindo os seus enfeites, a historia deixou a fórma metrica...» (Cap. XXIII.)

Esta decadencia actuou na poesia, reduzindo-se á palavra recitada em discurso philosophico mais ou menos pittoresca, ou matizada de trópos; a melodia seguiu isoladamente o seu desenvolvimento instrumental; e a *dansa*, excluida das suas funções hieráticas dos cultos solemnes, cahiu no acrobatismo. Sómente entre o povo é que a Poesia conserva essa unidade organica, sendo pelo poder suggestivo da melodia e dos rythmos da *dansa*, que inventou as maravilhosas bellezas do seu lyrismo espontaneo. Ao producto d'este syncretismo primitivo e do estado de emoção que necessita de re-

velar-se, é ao que chamamos no Cancioneiro nacional as *Cantigas de Viola e Terreiro*.

Dizia Schiller, um dos grandes poetas ideomotivos, observando as condições da sua criação poetica: «Em mim, a percepção não tem objecto claro e definido; só se fórma mais tarde. Um certo *estado* de alma *musical* precede e engendra em mim a ideia poetica.» Nietzsche chama a este phenomeno, que é uma condição permanente no povo, uma disposição *musical*. A dança, essencialmente collectiva, como o côro, desenvolve-se no encontro commum, ao ar livre, nas festas locais, quando a Natureza revive, na *Entrada da Primavera*, quando canta o rouxinol e os namorados vão fallar aos seus amores, como o declara a cantiga. E' assim em todo o Occidente, na *reverdie*, que a Canção é *dançada (ballada)* em volta da arvore do Maio (*Maieroles*) em que o estado da emoção inventa as Cantigas de Amor, adaptando-as, transformando-as, glosando-as, desdobrando-as em surprehendentes imitações de inexgotavel variedade. As melodias conservam-se por seculos, e tornam-se pela sua tonalidade nacional um caracter ethnico; são ellas que suscitam quando ouvidas ou lembradas a linguagem da poesia e os movimentos da dança. E na renovação de cada Primavera, do reverdecimento das folhas e da floração dos prados, ha uma fecundação de immensa Poesia nas almas juvenis e alegres do povo. Assiste-se ao genesis do Lyrismo.

Nas Cantigas da Beira allude-se com saudade a esta época do anno :

Já lá váe Maio e Abril,  
Já lá vão esses dois mezes;  
Já lá vae a liberdade,  
Com que te fallava ás vezes.

Eu heide amar o valverde  
Em quanto tiver verdura;  
Heide amar a quem quizer,  
Ainda não fiz escriptura.

Nos descantes do Minho e Douro, define-se essa época da florescencia do amor:

Quem me déra cá o Verão,  
Tempo das encanissadas,  
Para dar ao meu amor  
Quatro castanhas assadas.

Quem me dera que viesse  
O tempo que hade vir,

O tempo das esfolhadas,  
Para eu me divertir.

Nas cantilenas da Extremadura e Alemtejo:

Todas as flôres do anno  
Cativa o mez de Janeiro;  
Em chegando Abril e Maio  
Sáem do seu cativeiro.

Cantem môças, balhem môças,  
Divirtam os seus amôres;  
Estamos agora no tempo  
Da primavera das flores.

Já os tristes campos choram,  
Já não teem que vestir;  
Já se romperam as galas  
Que lhes deu o mez de Abril.

No Archipelago dos Açôres é a efflorescencia da paixão  
amorosa pelo San João, no solsticio estival:

Se eu chegar ao San João,  
Bem sei o que heide fazer:  
Heide tomar amôres novos,  
Os velhos me hão de esquecer.

O rei trovador Dom Diniz distinguiu entre os que entoavam  
cantigas amorosas com o *gay saber*, expondo as suas emo-  
ções subjectivas, e aquelles que só cantavam no *tempo que a  
flor ha sação*. Foi justamente d'esse meio popular que sahiram  
os germens do lyrismo portuguez, verdadeiramente nacional,  
de uma preciosa originalidade, nada devendo aos artificios  
da metrica provençalesca. Em uma canção descreve o rei D.  
Diniz uma pastora (*rapariga*, no Alemtejo) bem talhada:

cantando muy saboroso  
ca entrava o verão,  
e disse: — Amigo loução,  
que faria per amores,  
pois m'errastes tam em vão?  
e caeu antre unhas flores.

Canç. LVII (Ed. Lange.)

Quem viu andar a fremosinha  
como eu vi, d'amor coyhada,  
e tam muito namorada,



que chorando assi dizia:

—Ay amor, deixade-m' oje  
de sol o ramo folgar,  
e depoy, treydes migo  
meu amigo demandar.

(Canç. 751 (Vat.))

A's dansas primaveris competiam as canções rythmadas de *bailia*, por isso denominadas *Balladas* nas litteraturas meridionaes:

Bailemos agora, por Deus, ay velidas,  
sô aquestas avelaneyras frolicas;  
e quem fôr velida como vós velidas  
se amigo amar,  
sô aquestas avelaneyras granadas  
verrá baylar.

(Canç. 761:)

Os *cabellos atados*, como symbolo de proximo casamento, a que alludem por vezes os trovadores portuguezes do seculo XIV, ainda hoje se encontram com o mesmo sentido nas cantigas populares:

En las verdes ervas  
vi andar las cervas,  
Meu amigo.  
.....  
E com sabor d'elhos  
Lavey meus cabellos,  
Meu amigo.  
Des que los lavei  
D'ouro los liei,  
Meu amigo.  
Des que los liei  
E vos asperey,  
Meu amigo...

(Canç. 794.)

Nas cantigas da tradição oral corrente vem esta allusão, que era um antigo costume do direito consuetudinario dos *Fo-raes*:

Heide atar o meu cabelo  
E viral-o para traz,  
Com uma fitinha vermelha  
Que me deu o meu rapaz.

Em outra cantiga o namorado refere-se maliciosamente ao casamento a que aspira:

Menina, ate o cabelo,  
Que atado fica-lhe bem; . . .

A imagem poetica era outr'ora uma realidade. No Foral da Ponte do Sôr, dado por D. Sancho II em 1225, estabelece-se a differença da criminalidade d'aquelle que violentar mulher: «*si fuerit mancipia in capillo aut cum touca.*» Os *cabellos atados* symbolisavam a submissão conjugal. Desde a epoca trobadoresca até hoje nunca os grandes lyricos portuguezes deixaram de assimilar na sua inspiração as bellezas nativas do Cancioneiro popular.

No *Cancioneiro da Vaticana* vem uma Canção de Pero Barroso, em que o estribillo allude as festas de Maio:

Chegou aqui dom Foam  
e veo mui bem guisado,  
pero não veo ao Mayo  
por nom chegar endoado;  
demos-lhe nós unha *Maia*  
das que fazemos no Maio.

Porque veo bem guisado  
com tenda e com reposte,  
pero no veo em o Mayo  
nem veo a Pindecoste,  
demos-lhe nós unha *Maya*  
das que fazemos no Mayo.

*Ir ao Maio*, na historia hispanica, era tomar parte na cruzada contra os Sarracenos, que começava desde a entrada de Maio, em que as *almenaras*, fogueiras de um antigo culto de Baal, se podiam fazer sem a condemnação da igreja.

Adolphe Pictet, no seu estudo *O culto dos Cabiras*, refere-se a este costume da Irlanda: «No primeiro dia de Maio, os antigos Irlandezes accendiam fogueiras em honra de Beal, offerecendo-lhe sacrificios. O primeiro de Maio ainda se chama actualmente em irlandez *Bealdeme*, o dia do Fogo de Beal, Parece que n'este dia de solemnidade se executavam os crimosos depois de os têr feito passar *entre dois fogos*, cerimonia por ventura de purificação; d'ahi, para referir a um perigo eminente, *estar em dois fogos.*» (p. 99, not.)

Na Canção 79, do *Cancioneiro da Vaticana*, apoda-se cruaamente um cavalheiro por que *Não veiu ao Maio*. Nas Cantigas populares de Maio ainda persistem vagas allusões ao character guerreiro do Maio-Môço, andando em Campanha a servir a Christo.

A *Entrada do Verão* ainda hoje é uma festa do povo, dando

logar a diferentes manifestações poeticas. Escreve Reis Damaso, sobre *As Festas de Maio* no Algarve: «Não ha povoação alguma que deixe de festejar a *Entrada de Maio*. Ordinariamente são tres dias de festa, o primeiro, segundo e terceiro do mez. Em quasi todas as casas é costume arranjar-se uma grande bonêca de palha de centeio, farelos e trapos, que depois vestem de branco e cercam de flôres. Chamam-lhe a *Maia*.—Vem a noite e começam os bailes em redór do môno ao toque das guitarras e pifanos, cantando as raparigas uma infinidade de cantigas, taes como:

O meu Maio-môço  
Elle lá vem,  
Vestido de verde,  
Que parece bem !

Elle lá vae por hortas abaixo,  
Elle lá vae por vinhas acima;  
Viva, viva, viva  
Que passe muito bem !

O meu Maio-môço  
Chama-se João;  
Faz-me guarda á casa  
Como um capitão.

«Estas festas causam grande alegria nos algarvios e é raro aquelle que não dirige á *Maia* uma cantiga. As raparigas esmeram-se em adornal-a; põem-lhe corôas de flôres na cabeça, enfeitam-a com as suas melhores fitas, põem-lhe as suas joias mais estimadas. Este costume popular é dos mais curiosos do Algarve. De modo identico se pratica com a Virgem durante todo o mez de Maio ou o Mez de Maria, nas festas da igreja.

«No primeiro de Maio quasi todas as familias costumam levantar-se de madrugada *para não deixarem entrar o Maio*, dizem. A prova de que elle não entra está no encetar o queijo feito de figo e amendoa, guardado para aquelle dia do mez, de novembro pelo menos. Ainda é noite e já as crianças e os adultos não pensam n'outra cousa que não seja a diversão do queijo escondido no fundo da arca durante mezes. — E' tambem costume zombar-se do individuo que acordar depois do sol nado.»

Sobre este costume, escreve Leite de Vasconcellos: «As *Maias* ao pé de Vizeu celebram-se assim: vestem-se muito aceiadas varias meninas á imitação de anjos, com corôas de rosas na cabeça, azas de giesta e andam de casa em casa a cantar :

Vêde-lo Maio,  
Maio anão;  
Vede-lo Maio  
Pelo rêgo do pão.

Aprontae, pastores,  
Os ramos de flôres  
Que a Cruz de Maio (1)  
Nos chama já:  
A Florindinha,  
Que bella está!

Meu Maio môço  
Chama-se João;  
Anda na campanha  
Por ser valentão.

Hortas, abaixo,  
Vinhas acima,  
Viva, viva, viva!

O meu Maio-môço  
Chama-se Francisco;  
Anda na campanha  
Servindo a Christo.

(Versão de Breteande.)

«Em Alvações do Corgo, ao pé de Santa Martha de Penaguião, vae um rapaz vestido de giestas floridas, formando as da cabeça uma pyramide. Cercam-no rapazes e raparigas cantando e dansando pelas portas, á espera que lhes dêem alguma cousa.

«O *Maio* não canta, mas faz muitas cortezias a todos e dansa. O que se canta é:

Vêdes o Maio,  
Maio, mocinhas?  
Vamos á caixa  
Das castanhinhas.

Eil-o lá vae,  
Eil-o á vem  
Pelas hortas  
De Santarem.

(1) Refere-se ás ladainhas de Maio, na Beira, em que os padres vão benzer os campos por causa do bicho.

Eil-o lá vae,  
Pela horta abaixo.  
Viva, viva,  
Viva o Maio.

Este Maio, môças,  
Chama-se João;  
Anda na campanha  
Feito capitão.

.....

Este Maio, môças,  
Era boticario,  
Vendeu a botica  
P'ra comprar um saio.

O saio era rôto,  
Botica perdida;  
Agora, meu Maio,  
Procura tua vida.» (1)

Tambem o povo celebra o apparecimento do cuco com cantigas satiricas, sobre o prognosticos de casamento e infidelidades do lar:

### A chegada do cuco

(Versão do Minho, Douro e Beira Alta)

Se o cuco não vem  
Entre Março e Abril,  
Ou o cuco é morto,  
Ou não quer cá vir.

— Cuco de Maio,  
Cuco de Aveiro,  
Quantos annos  
Heide estar solteiro ?

Cuquinho da beira-mar,  
Quantos annos me dás,  
Para eu casar ?

Cuco da ramalheira,  
Quantos annos me dás  
De eu estar solteira ?

(1) *Vanguarda*, n.º 20 (1880.)

Cuco da carvalhada,  
 Quantos annos me dás  
 De eu estar casada ?

Cuco da carraspuda,  
 Quantos annos  
 Me dás de viuva ?

## A Primavera

(Versão de Tras-os-Montes)

Uma dansa aprendemos  
 No tempo da primavera;  
 A' Virgem de lo Rosario  
 Lhe pedimos mui devêras;

A' Virgem lhe pedimos  
 Com uma grande devoção,  
 Que nos dê saúde e graça  
 P'ra fazer esta função.

Bôa companhia levamos,  
 O cura e o sacristão,  
 O cabo e regedores,  
 E adiante vão bailando  
 Estes outro dansadores.

O typo de Serranilha, assim denominada em Hespanha, é ao que na Gasconha se chama *Villanella*, e no nosso Cancioneiro da Vaticana *Cantiga de villão*, cujo pé, é ao que na poetica trobadoresca se chama o *Refrem*.

O povo ainda emprega a locução pé de *cantiga*, como phrase de provocação. Miguel Leitão cita tambem o nome de *Villanellas*. O termo *Estavilar* usado nas Asturias por Cantar, vem do verso «Ay un galan n'esta villa...» (*Villoti* nas colleções italianas.)

As povoações ruraes, ou *Pagi*, assim como fôram o elemento conservador das tradições pagãs e se defenderam pelas *Compagnias* (*compagnies*, companhias) tambem conservaram o lyrismo primitivo nos cantos de *villãos*, *villanellas*, de *estavillar*, e *villotas*.

Existem themas e fórmãs communs a todos os povos nos thezouros das suas tradições oraes e das suas litteraturas. Na concepção metaphysica explica-se isto pela *unidade do*

*espírito humano*. Refutando este mysticismo, escreve Victor Henry: «Nós diremos que o espírito humano não é uma pura e vazia entidade, só pode entender-se por esta phrase, que a resultante das sensações exteriores que o têm lentamente formado, desde que no mundo houve um homem, um mamífero, um vertebrado, um ser dotado de sentidos; que, se verdadeiramente o espírito humano é semelhante a si mesmo sob todas as latitudes, e com effeito, desde todos os tempos e sob todas as latitudes, o drama do universo se desenrolou diante dos seus olhos com uma decoração sensivelmente identica; e que os elementos successivos d'esta decoração, os apparecimentos periodicos da *Aurora*, do *Sol*, da *Lua*, das *Estrellas*, dos *Ventos* e das *Tempestades*, persistem sempre sob a fórma de *Mythos*, de *Cultos*, de *Religiões*, e em virtude d'este atavismo, o trama necessario do seu pensamento». (1)

Impressões identicas produziã um mesmo estado de emoção, que achavam analogas fórmas organicas para se exprimirem na poesia cantada, recitada e bailada.

As Canções lyricas, bailadas e recitadas, são um pro-ducto vago e instavel, emquanto surgem da espontaneidade popular, desaparecendo com a emoção que as provocou, ou trasmittindo-se automaticamente nos costumes. O trabalho de desenvolvimento morphologico começa quando qualquer d'essas Canções, se liga a um thema: um mytho, fabula, legenda, anedocta pessoal, ou uma allegorica imitação da vida real domestica ou social, acto de culto ou cerimoniaoso. Assim a velha concepção da *Entrada do Anno* ou anno estival, sahida do anno, ou a quadra hibernal deu logar á representação allegorica, á expressão figurada, vivificando pelos recursos pittoricos as fórmas da Triplice Canção, ou facultando a sua differenciação, constituindo germens de fórmas litterarias:

«Desde que se estuda com o maior cuidado a origem das litteraturas, fez-se uma curiosa observação, é que nos tempos mais remotos e antes de toda a cultura erudita, os principaes generos de poesia — a *Ode*, a *Epopéa*, o *Drama*, — existiam, ao menos os seus germens, entre quasi todos os povos. Não se fez mais do que aperfeiçoar ou deturpar com o andar do tempo. Parece que o espírito não tem o dom de inventar fórmas litterarias se não nas épocas primitivas.» (2)

(1) Na tradução dos *Nouvelles Etudes de Mythologie*, de Max Muller. Préf., pag. viii.

(2) Boissier, *Théories nouvelles du Poeme épique*, I, p. 871 da Rev. des Deux-Mondes, 1867.)

Na poesia lyrica popular existe como fôrma perfeita, completa e plastica, sempre em elaboração, em que predomina o improviso, pela alteração do momento que suggere a emoção, e a cantiga solta, a *quadra*. Na sua simples quadratura, que os estribilhos auxiliam, subitamente, a Cantiga, tem efeitos de todos os accidentes, exprimindo com maravilhoso repentismo, no seu parallelismo dichotomo os mais delicados sentimentos, de devaneio ideal, até á satira mais pungente. Esta fôrma poetica, quasi espontanea, corresponde á melodia que se adapta a todas as letras; a Cantiga solta é a exuberante efflorescencia poetica, que *verbalisa todas as melodias*. Por seu turno a melodia cria uma *disposição musical*, chamada por Schiller e por Nietzsche, de invenção poetica inesgotavel. A melodia é como um molde em que recebe forma a ideia poetica; dizia Schiller, que um certo estado da alma musical, precedia e engendrava no seu espirito a ideia poetica. Algumas poesias religiosas conservaram-se á custa das suas melodias ritualisticas. De alguns cantos da synagoga judaica, escreve Menendez y Pelayo, «se han conservado sus principios por la circunstancia de haber sido acomodadas sus melodias a otros hymnos religiosos en hebreo, à pesar del ceño que siempre han mirado, esta aplicacion los mas severos rabinos. En una de las colecciones de Litanias rimadas que se conocen con el nombre de *juncos* (del persa jonq, harpa) del siglo xvii, se ven notados siempre con letras hebreas los aires y palabras de canciones turcas, arabes, griegas y españolas, procurando à veces imitar la rima y valiendo-se otras del succedimiento de la aliteracion». (*Ant.*, t. vii, 356). Tal é a importancia da Melodia para a conservação da fôrma poetica.

Sendo o lyrismo popular portuguez de uma profundidade de sentimento e de extrema belleza de fôrma, deve-lhe logicamente corresponder uma melodia que preceda o seu nascimento. Terá sido estudada essa melodia, para desde já a considerarem pobre e simples?

Basta a intima solidariedade entre o sentimento poetico a *disposição musical* com que a melodia o incita, para hesitar n'esse julgamento. Sobre os estudos da Melodia portugueza, transcrevemos aqui de um artigo do musicographo A. Méréa, *Folk-Lore-Musical*, alguns pontos de vista elucidativos:

«Livre dos rigores da fôrma e, portanto, isempto dos seus requintes, tão extranho a theorias doutrinaras como a influencia de escolas, o canto popular, sem constringimento de especie alguma, é a expressão espontanea do sentimento dos simples. Em constante contacto com a Natureza, n'ella se inspiram na consonante harmonia e se subordinam ao rythmo da vida rustica, ao impulso do qual andam sujeitos nas horas rudes da labuta de que o cantar é lenitivo.



«Em Portugal, á falta de cantores, abundam os cantadores. Do norte ao sul, alegrias e desânimos, tudo serve para pôr em musica. Não ha festa ao ar livre, descamisada minhôta, noite d'esturdia á beira de agua, celebração de santo padroeiro, que não anime e domine o som de cordas vocaes. Não ha choupana de côlmo, tugurio ignorado, recanto em que se abrigue sêr que trabalhe e que sinta, onde até por entre angustias a voz deixe de ouvir-se em cantiga dilecta que lagrimas orvalham na expansão do desabafo.

«D'este pendor d'animo entre o povo portuguez, resulta possuirmos nós um cancionero precioso e não pouco abundante, comparada a extensão do nosso territorio (continente e ilhas) com paizes como a Italia e a França. O amor ás coisas patrias não me cega a ponto de encontrar nas nossas canções a originalidade e o valor caracteristico de melodias populares húngaras, o vago, a seducção de irreallidade das canções scandinavas, a variedade rythmica, a intensidade de côr, a ardencia e a phantasia de notar as varias collecções de *aires* e *bailes* hespanhoes. Outras qualidades as valorisam. Sem que muitas deixem de ter pittoresca e sufficiente feição que as distinga, consoante a região d'onde brotaram, as nossas canções são simples, limpidas e sobretudo, tocantes; é musica de sentimento, toda ella embebida em poesia de ternura que raro deixa de contêr um travo de saudade...

«Saudade! palavra tão genuinamente nossa que em outra lingua não a conheço na equivalencia expressiva com a amplitude de sentido, que ao mesmo tempo que significa affecto e aneio, traduz o soffrimento corajoso na rebeldia á desesperança, esse mixto de sacrificio e de confiança confortante, dentro do qual a chimera vive a alentar o espirito ingenuo do povo portuguez.

«Cousa curiosa! percorrendo, uma por uma, todas as nações europêas de cancionero mencionavel, é a *Russia*, justamente a maior de todas, aquella, *cuja musica popular mais bastos pontos de contacto offerece na expressão, na côr e no aspecto rythmico, com a do nosso pequeno Portugal!* (1)

«Com a differença que emquanto nós, nada, ou quasi nada, possuímos capaz de apresentar-se como trabalho de

(1) Tambem pelas proprias impressões chegámos a achar comparavel o nosso caracteristico *Fado* na sua tonalidade com a Canção nostalgicas de mujiks russos, emocionante pela sua tonalidade semi-oriental. Não era esta comparação um capricho de phantasia; viajantes portuguezes nas regiões da Russia encontraram costumes, trajos e côres caracteristicas da nossa gente de campo.

compilação de Canções populares convenientemente cuidado na authenticidade e na selecção, a Russia, segundo uma bibliographia que tenho á mão, conta para cima de cincoenta collecções de canções e cantos nacionaes.

«Se, como não falta quem o affirme, as idéas nacionalistas em arte são uma das provas do espirito progressivo dos povos, nós, pelo visto em materia musical, estamos ainda muito áquem da civilisação slava, apesar de todo o seu atrazo. Mas, longe vão tristezas! . . .

« A Russia é riquissima de *folklore* musical, porque lá, todos, á uma, se vangloriam do thesouro musical que o anonymo popular desde muitos seculos tem amontoado. Glinka d'elle se serviu para saccudir o jugo do italianismo por tanto tempo predominante na Russia, e morto elle, Borodine, Cesar Cui, Mussorski, Balakireff e Rimsky Korsakoff — *os cinco*, como de ha muito são conhecidos na arte sonora, irmanaram-se na idéa augusta de evidenciar a nota nacionalista através da sua technica caracteristica. Mesmo por entre a instrumentação frondosa, extremamente luxuriante de algumas peças symphonicas, ella salienta-se sempre na sua côr inconfundivel. Tão longe levam essa devoção, que compositores de vulto como Borodine e Rimsky Korsakoff, não desdenharam recolher, em collecções inestimaveis, as melodias populares do seu paiz. Que, em França, o mesmo teem feito Bourgauld Ducoudray e Vincent d'Indy.

«Em verdade, não se pode dizer que falte entre nós quem tenha tratado as melodias populares, já na forma de rhapsodia orchestral, já em illustrações pianisticas, já, mesmo, em partituras de opera, onde o seu estylo em varias paginas se encontra assimilado com tacto e efficacia. Tudo isso vale, sem duvida, como applicação de arte e de talento, e pelo que ainda representa como propáganda do gosto pela Canção popular. Mas n'esta obra de vulgarisação, uma lacuna resta por preencher: a de um Cancioneiro musical que responda aos requisitos requeridos, um livro como, por exemplo, o *Deutscher Liedershort*, de Ludwig Erk; *Volksthümliche Lieder der Deutschen* (estes só dos seculos XVIII e XIX), de Franz-Magnus Böhme; *Chansons populaires du Pays de France*, de J. B. Werkerlin; *Méodies populaires des Provinces de France*, de Julien Tiersot, se bem que este trabalho, apesar dos altos creditos folkloristicos do auctor, me inspire menos sympathia pelas liberdades de transcriptor que se permittiu, taes como certos effeitos de imitação canonica, e de artificios rythmicos, constantes da sobreposição de divisões differentes de compasso.

«Quando haja intenções de, por meio da polyphonia, enriquecer a Canção popular, é de todo o ponto exigivel que os transcriptores, á semelhança de Van Duise nas suas *Canções*

*flamengas*, precedam as suas paraphrases da exposição clara e fiel dos motivos em toda a sua simplicidade melódica.

«Em tempos, publicou-se no Porto um *Cancioneiro de musicas populares*, em que se puzeram grandes esperanças, depois aguadas em consequencia de varias causas, uma d'ellas o deliberado proposito de dar extensão á obra sem se olhar á proveniencia dos trechos recolhidos. A collecção de João Antonio Ribas, do melhor que por cá se tem feito no genero, pecca pelo excesso contrario : contém reduzidissimo numero de canções. Existem tambem varias canções populares, apparecidas em separado, e algumas apresentadas em arranjo adequado a esta especie de musica, como muitas d'aquellas que Julio Neuparth tem publicado.

«Esse mesmo tino escrupuloso, condição essencialissima na applicação da arte culta á melodia anonyma, encontro-o eu no *Folk-lore Musical* cuja publicação agora iniciam os srs. Americo Angelo e Arnaldo da Silva,

«N'esta obra, o sr. Americo Angelo, encarregado da parte musical, apresenta a Canção popular sob a dupla fórma de melodia com acompanhamento de piano e de redução para o mesmo instrumento, ou de arranjo para côro orpheonico e de redução pianistica: isto, como acima indicámos, sem que recorra aos artificios de harmonisação rebuscada, ou sobrearregue as canções populares de complicadas polyphonias, em completo desaccôrdo com a feição ingenua e espontanea da melodia d'ellas. E' o *quantum satis* da accommodação musical.

«Contribuir para a vulgarisação da Canção popular, é fazer que o espirito publico se lhe affeeçõe, incitando os nossos compositores a cultivar-a, afim de que se impregnem do seu perfume discreto, mas salutar.

«Criar uma obra de arte em atmosphaera de estufa no rigor formalista e na teima da rotina, é afastal-a da sinceridade e da emoção, sem as quaes não poderá lograr longa existencia. A quantas assim tem succedido, não obstante doutos augurios! . . . Ao passo que a Canção popular, com a sua fórma espontanea e singela, e a sua peculiar franqueza expressiva, tamanha é a sua força vital que, tendo atravessado seculos, continuará sempre existindo emquanto houver vozes que vibrem e corações que pulsem.»

Ficaria truncado o exame dos tres elementos de um Cancioneiro popular portuguez, se não apresentassemos algumas observações sobre as nossas dansas nacionaes ; não produzirão deslumbramento e hallucinação, mas differenciam completamente a nossa raça de entre os typos celtibericos. A Dansa tambem imprime fórma á poesia, como se vê pelo genero dos *Cantos de estavillar*, e ligam-se organicamente á

Canção lyrica como se vê na união das tres artes ao *cantar e bater o Fado*. Para dar uma ideia da sua vitalidade transcrevo alguns periodos do estudo *Dansas populares* (1) do sr. Eduardo Noronha :

100  
 «O que valem as nossas canções populares como inspiração mimo, doçura e poesia, sabem-n'o todos que as teem ouvido nas diversas localidades ou nas artisticas rhapsodias de Hussla, Rey Collaço e outros compositores estrangeiros, pois são esses que teem vindo á nossa terra colleccionar as musicas portugêsas, algumas tão bellas e tão de molde para d'ellas se crear a Opereta nacional, que dóe vêr assim perdidos trechos, toadas, melodias, motivos, que n'outra nação constituiriam um inexaurivel thesouro musical. Verdi architectou a sublime partitura da *Aida* sobre tres ou quatro compassos que ouviu cantor a uns fellahs no Cairo; e que manancia de lindos cantos, balladas, rythmos, estribilhos, se encontra no estro delicado dos camponêses de certas regiões prova-o a unica e inimitada tentativa por Cyriaco Cardozo para instituir a Opereta nacional. Os hespanhoes aproveitam qualquer assumpto insignificante para delinear uma zarzuela; nós, exactamente com as mesmas riquissimas fontes que os nossos visinhos, vivemos das migalhas que elles, os italianos, os francezes e os allemães nos atiram, tendo-se fechado completamente o caminho que alguns comédiographos e musicos abriram á comedia e farça lyrica, e que tanto em voga esteve na segunda metade do seculo passado.

«São tão radicades e profundas as differenças entre a nossa raça e a hespanhola — em que pese aos iberistas — que até na dansas se manifestam. São os «nuestros hermanos» e principalmente as «nuestras hermanas», — escrevemos o têrmo sem nehum pensamento inscetuoso — tão azougadas e buliçosas, que até ás dansas herdadas dos mouros — e são muitas — pessoas graves e reflectidas, falando devagar e caminhando pousadamente, lhes imprimiram um tom vivo, uma cadencia enidiabrada, por vezes tal vertigem e sempre tal volupia que é mpossivel não andar ali malevolo propsito do tentador Lucifer.

«As dansas portugêsas são todas circumspectas, moderadas, sisudas, magestosas, severas até, como convém a um povo que durante tantos seculos reprimiu as suas alegrias ante as grades da vida monacal. Algumas voltas, alguns passos de modo que a ponta do pé mal desponte por baixo da fimbria da saia, figuras sempre em harmonia com a mais austera decencia, nada que de longe mesmo se pareça com esse de-

(1) *Diario de Noticias*, de 25-VI-909.

safôro das *sevilhanas* ou das *peteneras*, que são um curso sa-pateado, revôlto, lascivo, de estatuaria feminina. Os nossos bailes campesinos são um modêlo de bons costumes, um acto, do qual o parochio mais escrupuloso poderia passar um attestado para um concurso de virtude. Pois se ha quem diga — Deus lhe perdôe a blasphemia — que a bôa plastica de «nuestras hermanas» é devida a patentearerem-n'a sempre que podem, ao passo que as portuguezas se tapam, até converter os vestidos em vassouras municipaes. . .

«Antigamente, além das dansas de sala o *bailete*, o *balancé*, a *balheta*, o *passa-pé*, a *pavana*, o *minuete*, a *gavota*, a *galharda*, etc., havia as populares: o *terolero*, o *trocado*, o *villão*, a *alta*, a *arrepia*, a *arromba*, a *baixa*, o *baião*, a *canaria*, a *chacota*, o *chate*, a *ciranda*, a *corrente*, o *rechaço*, o *pé de xibau*, a *mourisca retorta*, o *machantins*, a *guimbardeira*, a *giga*, o *gerano*, a *fôfa*, a *folia*, a *filhota*, a *florete*, a *retorcida*, a *surrateira*, a *serrana*, o *trebelho*, etc.

«Tudo tem a sua epoca e uma parte d'essas dansas cahiram em desuzo.

«Um philosopho inglês escreveu que se pode avaliar o grão de civilização de um povo pelas distracções a que se entrega. Isto é tão verdade como não se poder endireitar a sombra de uma vára torta, no dizer de Camillo. Se o nosso povo tem canções de incomparavel sentimento e opulencia de rythmos os seus bailaricos como o *baião*, o *vira*, o *verde-gaio*, a *vilota*, a *villanella*, o *fado*, o *laço* e as *ligas verdes* dos mirandezes, o *bailete*, o *balso*, do Algarve, a *carrasquisca*, a *chacota*, o *charamba* dos Açores, a *chica*, a *chula*, o *danças*, o *malhão*, o *regadinho*, a *volta*, etc., etc., pouco differem entre si, o que demonstra que o genio inventivo da musica é muito superior ao da arte choreographica ou de dar á perna com elegancia e donaire.

«Entretanto se as nossas dansas populares não são afamadas lá fóra como a *tarantela* napolitana, a *siciliana*, a *saltarella* dos arredores de Roma, a *foreana* dos gandoleiros de Veneza, a *trevisana* de Friul, a *marinheira* da Hollanda, a dos *derviches* na Turquia, a das *almeias* no Egypto, a das *baiaderas* na India e mil outras, todas caracteristicas, nem por isso as mulheres portuguezas deixam de ser encantadoras quando bailam, apesar da sua circumspecção e do seu pavoroso receio de mostrar mais que o pé.

«Porque, verdade, verdade, quando uma mulher dança, na sala ou no campo, deixando-se arrastar suavemente aos compassos dolentes e insinuantes de uma valsa, ou requebrando-se e fazendo tremular as curvas mais flexuosas e salientes do corpo n'um *bailarico*, ha n'ella o que quer que seja da serpente paradisiaca da Biblia. Sem grande esforço da phanta-

sia vêmol-a colear ora anelando-se, ora destendendo-se n'uma successão de ademanos graciosos; enrosca-se, dobra-se, volteia, trepa, enovela-se, contempla-nos, fascina-nos e cá nos fica a maçon atravessada na garganta.»

Pelas Collecções locais que nos serviram de *Fontes do Cancioneiro popular portuguez* pudemos authenticar a tradição lyrica de cada Provincia de Portugal; a importancia d'esta base de coordenação, definiu-a Antonio Arroyo na conferencia sobre *A Canção portugueza*, feita na Academia de Estudos Livres: «E' de opinião que a Canção portugueza se caracteriza em quatro regiões perfeitamente definidas: — a *região das montanhas*: Minho, Douro e Beiras; a *região do centro*: Coimbra; a *região das planicies*, das grandes stepes, o Alemtejo; a *região do sul*, o Algarve. A região do norte é a dos grandes relêvos chorographicos; a Canção é asymetrica, profunda. A região do centro, das montanhas de gracioso e suave relêvo, planicies cheias de contrastes, o valle do Mondego tão pittoresco, a Canção é symetrica, petulante, cheia de modalidades. O Alemtejo é a stepe, a charneca batida do sol ardente; a Canção tem profundeza extraordinaria, a voz perde-se em toada prolongada. Finalmente o Algarve caracteriza-se pela petulancia, pela graça obscena da poesia, que uma musica scintillante sublinha. A Canção portugueza não apresenta pois uma uniforme composição, varia conforme a disposição geologica das regiões. A importancia do estudo da Canção portugueza é enorme, porque sobre ella deve basear-se a composição erudita.» Com este mesmo criterio definia o Consul geral de Hespanha D. José Gomez as características da Musica popular hespanhola pelo influxo de cada região: «Empezará los cantos de Andalucía (Malaga, Sevilla, Granada) que como bailables, tienen acompanamiento de castañuelas. Son alegres, son vivas, son insinuantes. Al espectador se le escapa inquirir, cuando oye esos jipios el classico *Olé!* que es compendio de tudo quanto de agradable se puede decir.— Bien la describen sus cantos. Andalucía, solo hermoso, cielo puro sol refulgente.— Quien dijo penas? vengan *seguidillas* y *caleseras* y *fandangos* y *soleáres* y *trentos*.

«Entre Andalucía y Murcia la diferencia geografica es todavia poco apreciable, aunque sea bastante diferente la psicologia de ambos pueblos para que no deje de notarse en sus canciones populares la diversidad de los temperamientos. Murcia representa — algo asi como la transicion entre mediodia y el centro.

«Subimos en meridiano, llegamos á Cataluña, saltando a Valencia que hubiera sido interessante por sus cantos acompañados por la primitiva dulzaina, y alli el paysage cambia y

por lo tanto cambia la musica, cambia el alma del pueblo, que la reflúa siempre en sus canciones. Desaparecieran las castañuelas. El acompañamiento es sobrio y el ritmo es moderado.

«Dentro de la mesma latitud caminamos hacia Occidente Entramos en Aragon — pais que es el prototipo de la sinceridad y de la franqueza. Bien la indica su *jota*, su afamada *jota aragonesa*. Lamenta-se cantando el amante de no ser correspondido ; piede amor con ansia loca.

«De Aragon passamos al pais vascongado : llegamos al Zortzico, musica de contratiempo, musica primitiva de tamboril, que produce el encanto de recordar el passado. Continuamos hacia Occidente y en plena montaña de aquel hermoso pais de Cantabria que se llama la provincia de Santander—donde cantan los campesinos, los passiegos, canciones de estructura melancholica que non son el lamento del que por amor se queja. Despues, entramos en Asturias, la Suiza española. La aldeana de Asturias es ante tudo sincera. Lo asegura asi la letra de la cancion con notas de sin par beleza. La musica es de estructura facil porque abla el alma de un pueblo, pero su ternura encanta.»

E' esta caracteristica da ternura, que accentúa a melodia e poesia popular da Galliza do Norte, que assim se identifica com a Galliza do Sul ou o Minho. Como todas estas differenças ethnicas dos primitivos estados peninsulares fazem uma consonancia melodica n'essa Lyra de sete cordas, que é a Hespanha ! D'esta viva relação entre a poesia e a musica, que o povo conserva, concluiu o genio intuitivo de Rousseau: «se a *palavra* não começou pelo *canto*, é com segurança bem certo, que se *canta* em toda a parte onde se *falla*.»

Na atmospheria da Canção a palavra alada faz-se *Poesia* ; das suas intonações a *Melodia*, e dos movimentos da sua gesticulação a *Dansa*, cadenciada e rythmica. Foram trez irmãs gêmeas nascidas da emotividade do sentimento humano, no meio das turbulencias e fatalidades da vida ; as tres irmãs enlaçadas pela intima sympathia que lhes dera o sêr, tornaram-se manifestação expressiva do Culto religioso, das consagrações dos Heroes, dos soffrimentos e das alegrias do Povo. A Humanidade, que nasceu para a morte, tinha encontrado a linguagem do ineffavel, a voz que vivifica, o vôo impercível de idade em idade — *sicut Diis*. O genio das multidões descobriu o clamor, o grito que vae além dos seculos, que subsiste nas transformações sociaes; mas as tres irmãs, que fascinavam pela energia da sua união, separaram-se. A *Dansa* teve o seu prestigio exclusivo nos ritos religiosos, nos arrebatamentos dionysiacos da Orgia divina, na desenvoltura delirante das bacchantes, na Corêa contagiosa, que espalhou

no mundo a loucura dos espamos da dor e alegria pelos Jovens-Deuses na sua Paixão e morte e no seu resurgimento. A Musica pelos imos deleites conduzia á apathia, como no modo lydio, ou pelos sons estridentes das tubas metalicas como no modo phrygio, exaltava as paixões sangrentas, os hymnos de guerra, impellindo o homem ao odio, á devastação e a hallucinação do sangue.

A Poesia tornou-se á palavra recitada, discursiva, reduzida á expressão emphatica da personalidade, do egoismo e do desejo mesquinho. O Epos nacional e heroico desmembrou-se, caiu da fôrma altiloqua, refugiando-se na melopêa popular. Enfraqueceu-se o sentimento da Arte viva n'esta fragmentação; cada fôrma esthetica desenvolveu-se isoladamente esterilizando-se: a Dansa desceu até ao acrobatismo grosseiro das praças, perdendo o impeto natural da vida singela do povo; a Musica elaborando-se em combinações entregue a si propria, como estas plantas que crescem em um vaso interlaçando esterilmente as suas raizes, que não podem penetrar na terra fecunda, assim fóra da vida social paralysoou-se no pedantismo erudito da Fuga, d'onde o genio moderno soube libertal-a.

A Poesia separada do Canto, perdeu a proporção, ficou inexpressiva pelos trópos e imagens da rhetórica banal, tornando-se academica, artificial, sem vida.

Como tornar a unir as tres irmãs gémeas, as Graças, que salvam a existencia humana da chateza da realidade crúa? Só quando uma crise social ou um novo estado de consciencia da Humanidade tiver um Sentimento mais profundo; ao procurar socialisar esse estado da Emoção terá de ir pedir toda a sua magia de linguagem á Poesia, Musica e Dansa, no mutuo amplexo primitivo. Um dia, as tres irmãs hão de espontaneamente aproximar-se: a Dansa, então comprehendida como a feição pittoresca de cada nacionalidade, será o Exodio do Festival da Humanidade, na grande e alegre Corêa das Crianças; a Musica dará a expressão emotiva ás aspirações, as altas esperanças do futuro humano; e a Poesia fixará as torrentes de Harmonia que circumdam a Palavra rythmada no recitativo augusto da phrase genesiaca do Hymno. E as Tres Irmãs, como as Fadas que entretecem a existencia, darão vida a uma nova fôrma de Arte, em que a Dansa, a Musica e a Poesia se unificam, e de que a Opera e a Tragedia são os primeiros esbôços.



## II

## CANCIONEIRO SAGRADO

Ha nas sociedades humanas forças que conservam pela estabilidade dos *Costumes*, e forças que impulsionam pelo desenvolvimento das *Ideias*. O Costume persiste, fica, a Ideia avança separando, transformando-se, tornando-se antinômica; e á medida que as sociedades se elevam na Civilização pela justa relação das Leis, os Costumes transmittem-se automaticamente sem sentido, e as Concepções pela profundidade synthetica constituem o restricto dominio dos pensadores. Tal é a situação da idade moderna, em que um grande numero de Costumes se praticam mesmo como acto cultural, religioso e official sem a noção do que representam, nem pensamento de intuito consciente. A sciencia da Ethnologia, colligindo e comparando os Costumes das differentes raças e epochas, é que consegue descobrir o valor d'esse facto scientifico, remontando ao passado em que se estabeleceram e praticaram como expressão de Concepções dominantes, que actuaram nas sociedades primitivas. As Festas populares calendaricas, propriamente os *Fastos* entre cada nação, são nas suas fôrmas liturgicas locaes e domesticas vestigios d'essas Concepções, que nas suas persistencias eram implicitas nos cultos orientaes aryo-iranicos, helleno-italicos, aos polytheismos celtico, iberico, germano-scandinavo, no syncretismo christão medieval e catholico moderno. Chegou-se pelo estudo comparativo a determinar-lhes a Concepção fundamental, que elles ainda hoje inconscientemente representam, embora extranhos ao nosso estado mental.

O problema complica-se pela fusão de elementos de duas Civilizações primordiaes, a que se baseou sobre o computo do *Anno lunar*, que prevalece ainda nos ritos liturgicos ecclesiasticos; e o do *Anno solar*, que disciplina a vida civil. Na antiga Concepção, o *Anno solar* era dividido em duas Estações, o *Solsticio do Verão* (quatro dias antes do San João), e o *Solsticio do Inverno* (quatro dias antes do Natal). A antiguidade d'este conhecimento astronomico estabelece-se pelo phenomeno da precessão dos Equinoxios, que, sendo de *cinco segundos annualmente*, os quatro dias de afastamento entre os Solsticios e as datas do Natal e San João, correspondem a um periodo de *sete mil annos* aproximadamente de antiguidade. Não admira, pois, que elementos pittorescos e representativos das Festas do Natal e de S. João, communs a todos os paizes catholicos, que as tinham nos seus Costu-

mes quando eram ainda polytheicos, appareçam mais claramente representados pela sua proveniencia dos cultos helle-  
no-árnicos. Essa antiguidade comprovada é que tem suscitado a tradição de uma Sciencia perdida, presumivel : «E' fóra de toda a duvida, que quando mais estudamos os vestigios das Civilisações e das litteraturas antigas, da China, da India, de Babylonia, do Egypto, do Perú, do Mexico e mesmo da America do Norte, achamo-nos forçados a reconhecer a evidencia sempre crescente do que se designa — a *Sciencia desaparecida*. Em outros tēmos, não se pode hoje duvidar, que existia um feixe de Sciencias diversas, entre certas raças antigas que o nosso orgulho moderno não julgava capazes de tamanha cultura. Duvidar ainda seria aventar que os Datens, os Bailly e tantos outros estudaram em pura perda.» (1) Ozanan, estudando as instituições antigas da Germania, ao tratar da Religião vê que n'ella «se descobrem *vestigios de uma antiga doutrina*: festas que approximavam povos, templos em que se fixavam, o que revela o esforço dos homens para *manter um pensamento*. . . » Como doésto catholico, Ozanan pucha para uma revelação inicial monotheica na humanidade, deturpada entre os varios polytheismos. E pondo de parte o simples conhecimento dos dois phenomenos *astronomico* e *meteorologico* dos cultos naturalistas, accrescenta com tom theologico : «E' no meio d'estas contradicções, que é preciso penetrar.» Esse phenomeno *solar* e *lunar* (meteorologico) manifestava-se entre differentes latitudes, e d'ahi as variantes do ensino sacerdotal, e de uma tradição religiosa conservada nos cultos publicos. Max Muller, nos seus *Novos Estudos de Mythologia*, estabelece nitidamente a base empirica d'esse Saber primitivo de experiencias feito : «para os nossos antepassados, para quem o labor era essencialmente a *lavoura*, as Estações eram verdadeiramente aquillo que o seu nome implica, *sationes* ou ensemeaduras ; do exito d'estas operações dependia não sómente a vida do seu labor, mas a da sua familia e dos seus rebanhos. Conhecer o tempo das *Saões*, era possuir a sciencia universal ; saber prevêr o tempo era ser propheta. Foi Mannhardt que abriu esta verêda : complacientemente insistiu sobre a funcção importante da agricultura na Religião e na Mythologia dos antigos e da legitimidade do logar consideravel que teve nos Mystérios da Grecia o culto de Demèter. Saber se fará sol ou chuva, se se poderá sem perigo viajar por terra ou por agua, era muitas vezes como

(1) Karl Blaid, *As ultimas descobertas em Troya*, Revue Internationale, vol. I, p. 398.

(1) *Nouvelles Études de Mythologia*, p. 57.

questão de vida ou de morte para as familias ou povoações inteiras; porque pasmar, se desde muito se conversou sobre isto?» Sobre este schema natural elaboram-se as representações mythicas dos phenomenos; como com toda a simplicidade procede Max Muller: «O nascimento do Sol na Primavera, na sua lucta contra os ventos, o seu triumpho final, o seu imperio no Verão, o seu declinar no Outono, depois a sua morte ou passamento, eis aqui para estes povos (tribus slavas da Europa oriental), os grandes acontecimentos do Anno. Estes jubilos e estes luctos populares são muitas vezes transformados em festas christãs; mas através dos véos com que a Igreja os cobre, reconhece-se facilmente os aspectos do velho Paganismo.» (1) Tambem Ozanan, apontando essas festas entre os Germanos, dá-nos o quadro commum aos povos indo-europeus, tal como ainda hoje existe na Europa: «A Noite e o Dia combatiam-se durante seis mezes, a Noite predominava e com ella o frio e a esterilidade; durante outros seis mezes, o Dia ia-se tornando vencedor. Tres festas celebravam o seu regresso triumphante: no Solsticio do Inverno, no Equinoxio da Primavera, no Solsticio do Verão: eram as epochas das tres grandes festas de Upsal. D'ahi tantas praticas pagãs que acompanham ainda a noite do *Natal* em todo o Norte; d'ahi os banquetes e as Dansas em volta da *Arvore de Maio*; d'ahi o uso por longo tempo conservado sobre as margens do Rheno, de celebrar as representações dramaticas, o *Combate annual do Inverno e do Verão*. Os dois personagens, vestido um de musgo e palha, o outro de fresca verdura, vinham ás mãos, e a victoria do Verão fazia o regosijo do povo, que o saudava com aclamações e em cantares.» (2) Max Müller traça este quadro na sua generalidade: «A lucta entre o Sol e o velho Anno, ou o genio do Inverno, durava até aos primeiros signaes da Primavera, até ao reverdecimento, ao regresso da luz e do calor. Os Romanos faziam começar o Anno ao mez de Março, os Slavos no primeiro dia da Primavera. Nesta epocha, nas proximidades do Equinoxio, é ainda costume em diversos paizes da Europa, botar o Anno fóra, *enterral-o*.— Para lançar fóra a Morte ou o Inverno, escolheu-se em diversos paizes da Europa o Domingo do *Laetare* (meio da quaresma) a sexta feira santa, o San Gregorio, o S. Rafael (27 de Março) e mesmo o 1.º de Maio. Por toda a parte as quatro datas essenciaes da carreira annual do Sol conservaram uma importancia capital na vida da familia ou da povoação, dando origem a dictados em que

(1) *Ibid.*, pag. 510.

(2) *Études Germaniques*, p. 67.

as legendas já não são comprehendidas, mas de que permanecem os vestígios nas locuções mais usuas.» (1)

Pertencem a esta representação as scenas populares e grotescas da *Serração da Velha* (*Segar la Vecchia*, na Italia) o *Enterro das Séstas*, o *Enterro do bacalhão*, a *Queima de Judas* e a *Chegada do Maio*. A isto refere-se Max Müller: «Estes divertimentos populares, que são como recordação materializada da crença da morte do *Anno velho*, tem logar pelo Equinoxio da Primavera; costumes analogos se agrupam em volta da *Epiphania* na primeira manifestação de Christo (na Estrella de Bethlem) aos *Gentios*.» Pelos seus grandes estudos dos monumentos védicos, Max Müller resume lucidamente o processo da elaboração d'estes Mythos fundamentaes da grande raça árica, nas suas duas fórmias a interpretação *solar*, e a *meteorologica*:

1.<sup>a</sup> O *raiar* ou *nascido* do Sol, o quotidiano triumpho da Luz sobre as Trévas; e o triumpho annual da Primavera sobre o Inverno. (O drama liturgico quotidiano da *Missa*, admiravelmente explicado por Eugene Burnouf; e o drama annual da *Paixão*, Morte e Ressurreição da Paschoa).

2.<sup>a</sup> A *Tempestade* ou o triumpho de um Deus luminoso sobre as Nuvens negras; a empreza de soltar as Aguas fertilisantes da prisão em que pareciam estagnadas durante a estação torrida. (Christo descendo ao Limbo para libertar as Almas; San Jorge vencendo a serpente ou Tarrasca; San João acordando com as trovoadas).

«Estes dois combates, continúa Max Müller, assumptos permanentes da Poesia Vedica, são muitas vezes intermeados, enfeitados de metaphoras, tão perfeitamente identicas, que é difficil saber em qual d'elles é que o poeta pensaria, a qual guerreiro solar e luminoso se dirigia o canto da victoria.»

«D'ahi duas escholas de interpretação, uma *solar*, a outra *meteorologica* (Khun) que se esforçam de applicar os seus principios quer aos Hymnos de Rig-Veda, quer a um grande numero de episodios da poesia aryana, uns vendo ahi o nascer do *Sol*, outros a *Tempestade*. Quanto a mim, sempre julguei a phraseologia *solar* e *vernal* como a mais importante e a mais primitiva na evolução mythica, pela rasão que os mythos solares e vernaes comprehendem todos os phenomenos que são de recorrencia regular e de natureza a deixar no espirito humano uma duradoira impressão.» (*Ibid.*, p. 105.)

Para fixar as duas grandes phases do *Anno solar*, os phenomenos astronomicos dos Solsticios e Equinoxios, das Se-

(1) *Nouvelles Études de Mythologie*, p. 511 a 513.

menteiras e das Colheitas, crearam-se as Festas religiosas, em que o corpo sacerdotal mythifica os phenomenos.

O computo do tempo, conforme o Anno era contado pela revolução do Sol ou da Lua, caracteriza as primitivas Civilizações, das Dynastias *solares* e *lunares*. Doze lunações formavam o anno de 354 dias, que abrangiam as estações; por isso os povos primitivos puderam regular-se pela simples successão das lunações. O Anno solar comprehendendo 11 dias mais, ou 365 dias, teve de substituir o *lunar*, procurando-se primeiro o modo de conciliar o seu computo, determinando um periodo em que o cyclo lunar se contivesse em um dado numero de annos solares. Tal foi o *Aureo Numero* ou o Cyclo de Meton. Os antigos investigadores, os *Sabs* procuraram esta conciliação do *Anno lunar* com o *Solar* pela instituição da *Semana* de sete dias, que se continham nas quatro phases da Lua. E esses 7 Dias foram designados pelo nome dos planetas visiveis mais os nomes da Lua e do Sol. A vida civil e religiosa achava-se subordinada á *Semana*; fixavam-se as festas cultuaes e os trabalhos agricolas, mas com a marcha do tempo desconcertavam-se os actos civis e os religiosos dos dias determinados. O nome de *Mez*, (*Mas*, *Mensura*, a medida,) era a unidade por que se computava o Anno; na India vedica o *Anno lunar*, ou de doze luas era differente do Anno solar, que tinha treze luas ou um 13.º *mez*. Lê-se em um Hymno vedico: «A roda dos *Doze Raios* realisa a sua marcha em volta dos Céos, sem nunca enfraquecer.

«Os Raios são *Doze* e a roda é uma só; trez são os Eixos; mas quem sabe isto? *Trezentos e sessenta dias* ahí estão reunidos, que são em certa fôrma moveis e immoveis.

«Todos os sêres residem n'essa Roda de Cinco Raios (as cinco Estações).»

N'este Hymno vedico ha a allegoria ao Anno de *doze mezes* e seus trezentos e sessenta dias cada um de doze horas, 6 decimas e 6 centesimas. Os Tres Eixos são os tres mezes de cada Estação. E' curiosissimo como esta tradição primitiva apparece na Europa medieval e ainda hoje persiste nos Ensalmos tradicionaes.

Quando Beda, no *De Ratione Temporum*, cap. 13, descreve o Calendario anglo-saxão, diz que os Mezes se mediam pelos cursos da Lua: «Todas as vezes que o Anno era commum cada Estação tinha *tres mezes*. Mas quando tinha de dar-se a intercalação, isto é, *um anno de treze mezes lunares*, acrescentava-se o mez excedente ao Verão.» Aqui se vê o accôrdo procurado pelos antigos povos para fundir em um mesmo computo o *Anno lunar* com o *Anno solar*; e este conhecimento descoberto pela sciencia sacerdotal e conservado na tradição

religiosa, fixou-se praticamente no Culto publico, ligando-se aos actos da vida domestica e festas populares. O conhecimento ainda sob o mysterio sacerdotal que apparece nos *Treze Raios* da roda do carro no Hymno vedico, foi transmittido por millenios até á sobrevivencia dos Esconjuros vulgares.

Os Romanos obedeceram tambem ao computo do *Anno lunar*, e o seu *Mez* começava com a nova Lua, em que o povo era chamado (*Calenda*) para as tribus assistirem ao Comicio: contando-se as Semanas por *none* e *idus* (os nove dias que precedem as calendas e os nove que lhe succedem. Como pela desigualdade do *Anno lunar* com o *solar*, deslocando as Festas publicas e religiosas da concordancia dos phenomenos naturaes do *Anno solar* (as Estações), Julio Cesar por indicação de um astronomico chaldeu reformou o *Calendario*, recuando 90 dias a 25 de Março, e mantendo-se-lhe pela intercalação de um dia supplementar de quatro em quatro annos a concordancia.

Pelo contacto de Roma com os povos orientaes da India, Syria, Arabia e Egypto, o systema hebdomadario das suas provincias penetrou na Capital, ficando já definitivo no III e IV seculo da Era moderna. No desenvolvimento da Civilização greco-romana prevaleceu o computo do *Anno solar*. Nos phenomenos religiosos predomina a immutabilidade; assim no estabelecimento do Christianismo, a Igreja impoz e mantem o *Anno lunar*, por onde regula as suas Festas moveis. O Equinoxio da Primavera, começava o *Anno estival*, em Março no 1.º Novilunio, era denominado *Abib*; a Festa da Paschoa judaica devia começar no dia 14 de Março, d'onde a necessidade de estabelecer a ordem dos dias. Tudo girava em volta do phenomeno da luz solar: o Mysterio de Mithra; de 21 de Março até 21 de Junho cresciam os Dias sobre as noites até se chegar ao maior dia do *Anno*; no phenomeno inverso, dia 21 de Dezembro a maior noite do *Anno*, era o ponto em que ia começar a nova luz, o Sol Novo ou *Deus Menino*, o *Natal*, o *Jul* a Trégua da Paz. A Igreja tomou estas manifestações calendaricas do *Anno lunar*, introduzindo na vida civil estes velhos symbolos transformando-os em Mysterios religiosos, theologicos, cultuaes, em Lendas de Santos, dansas, cantos, e actos liturgicos chegando a determinar fórmas dramaticas. O systema das Festas moveis da Igreja, que se ligaram á vida civil pela imposição da religião do estado, basêa-se sobre os dois phenomenos astronomicos *Entrada do Verão* (determinada pela Plenilunio equinocial posterior ao 20 de Março,)—a *Paschoa da Ressurreição*; e a Festa do Solsticio hiberna, a 23 de Dezembro, que vae começar a ressurreição de Dionysos, ou o *Sol Novo*, o *Deus Menino*, o *Natal* do Sol In-

victo. Com estes elementos tradicionaes a intervenção sacerdotal formou as representações em mythicas e mysticas do *Me-nino-Deus*, do *Cordeiro (Aries, do signo zodiacal)* sacrificado, do *Joven-Deus* que morre e resuscita, tomando estas figurações fórmulas cultuaes e divertimentos populares de *Cavalhadas, Dansas e Exodios*. Os phenomenos meteorologicos das *Aguas fertilisantes*; das *trovoadas e tempestades*, dão as *Reverdiés*, as *dansas debaixo da Arvore de Maio*, as *Fogueiras de San João*, a *procição apparatusa do Corpo de Deus*, e os *Imperios do Espirito Santo*. Sobre estas allegorisações da concepção astronomica e meteorologica se enxertou o culto catholico, assimilando á sua liturgia todos esses elementos que de mythicos se tornaram mysticos, evehmerisados em *Legendas agiologicas*, fixando os seus ritos liturgicos nas *trez grandes festas naturalistas do Natal, Paschoa e Pentecostes*. Em um documento de 1400, citado no *Elucidario de Viterbo*, apontam-se «as festas principaes do Anno, convem a saber: por dia do *Natal e Paschoa e Pentecostes*. . . »

Na parte profana ou vulgar estas festas deram ás *Canções lyricas da Primavera*, as *Reverdiés e Maierolles*, as *dansas agonisticas*, que pela estabilidade dos costumes foram o germen morphologico da idealisação das *Litteraturas das modernas nacionalidades*.

Sobre estas bases fundamentaes é que se aprecia a *belleza do Cancioneiro Sagrado*, em que os *Cantos populares* conservam a *ingenuidade das concepções primitivas* e o *sentimento vivo de um polytheismo e naturalismo poetico*, sem as *interpretações forçadas dos dogmas clericas*.

Filinto Elyσιο, que tinha sido o *padre Francisco Manuel do Nascimento*, e conhecia por officio o regimen das *Festas ecclesiasticas*, ao encetar uma *imitação dos Fastos de Ovidio* começa por invocar o *Sol e a Lua*, bases dos dois *computos annuaes*:

Tu, que os *Dias* governas compassados,  
Astro brilhante, amor da *Natureza*,  
E tu, que ás *Noites* dás desigual lume,  
E a terra e o mar com brando *influxo animas*,  
Meus versos *inspirae*, pregoadores  
Das *Festas*, dos *Costumes* revolvidos  
Na *annual carreira* dos *trabalhos* nossos ;  
.....

Os *Fastos portuguezes*, que deveriam ser *maravilhosos*, pelo sentimento do *passado*, que animava a *longevidade* de *Filinto Elyσιο*, não passaram de uma *tentativa de 169 versos*. (*Obr.*, t. IV, p. 24.) Em uma das suas *notas caturras*, descre-

ve o plano: «Tinha, á imitação de Ovidio, começado estes *Fastos*, onde dêsse conta das nossas *Festas christãs*, das nossas *Romarias*, *Cirios*, *Festejos* que as acompanham, e outros ritos, que são de nosso uso; quando uma doença e outras occupaões me atalharam de as continuar. Deito este bosquejo a Deus e á ventura; se me constar que agrada, proseguirei, incluindo n'elle os avisos que me vierem das pessoas, que quizerem concorrer para consagrar, n'um Poema nacional, os usos que recebemos de nossos Maiores ou os que nós instituímos.» Na epoca de Filinto começava a ser estudada e colligida a Poesia popular entre algumas nações da Europa; a ethnologia colligia as descripções dos costumes, que maticavam os livros dos viajantes. Filinto comporia um bello livro dos *Fastos portuguezes*, por que eram muito vivas as suas impressões da mocidade plebêa; mas hoje temos melhores condições para qualquer poeta, dispondo de fôrma, compôr esse poema nacional: são os proprios *Fastos* feitos pelo povo, cantados e amorosamente conservados na sua tradição. Quem emoldurasse em quadros pittorescos, descriptivos e vivamente sentidos, todas essas poesias do *Cancioneiro sagrado*, tornaria esse commentario animado uma obra artistica e scientifica com o maior relêvo nacional.

#### A) FASTOS DO ANNO

*Anno bom — Janeiras — Reis.* (p. 3 a 30.)—O 1.º de Janeiro é propriamente um complemento do Natal, em que começava o Anno solar. A tregua de Yul, era continuada na Outava d'essa festa no culto de *Janus* (deus da paz); dando o nome de Janeiro ao primeiro mez do Anno novo. O costume das mutuas offerendas ou *Estrêas* (*Strenna*) conservou-se na Igreja, que debalde o tentou substituir pela festa orthodoxa da *Circumcisão*, instituida pelo canon 170 do Conclio de Tours, de 562. Diz Santo Agostinho, no Sermão 198: «Os pagãos offerecem *Estrêas*, dae vós esmolas; divertem-se com cantares impuros, escutae vós as Santas Escripturas; vão para os theatros, vinde vós para a Igreja; embriagam-se, jejuae.» Por esta prédica de Santo Agostinho vê-se a persistencia dos costumes populares através da influencia clerical. Nas festas do Anno novo celebravam-se as *Sigilares*, tocando buzinas pelas portas, em Roma. O parallelismo d'este costume entre todas as nações da Europa provêm da primitiva concepção do Anno solar representada nas mythificações da *Entrada do Verão* e da *Expulsão do Inverno*. Os puritanos deblateravam contra as *Estreas* «como uma tradição da idolatria pagã, derivada das festas do *Janus*, o deus bifronte (*Pryane*, *Histrio-Mastix*.) Da designação romana de *Calendas januari*, pro-



veiu a palavra bretã *kalana*; *Chalandé*, as festas do Natal, e *Goilandé*, que nos explica a forma hespanhola do *Aguinaldo*, que se cantava para pedir as Estrêas do Anno novo, os filhos aos paes e a gente pobre pelas portas dos ricos.

Nos *Conceptos espirituales* de Alonso de Ladesma, de 1605, vem este grito infantil em um canto de saudações pelo Anno novo:

*Aguinaldo ! aguinaldo !*  
Que Dios vos dê *buen Año*.

Estas puertas son d'acero,

*Aguinaldo !*

Aqui vive un caballero

*Aguinaldo !*

Por sus pecados pechero,

*Aguinaldo !*

Que es nuestro padre primero;

*Aguinaldo !*

Mas darle por nuevas quiero

*Aguinaldo !*

Que su bien está cercano

*Aguinaldo !*

Que Dios vos de buen año.

E se o rancho não é attendido faz a despedida insolente

Estas puertas son de pino ;

Aqui vive algun judio.

Segundo Belloguet *Eghinad* é em dialecto bretão leonez a Estrêa: «Devemos acreditar que este grito do tempo antigo, que solicita ainda, segundo se diz, as Estrêas em algumas partes da França, seja uma reminiscencia popular de uma cerimonia druidica supprimida ha quinze ou dezoito seculos pelo christianismo e pelo polytheismo romano?—A significação d'este grito pôde ser conservada através das variações da linguagem, de que é mesmo um curioso exemplo... Acho n'elle alguma cousa que se pode referir ao Anno novo, e os nossos Annos francezes da Edade média começavam uns no primeiro de Março e outros na Paschoa e no Natal.» (*Ethn. gaul.*, III, 294.) Na poesia popular da Galliza canta-se :

Despedida d'ano vello,

Entradinhas d'Ano novo;

Os senhores d'esta casa

A cantan con grande goso. (1)

(1) Murguia, *Hist. da Galliza*, t. II, fls. 1, 2, 3, 4.

Dio se lo pague, señora,  
 Dios queira que d'hoi en un ano  
 me dea usté el *Aguinaldo*  
 con seus queriditas manos.

Tambem se empregavam estes cantares nas festas dos *Reis* e nas *Sebastianas*, como se vê pelos romances populares:

Dia era de los Reyes,  
 Dia era señalado,  
 Cuando dueñas y doncellas  
 Al Rey piden *aguinaldo*.

(Duran, *Rom. gor.*, p. 738.)

Os poetas comicos portuguezes referem-se pittorescamente a estes costumes populares; lê-se nos Autos de Antonio Prestro :

Quebrae-me os pandeiros,  
 Fazei-vos agora por mim *Janeireiros*.

(Auto, p. 10.)

N'um, pintar-lhe *Anno bom*,  
 N'outro — Maria Parda.

(Ib., p. 32.)

E' conhecida a determinação do Senado de Lisboa, no tempo de D. João I: «que d'aqui em diante em esta cidade e em seu termo nem se cantem *Janeiras* nem *Maias*, nem a outro nenhum *Mez* do anno, nem se lance cal ás portas sô titulo de Janeiro. . . .» A cal espalhada symbolisava a neve, vestigio da expulsão do Inverno.

No seu fragmento da tentativa de uns *Fastos portuguezes*, á imitação de Ovidio, na sua parte descriptiva intensamente pittoresca e nacional, Filinto Elysio esboça laconicamente a festa domestica do *Anno bom*, e o rito religioso da Circumcisão em que o :

..... «Restaurador do mundo  
 Hoje com sangue rubricou divino  
 Os ensaios da Redempção sagrada;...

e trata immediatamente de tecer os seus versos — de terreno assumpto. Descreve pittorescamente as offerendas, presentes e *Estreas* do Anno novo, ou *Annos boinos* :

Já dos *Bons Annos* fervida cohorte  
 Busca as portas dos ricos, invejadas;  
 Bandejas de xarão lhe vão no alcance,  
 Co' as *trouxas* loiras, com os pardos *fartes*,  
 E c'os antigos *bólos de refêgo*,  
 Caseiro dom dos nossos bons *Maiores* :  
 Algumas vós mandaes, mimosas freiras,  
 Devotas mestras de bonéca e doce,  
 Ao nédio confessor escrupuloso,  
 E ao bem fallante, apessoado primo.

Depois o poeta descreve demoradamente a scena do beija-mão no paço da Ajuda, um verdadeiro quadro com toda a sua chnezice do tempo do posso, quero e mando. E em seguida vem o contraste da festa de galla official :

Oh quanto é mais feliz o villão tôsko,  
 De rubicunda, prazenteira face,  
 Que em torno da lareira co'as saloias  
 Canta ao som da viola, que reclama,  
 As simples trovas das pagãs *Janeiras* :  
 Que o cangirão empma, a certã meche  
 Do saboroso lombo, que rechia ;  
 Sem pretender do Céu maior riqueza  
 Que uma farta colheita, e um manso cura.

Completamos o quadro com a impressão recebida na ilha do Fayal, do archipelago açoriano, por um distincto escriptor, que estuda com sympathia os nossos costumes:

•E' um costume popular, antigo entre nós, cantar pelas portas nas vespas do Anno novo e do dia de Reis. Este costume, seguido ha alguns annos, na cidade, por quasi toda a gente, mesmo da mais illustre, vae-se perdendo actualmente na Horta, conservando-se, todavia, nas freguezias ruraes.

•As canções do *Anno Bom* e *Reis* são cantadas com a mesma musica triste, plangente e monotona, que se casa bem, em geral, com o tom sombrio d'estas noites alagadas de inverno, em que o céu é cheio de nuvens, e o vento se abate sobre os campos, torcendo os canaviaes que gemem na borrasca. Quando, porém, o tempo é sereno, e as estrellas brilham vivamente, com esse brilho estranho que ellas só tem nas claras e frias noites do inverno, e o Pico se ergue ao fundo da paisagem gelada envolto no seu manto de neve que o cobre até meio, — então, aquella melopeia compassada e quasi funebre, é de um effeito singular e melancholico.

•De espaço a espaço a musica toma um tom mais vivo de

*alegro*, para recair em seguida no tom primitivo. Um tambor acompanha o canto, com um rufo prolongado crescente e ondulante, intermeado de pancadas seccas e compassadas.

«Em geral é de seis o numero de individuos que cantam a cada porta: tres cantam uma *pauta*, os tres restantes a outra *pauta*. Chamam *pauta* ao grupo de dois versos.» (1)

*Reis, Epiphania.* — Filinto refere-se no seu fragmento dos Fastos portuguezes, á luz do alto, a Estrella, que guiou os Reis Magos e que fulgurou sobre o presepio :

Salvè radiosa Estrella, que guiaste  
 Por ignotos caminhos desviados  
 Os *Tres Reis*, os tres Sabios venturosos,  
 Da resgatanda gente altas Primicas.  
 Que prazer! vêr prostrados tres Monarchas  
 A's plantas infantis do Rei supremo!  
 Prostrado eu vi seguir-lhe o exemplo vivo  
 José, rei sem igual dos povos Lusos.

.....

A Estrella era o *Sol Novo*, nome do Mytho identificado com o Christo, celebrando-se na Egreja do Oriente o seu natal em 6 de Janeiro. O nome grego *Epiphania* foi empregado para significar a Estrella de Belem; mas este evehmerisou-se na imaginação popular em *Befania*. Escreve Max-Muller: «Estes divertimentos populares, que são como uma recordação materialisada da crença na morte do velho Anno, tem lugar pelo equinoxio da primavera: costumes analogas se agruparam em volta da *Epiphania* na primeira manifestação do Christo aos Gentios. Chama-se *Befania* ou *Befana* o manequim levado em procissão e destruido n'esta occasião, e o seu nome parece uma corrupção de *Epiphania*. Causa estranheza o terem identificado a *Epiphania* com os costumes que assignalam a expulsão do velho Anno; parecia mais natural que se confundisse com os costumes em honra do regresso da Luz, e do Anno novo, quer solar ou civil. Torna-se necessaria uma explicação, e bem simples: a morte do velho Anno e o nascimento do novo, são inseparaveis, e de facto, o dia da vespera da *Epiphania*, como se constata na Italia e na Suissa, nas explosões semelhantes da alegria popular» (2). O pensamento de Max-Muller verifica-se nos costumes inglezes observados por Court de Gebellin :

(1) Gen. Henrique das Neves. *O Açoriano*. Anno II, n.º 23. Horta, 1885.

(2) *Nouvelles Etudes de Mythologie*, p. 513.

«Em algumas provincias da Inglaterra accendem-se fogueiras nos montes na noite da festa dos Reis; as *Candêas dos Reis*, em uso n'esse reino, devem ser uma continuação dos mesmos usos, e estas tochas accesas para procurar algum personagem celebre.»

O poeta comico Antonio Prestes allude a estes cantares dos *reizeiros* :

Primos, se formos bem pagos,  
de terreiro aqui diremos,  
cantaremos, bailaremos  
bem cantados uns *Reis Magos*.

(*Autos*, p. 170.)

Cantae-lhe os *Reis*, se cumpris.

(*Ib.*, p. 240.)

As festas populares dos *Reis* chegaram até ao rudimento dramatico, constituindo o typo denominado *Reisadas*. Apresentamos o aspecto da realidade actual, nos arredores do Porto :

«O rapazio teve hontem noite de gaudio a *cantar os Reis*, por essas ruas fóra.

E' de usança velha no norte, cantar-se o *Natal*, o *Anno Bom* e os *Reis*, á noite, na véspera de todos estes dias solemnes.

Os rapazes juntam-se em bandos.—Uns ferrinhos, um tambor e umas campainhas e eis a orchestra que acompanha as vozes que cantam. O chefe da *troupe* entôa :

São chegados os tres Reis  
Das bandas do Oriente,

e o côro repete isto, n'um grande berreiro, ao som estrugidor dos classicos instrumentos.

Depois de *cantados os Reis*, cantam-se os vivas aos moradores das casas a cuja porta se dá a original serenata :

Viva a sr.<sup>a</sup> Fulana  
Raminho de salsa crúa,  
Quando se põe á janella  
Allumeia toda a rua.

ou

Viva o sr. Fulano  
Homem de muito respeito,

Quando sae de sua casa  
Parece um amor «prefeito»

Estes descantes de *boas festas* não são mais do que um pretexto para se receber a consoada.

Se a gente da casa, a cuja porta se canta, mimoseia o bando com alguns cobres, enãoam-se outros *vivas*, mais encomiasticos e pittorescos do que os primeiros; mas se fazem ouvidos de mercador á vozearia dos rapazes, ai, pae do céu! então o *vacarme* recrudescce, mas d'esta vez, de troça, como uma *latada* coimbrã, e a *troupe* canta:

Esta casa cheira a unto,  
Aqui mora algum defunto?

Esta casa cheira a breu,  
Aqui mora algum judeu?

E muito glorioso da sua desforra, o rapazio segue para outra parte, aonde vae berrar a mesma cantilena.» (Do jornal *Actualidade*.)

*A Candellaria — Purificação da Virgem.* — Festa de 2 de Fevereiro, primitivamente as *Februales* de expiação pelos mortos, d'onde a denominação do mez. O Christianismo deixou ficar a pratica consuetudinaria, dando-lhe um sentido diverso; dil-o Innocencio III, em uma das suas homilias, que a festa da Purificação e Appresentação da Virgem se instituiu para acabar com as festas de Ceres e as Lupe:caes. As lampadas que se accendiam aos mortos, e a *candea* que se metia na mão do morihundo, passaram para o Christianismo com a interpretação forçada de purificação, e da luz espirital de Christo prophetisado por Simeão. No Cancioneiro trobadoresco da Vaticana, muitas das Serranilhas dos seculos XIII e XIV referem-se a esta festa das *Candêas*:

Quer'eu agora mui cedo provar se poderey  
Eu *queimar mhas candêas* con gran coita qu'ey,  
e por ver hoy meu amigo log'i.

(Canç. n.º 265.)

Fui eu rogar muit'a nostro senhor,  
nom por mha alma *candea quemey*,  
mais por veer a que eu muyt'amei.

(Canç. n.º 239.)

Nunca tantos *estandaes*  
arderam ant'o seu altar...

por onde auerà vos digo  
ant'el lume de bugia...

(Canç. n.º 807.)

Antonio Ribeiro Chiado no *Auto das Regateiras*, caracteriza a festa popular :

A festa já não é nada  
Sem *candeas*, verdes, junquete,  
Coscorões, figos, jergilada  
e com pedras de vinhete.

Em 3 de Fevereiro a festa de San Braz ou Santa Brizida é ainda uma *Candellaria*. No Estudo sobre *Os Fastos do Calendario anglicano*, aponta-se essa relação naturalista: «Todos os derivados de Blaze exprimem o grande brilho da luz, alguma cousa de flamejante. Alguns etymologistas antiquarios pretendem que as festas de San Braz se ligam ao costume dos cirios da *Candellaria*, e accrescentam que em muitas provincias se accendiam fogueiras de alegria no dia 3 de Fevereiro em honra do santo pelos plncaros.» (*Revue britannique*.) 1852, t. I, p. 255 )

A festa ainda subsiste na fórmula de arraial: «No Lumiar é costume fazer-se arraial e feira, a qual dura tres dias, festejando tambem San Braz. Eguualmente na feira uns lavradores, depois da compra de gado, compram as *candêas* em rolos de cêra, dando tres voltas á roda da egreja para ficarem livres do *mão olhado*. O gado costuma recolher levando nas hastes *candêas* enroladas.» (*Diar. Not.*, 2-2-1894.)

*San Gonçalo*. (Pag. 30.) Muitas das Cantigas de San Gonçalo conservam os vestigios do primitivo culto phallico : (Vid. *O Povo Portuguez, nos seus Costumes, Crenças e Tradições*, t. II, p. 259.)

No fragmento dos *Fastos*, descreve Filinto Elyσιο a devoção de San Gonçalo de Amarante, a quem as cantigas chamam *casamenteiro das velhas* :

Perto das bordas do soberbo Tejo,  
Que as vassallagens recebeu outr'ora  
Dos Ganges, do Indo e do Amazonio Rio,  
Se ergue um marmoreo templo, onde reside  
Quem, sobre o manto, navegou sem medo

As itálicas ondas, salvo e enxuto.  
 Dias treze, a que a vã gentildade  
 Deu o nome da bella e impura Deusa,  
 Convidam as Donsellas lisbonenses  
 A buscar d'este Santo as puras áras :  
 Devotas umas vão, outras não tanto,  
 Mas todas confiadas na valia  
 Do Intercessor do casto matrimonio,  
 Unico voto das não frias Nymphas.  
 Vós o sabeis, austeros cenobitas,  
 Que recebeis os ovos e as pescadas,  
 Insigne dom da piedosa força,  
 Com que ao Céu esta graça quasi arrancam.

(Obr., t. IV, p. 28.)

*A Paixão.* — Transcrevemos das *Lendas christãs* o estudo ethnologico sobre a origem e sentido d'esta festa : «E' no equinoxio da primavera precisamente que Christo pela sua *Paixão* redime os males da humanidade ; tambem em igual época do anno os judeus fixaram a sua Paschoa, na lua cheia do equinoxio da primavera, isto é, no momento do anno em que o Sol fez a *passagem* para o solsticio do verão, em que as forças beneficas do calor vencem as forças maleficas do frio do inverno. Os judeus e christãos chamam a esta festa a *passagem* cu paschoa.

A universalidade d'este phenomeno foi causa de apparecer em todas as religiões solares esta forma cultural da *Paixão* : entre os egypcios era a morte e a ressurreição de Osiris ; os phenecios celebravam a morte e ressurreição de Adonis, e os phrygios as tragicas aventuras de Attys. Sobre tudo, na religião de Mithra, que era a adoração do Sol pelos Magos, é que se encontram as maiores analogias com a morte e ressurreição de Christo. Mithra, que nasce como Christo, em 25 de Dezembro, morre assim como elle, e tinha tambem um sepulchro sobre o qual os iniciados vinham fazer lamentações. Os magos levavam a sua imagem, de noite, a um tumulo que tinham preparado, e era estendido sobre um sudario, n'um esquite, como Adonis ; a procissão analogia á de sexta feira santa, era acompanhada de cantos funebres e actos de penitencia, tendo accessó o cirio paschal. O *Touro* de Mithra acha-se substituido pelo *Cordeiro* de Christo, porque os dez mil annos de distancia que vão da religião dos magos á dos padres, fizeram com que este phenomeno annual, pelo effeito da precessão dos equinoxios, se deslocasse do *Signo* do *Touro* para o do *Cordeiro*. Tertuliano e S. Justino notaram estas intimas analogias das duas religiões, e attribuiram-as a obra do



diabo. Era um modo de illudir a continuidade historica, essa terrivel arma da critica, que tira todo o prestigio ás instituições.

Os mais antigos apologistas do christianismo concordam que o mithriacismo tinha sacramentos, taes como o baptismo, a penitencia, a eucharistia e as benções; tinha a corôa de martyrio e a consagração da virgindade, a crença em anjos bons e máos, e as penas e recompensas.

Assim como os christãos representam Christo pregado no madeiro da cruz, os phrygios, adoradores do Sol sob o nome de Attys, representavam-o na sua paixão por um mancebo amarrado a uma arvore (o pinheiro, que os christãos conservam no costume da *Arvore do Natal* e no *Trafogueiro*), que se cortava com cerimoniaal.

Ao pé da arvore estava o Cordeiro como emblema do signo equinoxial da primavera. Estes mysterios de Attys duravam tres dias de lucto e tristeza, aos quaes se succediam os dias de alegria ou as festas hilarias, em que o sol Attys triumphava das noites grandes.

Osiris e Baccho, ambos representados com a antiga forma de Touro equinoxial, morriam e resuscitavam como Christo. Os padres da igreja conheceram as analogias que tinha com a Paixão de Osiris, com a de Jesu Christo; Athanasio, Agostinho, Thimoteo, Athenagoras, Minucio Felix, Lactancio e Firmico fazem a comparação, quando descrevem as cerimoniaes que se praticam no sepulchro do Deus Sol Osiris, morto por causa da Serpente do mal ou Typhon, e a sua ressurreição unindo se a Horus o triumphador das Trévas.—Como Christo, Baccho era tambem chamado *Salvador* (Soter), e como elle tambem fazia curas millagrosas, e os seus crentes esperavam pela sua vinda futura, como no millenarismo christão.

Christo, nascido como o Sol no solsticio do inverno, e triumphante no equinoxio da primavera sob a forma do Cordeiro equinoxial, reúne em si o syncretismo de todos os elementos mythicos dos cultos solares. Esses elementos, como o provam os trabalhos de Emile Burno (1), de Baudry, de Liebrecht, de Jacob Grimm e de Schwartz, ainda se conservam nos costumes populares em usanças, como a *Serração da velha*, *Maio miuiola*, a *Caçada furiosa*, *Porco preto*, (de Braga) *Fogueiras de San João*, e outros fragmentos que pertencem a um systema de ideias de que o povo já não tem uma completa comprehensão. (*Op. cit.*, p. 161 a 165.)

Darmesteter, no seu bello livro *Os Prophetas de Israel*, explica o processo formativo porque estes mythos orgiasticos se syncretisaram no christianismo.

«Os christãos-gentios adoptavam a fé nova nos meios em

que a propagavam, por empréstimos, successivamente maiores, ás mythologias da Grecia e da Syria e á metaphysica do seu tempo. D'ahi proveiu uma religião mixta, transacção entre o passado e o futuro, e que conquistou o mundo, ao qual fez muito bem e tambem muito mal : muito beni, porque levantava o nivel moral da humanidade, muito mal, porque ella paralytava o seu desenvolvimento intellectual rejuvenescendo o espirito mythico e fixando por seculos o ideal metaphysico da Europa nos sonhos da decadencia alexandrina e nas ultimas combinações do hellenismo cahido na puerilidade.» (Darmesteter, *Les Prophetes de Israel*, p. 172.)

*Thammuz* — 4.º mez do anno syrio-caldaico, a contar do equinoxio da primavera : esta festa consistia nos prantos pela sua morte, depois do solsticio do verão (correspondia a julho.)

No mytho de Adonis, deus do verão, o mez de Junho chamava se *mez do porco* ou *do javali*, por causa do deus inimigo que lhe dera a morte sob esta forma. (Creuzer, trad. Guign., *Relig. ant.*, t. II, p. III, p. 922.) Vid. festa do *Lorco preto* em Braga.

A religião popular conserva ainda a materialisação a que desceu o Mytho primitivo da concepção naturalista ; basta lêr essa noticia de uma Semana Santa na Aldeã de Fatella, concelho do Fundão. Transcrevemol-a da *Vanguarda* (N.º 125, de 4-V-900) :

«Na Fatella, povoação rural d'este concelho, foram este anno as cerimonias da Semana Santa representadas tanto ao vivo, com consentimento do seu parochio, acolytado pelos seus collegas de Valverde e Alcaide, que horrorisaram todos quantos presenciaram semelhante attentado contra o seu Deus, até os mais carolas gritavam em altos berros : — «Largae o nosso Deus, e não o façaes soffrer mais !.» etc., etc.

Imaginem os nossos caros leitores que havia na igreja mais de cincoenta homens, dos mais valentes da terra, vestidos com tunicas amarellas, encarnadas e verdes, e de botas altas, commandados por um «general botas», com espadim e grandes plumas escarlates. A voz d'este general todos os «militares» vinham armados de grossas lanças, com as quaes fingiam que cravavam o Christo.

Estando o parochio da Fatella prégando, o commandante d'esta «tropa de judeus», como lá lhe chamavam, chegava a puxar pela cabeça do Christo e a fazer a menção de o querer arrastar. Era n'esta altura que o povinho mais ingenuo gritava e lhes chamava judeus infames, que queriam matar o seu Santo Deus. «Deixae-o ! repetia a vozearia ; não o façaes passar mais martyrios !.»

Outros assistentes riam a bom rir d'este pagode dentro de um templo sagrado, e com a assistencia de uma grande parte do clero d'este concelho.»

*Vespera do Espirito Santo* — 20 de Maio — «E' um dos antigos e celebres costumes d'esta no'bre villa (Guimarães) a *Procissão* que n'este dia, vespera do Espirito Santo, faz a Camara por voto, chamado da *Candeya*, que he um andor todo de cêra, da qual fabricadas muitas flôres e enganosas fructas, servem de adorno á circumferencia de uma esphera, em que se engloba a quantidade de varas de rolo, que dizem ser a medida, que da Villa se tomou no tempo da peste, sobre o qual globo serve de remate um ramo de oliveira, em que se vê uma pomba, tudo de cêra, como figuras da Senhora da Oliveira, e do Espirito Santo, em cujo festejo faz a Camara aquelle andor todos os annos a todo o custo, ao qual vae conduzir o reverendo Cabido com as Commnidades, e Camara para a real Collegiada, em cujo Padrão se benze muita quantidade de pães miudos, que o Senado com o ministro da justiça distribuem geralmente ao povo, que d'elles se aproveita com muita fé para mordeduras de cães danados.» (1)

As festas do *Espirito Santo*, de origem aristocratica, quasi completamente esquecidas no continente, ainda estão no seu fervor primitivo nas ilhas dos Açôres, e conservam o nome historico de *Imperio dos Nobres*

Nos Apontamentos historicos de Coimbra, do dr. Ayres de Campos, vem uma curiosa noticia do *Imperador de Eiras*, d'onde aproveitaremos bastantes subditos. (2) Esta solemnidade foi estabelecida pela rainha Santa Isabel, mulher de Dom Diniz, na villa de Alemquer, e d'ali passou para os paços de Cintra, até que se alargou a todas as povoações, como se pôde vêr nas Chronicas de Frei Manoel da Esperança, (3) e Dom Fernando Correia de Lacerda, bispo do Porto. (4) A origem da festa do Espirito Santo, em Eiras, acha-se descripte pelo dr. Fabião Soares de Paredes, vigario da freguezia em 1734; e do manuscrito da junta de parochia, intitulado *Bol dos conf-ssados da Freguezia de Sam Thiago da Villa de Eiras*, tirou o dr. Ayres de Campos o seguinte extracto: «Consta

(1) *Guimarães agradecido, segunda parte do Applauso Metrico que a celebre Academia de Guimarães, etc.*, p. 43.

(2) *Instituto de Coimbra*, vol XII, p. 43.

(3) *Historia Seraphica*, P. I, L. I, c. XXXVII, e P. II, L. IX, c. XVII.

(4) *Historia da Vida, morte e milagres*, consideração, etc., 194.

por tradição antiquissima entre os moradores d'esta villa, que sendo combatida da peste a comarca de Coimbra, todos elles com o seu parochio entraram a fazer gravissimas deprecações ao Divino Espirito Santo para que os livrasse de tão grande estrago ; e como quer que ficassem singularmente livres, logo fizeram voto ou promessa de em todos os annos elegerem um homem dos melhores do povo, a quem os mais haviam de tributar offertas dos seus fructos, para que com o nome de *Imperador* do Espirito Santo, festejasse ao mesmo Divino nos dias da Paschoa, da Ressurreição e Pentecostes, etc.» A descripção é extensa e curiosissima, e em nada discrepa com os usos dos Açôres. A origem das festas do Espirito Santo em muitos pontos dos Açôres proveiu do conflicto da peste, e Cordeiro conta o *milagre da Pombinha*, d'onde nasceu o *Imperio dos Nobres* de Ponta Delgada. Muitas Constituições dos Bispados e Cartas Pastoraes combateram esta festa que se tornava popular, mas nada conseguiram. O Padre Manoel Fernandes, (1) explica a persistencia da festa, porque «cae n'aquelle tempo do anno o mais faminto, e particularmente em terras menos populosas, fica esta devassam reparando muito da penuria do tempo e alegrando a gente porre em aquelle modo de festa.» Em uma nota que acompanhava as cantigas da *Folia do Espirito Santo*, dizia o dr. João Teixeira Soares : «A devoção com o Espirito Santo e as festas que hoje nos Açôres em sua honra se celebram, tiveram origem no continente. Importaram-nas no Archipelago os primeiros colonos. Foram ainda nos Açôres em seu principio uma devoção e festividade toda aristocratica. João Soares d'Albergaria em Santa Maria, e João Vaz Côrte Real em Angra, foram seus grandes devotos. Esta devoção teve nos primeiros tempos uma mais ampla esphera caritativa do que hoje ; as irmandades sustentavam hospitaes e praticavam a assistencia domiciliaria. Foi sobre estas irmandades que assentaram as da Misericordia que ha nos Açôres, conservando sempre annexa a primitiva instituição, que por ser sustentada pela classe nobre d'ellas, sempre o melhor da terra, se denominava o *Imperio dos Nobres*.

«Hoje são uma instituição eminentemente popular e a mais ruidosa dos Açôres. Só com o volver de muitos seculos se poderá modificar, tão implantada está nos habitos e costumes populares.

«Lembro-me ter lido ha muitos annos em uma nota do *Passeio* de Costa e Silva, que este ainda conheceu a coroa-

(1) *Alma Instruida*, t. II, p. 914.

ção e festividade do Espirito Santo, nas immediações de Lisboa.

«A folia compunha-se primitivamente de cinco foliões; hoje ordinariamente são quatro; — os instrumentos musicos de que usam são tambor e pandeiro. Em S. Miguel usam viola ou rebecca; um d'elles leva uma bandeira branca ou vermelha com insignia adequada, em pintura ou bordadura, etc.

«Antigamente nas cabeças dos Municipios eram as Camaras quem faziam a nomeação dos foliões, constringendo-os até com prisão ao exercicio do cargo; e isto pela rasão de que ellas tambem se serviam de Folia nas festividades religiosas que tinham a seu cuidado!

«O Cancioneiro da *Folia* tem pouco de privativo, recorrendo quasi constantemente os foliões ao cancionero geral.

«Os foliões têm de mencionar em cantigas especiaes cada um dos manjares que vem á mesa; e no fim tem de adivinhar os objectos que vem cobertos, o que de ordinario é objecto de longo processo. Remetto este cancionero mais para desengano dos que o suppõem rico (o que tambem suppuz em algum tempo) do que pela sua importancia» (De um viajante.)

«Esta festa é a do *Espirito Santo*, que em todos os Açôres é celebrada ruidosamente e caracteristicamente. Em seguida ás sete tristes semanas da quaresma, começam para os açorianos sete semanas de alegria e regosijo popular, em todas as povoações das ilhas e em honra do *Espirito Santo*. Estas festas variam segundo as localidades, mas com pequenas variantes. A que vamos descrever é reproduzida da que tem logar em uma pittoresca aldêa do norte da ilha de S. Miguel.

«Ha uma especie de confraria, cujos cargos variam annualmente e são distribuidos como adiante se verá. O mordomo arrecada os donativos, em generos, dos diferentes irmãos, á medida que se fazem as colheitas, generos que depois são vendidos por elle para, com o producto respectivo, acudir ao custeio das festas. Uma vez realisado o dinheiro, com uma parte d'elle compra meia duzia ou uma duzia de vitellos, conforme a importancia da confraria e distribue cada um d'elles a um lavrador, que o deverá sustentar gratuitamente, até á setima semana do Espirito Santo.

«Os emblemas do Espirito Santo (espadim, bandeira de damasco vermelho com a *pomba* bordada ao centro, corôa e sceptro de prata) acham-se durante o anno em casa de um dos irmãos a quem por sorte coube a primeira dominga (premio gordo); na segunda feira de paschoa arma este irmão n'uma sala, em sua casa, um throno semelhante áquelles em que é exposto o Santissimo, ornado com profusão de castiçaes e flôres, e no cimo do qual é posta a corôa e o sceptro, em uma

salva de prata, tendo a um lado a bandeira e do outro o espadim.

«A' noite illumina-se o throno, reúnem-se as famílias das relações do *irmão* e depois de uma curta resa dançam, cantam e jogam jogos de prendas na mesma sala, que está ornamentada segundo as posses do irmão, que em todo o caso faz sempre uma despeza apreciavel, como se verá; esta folia repete-se todas as noites, durante os sete dias da semana, sendo mais importante aos domingos.

«Chegado o 2.º domingo, organisa-se de manhã um cortejo á porta do *irmão* e á frente do qual vão tres ou quatro homens vestidos com uma opa de chita adamascada e com uma mitra bi-partida na cabeça, forrada da mesma fazenda da opa; cada um d'elles leva um instrumento, tambor, pandeiro, rabeca, ou viola, levando, além d'isso, o do tambor, uma bandeira do Espirito Santo.

«Estes quatro sujeitos são chamados os *foliões* e vão durante o percurso recitando quadras, em geral improvisadas, allusivas á festa, ao *imperador*, aos *irmãos*, etc. Atraz d'elles segue um irmão com o espadim, em seguida outro com a bandeira e atraz um outro com a corôa e o sceptro, e ao lado do qual vae uma creança, rapaz ou rapariga, que ha de ser coroada *imperador* na igreja onde o cortejo se dirige assim, acompanhado pelo povo.

«Nas localidades em que ha mais de uma confraria reúnem-se todos os diferentes cortejos e entram ao mesmo tempo na igreja indo collocar na capella mór os emblemas do Espirito Santo. Antes de começar a missa, o padre colloca nas cabeças das creanças (*imperadores*) as respectivas corôas, incensa-as e a ellas e depois voltando-se para o povo, que enche a igreja, faz uma cruz com o sceptro e abençôa os circumstantes. Em seguida, as corôas são collocadas sobre uma meza ao lado do altar mór, permanecendo os *imperadores* com os sceptros na mão durante a missa. Finda esta, o padre colloca novamente as corôas nas cabeças dos *imperadores* e o cortejo segue pela mesma fórma para casa do outro *irmão* a quem cabe a *dominga* immediata. E assim successivamente, até á setima *dominga*, em que o cortejo, ao sair da igreja, se dirige para uma tribuna de pedra ou de madeira, situada n'uma rua ou largo, e de uns 16 a 20 metros quadrados, onde são collocados os emblemas e onde fica o *imperador* acompanhado de varios *irmãos*. Algumas d'estas tribunas são feitas com luxuosa cantaria e envidraçadas, como as da ilha Terceira, em Angra. N'estas tribunas ou *imperios*, como são denominados, são recebidas durante esse dia as offertas dos devotos, gallinhas, pombos, coelhos, doces, ovos, etc. A meio da tarde começa a fazer-se o leilão d'estas diferentes

offerendas, cujo producto é entregue ao mordomo do anno immediato.

«Findo o leilão, são tirados á sorte os cargos que incumbem a cada irmão no Espirito Santo seguinte e as pensões que devem dar.

«O mordomo que, como vimos, com uma parte do dinheiro realisado durante a sua mordomia, comprára uns tantos bezerros, emprega o dinheiro remanescente na compra de uma pipa de vinho e de um certo numero de alqueires de trigo, que é transformado em pão, á custa de diversos irmãos. Os vitellos são mortos na sexta feira da ultima semana e divididos em rações; no sabbado organisa-se um cortejo especial, á frente do qual vão os indispensaveis *foliões* e uma philarmónica, seguindo atraz, por sua ordem, os carros do pão, da carne e do vinho, lindamente ornamentados de ramagens verdes e flôres, o que por vezes custa caro; os bois tambem são enfeitados de flôres e estrellas douradas pe zadas com pez e cheios de campainhas. Os carros são cercados por sebes de vimes brancos, tambem adornados de flôres. Este cortejo percorre a povoação ou a parte d'ella correspondente a cada confraria, quando ha mais de uma, distribuindo a todos os irmãos e aos pobres, uma pensão composta de pão, carne e vinho.

«Em cada povoação ha variantes n'estas festas, sendo a mais notavel a de Ponta Delgada, em que no sabbado ha fogo de artificio e o cortejo é substituido por um hõdo aos pobres distribuido n'uma especie de dispensa, vistosa e elegantemente ornamentada.»

O bailho insulano o *Batuque* e as festas do Espirito Santo ainda se encontram em vigor no interior da provincia de Mato Grosso em Cuyabá. Transcreveremos para aqui algumas linhas da descripção do viajante portuguez Moutinho: «Ha uma outra dança popular conhecida sob o nome de *Batuque* que differe muito da (*Cururi*) que acabamos de descrever, e que tem tanto de alegre quanto a primeira tem de insípida. No *batuque* o velho remoça, e o rapaz excede-se a si mesmo no delirio do prazer. A musica só por si provoca o desejo da folgança, tanto a sua toada é agradável e excitante. Esta dança produz mais que sensações apaziveis. Cada cavalheiro com passos engraçados e tregeitos vae tirar uma dama, que, se aceita o convite, começa com o seu par uma especie de chula que termina, depois de muitos requebros e meneios de corpo por uma forte umbigada, que produz um estalo, quando os dansantes são ageis e destros. Depois da umbigada continua a dama só, até que tire outro cavalheiro e juntos executam os mesmos passos, e assim prosegue até finalmente, o que nunca acontece sem saudades de todos. . . . Tem cahido

em desuso o *batuque*, porque a insipidez vae lavrando por todas as veias da sociedade.» (1) O sr. Moutinho nota, como os grandes investigadores da poesia popular na Europa, a sua decadencia. O *batuque* ainda se bailha nas ilhas dos Açôres, e tem este nome por causa do estribilho com que se fecham as cantigas :

*Batuque, batuque,  
Deixa batucar.*

Pela identidade da dansa da antiga colonia portugueza de Cuyabá o *batuque* era popular em Portugal no seculo XV, e está hoje perdido. Nas ilhas dos Açôres o *batuque* não tem as umbigadas, mas no continente o *Fado* é assim *batido*; por ventura o nome de *batuque* provêm-lhe d'essa circumstancia.

A descripção da festa do *Espirito Santo* em Cuyabá é inteiramente semelhante á das ilhas dos Açôres, sobretudo nas *Ilhas de baixo*, (S. Jorge, Fayal e Flôres) aonde o imperador ainda vae entre quatro varas para a igreja : «Os festejos em louvor do Espirito Santo são os mais populares e pomposos. O festeiro é eleito por sorte. Antes do dia da festa sae elle acompanhado de musica e de algumas pessoas, com as insignias, que se compõem de uma *corôa de prata*, *sceptro* e *bandeira*, a pedir esmolas, que montam ordinariamente a dous contos de réis e até a mais. No dia do Espirito Santo o *Imperador* vae á igreja dentro de um quadrado formado por quatro varas de madeira, cujas extremidades são seguras por quatro homens escolhidos sempre entre pessoas de mais distincção, levando n'uma salva a *corôa* e o *sceptro*, e precedido da *bandeira*. Assiste á missa, que é pontifical, e á tarde acompanha pela mesma forma a procissão. Na vespera ha illuminação e fogos de artificio desde a porta da matriz até á casa do festeiro onde está armado um riquissimo altar. Depois de concluidos os actos religiosos, ha distribuição de carne verde e viveres aos pobres, assim como de pequenos pães a todo o povo. As auctoridades recebem presentes especiaes, que se compõem de grandes roscas de trigo, enfeitadas de flôres e laços de fitas. Porfim seguem-se as corridas de touros, comedias, bailes, cujas despesas correm por conta do *Imperador*, e montam muitas vezes a quatro e cinco contos de réis. Ha da mesma maneira os festejos do Espirito Santo feitos pelos meninos, os quaes em nada discrepam dos que acabamos de descrever.» (2) Nas Ilhas dos Açôres tambem existem estes *Imperios* dos rapazes, e pode-se dizer que por via da parodia das crian-

(1) *Noticia sobre a Provincia de Mato Grosso*, p. 20.

(2) *Ibidem*, p. 21.



ças é que o *Imperio dos Nobres* se tornou uma festa popular ; vimos muitos d'estes festejos nascidos em um anno, da parodia infantil tornarem-se nos annos seguintes riquissimos pelo interesse de todo um bairro. Nas povoações ruraes existem os Autos representados sobre um tablado feito com os leitos dos carros da layoura, e tambem se correm touros amarrados com longas cordas.

*Corpo de Deus.*—E' uma pompa orgiastica, uma thyasa dionysiacas das Festas da Primavera, que os successores de Alexandre, principalmente Ptolomeo Philadelpho organisou em Alexandria para celebrar a sua corôação e honrar a memoria do seu successor Ptolomeo Soter ; sobre esta apparatusa exhibição o bom rei René, como observa Magnin, fez a procissão christã de Aix, que se tornou uma instituição da Eucharistia entre os povos catholicos. Os Regimentos d'esta Procissão dispendo o cortejo, segundo as classes sociaes com os seus symbolos pittorescos, emblemas e insignias, bem revelam a sua proveniencia, de uma theoria bacchica em uma apothese alexandrina e d'esta em uma procissão christã. D'esse cortêjo de Ptolomeo Philadelpho, diz Magnin : « Teem o typo invariavel de todas as entradas e recepções de reis, de todas as apotheses, de todos os triumphos em honra dos Imperadores e principes mesmos christãos, que conservaram uma grande parte d'este extravagante cerimonia. » (*Origines du Theatre*, p. 200.) A festa mythologica prevaleceu na procissão christã, a ponto, que em 1560, a rainha D. Catherina expediu uma provisão á Camara do Porto, para se reformarem certos absurdos « de se tomarem para a dita procissão cinco ou seis moças, as mais formosas que se acham, filhas de officiaes mechanicos, uma que vae por Santa Catharina-como sua Donzella e outra que vae por Dama do Drago, e outra que vae por Santa Clara com duas Freiras, e muitos Mouros com ellas, que lhes vão fallando muitas deshonestidades, e que dois mezes antes do dito dia de *Corpus Christi*, se occupam em buscar as ditas môças e em as enfeitarem, e que os paes e mães d'ellas clamam que lhes tomam as filhas sem lhes poder valer. » (J. Pedro Ribeiro, *Diss. chr.*, t. IV, P. II, p. 184-201.)

Na procissão do *Corpo de Deus* foi eliminado todo esse espectáculo que se exhibiu em Portugal do seculo XV até ao seculo XVIII, ficando apenas o Cavalleiro *San Jorge*, acompanhado do seu pagem. A Egreja portugueza admittia na sua ortodoxia o Heroe solar vencedor do Dragão infernal.

Escreve Dora d'Istria, no seu estudo sobre o Culto popular dos Animaes : « Este personagem que representa um tão grande papel na mythologia e que sobreviveu ás nossas innu-

meraveis revoluções religiosas, foi especialmente estudado por Gubernatis, achando-se no seu livro o mais completo retrato dos deuses solares, e o quadro interessante das luctas que sustentam para o triumpho do bem. Combateram a Serpente os deuses Indra, Vichenu, Ahura Mazda, Apollo, e no mundo das trevas por Heracles, Cadmo, Jason, Odiun, Sigur; e entre os innumeraveis Santos que venceram a Serpente, e Dragões ou algum monstro do mesmo genero, o mais afamado é *San Jorge*, celebrado nos cantos populares da Grecia moderna; a caverna onde se escondeu a Serpente é a mesma lenda de Persen libertando Andrómeda, montado sobre o Pé-gaso. (O cavallo de San Jorge tambem é alado, em algumas representações. As imagens do Santo, são reproducção do Bellerophonte matando a Chimera. Lembram tambem o Anibus descoberto em Thebas: Deus egypcio, protegido por uma cou-raça empunha a lança com que atravessa o animal que tem a cabeça e a cauda de Serpente. — A procissão instituida para conservar a memoria d'esta victoria, celebrava-se em muitas localidades. «(a *Grand'Gueule* de Poitiers, a *Tarasque* da Provença, a *Gargouille* de Kouen, o *Lagasto* da Penha em Lisboa.) Aristo trouxe este thema mythologico — christão. á verdadeira fórma artistica no seu *Orlando Furioso*, em que Roger salva Angelica do Orco.

*Santo Antonio*.-- Toda a sua individualidade historica desappareceu na tradição popular identificando-se nos vestigios de primitivos cultos persistentes nas Superstições. E' este o caracter da sua popularidade tambem na Italia e na Hespanha. Elle protege as searas, na Italia, substituindo a deusa Ceres, e intervem nos casamentos em vez do deus Pilumno; é enfeitado com *espigas*, pelos que voltam do campo como se praticara com Ceres. Acha as cousas perdidas, com o poder que se attribui a S. Felicicchino; nas crenças luso-ibéricas, *A the-ne* (Antonio) era invocado ppra descobrir os objectos roubados. A Inquisição prohibiu em 1691 que se resasse a oração para achar as cousas perdidas quando lhe ajuntassem a *sôrte da penreira*. A sua intervenção nos amores e casamentos, com o seu caracter galhofeiro, que apparece nas cantigas lubricas, manifestam os vestigios de um primitivo culto chthoniano, que tambem reaparecem nas tradições populares de S João e de S Gonçalo. A pratica da *flagelação*, attribuida por Santa Rosa de Viterbo a Santo Antonio é a revivescencia da *fascinus* ou *hasta pura* dos cultos hetairistas de *Anath*, *Anaitis* a Mãe divina; assim como diz o auctor do *Elucidario* se fez *passar este costume de santo a escandaloso*. No seculo XI, é que esta pratica orgástica entrou na Egrejs como fórma de penitencia, e Santo Antonio quiz regularisar os Disciplina-

tes, mas não pode vencer esse delirio dos *Flagellantes* do seculo XIII, que, como se lê no *Elucidario*, «se excitavam ás acções mais torpes e abominaveis. com a prevenção dos açoi-tes.» Diz a cantiga popular:

Na noite de Sam João  
Muita pancada apanhei. . . . .

Santo Antonio é santo,  
Pancadas deve levar,  
Por não fazer o milagre  
P'r' as raparigas casar.

A *disciplina de sangue*, dos cultos chthonianos, *hastae Martiae*, explica o caracter militar de Santo Antonio. Na Italia é festejado com dansas, cavalhadas e jogos marciaes por ter salvado Padua da tyrannia de Ezzelino. Em Portugal no reinado de Affonso VI, Santo Antonio foi alistado como praça do exercito, subindo postos e recebendo os respectivos soldos da sua patente.:

Santo Antonio de Lisboa  
Não quer que lhe chamem Santo;  
Quer que lhe chamem Antonio,  
General, Marechal de Campo.

Como a efflorescencia ethnologica fez desaparecer a figura historica do sabio Doutor das Universidades do seculo XIII, que sustentou na primeira Renascença as doutrinas philosophicas aristotélico-averroistas! Sobre este aspecto é uma alta gloria portugueza.

Das devoções populares a mais viva e poetica é a de Santo Antonio, que, desde os primeiros seculos da monarchia até hoje, tem dado que fazer aos cancioneros, romanceiros e legendarios portuguezes, hespanhoes e italianos. No *Cancioneiro español*, de D. Emllio Lafuente y Alcantara, ha annos falecido, vem muitas e engraçadas seguidilhas ao patrono do casamento das novas:

A' San Antonio le pido  
Que me dé conformidad,  
Que los bienes de este mundo  
Dios los quita y Dios los dá.

Qué tienes con San Antonio  
Que tanto te acuerdas de él?  
— San Antonio está en el cielo,  
Quien estoviera con él.

San Antonio está en el cielo  
Eso no lo ignoro yo,  
Y tambien está en la tierra  
La Antonia que adoro yo.

La estampa de San Antonio  
Siempre lá llevo en el pecho,  
Cuando me acuerdo de Antonio  
Saco la estampa, y la beso.

San Antonio lleva el niño,  
Santo Domingo la estrella,  
Y san Juan lleva la palma :  
Entienda-me quien me entienda.

Tan impossibile lo hallo  
El duvidar tu cariño,  
Como llegar á quitarle  
A San Antonio su niño.

Ni mi padre, ni tu madre,  
Ni San Antonio bendito  
Me pueden a mi quitar  
Que yo te quiera un poquito.

Aunque me digan de ti  
Lo que dicen do demonio,  
Yo te tengo de querer,  
Carita de San Antonio.

San Antonio bendito,  
Ramo de flôres,  
A las descoloridas  
Dáles colores

La primera verbena  
Que Dios envia,  
Es la de Santo Antonio  
De la florida.

De San Antonio vengo,  
Antonia mia,  
Solo de ver lo Santo  
Tengo alegria.

Tiènes una carita  
De San Antonio,

Y una condicioncita  
Como un demonio.

O *San João*.—Referindo-se ao *Combate do Verão com o Inverno*, representado nas festas naturalistas do *Solstício do Inverno*, *Equinoxio da Primavera* e *Solstício do Verão*, o povo portuguez repete no seu automatismo tradicional :

Duas festas ha no anno  
De grande contentamento:  
Uma é do *San João*,  
E' outra do *Nascimento*.

Transcrevemos do nosso estudo *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições* alguns factos, que recebem um vivo interesse a esta luz ethnologica: «A festa de S. João Baptista, em todos os povos europeus, está ligada a um phenomeno astronomico — o *Solstício do Verão*, em 24 de junho. O celebre ritualista Durandus, interpretando allegoricamente a festa do Precursor, não pode occultar o seu sentido mythico: «Em certas localidades fazem girar uma roda, para assim designar que o *Sol não pode elevar-se mais*, mas torna a descer no seu circulo, assim tambem a fama de S. João, que era olhado como um Christo, diminuiu quando este appareceu.—Alguns dizem que é porque *n'este tempo os dias minúam e que crescem de novo no Natal de Jesus Christo...*»

A concepção primitiva fazendo com que a festa do Solstício do Verão seja commum a todos os povos indo-europeus e semitas, é o phenomeno diversamente dramatisado. Entre os povos europeus, toma a representação *de um Combate do Verão expulsando o Inverno* (24 de junho) ou a sua inversa, o *Triumpho do Inverno sobre o Verão* (24 de Dezembro). O sentido astronomico ainda prevaleceu como indicação chronologica; nos antigos prazos portuguezes notou João Pedro Ribeiro que o anno era sempre contado de *San João a San João*, e no alvará de 1 de julho de 1774 chamou-se-lhe *anno irregular*. Em alguns povos da Europa este drama festival do Combate do Verão e do Inverno está mais ou menos fragmentado pelo apagamento da concepção; entre os slavos é onde se apresenta mais completo, correspondendo muitas das suas particularidades a costumes portuguezes, profundamente enraizados pela vitalidade das tradições na nossa raça lusa, suscitados pela revivescencia germanica e arabe. A *Cavalgada* ou *Cavallhada* é a fôrma solemne, que em alguns povos ficou apenas lendaria ou simples superstição popular, como a *Mesnie furieuse*, que aparece ao *pino do Meio dia*, ou o solsticio diurno (circa horam meridianam). O Verão que expulsa o Inverno

é um mancebo, Wodan, o deus germanico tambem advogado do amor, é Adonis, Athys, Gines, (Johanes) S. João, S. Jorge, o rei Arthur, o nosso D. Sebastião, conforme o mytho primitivo se dissolveu em lenda agiologica ou historica, conservando sempre o caracter da sua morte prematura. Por um documento da camara de Coimbra, de 1464, citado no *Elucidario de Viterbo*, nota-se a fórma do combate : «*Cavallhada na vespera do San João com sina* (insignia) e *bestas muares.*» O porco ou javali, que personifica o Inverno, que se persegue na *Meznie Hellequin*, era tambem perseguido nas festas de S. João Baptista, em Braga, com o nome de *Corrida do Porco preto*; as cavallhadas dirigiam-se para além do rio Deste, em cuja ponte estava uma capellinha de S. João, que tinha irmandade, a qual organisava a festa, sendo o mordômo obrigado a criar durante o anno um porco para a montaria d'esse dia.

Na alvorada de S. João iam soltar o *porco*, depois das Cavallhadas, do alto do Picoto, correndo atraz d'elle, e se passava a ponte, pertencia á gente da margem, se passava o rio ficava pertencendo aos moleiros. Em Chaves conservou-se o antigo caracter agonistico, em que as pessoas de qualidade formavam a *Congregação da nobre Cavalleria de San João Baptista*; iam em duas alas acompanhando a bandeira até ao convento de S. Francisco, onde ouviam missa, e depois faziam dentro dos muros da villa escaramuças, corridas, jogos de canas, forquilha, e outros jogos, entregando o Alferes da bandeira uma tocha lavrada ao guardião do convento.

Na antiga villa de Pedrogam-Pequeno, na margem do Zezere, celebra-se o San João com um antigo bailado da *Moirisca*, de sete figuras, que paramentadas com fitas, sapato e meia, jaqueta apertada e largo cinturão, com violas, pandeiros e ramalhetes de cravos vão á igreja, dansando ali diante do Santo, no adro da igreja e na procissão.

A festa dos *Cavalleiros de Obidos* é semelhante á de Chaves, sendo o estandarte levado pela camara, indo todos os vereadores a cavallo com flôres, canas verdes e ramos de freixo nas mãos, dando depois tres voltas pela villa. Nas Côrtes de Almeirim, de 1544, os procuradores de Obidos representaram ácerca d'este costume : «no dia de San João todos antes de ser manhã cavalgam e se vão á porta do juiz, e com a bandeira da villa, andam por ella e de redor com toda a festa de escaramuça e canas com muito alvorôço, e se vão ouvir missa á casa de S. João Baptista : faz-se sempre por este dia um almôço que se dá aos que cavalgam, á custa do concelho...» Em Elvas é ligada a uma tradição historica, em que se reflecte a antinomia entre hespanhoes e portuguezes na façanha memorisada de Gil Fernandes. No *San João*

*d'Elvas* o estandarte portuguez salvo por Gil Fernandes era acompanhado por todos os Cavalleiros da cidade, que o iam plantar no outeiro proximo da praça, chamado monte do Siso; levava-o o vereador mais novo, que jurava defendel-o e restituil-o á Camara. Nos Açôres, o Combate do Verão e do Inverno é a *Mouriscada* dramatisada, ou como a *Cavallhada de S. Pedro*, da Ribeira Grande (ilha de San Miguel); saém bandos com instrumentos musicos avisando para a grande cavallhada que dura do dia 24 até o 29, dia de San Pedro, que tambem nos costumes germanicos representa Donar.

N'esta festa solar as *Fogueiras* conservam a mais pittoresca expressão symbolica do sentido naturalista; escreve Baudry, no resumo critico da obra capital de Kuhn sobre o Mytho de Fogo: «A *Fogueira* de S. João, sobretudo, tem um caracter bem accentuadamente solar.» E sobre o interesse social d'este rito que decahiu, diz o mesmo ethnologo: «liga-se a uma antiga festa pagã, que parece ter tido por objecto conjurar a estiagem; representando o disco de Çushna precipitado nas aguas.»

As fogueiras de S. João, em França, são chamadas *Chalibandes* (Poitou), *Jouannées* (Touraine), *Burés* (Commercy). Na Beira Alta accende-se um facho (o *galheiro*) no cimo dos montes, ou na ceira das azenhas (a roda, que ainda na Allemanha se deixa rolar dos montes).

O rapazio vae em grande algazarra incendiar o galheiro, entre musica de tamboril e pifanos, coroando o monte de pinhas acesas.

Em Nisa, nas *fogueiras* queimam alecrim e rosmaninho, dando-se saltos, e dansando rapazes e raparigas em redor, entre cantigas amorosas, que constituem o lyrismo das *Reverdies*. A estas cerimoniaes seguem a de irem ás *fontes* de mardrugada, ou a do *banho*, a de ir colher as ervas magicas, como a marcella, a salva, o sabugueiro, a cidreira, ou ainda a planta mysteriosa que dá o amor e a felicidade, o *Feto real*, a que na Allemanha se chama o *Springwenzel*. Muitos d'estes costumes persistentes, mas já sem sentido, foram considerados como Superstições, que a Igreja entendeu combater, prohibindo-os nas Constituições dos Bispados. Ainda em uma Egloga de Sá de Miranda se encontra o costume poetico:

Mañana de San Juan, quando a las flôres  
Y al agua todos salen...

Mas já nas Constituições do Bispado de Lamego se prohibe: «que se *colham as hervas e levem a agua da fonte para casa*, ou se lave a gente e os animaes n'ella, antes do Sol nascer...» As concepções que se atrazam chegam a perder no

processo da sua decadencia o conhecimento de que só subsistem pelo automatismo dos Costumes, e em vez de os systematisarem combatem-os.

Hoje, prevalecendo no espirito moderno a Concepção scientifica da sociedade, os seus Costumes são illuminados pelo restabelecimento do pensamento primitivo que os motivou, e por isso tornam-se o elemento vivo para a idealisação de uma nova Arte, de uma mais humana Poesia.»

Sam João *adormeceu*  
 Nas escadas do collegio;  
 Deram as moças com elle,  
 San João tem privilegio.

Sobre o somno de San João existe uma crença popular na Andaluzia, que para evitar os ruidos (allusão ás trovoadas de Junho) a San João na festa do seu dia, o Senhor lhe dá um somno que dura tres dias ; diz uma cantiga hespanhola :

Mi niño se vá á dormir  
 Ojalá y fuera verdad  
 Y le durara el sueñito  
 Tres dias, como a San Juan.

(Ap. Rodr. Marin, *Cantos populares españoles.*)

Os romanos accendiam fogueiras em honra de Apollo, no verão; e na festa Palilia dansavam em volta do fogo. No Monferrato, Servia e Russia é costume saltar as fogueiras.

O divertimento das *fogueiras* de San João tem ainda o sentido cultural nas regiões septentrionaes. Escreve Roisel : «Em muitissimos logares encontrou-as Nilson; e a festa de Bacho, ou Baldur, era ainda celebrada ha pouco annos na Scania, assim como em toda a Noruega até as ilhas de Loffaden. Fazia-se sobre uma montanha uma grande fogueira, e o povo circumvisinho reunia-se como os antigos sacerdotes do deus, para dançar, bradar e cantar de amor. O fogo, que precedia o Solsticio do Verão conservou mesmo em certas localidades o antigo nome de Balersbal; e Leopoldo Buch observou com logica, que esta usança não podia ser originaria de um paiz em que o sol, n'esta epoca do anno não deixa o horizonte, quando se não podia consequentemente avistar senão o fumo d'estas fogueiras symbolicas. Em França estas praticas ainda se conservam; lembramo-nos de ter visto fogueiras accesas sobre todos os logares culminantes no Solsticio do inverno e do verão. Os mesmos costumes são frequentes em Inglaterra.

«Assim como os adoradores de Baal executavam dansas



em roda das fogueiras, os sacerdotes do Carmelo dansavam em volta de grandes fogueiras no solstício do verão. Não obstante as proibições reiteradas do clero catholico o costume conservou-se em diversos logares de girar em volta da fogueira, recitando orações, e saltar por cima d'ellas para ter uma boa viajem e para se purificar, levar crianças por cima de braças, como outr'ora faziam os cananeos. De resto a egreja romana conservou na sua liturgia mil reminiscencias d'este culto antigo. — O fogo symbolico do renascimento da potencia solar conservou-se egualmente em todo o Oriente. Um dos traços mais caracteristicos das festas equinociaes em Jerusalem, é ainda a appareição reputada mysteriosa do fogo celeste, que cada seita christã trata de apanhar de assalto, persuadida de que o anno será favoravel á que se apodere d'elle primeiro.

«Na America e em quasi todo o antigo continente encontramos os ritos identicos d'este Culto immenso, do qual o christianismo não é senão uma transformação. As quatro festas da Persia, consagradas ao Sol celebravam-se nos solstícios e nos equinoxios. Baal Melqarth era egualmente venerado, entre os phenicios, no comêço das estações, pelas quatro grandes festas do anno: porque este culto tinha sido propagado pelas margens do mar Egeo pelos Cabiras, verdadeiros missionarios Atlantes . . . .» (1)

«Festejam as donzellas do povo (Nisa) no dia 23 de junho, com suas cantigas e folgedos, levando em ovação pelas ruas todas o seu estandarte, e havendo no dia seguinte mesa lauta em casa do festeiro, que é sempre um dos ricos e abastados lavradores. . . .» (Motta e Moura, *Mem. da villa de Nisa*, t. I, p. 104.)

«No Algarve é costume na noite de S. João dansar-se em volta do mastro de murta florida, enfeitando de madre silva a capella de S. João, junto da fogueira de alecrim. E' em volta d'esta fogueira, centro symbolico de toda a festa, que se reune a mocidade de ambos os sexos, para os seus *bailados e descantes*.» (Z. Pedr., p. 9, *Posit.*)

*As Cavalhadas de S. Pedro.* — «Alguns dos nossos eruditos teem descripto com minuciosidade essa festa popular que põe enthusiasmos em velhos e novos, e bem se pôde dizer que ella constitue um dos caracteristicos mais notaveis da *Ethnographia michaelense*.

«O que ninguem conhece é a letra da imprecação que o *Imperador* de barbaças, espada em punho, em cima do seu

(1) *Les Atlantes*, por Roisel, p. 158 e 159.

ginete sellado á antiga, profere em laia de *Lôa* no adro da egreja de S. Pedro antes de começar a cavalhada.

«Essas composições, variaveis de anno para anno, teem um cunho muito especial de ingenuidade e de fé, que as torna eminentemente interessantes sob o ponto de vista folk-lórico.

«Damos hoje á estampa uma calcographia d'esse genero de poesia popular copiada do proprio original que foi escripto para a Cavalhada do anno passado.» (1896). Do *Preto no branco*, n.º 65, (25-III-1897.)

«Outra festa, de caracter mais profano, é a que se realisa em dia de S. Pedro, na Ribeira Secca, aldeia suburbana da Ribeira Grande, festa que é conhecida pela designação de *Cavalhadas de S. Pedro* e é extremamente original e semi-pagã.

«Duas filas de cavalleiros em numero de cincoenta, trajando de branco, com enfeites vermelhos e com chapéo alto forrado completamente de cordões de ouro, dirigem-se á egreja de S. Pedro ao meio dia, em ponto, commandados por um *mestre*, que tem barba loura e postiça, e é o unico que leva mascara e de todos o que vae mais carregado de ouro, indo montado em cavallo alazão. Este logar de *mestre* é hereditario, achando-se ha muitos annos na mesma familia. Todos os cavalleiros, á excepção do mestre, empunham lanças com flmulas vermelhas e marcham, como dissemos, em duas filas, á frente das quaes vae o *mestre*. Chegados á egreja, dão algumas voltas, sempre a cavallo, em volta d'ella e depois vêem postar-se em frente da porta principal, avançando o mestre até collocar as patas do cavallo sobre a soleira da porta e pronunciando n'essa occasião um discurso laudatorio, em verso. Depois, toda a cavalgada segue para a Ribeira Grande, dando outras voltas em torno da egreja matriz, passeia por algumas ruas e debanda em seguida. Ao mesmo tempo e durante todo o dia percorrem as ruas muitas burras, emparelhadas, puchando um arado ou outro instrumento de lavoura, acompanhadas e dirigidas por mascarados, representando figuras deformadas e levando a tiracolo um sacco com baganha de linho, que vão espalhando, fingindo tambem que vão ordenhando as burras. Além d'estas ha numerosas mascaras, costumando apparecer sempre n'esta festa um carro, transportando um barco com marinheiros, entre os quaes vae sempre um preto, que vão *comediando*, isto é, recitando e cantando versos allusivos a pessoas e acontecimentos locais e geraes, succedidos durante o anno.

«Além das festas nas ruas, faz-se a festa ao Santo na sua egreja, cuja ornamentação consiste em festões de flôres, dos quaes pendem os fructos que, n'aquella época, começam a

apparecer em todas as arvores. São por assim dizer as primicias.

«A época em que estas festas se realisam, pouco depois do solstício do verão, o facto do mestre da cavallhada vir de mascara com barbas louras, trazer uma capa com enfeites amarellos côr de ouro e uma espada desembainhada e reluzente; este vestuario, as primicias, a época do anno, as voltas das egrejas, as filas dos cavalleiros, tudo isto bem poderia significar a representação mythica do sol.»

*Fieis Defunctos.* (2 de Novembro) — No seu estudo sobre o Culto dos Cabiras entre os antigos Irlandezes, Adolpho Pictet descreve o primitivo costume, que ainda persiste adoptado pela egreja. «Na vespera do primeiro dia de Novembro celebrava-se uma festa em honra de Samhan, ainda hoje chamado na Irlanda a noite de Samhan; e o mez de Novembro tinha o nome de Mez de Samhan, mez do luto. Vallancey refere que esta solemnidade era consagrada pelos Druidas irlandezes á intercessão dos vivos pelas almas d'aquelles que tinham morrido no decurso do anno. Por que segundo suas doutrinas, Samhan chamava n'este dia as almas perante o seu tribunal e segundo seus meritos ou demeritos na vida privada, assim as admitia no mundo da felicidade divina, ou então as condemnava a recommencarem a existencia terrestre, ou a soffrerem a punição das suas culpas no *Ithirin* (inferno). Mostra-nos isto, que Samhan era considerado como um juiz das almas separadas dos corpos, por isso chamado *Balsab* (*Dominus mortis*, como traduz Vallancey.) — Samhan era tambem considerado como o Sol, ou antes a imagem do Sol (*Samh*, sol, *Samh-an*, que se assemelha ao sol, em irlandez). Estes attributos parecem ser cantradictorios mas resultam da propria natureza de Samhan, reina nas almas, depois de mortos, mas tambem as conduz á eterna vida. Outros povos dão-nos exemplos d'esta antithese: entre os gregos Dionysos, o bom demiurgo é identificado com Hades; no Egypto Osiris é o soberano dos mortos; entre os scandinavos, Odin, o deus bemfazejo era tambem o deus do imperio das sombras.» E Christo descendo aos infernos, a libertar as almas, é a continuação d'este duplo aspecto, representado nos costumes. Da Irlanda, escreve Pictet: «Na vespera do dia de Samhan, os aldeãos ajuntam-se munidos de varapáos, e vão de casa em casa, recebendo dinheiro, bolos, ovos, etc. Recitam versos referentes á festa recommendando que guardem o *bezerro branco* e lhes dêem o *carneiro preto*. Illuminam-se as cazas, ha consoadas, tiram-se sortes, e muitas cerimonias supersticiosas.» (Op. cit., p. 83 e 84.)

Nos meus tempos de Coimbra fui surprehendido por uma

recitação acantochanada de crianças, no dia dos *fiéis defuntos*, fazendo peditorio pelas portas :

Bolinhos, bolinhós,  
Para mim e para vós,  
Para os vossos finados  
Que estão enterrados  
Debaixo do chão  
Ao pé da vera cruz,  
Para sempre amen, Jesus.

Este peditorio continúa o do dia de *Todos os Santos*, no 1.º de Novembro, que vem descripto no *Almanack de Lembranças*, de 1862 : «Na villa de Alpedrinha, é costume sahirem os rapazes pela festa de Todos os Santos, a pedir a offerta a que ali se chama *Pão por Deus*, e que os lavradores abastados costumam então fazer-lhes de merendeiros, tremócos, maçãs, nozes ou outra qualquer fructa, etc. O pedido é feito da seguinte fórmula :

Pão, Pão por Deus  
A' mangarola,  
Encham-me o sacco  
E vou-me embora.

«Se recusam a esmola, dizem :

O gorgulho, gorgulhete  
Lhe dê no pote,  
E lhe não deixe farello  
Nem farellote.»

Na Ilha de S. Miguel tambem se pede o *Pão por Deus*, mas com caracter de estrêa.

Os Persas tinham uma festa do fim do anno, em que se banquetearam e offerciam muitos presentes; chamavam-lhe *Furdi*. Os Judeus a adoptaram no duodecimo mez, e chamavam-lhe *Furdim* (no arameano *Purdai*.) Não se celebrava no templo. Dos presentes *Purdai*, se fez na tradição portugueza as offertas com o titulo de *Pão por Deus*, mas em que não é o pão o objecto da offerta.

Este costume tambem se encontra entre os Flamands (*Flamengos* de França) em que andam cantores de porta em porta pedindo — la de *Par Dieu*, ao som de um instrumento chamado *Rommelpot*, vaso de barro coberto com uma beziça, (*ronca*) a que acompanham varias cantigas.

**O Natal.** — Sobre o sentido ethnologico d'esta festividade, escreve Schwartz : «Na maior parte dos costumes, que se têm conservado nos campos e ás vezes isoladamente, nas cidades, julga-se reconhecer os vestigios das festas que os nossos antepassados tinham por habito solemnizar n'esta época do anno, que é aquella do *Solsticio do Inverno*, com a jubilosa segurança de que a luz crescia de novo e com a esperança dos melhores tempos que ella traria na primavera sobre a terra, depois do aspero e triste inverno. A festa do Solsticio do inverno, quando os dias começam a crescer, era evidentemente como se vê, conforme muitas superstições, uma solemnidade annunciando a primavera. Ella se collocava, consequentemente, — assim como a *Arvore do Natal* e as ceremonias que se celebram na noite do Natal e do primeiro dia do anno, em que se revestem as arvores de palha para as perservar do frio — não sómente entre as outras festas das arvores, celebradas nas diferentes phases do curso do Sol, isto é a *Arvore de Maio*, a *Arvore das colheitas*, a *Arvore das vindimas*, mas abrem de algum modo o cyclo d'aquellas que como o pinheiro, que tem a rama sempre verde que parece conter em si, na estação ruim, o aspecto de um melhor futuro para a natureza.» Todas estas manifestações são recordação tradicional de uma crença das mais originaes e singulares dos tempos primitivos : «Effectivamente, não sómente nos Arias, mas tambem nos Semitas, existia uma velha crença pre-historica, segundo a qual se via no sol, que surgia diariamente, primeiro uma columna luminosa, e depois, estendendo-se sobre o mundo, fazendo penetrar através das nuvens os seus raios, semelhantes a ramos de arvore, via-se uma maravilhosa e celeste Arvore de luz que se mostrava de manhã no horizonte á tarde se recolhia em si mesma.» (Schwartz.) E' n'esta concepção primitiva que se integram a *Arvore de Maio*, sob a qual dansam as raparigas as suas balladas e baylias do Amor (pelo Pentocaste) ; a *Arvore de San João*, pelo tempo das colheitas nas festas da primavera, do verão, e das vindimas ; e a *Arvore do Natal*, coberta de luzes e fructos, nos costumes germanicos, e de que se formou o *Trafogueiro*, dos costumes portuguezes vestigio religioso do solsticio hi-bernal, no Natal christão.

No Regimento do sacristão-mór do mosteiro de Alcobaça, posterior a 1435, estabelece-se : «Em vespera de natal : buscarás hũ grande *Ramo de loureiro verde*, e colherás muitas *laranjas vermelhas* e poer-lh'a-has metidas pelos ramos q̄ dele procedem, especificadamente segundo já vistes. E em cada hũa laranja poerás hũa *candêa*. E pendorarás o dito ramo per hũa corda na polee que hade star acerca da lampada do altar moor. E as lo de acender : quando começaram a missa do

gallo, e mais XX tochas e IIIº cirios e candeas que abastem; e todas reliquias e plata da sancrestia.»

(Codice 151, Mss. de Alcobaça.)

No hymno de Santo Ambrosio á *Natividade do Salvador*, faz-se sentir a relação do facto humano com o phenomeno astronomico, assim mythificado :

«Este dia, que reaparece depois de cada revolução do annos, attesta que vós descestes do throno de vosso Pae para a salvação do mundo.

«O céo, a terra, o mar e tudo quanto ahi se encerra, celebram com alegria e com canticos de louvor, este dia inicio do vosso advento primeiro.»

Em um hymno de Prudencio, na festa da Natividade, lê-se tambem : «Porque é que o Sol, voltando para nós, sae do signo (Capricornio, em que crescem os dias) que aperta a carreira no circulo muito estreito ? E' a vinda do Christo á terra que alonga a carreira dos dias ?»

Na bella obra *O Christianismo e as suas Origens*, Ernest Havet, diz : «Pode-se concluir rigorosamente que foi na realidade da festa do Sol que a Egreja fez a do natal do Christo; isto é, que Christo se tinha identificado com o Sol. Quando se penetra n'esta ordem de ideias fica-se maravilhado de uma passagem de Macrobio, em que falla de imagens do Sol que o representam como figura humana em diversas edades : = E' um *Menino* no Solsticio do inverno, e era assim que os Egyptios os mostravam em uma data fixa tirando-o do seu sanctuario, por que sendo então o dia mais pequeno possivel elles queriam que apparecesse *Menino de mama*. (*Satur.*, I, 18.) = Assim os adoradores do Sol tiveram antes dos christãos o seu *bambino*, como dizem os italianos.» (*Op. cit.*, IV, p. 329.) E' o Deus-Menino, o Menino-Jesus dos Presepios e das Lapinhas, nascido nas palhinhas como a faisca de Agni, da fricção de Arani e Tvastrí do culto védico.

Recapitulando :

Nos polytheismos solares, a festa do Natal é a consagração da luz do sol, no solsticio do inverno. Aparece nos seguintes systemas religiosos :

1.º **Egypto.** — *Festum Osiridis nati*, ou *Inventio Osiridis*; era celebrada no dia correspondente a 6 de Janeiro.

a) Entre os Judeus é a *festa das Luzes*, ou *Khanuka*.

2.º **No culto accadico da Chaldêa**, o mez que succede ao solsticio de inverno, (tebit) chama-se da *Caverna do levante* ou nascimento do Sol.

a) *Entre os Sarracenos*, o sacerdote descia a uma caverna e sahia de lá gritando : a *Virgem pariu*, e a *Luz* vae outra vez nascer.» (Lenormant, *Origines de l'Hist.*, p. 257.)

b) *Entre os Phenicios* existia tambem no 25 de Dezembro a festa do *Despertar de Mëlqarth*. (Lenormant, ib.)

3.º *Entre todos os povos áricos* acha-se a festa do Nascimento do Sol :

a) *Nascimento de Krichna*, pelos hindus, no fim de dezembro.

b) *Entre os Persas*, a festa do solsticio do Inverno, ou *Mir rhagan*, propagada a Roma pelos mithriacistas, e celebrada na VIII calenda de Janeiro, ou 25 de Dezembro, chamada *Natalis Solis invicti*.—Entre os Persas havia a festa correlativa a esta, no equinoxio da primavera ou *Mihirgan*. (Corresponde ao San João, etc.) Creuzer-Guigniaut.

c) *Na Phocida*, no culto dionysiaco, as mulheres ao grito de Licorites, proclamavam o nascimento de Dionysos, no solsticio do inverno. (Plutarcho, ap. Lenormant, *Orig.*)

d) *Entre os povos germanicos* é a festa de *Juel* : entre os godos *Jul* ; Dinamarquezes. (sacrificios de animaes, porco.)

Canticos do Natal, na Europa :

*Yule*, dos Scandinavos ;

*Koleda*, dos Esclavonios ;

*Noëls*, da França ;

*Weihnachtslieder*, da Allemanha ;

*Christmas Carols*, da Inglaterra. (*Yolo, yolo*, grito d'estes cantos.)

*Villancicos e Colloquios* em Portugal e Hespanha, Coimbra, Porto, Açôres.

1 *Os Jardins de Adonis*, usam-se em Portugal pelo Natal.

2 *Missa do Gallo*, relação com a luz (Gubernatis.)

3 *Folares (Nieules)*, França.)

4 *Accender candeias*, (Ilha da Madeira). Canc. Vat. *Yule Candles* (Escossia). (*Arvore do Natal*.)

5 *Matança de Porcos* — *Perús*.

6 *Presepios*.

7 *Colloquios dramaticos, Lapinhas*.

Em muitas casas fazem-se *presepios*, figurando a gruta de Belem, etc., e representam-se entremezes, peças dramaticas, cujos principaes personagens são S. José, a Virgem, Herodes, pastores, etc.» (*Rev. d'Ethnologia e Glottologia*, p. 7.)

8 *Offertas ou estreias*.

9 *Herva santa, alfazema, alecrim, funcho*. (Nos Açôres.)

Dupla fórma : Solsticio do Inverno, Equinoxio do Verão.

1.º *Fôrmas phalicas*: Porca, mula, Pomba (Espirito Santo).

*Fôrmas orgiasticas* : (*Bispos Fatuos*).

*Janeireiros*.—*Entrudo*.

*S. Sebastião. Procissão dos Nus*.—*Sebastianas*.

2.º *O culto dos mortos* liga-se ao Natal, por que antes do

nascimento de Dionysos, ia-se em romagem ao seu tumulto. (Procissão da Cinza.)

3.º **Fórmulas mágicas** (accadica, etc) Culto do Fogo; cêpo, ervas aromaticas.

#### B) ORAÇÕES E ENSALMOS

Um dos elementos generativos da poesia popular acha-se nas fórmulas das *Orações*, *Ensalmos*, *Esconjuras*, *Salvas* e fórmulas dos Jogos infantis e dos Contos. Fazem lembrar a elaboração dos antigos Hymnos, que receberam fórmula individual e um tanto artistica no *Véda*. A *Oração*, que acompanha todos os actos da vida, que se dirige a todas as forças da Natureza beneficis e maleficis, é a fórmula que se faz melhor conservar, apparecendo em algumas d'ellas vestígios de concepções arcadicas e védicas. A Exreja foi implacável contra esta expressão da credulidade. No Index Expurgatorio de 1581, prohibe se a *Oração do Conde* (talvez a do *Santo Condestabre*, Conde de Ourem), a de *San Christovam* e de *San Cypriano*, a da *Emparedada*, a da *Imperatriz*, de *San Leão Papa*, de *Santa Martinha* e *Testamento de Jesus Christo*. Em um dos seus Autos escreveu Antonio Prestes :

N'alguma Oração cuidae,  
E cá a resae;  
Vede se sabeis dizer  
O *Justo Juiç*.

(Autos, p. 396.)

Gil Vicente, allude á *Salva*, que se usava a bordo dos navios: «La *Salva* antes del dormir.» (*Obr.*, III, p. 321.) No seu Diario, consignou Christovam Colombo na tarde de 11 de Outubro, vespéra do descobrimento de terra, que as tripulações tinham cantado á *Oração*, *la Salva acostumbrada*.

«Chegado o sabbado, estando armado um altar com imagem e velas accezas, começa-se a *Salva*, e todos sômos cantores, garganteando. Não vamos em nosso canto por terceiras, quintas ou outavas, mas cantando a um tempo todos os outros tons, e mais outo meios tons e quartos.» (Cesario F. Duro, *La vida en las Carabellas de Colon*.) Os grumetes, como haja as trombetas, ao deitar se e ao levantar da marihnagem, cantavam a Alvorada :

Bendita sea la Luz  
Y la Santa Vera-Cruz,  
Y el Señor de la verdad  
Y la Santa Trinidad ;



Bendita sea el alma  
 Y el Señor que nos la manda ;  
 Bendito sea el dia  
 Y el Señor que nos le envia.

E ao anoitecer :

Bendita sea la hora  
 En que Diós nacio ;  
 Santa Maria que lo parió,  
 San Juan que la batizó.

Acabada a *Salva* e a *Ladainha*, o mestre pede um *Crédo*, e resado, brada um grumete :

Digamos un Avè-Maria,  
 Por el navio y compañía.» (1)

Na sua traducção de *Don Pablo de Segovia* escreve Germond de la Vigne : «A sciencia dos *Ensalmos* ou *Orações*, era uma sciencia importante, na qual se graduavam todos os esfarrapados e mendigos, em que os cegos eram os mais celebres adeptos. Havia *Orações* para todos os males, para todas as affecções, cujo effeito era infallivel, com tanto que fossem recitadas com compuncção e com uma voz grave e pausada.

«A *Oração a Santa Apolonia* era entre todas de uma poderosa efficacidade e dissipava n'um instante as dôres de dentes mais obstinadas. O entendido bacharel Sanson Carrasco aconselhou-a á governante de D. Quixote; a *Celestina*, quando levava uma mensagem de amor, introduzia-se em casa de uma donzella sob pretexto de lhe pedir uma copia. O cego que educou a Lazarillo de Tormes era uma collecção viva de *Ensalmos* e sabia centos d'elles. Finalmente, Pedro de Urdemallas, heroe de uma comedia de Cervantes, dizia, passando em revista as mais celebres :

Sé la del *Anima sola*,  
 Sé la de San Pancracio,  
 La de San Quirce y Acacio,  
 Sé la de las sabafiones (frieiras)  
 La de curar tericia  
 Y resolver lamparones (alporcas).»

(1) Cesario Fernandez Duro, *El Centenario*, t. III, p. 176.

Eis a celebre Oração de *Santa Apolonia* :

A la porta del cielo  
Polonia estava ;  
Y la Virgen  
Ali passaba.

— Diz, Polonia, que haces ?  
Duermes ó velas ?  
«Señora mia, ni duermo ni velo,  
Que un dolor de muelas  
Me estoy muriendo.  
— Por la estrella de Venus  
Y el Sol poniente,  
Por el Santissimo Sacramento  
Que tuvo en mi vientre,  
Que no te duela mas  
Ni muela ni diente.

Em uma Sentença da Inquisição são enumerados os poderes de uma feiticeira Maria Antonia, a qual : — «sem saber lêr nem escrever nem aprender sciencia alguma, curava todo o genero de enfermidade de quaesquer pessôas ou animaes que se lhe offereciam, lançava dos corpos de outras endemoninhados espiritos malignos ; fazia unir as vontades discordes entre casados, levantava os queixos da bocca aos que lhes cahiam e fazia parir com bom successo as mulheres pejudadas ; observando para o effeito das ditas cousas especialmente as quartas e sextas feiras da semana por as ter mais proporcionadas para os fins que procurava ; usando para ellas sómente de *palavras, orações, agua benta, terra de adro, de nove ervas, de cruzez* que fazia nos braços dos ditos enfermos ou sobre alguma cousa dos mesmos, mandando encher em rios e fontes nove vezes uma *quarta de agua*, a fim de vasadas as outo a nona servirsse para remedio dos ditos males. Para a cura das quaes primeiro estremeçia e se espiçava e fazia visagens com a bocca cobrindo-a. Dizia que ella tomava os males e ás dos ditos enfermos, aos quaes mandava por pontos escuros para traz. Dava cartas a que chamava *de tocar* para fins torpes e deshonestos, mandando-as metter primeiro escondidamente debaixo da pedra de ára sobre a qual se deissesse missa. Fazia supersticiosamente devoções, armando uma meza de tres pés para cima, pondo em cada um uma vela ou candêa accessa e no meio uma imagem de S. Arasmo, dando passos e fazendo rezas, e finalmente chamava *pintãos*, os quaes logo visivelmente lhe appareciã negros e os consultava para saber d'elles como havia de fa-

zer as ditas curas, e dada a resposta desapareciam.» (*Mem., do seculo xvii.*)

No *Povo portuguez, seus Costumes, Crenças e Tradições*, t. II, p. 45 a 248, vem um largo estudo sobre as *Superstições populares portuguezas*, que commenta completamente esta parte do Cancioneiro popular.

### Oração do Anjo Custodio (p. 272)

Nos Indices Expurgatorios do seculo xvi prohibe-se esta Oração, que no seculo xvii apparece transcripta no Processo da Inquisição contra Anna Martins, terminando com a estrophe em que affirma o Poder do Sol sobre as Trevas ou personificação do Diabo, com os seus *treze raios*. E' uma Oração com fórmulas numericas crescentes e invertida (santas palavras, ditas e repinçadas):

Dize-me, *Treze* que são ?  
as *treze* varinhas do Sol,  
que arrebentam ao diabo  
do pequeno até ao maior.

A versão ainda actual na Feira e Airão conserva o numero mysterioso :

*Treze raios* tem o Sol,  
O Sol mais claro que a Lua ;  
Arrebenta tu, Diabo,  
Que a minha alma não é tua.

O que aqui nos apparece sob a fórmula de superstição é o vestigio de uma concepção astronomica primitiva. Vivien de Saint Martin, nos seus estudos *A India, suas origens e antiguidades*, escreve : «Ha nos Hymnos (*védicos*) passagens que attestam já conhecimentos exactos do Anno solar combinado com o Anno lunar, e se compunha de doze mezes de trinta dias com um periodo intercalar qualificado de *13.º mez*. = O deus (Varuna) o qual, acceitando os ritos, conhece os *doze mezes* e as suas producções e o *mez que é engendrado como supplemento*. = Um Hymno completo parece ter sido consagrado á revelação d'esta doutrina astronomica ; mas a obscuridade evidentemente voluntaria em que esta exposição é envolvida, mostra bem que estas acções eram reservadas exclusivamente aos adeptos.» Por este Hymno attribuido aos ultimos tempos do periodo védico, Vivien de Saint Martin deduz «que os Brahmanes tinham já chegado a um gráo de observação astronomica sufficiente para determinar com uma certa precisão

a duração do anno solar comparado com o anno lunar, e para formar da 13.<sup>a</sup> luação o seu mez intercalar, ao qual um pouco mais tarde presidiu uma divindade especial.» (*Rev. germanique*, t. XVI, p. 49-50.) Eis algumas estrophes do Hymno védico e que são perfeitos Enigmas.

«A roda dos *Doze Raios* realisa a sua marcha em volta do Céu sem nunca traquejar.

«Os *Raios são Doze* e a roda é só uma; trez são os Eixos; mas quem sabe isto? *Trezentos e sessenta dias* ahí estão reunidos, que são em certa forma moveis e immoveis.»

«Todos os seres residem n'essa Roda de Cinco Raios.»

Sobre esse Hymno védico podia-se estabelecer a série numerica na fórma da Oração popular:

«Quem viu o Sêr primordial ao tempo do seu nascimento?

«Quem pode aproximar-se do Sabio para o interrogar sobre este mysterio?

«O que é o *Unico*?

—O Unico, é *Aditya*, a divindade benefica, que é as nossas delicias e o objecto da nossa invocação.

«O que é o *Dois*?

—O Dois é o irmão, que reside no meio do mundo, *Purichin*, quando na metade (hemispherio) mais afastada, e *Arpita*, quando na metade mais proxima.

«O que é o *Trez*?

—O Trez é o terceiro irmão que alimentamos pelo ghi nos sacrificios. *Savitri*, *Mitra* e *Aryaman*.

«O que é o *Quatro*?

—O Quatro são as *Semanas*, da Roda do triplice Eixo.

«O que é as *Cinco*?

—As Cinco são as *Estações*: Primavera, Verão, Estio, Outono e Inverno.

«O que é o *Seis*?

—O Seis são os seis *Mezes* estivaes, e os mezes hybernaes.

«O que são os *Sete*?

—São os *Sete Planetas*, que dão o nome aos *Sete Dias* da *Semana*.

«O que são os *Oito*?

(Enumeração de *Epithetos*, tornadas Entidades.)

«O que são os *Nove*?..... »

«O que são os *Dez*?..... »

«O que são os *Onze*?

—Os *Onze* são as *Divindades*, que nos trez mundos tornam propicio o Sacrificio a *Agni*: *Onze*, no Céu; *Onze* sobre a terra; e *Onze* que habitam com gloria nos áres.

«O que são os *Doze*?

—Os *Dozes* são os *Mezes* lunares, que formam o *Anno* religioso, immoveis.

«O que é o Treze ?

— E' o Mez suplementar, movel, em que se harmonisa o Anno solar com o lunar.

*San Martinho* (11 de Novembro.) — Em um estudo de Cecilia Schmidt Branco sobre a *Origem de um symbolo popular de S. Martinho*, lê-se : «Entre os santos populares nenhum de certo o é mais do que S. Martinho de Tours, e nenhum tambem — com unica excepção de S. João Baptista — é mais geralmente festejado, não só pelo povo portuguez, como por todas as nações do occidente da Europa, inclusivè os protestantes. — Poucos seculos depois da morte d'aquelle austero modelo de virtude christã, a sua festa era celebrada com excessos taes, que o papa julgou dever intervir, e só a resistencia quasi desesperada dos fieis, a qual fazia temer uma revolução no seio da Egreja, é que pode salvar de ser riscada do Calendario esta festa offensiva.» A generalidade do culto do santo Bispo gaulez effectuou-se pela identificação com divindades polytheicas e costumes orgiasticos que coincidiã com o dia da sua morte 11 de Novembro (*Martinus frigidus*), justamente quando acabava o Verão, festejando o começo de uma quarentena de abstinencia até á festa do Natal, de Yule, da ascenção do Sol. No sul da Europa, feitas as vindimas,

Pelo San Martinho  
Prova se o vinho.

Na França, mais fria, as vindimas começavam n'esse mez ; d'aqui não passaria a lenda agiologica de San Martinho, se em Flandres, varias povoações da Belgica e em algumas dos Açõres se não contaminassem os elementos ethnicos germanicos e scandinavos, que se incorporaram no typo lendario do santo bispo convertido em um Thor ou Tonar, com o seu *Corno* ou chifre de ouro, a forma do cymbio por onde bebia o hydromel. A transmissão d'esse symbolo nordico de *corno*, apesar da sua degradação social e catholica, ainda conserva uns resquicios hierologicos. Foi essa degradação, que provocou a intervenção de um papa. Escreve a auctora que seguimos : «Em Portugal existe, em relação á *festa de San Martinho* um costume popular que offerece um exemplar curioso d'aquelle processo de transformação intensa, costume cuja proveniencia enigmatica á primeira vista, é todavia tão claro como historicamente interessante.

«Alludimos ao emprego do *chifre* como symbolo da embriaguez. Este objecto, tão despresado — é n'essas festas conferido com fingida solemnidade, em guisa de condecoração áquelle que mais se haja illustrado nos certamens bacchicos

das vesperas, ou então posto ás escondidas, satira pungente, á porta de algum bohemio emerito pelos espirituosos da localidade, ou emfim o symbolo é levado em triumphal procissão pelos *irmãos de San Martinho* debaixo de um improvisado pallio, como o sacramento em calix ou custodia nas procissões verdadeiras. O symbolismo attribuido ao *chifre* n'aquellas ceremonias é tanto mais curioso por ser segundo parece exclusivo d'ellas.

«Este costume, tal como hoje o pratica o povo, é não sómente grosseiro e indecoroso, mas chega por vezes a tocar a raia do sacrilegio e, todavia, na sua significação original nem sequer profano se poderia chamar.» O illustre meteorologista açoriano Francisco Affonso de Chaves conhecia esta *Festa dos Cornos* pelo San Martinho, por tel-a visto em uma das ilhas dos Açores (San Jorge, Graciosa) e ficou extremamente assombrado quando a encontrou praticada pela mesma fórma e tempo em uma povoação proxima de Liège. Sabendo-se que tres ilhas dos Açores foram povoadas por Flamengos, ao tempo da sua descoberta, reconhece-se a sobrevivencia da tradição nordica, de que já apontamos vestigios nos cantos populares como o bastão runico e o romance de Sigurd. Portanto nos mythos germano-scandinavos de Thor encontra-se já o *Corno* no seu symbolismo religioso perfeito; Cecilia Schmidt apresenta um documento citado por Jacob Grimm na *Mythologia Germanica* ao tratar do *Minni*. «Em *Fornmanna Sigur*, citadas por Jacob Grimm, o proprio San Martinho ordena ao rei *Oloa* que d'hora avante em vez de se beber os *minni* de *Odhin* e de *Thor* essa cerimonia se cumpra em honra de *San Martinho*.» A litteratura norsica está cheia de allusões aos cymbios em fórma de *cornos* por onde se bebia na vida usual e nas festas religiosas, e até na missa, e nos ex-votos, como os *Cornos de ouro* da Jutlandia. «Não me consta existir hoje em dia em outro qualquer paiz o costume portuguez de que me estou occupando, mas em algumas regiões da Allemanha cozem-se para o dia de San Martinho certos pães ou bolos a que se dá o nome de *Martins korner* (Cornos de San Martinho): A interpretação d'este costume tradicional importa-nos pois que a base mythica d'elle é evidentemente a mesma do costume portuguez.» (1)

(1) Cecilia Schmidt Branco, *Revista Lusitana*, vol. I, p. 291 e 297. (1887.)

## III

## CANCIONEIRO INFANTIL

Apenas se apresenta aqui uma simples amostra d'este elemento tradicional, que é vastissimo, e que sob o ponto de vista psychologico merece formar uma collecção independente. No estudo sobre o *Automatismo organico na Imitação e na Tradição (O Povo Portuguez, nos seus Costumes, cap. V, t. I, p. 271 a 409)* ficam investigados os *Jogos*, as *Adivinhas*, as *Hostilidades locais*, as *Parlendas* e parodias.

*A Formiga e a Neve* (p. 329.)

E' um conto de accumulacão, na sua fórma primitiva. Na *Revue des Cours litteraires*, t. I, pag. 291-292, vem este conto na sua fórma provençal, publicado por Philarète Chasles : «Un coon l'y avie uno cigalo eme uno pauro fourmigueto que s'en anavom faire une voyage á Jerusalem, rescountroun un rivoulet ; lou rivoulet ero gelat ; la cigola lo vouret, la pauro fourmigueto vouguet passar ; lou geou se roumpet et coupet la cambo à la pauro fourmigueto :

— O geou, que tu siest fouert  
De couper la cambeto  
A la pauro fourmigueto,  
Que s'enavano faire uno voyage à Jerusalem.

Lou geou diguet : «Es ben plus fouert  
Lou souleou que me fonde !  
— O souleou, que tu siest fouert  
De fondre geou ;  
Geou de couper cambeto  
A la pauro fourmigueto,  
Que s'enavano faire un voyage à Jerusalem.

Le souleou diguet : «Es ben plus fouert  
Lou nivou que me tapo.  
— O nivou, que tu siest fouert  
De tapar souleou,  
Souleou de foundre geou,  
Geou de couper la cambeto  
A la pauro fourmigueto,  
Que s'enavano faire un voyage à Jerusalem.

Lou nivou diguet : «Es bien plus fouert  
Lou vent que me coucho.  
— O vent, que tu siest fouert

De couchar nivou,  
 Nivou de tapar souleou,  
 Souleou de frondre geou,  
 Geou de coupar la cambeto  
 A la pauro fourmigueto,  
 Que s'enavano faire un voyage à Jerusalem.

Lou vent diguet : «Es ben plus fouert  
 La paret que m'arresto.  
 — O paret, que tu siest fouert  
 D'arrestar vent,  
 Vent de couchar nivou,  
 Nivou de tapar souleou,  
 Souleou de foundre geou,  
 Geou de coupar la cambeto  
 A la pauro fourmigueto,  
 Que s'enavano faire un voyage à Jerusalem.

La paret diguet : «Es ben plus fouert  
 Lou rat que me tranco.  
 — O rat, que tu siest fouert  
 De trancar paret,  
 Paret d'arrestar vent,  
 Vent de couchar nivou,  
 Nivou de tapar souleou,  
 Souleou de foundre geou,  
 Geou de coupar la cambeto  
 A la pauro fourmigueto,  
 Que s'enavano faire un voyage à Jerusalem.

Lou rat diguet : «Es ben plus fouert  
 Lou cat que me mangeo.  
 — O cat, que tu siest fouert.  
 De mangear rat,  
 Rat de trancar paret,  
 Paret d'arrestar vent. Etc. etc.

*A Moira* (p. 333) e Variante gallega.

Este jogo infantil é um vestigio de uma festa grega chamada *Bosphonia*, em que se simulava o processo da morte dada a um boi e se condemnava a faca que o matara. Descreve-o Magnin nas *Origines du Théâtre antique*: «Uma antiga lei da Grecia, cujo texto Eliano conservou, prohibiu o sacrificio de bois, companheiros de trabalho do homem. Aconteceu, porém, um dia, nas festas dispolianas, que um boi comeu o bolo que estava preparado para Jupiter. O sacerdote



irritado pega em uma faca e immolou-o; assombrado com o acto que commettera, lançou fóra a faca e fugiu. Unicamente o instrumento da morte foi levado perante o Prytaneo e condemnado. Instituiu-se uma festa annual em memoria d'este singular julgamento. Colocava-se um bolo sobre uma mesa de bronze proximo da acrópole; conduziam-se bois para este sitio, e aquelle que comia o bolo era immolado. Entretanto, todas as pessoas que se suspeitava que tivessem tomado parte n'essa morte eram accusadas umas apoz outras. Em Prophyrio lêem-se todos os detalhes d'este processo extravagante. Julgavam-se primeiro as raparigas que tinham trazido agua para a pedra de amolar; estas imputavam a culpa ao escravo que amolara a faca; o escravo desculpava-se com o sacerdote que ferira o boi; o sacerdote lançava a accusação para a faca, a qual não tendo nada a allegar em sua defeza, era condemnada e atirada ao mar. O padre que desempenhava o principal personagem n'este drama tinha o nome de *Boufones*, o *matador do boi*, d'onde alguns grammaticos dizem provir o nome de *bufão*, etymologia rejeitada por Ménage.» (*Op. cit.*, p. 119.)

*Baldas das Terras*, (p. 325). Os Castelhanos tem na sua tradição oral :

Portuguezes, pocos  
Y eses, locos.

Portugués, seboso,  
Rabo de cucharra,  
No tiene blanca  
Y quierese casar.

Portugal ratinho,  
Fáltale para pan  
Y no tiene para vino.

Entre Duero y Miño,  
Portugal ratiño.

Nas Cantigas do Archipelago dos Açôres reflecte-se a rivalidade que se dá de ilha para ilha: os habitantes da ilha de Santa Maria são *Cagarros*; da ilha de S. Miguel, *Unha na palma*; da Terceira, *Rabos-Tortos*, e *Faca sem ponta*; das ilhas de baixo (Fayal, San Jorge e Flôres) *Flamengos*, *Frigideiras*.

## IV

## CANCIONEIRO POLITICO

Quando o insigne folk-lorista alemtejano Antonio Thomaz Pires encetou a publicação do Cancioneiro politico, colhido da tradição oral da sua provincia: «Essa publicação despertou o riso alvar em alguns dos nossos leitores (do *Elvense*) e injustificada indignação de outros.» (N.º 397, de 1884.) Por essa occasião dirigi a Antonio Thomaz Pires a seguinte carta, que appareceu no *Elvense*, com um significativo commentario :

«Li a collecção das *Cantigas historicas* e fiquei assombrado da vivacidade com que o povo tomou parte n'esses successos politicos de meio seculo ; por essas cantigas vê-se que a nação vivia, e portanto que era impossivel embaraçar a revindicação da sua liberdade. As *Cantigas* davam um precioso *Cancioneiro historico-politico*. Não imagina a importancia que ligo a este seu trabalho ; em uma revista litteraria que se intitulou *Era Nova*, (1880) publiquei um estudo a que chamei *Historia de Portugal na Voç do Povo*; n'elle reuni todos os apodos, quadras, cantigas que desde o comêço da nacionalidade até ao cêrco do Porto se referiam a successos historicos. Este artigo está hoje ampliado com novos achados. e vem a formar um capitulo de um livro que tenho na imprensa da Universidade, *O Povo portuguez nos seus Costumes, Crenças e Tradições* (1886); a publicação das *Cantigas historicas*, pelo meu amigo, veiu enriquecer-me esse quadro, em que mostro o gráo de consciencia que o povo teve da sua vida nacional. E' possivel que antigos resentimentos partidarios, ou mesmo a falta de criterio scientifico, não vêjam com bons olhos o seu trabalho ; mas lembre-se o meu amigo que os modernos historiadores dão vida aos successos que nararam apoiando-se nos cantos e ditos do povo; como já o fizeira Fernão Lopes, inserindo na *Chronica de D. João I* a cantiga do povo na revolução de Lisboa; e o auctor da *Chronica do Condestavel*, a cantiga de Vasco Pires de Camões quando entregou o castello de Alemquer; e Azurara colligindo as trovas da gente de Rastello e Sacavem na sepultura de Nun'alvares. O grande Diogo de Couto tambem intercala nas suas *Decadas* os romances e canções que os nossos cavalleiros cantavam nos combates na India. Já vê que os nossos historiadores adivinharam os modernos processos da historia. Li portanto com o maximo interesse a collecção das *Cantigas politicas*, e fiquei assombrado quando ahi vi que a traição da dynastia dos Braganças, chamando contra a nação

uma *intervenção armada* estrangeira, não passára despercebida á consciencia e á voz d'este povo :

Se não fossem as nações  
Acudir á Rainha,  
Adeus Saldanha,  
Que te faziam em farinha.

Toda a historia de meio seculo está n'estas cantigas cheias de relêvo. Algumas particularidades talvez já não sejam comprehendidas, como esta :

Quando do Brasil partiu  
Princeza do Gram Pará,  
Seu pae lhe metteu no dedo  
Um *anel de piassá*.

O anel de piassá era um emblema do liberalismo ; os prezos da Relação do Porto que estavam ali pelo crime de constitucionaes, vendiam d'estes aneis, como uma pequena industria. Eu possuo um d'esse tempo, a que agora ligo mais valor depois da referencia da cantiga. Dê-nos mais d'essas investigações, porque lá virá quem meta em obra esses materiaes ; e folgo de vêr o seu nome citado nas revistas hespanholas, italianas e francezas, considerado como um consciencioso collector das tradições populares.»

(Com o juizo formado pelo sr. dr. Theophilo Braga ácerca da sua collecção, está bem compensado o nosso collega dos incommodos que soffreu, pela maneira como foi n'esta cidade apreciado, por alguns aristarchos de tamancos, o seu trabalho. (*Elvense*, n.º 397.)

Em 1891 foram estas cantigas publicadas com o titulo de *Cancioneiro popular politico* em um opusculo de 69 paginas; e em segunda edição ampliada, em 1906, com 98 paginas. Transcrevemos a *Parodia do Signal da Cruz* (Dialogo de duas Comadres) com algumas variantes :

— Já viu, comadre, o Junot ?  
«Eu nunca o cheguei a vêr.  
— Bem o pode conhecer  
*Pelo signal...*

E' de França general,  
Grande ladrão, usurario,

E infame adversario  
*Da santa Cruz.*

«Santo nome de Jesus !  
Não ha quem d'elle dê cabo ?  
De semelhante diabo  
*Livre-nos Deus.*

Esses malignos Judeus,  
Segundo o que tenho visto,  
Não fizeram tanto a Christo  
*Nosso Senhor.*

— Eu desejo com fervor  
Que seus perfidos soldados  
Andem sempre separados  
*Dos nossos.*

«Ai ! quem lhe quebrara os ossos !  
Pois nos trouxe aqui o vil  
Mais de quarenta e seis mil  
*Inimigos.*

— E temendo talvez perigos,  
Por oue sabe que obrou mal,  
Obteve uma Pastoral  
*Em nome do Padre.*

«Olhe, senhora comadre,  
Se o pae viveu de roubar,  
Que mais se hade esperar  
*Do Filho ?*

— Pois não fez o peralvilho  
Dos nossos conventos praça,  
Jesus, Paulistas e Graça,  
*Do Espirito Santo !*

«Oh, quem lhe dera de um canto  
Um tiro certo e forte,  
Que lhe desse logo a morte.  
*Amen, Jesus.*

# INDICE

## CANCIONEIRO POPULAR PORTUGUEZ

### II

#### CANCIONEIRO SAGRADO

##### A) *Fastos do Anno*

	Pag.
Mezes do Anno ( <i>Ilha de S. Jorge</i> —ARCHIPELAGO AÇÓ- BIANO) .....	2
Anno Bom ( <i>Fayal</i> —AÇÓRES) .....	3
Anno Bom ( <i>Ilha de S. Jorge</i> —AÇÓRES).....	5
A Circumcisão ( <i>Id., ibid.</i> ).....	6
As Janeiras ( <i>Sinfães</i> —MINHO).....	7
— ( <i>Loulé</i> , ALGARVE).....	8
— ( <i>Penafiel</i> —DOURO).....	9
Chacotas do Anno Bom ( <i>Loulé</i> —ALGARVE) .....	10
Cantigas dos Reis ( <i>Celorico de Basto</i> —MINHO).....	11
Peditorio dos Reis ( <i>Id., ibid.</i> ) .....	12
Cantigas dos Reis ( <i>Penafiel</i> —DOURO) .....	14
Os Reis Magos ( <i>S. Jorge</i> —AÇÓRES) .....	17
Os trez Reis ( <i>Ilha do Fayal</i> —AÇÓRES).....	18
Janeiras ( <i>Villa Real</i> —TRAZ OS MONTES) .....	19
Os Reis ( <i>Id., ibid.</i> ).....	21
Os Reis Magos ( <i>Pernambuco</i> —BRASIL).....	25
Descantes dos Reis ( <i>Serpa</i> —ALEMTEJO).....	28

	Pag.
San Gonçalo ( <i>Penafiel—DOURO</i> ).....	30
— ( <i>Pernambuco—BRASIL</i> ).....	31
Fim do Entrudo ( <i>Serpa—ALEMTEJO</i> ).....	32
Lóas da Quaresma ( <i>Id., ibid.</i> ).....	33
O Bendito ( <i>Id. ibid.</i> ).....	34
As sete Semanas da Quaresma ( <i>Pernambuco—BRASIL</i> ).....	26
As Trez Marias ( <i>Villa Real—TRAZ OS MONTES</i> ).....	36
Maio-Moço ( <i>Id. ibid.</i> ).....	36
Santissimo Sacramento ( <i>Id. ibid.</i> ).....	37
Serração da Velha ( <i>Vianna—MINHO</i> ).....	38
Horas completas ( <i>Serpa—ALEMTEJO</i> ).....	38
Vesperas da Paixão ( <i>Elvas—ALEMTEJO</i> ).....	39
Quinta Feira de Endoenças ( <i>Beja—ALEMTEJO</i> ).....	40
Pranto da Senhora ( <i>Ilha de S. Miguel—AÇÓRES</i> ).....	42
Os Pastorinhos ( <i>Id. ib.</i> ).....	43
A Quaresma ( <i>Ourilhe—MINHO</i> ).....	45
Oração da Amargura ( <i>Porto</i> ).....	46
A Semana Santa ( <i>Juromenha—ALEMTEJO</i> ).....	48
Santa Cruz ( <i>San Jorge—AÇÓRES</i> ).....	49
A B C do Senhor Amoroso ( <i>Id. ib.</i> ).....	50
A Visitação do Espirito Santo ( <i>Porto da Cruz—MADEIRA</i> ).....	53
Folias do Imperio do Espirito Santo ( <i>Ilhas das Flôres e Corvo—AÇÓRES</i> ).....	56
Folias do Espirito Santo ( <i>S. Jorge—AÇÓRES</i> ).....	78
Festa do Divino ( <i>Rio de Janeiro—BRASIL</i> ).....	111
Santo Antonio ( <i>Loulé—ALGARVE</i> ).....	113
— ( <i>Versão de Elvas</i> ).....	115
— ( <i>Versão de Thomar e Torres Novas</i> ).....	118
— ( <i>Versão de Lisboa</i> ).....	119
— ( <i>Versão Extremenha</i> ).....	122
— ( <i>Versão da Ilha de S. Jorge—AÇÓRES</i> ).....	123
San João ( <i>Lisboa</i> ).....	125
Manhãnas de S. João ( <i>Vinhaes—TRAZ OS MONTES</i> ).....	130
— ( <i>Versão do Alemutejo</i> ).....	131
— ( <i>Versão de Loulé—ALGARVE</i> ).....	141
Cantigas ao S. João ( <i>Folha volante: Seculo XVII</i> ).....	142
Prêgação de S. João ( <i>Funchal—MADEIRA</i> ).....	145
— ( <i>Versão de Sant'Anna—Ibid.</i> ).....	146
— ( <i>Versão de Serpa—ALEMTEJO</i> ).....	147
San Pedro ( <i>Elvas e Serpa—ALEMTEJO</i> ).....	149
Chacoula de San Pedro ( <i>ALEMTEJO</i> ).....	151
Cavalladas de San Pedro ( <i>Ribeira Grande, S. Miguel—AÇÓRES</i> ).....	153
Folha volante do seculo XVIII.....	155
San Thiago ( <i>Carrazeda</i> ).....	157

	Pag.
San Bartholomeu ( <i>Elvas</i> —ALEMTEJO).....	158
San Miguel.....	158
Anjo da Guarda.....	159
Os Mandamentos de San Martinho ( <i>Beira</i> ).....	159
Santa Luzia.....	161
Peditorio para os Fieis Defunctos ( <i>Santarem</i> ).....	162
Canto das Almas ( <i>Serpa</i> —ALEMTEJO).....	165
— ( <i>Versão da Aldeia Nova de S. Bento</i> ).....	167
Noite de Natal ( <i>Loulé</i> )—ALGARVE).....	169
Lapinha ( <i>Id. ibid.</i> ).....	174
O Deus Menino ( <i>Elvas</i> —ALEMTEJO).....	178
Ao Deus Menino ( <i>Serpa</i> —ALEMTEJO).....	179
Oh meu Menino Jesus ( <i>Coimbra</i> ).....	180
Visitação das Lapinhas ( <i>Madeira</i> —MADEIRA).....	181
Lôas de Natal ( <i>Sergipe</i> —BRASIL).....	182
Lôa do Presepe (Lição do Seculo XVIII).....	184
Offertas ao Menino Jesus ( <i>Atalaya</i> ).....	187
San Silvestre ( <i>BEIRA ALTA</i> ).....	188

## B) Orações, Ensalmos e Cantigas de Romarias

Padre Nosso pequenino ( <i>Versão da Beira Baixa e Algarve</i> ).....	189
— <i>Vianna do Castello, Coimbra e Elvas</i> ).....	189
— <i>Lisboa, Guimarães, S. João de Areias, Ourilhe</i> ).....	190
Ave Maria ( <i>Versão de Coimbra</i> ).....	192
— ( <i>Versão do Fayal</i> —AÇÓRES).....	193
Salve Rainha ( <i>BEIRA BAIXA</i> ).....	193
— ( <i>Villa Boim</i> —ALEMTEJO).....	194
Credo ( <i>Villa Real</i> —TRAZ OS MONTES).....	194
Oração da Cruz ( <i>Ibid.</i> ).....	195
Ao entrar na Igreja ( <i>Ibid.</i> ).....	195
Ao tomar agua benta ( <i>Ibid.</i> ).....	196
Os dez Mandamentos ( <i>S. Jorge</i> —AÇÓRES).....	197
O Dia do Juizo ( <i>S. Jorge</i> —IBID.).....	198
Oração da Alma triste ( <i>Id., ibid.</i> ).....	200
Justo Juiz ( <i>Id., ibid.</i> ).....	202
Verbo divino ( <i>Id., ibid.</i> ).....	203
Oração ao Salvador ( <i>Atalaya</i> ).....	204
Oração da Amargura ( <i>Loulé</i> —ALGARVE).....	205
Oração do Penitente ( <i>Ibid.</i> ).....	206
Oração á Aurora ( <i>Guimarães</i> —MINHO).....	207
Silencio, do Sol que nasce ( <i>Estombar</i> —ALGARVE).....	207
Ao romper do Dia ( <i>Guimarães</i> —MINHO).....	208
Ao Sol ( <i>Ibid.</i> ).....	208

	Pag.
Silencio, do Sol do Meio dia ( <i>Estombar</i> ).....	209
Ao amanhecer ( <i>S. João de Areias—BEIRA</i> ).....	209
Silencio da Lua ( <i>Estombar—ALGARVE</i> ).....	210
A Lua Nova ( <i>S. Miguel—AÇÓRES</i> ).....	210
Silencio da Estrella ( <i>Estombar—ALGARVE</i> )....	211
A' Lua nova ( <i>Ibid.</i> ).....	211
Orações ao deitar da cama ( <i>S. João de Areias</i> ).....	212
— ( <i>Versão de Lisboa</i> ).....	213g
Para o deitar da cama ( <i>Cadaval</i> ).....	21
Oração ao lavar.....	219
Oração ao Anjo da Guarda ( <i>S. João de Areias</i> ).....	219
— ( <i>Versão do Alemtejo</i> ).....	210
Para o levantar ( <i>Ibid.</i> ).....	220
Exhortação ao Peccador ( <i>Ourilhe—MINHO</i> ).....	221
Ao entrar na Egreja ( <i>Versão alemtejana</i> ).....	221
Oração do Penitente ( <i>Loulé—ALGARVE</i> ).....	222
— para a agonia ( <i>Ourilhe—MINHO</i> ).....	222
— para a pessoa que se ausenta ( <i>Foz do Douro</i> ).....	223
— — ( <i>Versão de Ourilhe</i> ).....	223
— antes da confissão ( <i>Abrantes</i> ).....	223
— depois da confissão ( <i>Ib.</i> ).....	223
— Meza da communhão ( <i>Ib.</i> ).....	224
— Contricção ( <i>Ourilhe, Villa Boim—ELVAS</i> ).....	224
— para defender a casa ( <i>Villa Boim, Elvas, Campo Maior</i> ).....	226
— para quem sae fóra de casa ( <i>Elvas</i> ).....	227
— quando se amassa o pão ( <i>Estombar—ALGARVE</i> )....	228
— para quando tropeja ( <i>Ibid.</i> ).....	228
— para o lavar as mãos ( <i>Ibid.</i> ).....	228
Silencio á porta da Ermida de Santo Antonio ( <i>Ib.</i> )....	228
— á porta do cemiterio de Estombar ( <i>Ib.</i> ).....	228
Santo Antonio ( <i>Versão de Ourilhe, Celorico de Basto</i> )....	229
— para que faça chover ( <i>Elvas—ALEMTEJO</i> ).....	230
Oração a Santo Antonio ( <i>Santa Maria, San Jorge— AÇÓRES</i> ).....	231
— ( <i>Versão do Minho</i> ).....	232
Ditado para fazer parar a chuva.....	232
Oração a Santa Barbara ( <i>S. Jorge—AÇÓRES</i> ).....	233
— ( <i>Versão de Lisboa, de Abrantes</i> ).....	234
San Romão ( <i>Versão de Elvas</i> ).....	234
Oração a San Silvestre ( <i>Ibid.</i> ).....	235
San Gregorio ( <i>Versão de Lisboa</i> ).....	236
San Christovam ( <i>Ourilhe</i> ).....	236
Oração de S. Bartholomeu ( <i>S. Jorge—AÇÓRES</i> ).....	237
Oração de S. Crispim ( <i>Elvas—ALEMTEJO</i> ).....	237
Silencio, para ser firme ( <i>Estombar</i> ).....	238



	Pag.
Oração de Santa Helena ( <i>Elvas</i> ).....	238
Santa Catharina ( <i>Campo Maior—ALEMTEJO</i> ) .....	239
— ( <i>Ilha de S. Jorge—AÇÔRES</i> ).....	240
Oração a Santa Apolonia ( <i>Figueira—BEIRA</i> ).....	241
— pelas Almas ( <i>Resende e Villa Boim</i> ).....	242
— ( <i>Variante de Elvas</i> ).....	243
Senhora da Conceição ( <i>Loulé—ALGARVE</i> ).....	244
— ( <i>Campo Maior, Lisboa</i> ).....	245
Oração do Senhor morto ( <i>Campo Maior</i> )..	245
A Nossa Senhora ( <i>Loulé, Ourilhe</i> ) .....	246
Nome de Maria ( <i>Costa de Caparica</i> ).....	247
A B C de Nossa Senhora ( <i>S. Jorge—AÇÔRES</i> ).....	248
Virgem do Desterro ( <i>Ibid.</i> ).....	251
Cantiga da Senhora da Abbadia ( <i>MINHO</i> ).....	251
Senhora dos Remedios ( <i>BEIRA ALTA</i> ).....	252
Senhora da Saude ( <i>DOURO</i> ).....	253
Senhora do Carmo ( <i>Versão alemtejana</i> ).....	254
O Senhor da Serra ( <i>Coimbra e Ribatejo</i> ) ..	254
O Senhor da Piedade ( <i>Elvas</i> ).....	257
O Senhor da Pedra ( <i>MINHO e DOURO</i> ).....	258
San Gonçalo ( <i>Penafiel e Elvas</i> ).....	259

### C) Esconjuros

Para desencanhar ( <i>Figueira da Foz</i> ).....	261
Esconjuros contra coisas ruins ( <i>Fayal—AÇÔRES</i> ) .....	262
Para tirar o sol da cabeça ( <i>Porto</i> ).....	263
Contra a Erysipela ( <i>Elvas—ALEMTEJO</i> ) .....	263
Para atalhar a Izipola ( <i>Airão—MINHO</i> ).....	264
— ( <i>Variante de Ourilhe, Fareja e Fafe</i> ).....	265
— atalhar o unheiro ( <i>Melres</i> ).....	266
— erguer a espinhela ( <i>Guimarães</i> ).....	266
— atalhar o ár ( <i>Villa Mem</i> ).....	267
— atalhar o Cobrelo ( <i>Cadaval—EXTREMADURA</i> ).....	267
Contra as queimaduras e escaldaduras ( <i>Ourilhe</i> ).....	267
— ( <i>Variante de Guimarães, Porto e Viçeu</i> ).....	268
— as Quebraduras ( <i>Sentença da Inquisição</i> ).....	268
Para atalhar a bicha ( <i>Ourilhe</i> ).....	269
— atalhar o fogue louro ( <i>Ibid.</i> ).....	269
— atalhar a fogagem ( <i>Penaguião</i> ).....	270
Semear um morto.....	270
Para atalhar a impigem ( <i>Ourilhe</i> ).....	271
— atalhar as dadas ( <i>Ibid.</i> ).....	271
— curar chagas ( <i>Sentença da Inquisição</i> ) .....	271
Para curar o fluxo de sangue ( <i>Ibid.</i> ).....	272
Oração de S. Custodio ( <i>Airão—MINHO</i> ).....	272

## III

## CANCIONEIRO INFANTIL

A) *Cantigas do berço*

	Pag.
A Cantiga do ró rô.....	275
Acalentar meninos ( <i>Santa Luzia—MADEIRA</i> ) .....	278
Nomes dos dedos ( <i>Coimbra</i> ) .....	279
Dialogos dos dedos ( <i>Porto da Cruz—MADEIRA</i> ).....	279
Palminhas; Mão morta.....	280
Apontando o rôsto .....	281
Parlendas e Lengas-lengas ( <i>Carvalho</i> ).....	281
— ( <i>Variantes açorianas, Arcozelo, Elvas e Madeira</i> )..	282
Formulas de jogos ( <i>Porto</i> ).....	283
— da Cabra Cega .....	285
— ( <i>Camacha e Porto</i> ) .....	285
Sorrobico ( <i>Porto</i> ; <i>variante gallega</i> ).....	286
Imitação do Gallo, do Estorninho.....	288
Signal da Cruz ( <i>Airão</i> ; <i>variante do Cadaval</i> ).....	290
— ( <i>Variante de Elvas, Beira e Açôres</i> )..	291
Padre Nosso ( <i>Airão</i> ).....	291
Avê, Maria ( <i>Elvas e Airão</i> ) .....	292
Salvê, Rainha ( <i>Elvas</i> ).....	293
O Crédo ( <i>Versão açoriana</i> ).....	293
Mandamentos do maltez ( <i>Abrantes</i> ).....	294
A Velha Bizunga ( <i>Maricá, Rio de Janeiro</i> ).....	295
Casamento da franga ( <i>Versão alemtejana</i> ).....	300
Cançonetas: O ladrãozinho ( <i>Traz os Montes</i> ).....	302
Bailarico salão ( <i>Extremadura</i> ).....	303
Testilha das Visinhas ( <i>Versão minhota</i> ).....	304
A Gallinha ( <i>Versão alemtejana</i> ).....	305
Bom aceio ( <i>Ibid.</i> ).....	305
Semana amorosa ( <i>Versão minhota</i> ).....	306
— da mulher priguçosa ( <i>Versão transmontana</i> ).....	306

B) *Apódos de Nomes, de Offícios e de Terras*

Apódos dos Nomes.....	307
<i>Anna, Antão, Augusto, Bento, Braz, Chico, Domingos</i> ..	307
<i>Catherina, Diogo, Francisco, Gonçalo, Helena, Joanna</i>	308
<i>João, Joaquim, José</i> .....	309
<i>Julia, Julieta, Lourenço, Luiz</i> .....	310
<i>Manuel, Mnria, Martha, Matheus</i> .....	311
<i>Pedro, Rita, Sophia, Vicente, Violante</i> .....	312
Apódos dos Offícios.....	312
<i>Sapateiro, Trolha, Ferreiro, Caldeireiro, Alfaiate, Mo-</i> <i>leiro</i> .....	313

	Pag.
<i>Leiloeiro</i> .....	314
<i>Escrivão, Pedreiro, Doutor, Gallucho, Sargento, Ma- drasta, Cunhadas, Sogra, Parentes</i> .....	315
<i>Semana do Operario</i> .....	315
<i>Taboleta de taberna, Baptismo do Cigano</i> .....	316
<i>Baldas das Terras</i> .....	316
<i>Alemquer, Armental, Algarve, Alvor, Arez, Arrayolos, Arronches, Assumar, Arruda, Aveiro</i> .....	317
<i>Avintes, Açurara</i> .....	318
<i>Balga, Barrô, Barbacena, Béja, Bemfica, Benevente, Carnide, Campanhã, Coruche</i> .....	319
<i>Campo Maior, Cascaes, Chavães, Coimbra, Entre Dou- ro e Minho, Elvas, Ervedosa, Evora</i> .....	320
<i>Estremoz, Gôa, Gondiaes, Guimarães, Lapa, Lapella, Lisboa, Mealhada, Monsão, Valladares</i> .....	321
<i>Milheirôs, Miranda, Mirandella, Mondim de Cima, Mon- dim de Baixo, S. Martinho de Leitões, Niça</i> .....	322
<i>Monsanto, Nagosa, Pesqueira, Portimão, Porto, Ra- malde, Silvalde, Santarem, Setubal, Taboço, Serpa, Valdigem</i> .....	323
<i>Vallongo, Veiros, Villa Boim, Villa Viçosa, Viçeu, Vi- mieiro, Zagães</i> .....	324
<i>Hespanha, Italia e Inglaterra</i> .....	325
<i>Imitando a Soletração; Repetições</i> .....	326

### C) *Lenga-Lengas e Contos accumulativos*

<i>Lenga-lenga (S. Martinho—MADEIRA)</i> .....	327
— da Formiga e da Neve ( <i>Porto da Cruz, ibd.</i> ).....	329
<i>A Moira (Pernambuco—BRASIL)</i> .....	333
<i>Historia da Carochinha (Camara de Lobos—MADEIRA)</i> .	341
<i>Sermão de San Coelho (Santa Luzia—MADEIRA)</i> .....	344
— ( <i>Versão de Coimbra</i> ).....	345
<i>O Tangro-Mangro (Ourilhe)</i> .....	346
<i>Lenga-lenga do Gatinho (S. Martinho—MADEIRA)</i> .....	347
<i>Conto de João das Favas (Versão alemtejana)</i> .....	351

### D) *Fogos e Adivinhas*

Serra Madeira, p. 354; Sarilho, Tão-balalão, Vassourinha, p. 355; Cochichinho, Villão do Cabo, p. 356; Punhos, Pião, p. 337; Cabra cega, p. 358; Viuvinha, p. 359; Variante de Pernambuco, p. 361; Casamento gallego, p. 362.

Adivinhas, p. 363; Abelha, Agulha, Agulha e linha, de meia, Alho, p. 363; Annos, Mezes, Dias, Azeitona, Bocca e Dentes, Botão, Carta, Castanheiro e Ouriços, p. 364; Chave, Dedal,

Dobadoura, Escuridão, Espingarda, Fome, Gallo, p. 365; Lampada, Laranja, Laranjal, Lingua, p. 366; Linho, Luz da Candêa, Mosca, Noz, Ovo, p. 367; Pão, Papel, p. 368; Pente e Piolho, Pinha e Pinhões, Papel, Tinta e Dedos, Quaresma, Sapato, Sino, Sombra, p. 369; Telhas, Tezoura, Velas do Moinho, Vinho e Vinagre, p. 370.

## IV

## CANCIONEIRO POLITICO

*A Historia de Portugal na Voz do Povo*

Autonomia municipal primitiva, p. 370; Justiça real (*Aqui d'Elrei*, p. 371; Tempos Affonsinhos, p. 373; Rei Dom Diniz, p. 374; Batalha do Salado — Anno de 40, p. 375; Revolução de Lisboa, p. 376; O Santo Condestavel, p. 377; No cêrco de Tanger, p. 379; Passagem do Cabo de Nam, p. 380; Terçarias do tempo de D. Manuel, p. 381; Expulsão dos Judeus, p. 382; Inquisição e Jesuitas, p. 383; Ecco do Saque de Roma, p. 384; As trovas da Maria Pinheira, p. 385; Cardeal D. Henrique e os irmãos Camaras, p. 398; O rei D. Sebastião, p. 399; Traição dos Bispos contra Portugal, p. 399; Vinda de Philippe II a Portugal, p. 400; O Prior do Crato, p. 401; Extorsões fiscaes de Hespanha, p. 402; Morte de Miguel de Vasconcellos, p. 403; D. João IV, p. 404; Escandalos da côrte de Affonso VI e Pedro II, p. 405; Perdão dos Christãos novos, p. 406; O faustoso rei D. João V, p. 411; Validos do monarcha, p. 412; Marquez de Pombal e a *Viradeira*, p. 413; Sarcasmo do ministro na sua queda, p. 416; D. Maria I e os seus ministros, p. 417; O Principe Regente, p. 418; A sua fuga para o Brasil, p. 420; Junot e Massena, p. 421; Governo do Marechal Beresford, p. 422; Morte de Gomes Freire, p. 424; Regresso de D. João VI do Brasil, p. 425; A Constituição de 1822, p. 426; Fernandes Thomaz, p. 427; Derrota de Luiz do Rego em Pernambuco, p. 429; D. Miguel nomeado Regente em 1827, p. 432; Rei chegou, p. 433; Vinda de D. Maria da Gloria para a Europa, p. 435; Os Mandamentos dos Miguelistas, p. 437; Morte de Telles Jordão, p. 439; Os dois irmãos Passos, p. 439; Saldanha e Costa Cabral, p. 441; Revolução da Maria da Fonte, p. 442; A Saldanhada, p. 444; D. Pedro V e D. Luiz, p. 445; O *Rei da Ericeira*, p. 445; A Rotunda, *Ibid.*; A acção popular—a Rua—na historia de Portugal, p. 446.

*Annotação ao Cancioneiro popular — (Pag. 449 a 520.)*

FIM













713

89005519459



b89005519459a